

== NOITES ==
COM OS
METHODISTAS
E OUTROS PROTESTANTES

RESPOSTA A SEYMOUR

AUTOR DO LIVRO

"NOITES COM OS ROMANISTAS"

PELO PADRE

HENRIQUE BRANDÃO C. S. S. R.

TOMO III

e APROVAÇÃO ECCLESIASTICA 2



A. CAMPOS — EDITOR
CENTRO DE PROPAGANDA CATHOLICA
SÃO PAULO

NOITES

COM OS

METHODISTAS

E OUTROS PROTESTANTES

RESPOSTA A SEYMOUR

AUTOR DO LIVRO

"NOITES COM OS ROMANISTAS"

PELO AUTOR

HENRIQUE BRANDÃO C. S. R.

TOMO III

E APERVOAÇÃO ECLESIASTICA



A. GALLIEN - EDITOR

1011 BO. DE F. 1011

1011

APPROVAÇÕES

Imprima-se. Por comissão do Exmo. e Revmo. Snr.
Arcebispo Metropolitano de S. Paulo.

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1909.

ARCIPRESTE EZECHIAS GALVÃO DA FONTOURA.

Imprima-se o terceiro volume das *Noites com os Methodistas* pelo Revmo. Padre H. B. Redemptorista.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1909.

PADRE AUGUSTO BEUKERS C. S. S. R.

Visitador

APPROVAÇÕES

Examinado e aprovado para a publicação do livro
de *Metodologia da Pesquisa*
do *Dr. João de Deus de Jesus*
Assessor Especial do Conselho Nacional de Educação

Examinado e aprovado para a publicação do livro
de *Metodologia da Pesquisa*
do *Dr. João de Deus de Jesus*
Assessor Especial do Conselho Nacional de Educação



CAPITULO XV

A TRANSUBSTANCIAÇÃO. I.

Claro é, que o autor das *Noites com os Romanistas*, depois de no capitulo anterior ter negado, que Jesus, em S. João VI, fizesse a promessa de instituir o SS. Sacramento da Eucharistia, nos capitulos que agora seguem, continua em sua negação e não quer admittir que Jesus cumprindo a sua promessa o instituísse na Ultima Ceia. E como toda a discussão aqui versa sobre os dogmas da presença real e da transubstanciação, isto é, sobre a questão se Jesus na Ultima Ceia devêras converteu a substancia do pão e do vinho na substancia de seu Corpo e Sangue e deu aos seus Apostolos e aos successores d'elles o poder de fazerem o que fizera Elle, o autor em tres capitulos impugna os ditos dogmas sob esta uma epigraphe: *a transubstanciação*.

No primeiro procura provar: 1.º que Jesus na Ultima Ceia não converteu o pão e o vinho em seu Corpo e seu Sangue, negando ás suas palavras o sentido litteral para substitui-lo pelo figurado — e 2.º que nem os sacerdotes catholicos o fazem no SS. Sacrificio da Missa, dando ás palavras «Fazei isto em memoria de mim» uma explicação arbitraria e ridicula.

No segundo ataca outra vez o sentido litteral das palavras de Jesus Christo, substituindo-o pelo figurado, e oppõe á doutrina da presença real seu famoso argumento tirado dos sentidos.

No terceiro ridicularisa com a unção evangelica que lhe conhecemos, o SS. Sacramento da Eucharistia e aponta os absurdos aos quaes, segundo elle, leva a doutrina Catholica.

Acompanhemol-o, pois, em cada um de seus tres capitulos, — dividindo este primeiro capitulo em 2 artigos:

1.º Doutrina Catholica a respeito da presença real e da transubstanciação.

2.º Resposta ás objecções do autor.

ARTIGO I

Doutrina Catholica a respeito da presença real e da transubstanciação.

Embora, segundo o testemunho de S. Ignacio (Ep. ad Smyr. cap. VII v. 406), no primeiro seculo, já houvesse uns hereges que erravam a respeito do SS. Sacramento da Eucharistia, sua appareição foi muito passageira e não deixou traços na Historia Ecclesiastica.

No seculo IX, certo João Scoto, appellidado Erigena, parece ter fomentado sentimentos hereticos sobre o mesmo mysterio. Após elle, veio Berengario, no seculo XI, que impugnou abertamente a fé da Igreja; porém, a controversia ficou limitada às paredes da escola, e o proprio Berengario abjurou sua heresia. No anno 1359 um erro de Wicleff, a respeito do SS. Sacramento da Eucharistia, foi condemnado no Concilio de Constança.

Mas estava reservado á chamada Reforma do seculo XVI, a triste honra de oppor-se teimosamente a este mysterio do amor divino e negar publicamente a presença real de Jesus Christo no SS. Sacramento do altar. Carlstad, Bucer, Zwingli, Oecolampadio, Calvino, foram os primeiros que se levantaram contra a fé, quinze vezes secular, da Igreja; e com muito gosto se lhes teria juntado o proprio Luthero, se não fosse retido pela evidencia das palavras de Jesus Christo.

Contra todos esses hereges o Concilio Tridentino (Sess.: XIII, can. I e II) estabeleceu as seguintes proposições:

I. « Se alguém negar, que no SS. Sacramento da Eucharistia esteja contido verdadeira-real-e-substancialmente o Corpo e Sangue juntamente com a Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, e por consequente Christo todo; mas disser, que elle alli sómente está presente como num signal, ou figura, ou virtude, seja anathema ».

Com estas palavras, portanto, o Concilio ensinou claramente, que Jesus Christo está verdadeira-real-e-substancialmente presente no SS. Sacramento do altar com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma, sua Divindade; e condemnou a doutrina dos hereges que, negando a real presença de Jesus Christo no SS. Sacramento, sustentavam que elle alli só estava presente como n'uma figura, n'um symbolo, como disseram os chamados sacramentarios; ou n'uma virtude, como quiz Calvino; ou só pela fé, como ensinaram outros.

II. « Se alguém disser, que no SS. Sacramento da Eucha-

«ristia permanece a substancia do pão e do vinho juntamente com o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, e negar aquella conversão admiravel e singular de toda a substancia do pão no Corpo, e de toda a substancia do vinho no Sangue, ficando sómente as especies do pão e do vinho; — conversão esta, que a Igreja Catholica chama mui propriamente transubstanciação, seja anathema».

Com esta segunda proposição, o Concilio condemnou a doutrina de Luthero, que admittindo a presença real, negou a transubstanciação, sustentando que a substancia do pão e do vinho ficavam presentes no SS. Sacramento da Eucharistia, juntamente com o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo; o Concilio ensinou ao mesmo tempo o dogma da transubstanciação, isto é, da conversão de toda a substancia do pão no Corpo e de toda a substancia do vinho no Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo.

Eis, pois, as duas definições dogmaticas, que constituem a base da doutrina Catholica.

1. Jesus por inteiro está presente verdadeira-real-e substancialmente no SS. Sacramento da Eucharistia.

2. Elle alli está por uma verdadeira transubstanciação, isto é, por uma verdadeira conversão de toda a substancia do pão no Corpo e de toda a substancia do vinho no Sangue de Jesus.

Provemos, pois, estas duas verdades, principiando *com o dogma da presença real*.

Que Jesus Christo está verdadeira-real-e substancialmente presente no SS. Sacramento, debaixo das apparencias de pão e de vinho, se prova:

I. *Pela comparação entre o capitulo sexto de S. João e os textos de Matth. XXVI. 26-27; Marc. XIV. 22; Luc. XXII. 19; I Cor. XI. 23, que narram a instituição da Ultima Ceia.*

No sexto capitulo do seu Evangelho refere S. João, como provei claramente no capitulo anterior, a solemne promessa que fez Jesus Christo de instituir o SS. Sacramento. Alli, desde o versete 50 até 60, Jesus falla a seus Apostolos com palavras claras, expressas e decisivas, no sentido litteral e real da palavra, de seu verdadeiro Corpo e seu verdadeiro Sangue, que promete dar-lhes como comida e bebida para a vida eterna.

Ora bem; das duas uma: Ou Jesus não cumpriu esta promessa, e partiu do mundo sem ter instituido o Sacramento que prometeu; — e sustentar isto seria uma verdadeira blasphemia, porque faria de Jesus, a Veracidade infallivel, um mentiroso; — ou elle cumpriu esta promessa, — e então a unica occasião em que o podia ter feito, foi a Ultima Ceia, quando, como referem os Evangelistas com S. Paulo, repartindo entre seus Apostolos o pão consagrado e offerecendo-lhes o vinho consagrado, disse:

«Isto é meu Corpo, este é meu Sangue». Mas se Jesus na Última Ceia cumpriu a promessa feita em S. João, VI, o pão e o vinho consagrado, que deu a comer e beber a seus Apostolos, eram seu verdadeiro Corpo e seu verdadeiro Sangue no sentido litteral; e como o SS. Sacramento da Eucharistia não differe essencialmente da Última Ceia, segue-se também que neste caso Jesus Christo está verdadeira-real- e substancialmente presente no SS. Sacramento da Eucharistia.

O mesmo se comprova também:

II. *Pelas palavras da instituição do SS. Sacramento da Eucharistia* (Matth. XXVI. 26; Marc. XIV. 22; Luc. XXII. 19; I Cor. XI. 23). Todos estes sagrados autores narram do mesmo modo e sem commentarios, que Jesus na Última Ceia, repartindo entre os Apostolos o pão consagrado, disse: «Recebei e comei: Isto é o MEU CORPO», e, offerecendo-lhes o calix, com vinho consagrado: «Bebei d'elle todos: ESTE é o MEU SANGUE». Ora, estas palavras de todo *não podem* ser entendidas no sentido *figurado*, mas *derem forçosamente* ser entendidas no sentido *litteral*.

A primeira razão é: porque, segundo a regra geral da boa interpretação, *as palavras que falla uma pessoa, sempre devem ser entendidas no sentido litteral, a não ser que graves razões peçam absolutamente o contrario*. Estas graves razões se reduzem ás tres seguintes:

1.º, que o assumpto não permite o sentido litteral. Assim, por exemplo, quando Deus na Escriptura Sagrada, fallando dos juizes, diz: «Dei estes»: vós sois Deus, é claro, que estas palavras não podem ser entendidas no sentido litteral, como se os juizes fossem verdadeiros Deuses, pois não ha outro Deus fóra de Deus Uno Trino.

2.º, que o modo de fallar já ensina claramente o sentido figurado. Assim, por exemplo, quando Jesus disse aos povos: «Eu sou a videira, vós as vâras», cada um podia claramente comprehender que Jesus não se tinha transformado n'uma arvore, nem elles tão pouco em vâras.

3.º, que a metaphora é autorizada pelo uso da lingua. Assim, por exemplo, quando digo: este homem é uma tigre, aquelle um cordeiro, cada um entende, que este tem as *qualidades* d'um cordeiro, isto é, a mansidão; aquelle, as *qualidades* d'uma tigre, isto é, a crueldade e não a *natureza* do cordeiro ou da frige.

Pois bem; nenhuma d'estas tres razões autoriza o sentido figurado das palavras: «Isto é o meu Corpo; este é o meu Sangue». Pois, 1.º, por mais que se tenham esforçado os protestantes por acharem alguma contradicção intrinseca na doutrina do SS. Sacramento da Eucharistia, até agora não a acharam e nunca a acharão, e por isso não podem sustentar que o assumpto não admitta o sentido litteral. Nem podem, 2.º, indicar

nestas palavras o mais pequeno indicio de qualquer sentido figurado, pois dizem expressa e claramente : Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue. Emfim, 3.^o, não podem fallar d'uma metaphora autorizada pelo uso da lingua, pois em nenhuma lingua o pão e o vinho são symbolos para indicarem o corpo humano; as palavras «pão e vinho», tomadas figurada ou symbolicamente, significam ás vezes a doutrina (Prov. IX. 5; Eccl. XV. 3; XXIV. 29), mas nunca o corpo humano.

Ora, se as palavras: «Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue», devem ser entendidas no sentido litteral, claro está que o que comeram e beberam os Apostolos na Ultima Ceia, foi o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. E como, segundo as palavras de Jesus: «Fazei isto em memoria de mim», os Apostolos e os successores d'elles deviam fazer o que Jesus acabava de fazer, não pôde haver duvida alguma a respeito da presença real de Nosso Senhor Jesus Christo no SS. Sacramento da Eucharistia.

2.^o Mas, se as regras da hermeneutica (da interpretação) já nos obrigam a entendermos as palavras de Jesus Christo no sentido natural, não menos a isto nos obrigam as regras da philologia (da sciencia das linguas). Pois, as palavras, de que se serviu Jesus na consagração do vinho, são ditas com tamanha emphase, que excluem absolutamente todo o sentido figurado.

Eil-as: «Τοῦτο γάρ ἐστίν τὸ αἷμά μου τὸ τὰς καινὰς διαθήκας, τὸ περὶ πολλοῦ ἐκχυνόμενον εἰς ἁφῆσιν ἁμαρτεῶν» (Matth. 26, 28); o que, traduzido litteralmente, vem a ser: — «Este é o meu sangue, o do Novo Testamento, o que é derramado por muitos para a remissão dos peccados». Para que esta emphase, para que esta triplice repetição do artigo «o»? Será, porventura, como querem Kestenio, Zuinvel e muitos protestantes, porque Jesus Christo quiz dar a entender que este vinho de côr vermelha era o symbolo de seu sangue vermelho, e este pão branco o de seu corpo exangue na Cruz; explicação que sobre ser pueril é ridicula? Não; a unica causa razoavel é, porque Jesus quiz inculcar a seus Apostolos a identidade do Sangue, que lhes deu a beber, com o que derramaria na cruz. Foi como se dissesse: este é o meu sangue, não meu sangue symbolico, mas este sangue que será derramado por muitos para a remissão dos peccados. Por isso, o protestante Horne (em seu «Introduction to the critical study and Knowledge of the sacred scriptures, fifth edit, corrector, tom. II, p. 514»), não hesitou em escrever «Cada syllaba no texto grego (*sobre-tudo os artigos*) são muito emphaticos»; e em seguida dá a seguinte paraphrase do texto: «Este, pois, é este meu sangue, «prefigurado em todos os sacrificios da lei judaica, sobretudo «porém na effusão e aspersão do sangue do Cordeiro Pascal, «este sangue do sacrificio immolado em confirmação do Novo

« Testamento, este sangue que em breve será derramado pela
 « multidão, tanto pelos gentios como pelos judeos, em remissão
 « dos peccados, quer do peccado original quer do peccado
 « actual, etc ».

Logo, segundo as regras da philologia, as palavras de que se serviu Jesus na consagração do vinho devem ser entendidas no seu sentido natural de verdadeiro sangue: mas se as palavras da consagração *do vinho* absolutamente não admittem o sentido figurado, nem o podem admittir as palavras da consagração *do pão*.

E, por conseguinte, o pão e o vinho consagrados, que Jesus na Ultima Ceia deu a comer e a beber a seus Apostolos, eram seu verdadeiro Corpo e seu verdadeiro Sangue; e, não havendo differença essencial entre o pão e o vinho consagrados do SS. Sacramento da Eucharistia e o pão e o vinho consagrados da Ultima Ceia, segue-se tambem que Jesus está verdadeira, real e substancialmente presente no SS. Sacramento da Eucharistia.

3.^o Outra razão, que exclúe todo o sentido figurado das palavras: « Isto é o meu corpo, este é o meu Sangue », nos fornecê o *parallelismo entre as palavras, de que se serviu Moysés na sancção do Antigo Testamento e as de que se serviu Nosso Senhor Jesus Christo na sancção do Novo Testamento* (Exod. XXIV. 8; Hebr. IX. 20).

Tanto Moysés como Jesus Christo instituíram seu Testamento e o sancionaram com sangue; e o sangue do Antigo Testamento era o typo, a figura, o symbolo do sangue, que devia sancionar o Novo Testamento. Ora, o sangue do Antigo Testamento, como é evidente e os proprios protestantes concedem, era verdadeiro sangue, sangue no sentido litteral e não figurado. Logo, o sangue, de que falla Math. XXVI. 27, e com que, segundo elle, o Novo Testamento foi sancionado, deve tambem ser verdadeiro sangue, sangue no sentido litteral e não figurado. Para maior clareza, vou citar textualmente os dois logares. Em Exod. XXIV. 8, lemos: « Então tomando o sangue, elle « o derramou sobre o povo e disse: Eis aqui o sangue do Testamento que o Senhor celebrou convosco » — e em Matth. XXVI. 27, 28: « E tomando o calix, deu graças e o deu a elles, « dizendo: Bebei d'este todos. Porque este é o meu sangue do « Novo Testamento, que será (no grêgo « é ») derramado por « muitos para remissão dos peccados ». Ora, quem, comparando estes dois logares, não vê logo e o parallelismo e sua força probatoria? — Agora conclúo outra vez: Se o sangue, que deu Jesus a seus Apostolos, era seu verdadeiro sangue no sentido litteral e real, tambem o devia ser o corpo que lhes deu; e, não havendo differença essencial entre o pão e o vinho Eucharistico e o da Ultima Ceia, segue-se outra vez, que Jesus está verdadeira, real e substancialmente presente no SS. Sacramento da Eucharistia.

4.º Mais outra e não pequena prova para a manutenção do sentido litteral, com exclusão de qualquer sentido figurado, nos dão as *enormes difficuldades, que tiveram e ainda têm os protestantes, quer antigos quer modernos*, para explicarem as palavras: «isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue» no sentido figurado que defendem. Os antigos Sacramentarios queimaram as pestanas para dar-lhes uma explicação satisfactoria, porém houve tanta desunião, tanta divergencia entre elles, que, segundo refere Bellarmino (de Sacr. Euch. l. I, cap. VIII), n'um livro editado em 1577, já se viam mais de duzentas explicações das palavras «Isto é o meu Corpo»; o que deu a Luthero occasião para a seguinte irrisão: «O Doutor Carlstad desmembra d'estas palavras sacrosantas Hoc est Corpus meum (Isto é o meu Corpo) o pronome «Hoc» (Isto); Zwingli martyrizo o verbo substantivo «est» (é); Oecolampadio sujeita á tortura «a palavra «Corpus» (Corpo); outros excarnificam o *texto todo*».

E que o numero destas explicações não diminuiu, sobretudo depois que os modernos exegetas protestantes, que quasi todos são racionalistas e incredulos, se esforçaram por derribar a explicação catholica, unica verdadeira, não precisa de prova. Ouçamos as interpretações forçadas e muitas vezes ridiculas de alguns d'elles.

Uns, como já tivemos occasião de dizer, julgam com Wetstenio e Kui-noel que o pão é chamado corpo porque representava o corpo exangue de Jesus na cruz, e o vinho sangue porque a côr do vinho era vermelha como o seu sangue. Outros, com Eichhorn (Allgem. Bibliot. tom. VI. p. 771) e o autor das *Noites com os Romanistas*, querem que o Corpo de Jesus pregado na cruz é o alimento espirital de nossas almas, de sorte que o sentido das palavras de Jesus Christo é: Este é o *pão* do meu corpo ou Este é o *vinho* do meu sangue do Testamento, que sancionarei com minha morte. Mais outros sustentam que Jesus chamou seu Corpo pão, para que entendessemos que sua paixão e sua morte nos pertencem com tanta certeza, como se nós proprios soffressemos e satisfizessemos por nossos peccados, assim julga Winer (Comp. Darst., p. 78). Ainda outros, como Paulus (Comment: III. p. 557), Kaiser (Bibl. Theol. II. p. 38), Stephani (Das H. Abend mahl), entendem pela palavra *Corpo* o corpo do Cordeiro Pascal. Ainda mais outros, como o mesmo Paulus (Heidclb: Jahrb. p. 1054) Wegschneider (§ 179), consideram estas palavras como ditas da acceitação geral de toda a doutrina de Jesus Christo, confirmada por seu exemplo e por sua morte. Ha até que digam, com Baumgarten-crusius (Biblioth. Theol., p. 427), que estas palavras exprimem tudo quanto pôde significar-se por symbolos Eucharisticos.

E, como se tudo isto ainda não bastasse, uns, com Kui-noel (loc-cit) lançam mão do Orientalismo e Syriasmismo: outros

das glossas que se introduziram nos textos de S. Lucas e S. Paulo (como Eichhom em seus commentarios « de Verbis instit. tom. VI. p. 759-772 »); outros do fingido Protevangelium Arameum, para acharem um sentido figurado ou sustentar que os Evangelistas e S. Paulo d'elle emprestaram a sua narração sem a comprehenderem ou sem traduzirem accuratamente o texto grego. Enfim, Paley (The evidence of Christianity, part. II cap. 3, pag. 91), confessa, que na explicação, que dão os protestantes, se encontram tantas difficuldades, que para serem removidas precisa-se de muita indagação e grande intelligencia.

Agora, argumento eu: Se, como attestam os proprios protestantes por palavras e obras, o sentido das palavras de Nosso Senhor Jesus Christo é para elles difficil e escuro e exige grande erudição para ser achado, e os catholicos dão a estas mesmas palavras um sentido obvio e natural, cuja realidade provam com fortes razões, não será preciso então, enquanto os protestantes não tiverem provado a realidade do sentido figurado, acceitar a explicação catholica; sobre tudo porque até surgir o protestantismo, isto é, durante os 15 seculos da sua existencia, a Igreja Catholica sempre as tem explicado no sentido litteral sem que ninguem contestasse esta explicação?

A impossibilidade dos protestantes, portanto, de darem ás palavras de Jesus Christo uma explicação figurada que satisfaça, prova a verdade da interpretação catholica, que entende as ditas palavras no sentido litteral. E assim prova-se mais uma vez que na Ultima Ceia Jesus sob as especies de pão e de vinho deu a comer e a beber a seus Apostolos seu verdadeiro Corpo e seu verdadeiro Sangue, e, por consequente tambem que Jesus está verdadeira, real e substancialmente presente no SS. Sacramento da Eucharistia.

5.^a A mesma verdade se comprova ainda de outra maneira, a saber: *pelos absurdos que seguiriam forçosamente do sentido figurado*. Na verdade, se Jesus dizendo « Isto é o meu Corpo e este é o meu Sangue » não tivesse fallado no sentido litteral de seu verdadeiro Corpo e de seu verdadeiro Sangue, elle teria lançado seus Apostolos e toda a sua Igreja n'um erro monstruoso, e sido a causa que todos os catholicos durante 15 seculos praticassem a mais abominavel idolatria.

A razão é, porque Jesus, como Deus, conhecia o futuro. Não ignorava, portanto, que toda a sua Igreja entenderia as palavras da instituição Eucharistica, no sentido litteral e natural; que desde os tempos Apostolicos até hoje a presença real seria um dogma da crença universal, que todos os catholicos adorariam á hostia e o vinho consagrados como Deus, e que a Igreja fulminaria de anathema a todo aquelle que se oppuzesse a esta doutrina.

Uma só palavra de explicação da parte d'elle teria pre-

venido o erro e o peccado de idolatria, e entretanto não o fez! Preferia deixar sua Igreja n'uma ignorância monstruosa do verdadeiro sentido das suas palavras, a advertir os seus Apostolos serem figuradas as suas expressões, e que este pão, este vinho, que chamava seu Corpo seu Sangue, eram apenas signaes, symboles, figuras!

Sustentar isto é absurdo; mais, é blasphemia.

E, por consequente, o pão e o vinho consagrados da Ultima Ceia, bem como o pão e o vinho consagrados do SS. Sacramento da Eucharistia, contêm verdadeira, real e substancialmente o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo.

Eis o que segue forçosamente do serio exame das palavras da instituição do SS. Sacramento da Eucharistia. D'ahi o testemunho esmagador sahido da penna do proprio Luthero, escrevendo aos de Strasburgo: « O texto é tão seguro e expressivo que não se pôde com palavras arrancar-lhe outra significação ».

III. Emfim, o dogma da presença real se comprova também *pela Tradição constante e universal de toda a Igreja, desde os tempos Apostolicos até nossos dias.*

E aqui as provas são tão peremptorias e decisivas, tão brilhantes e innumeraveis, que os protestantes modernos, deixando de banda os argumentos de alguns de seus predecessores, como sejam: Morne du Plessis, Chamiere, Albertino, Claudio, etc., os quaes de alguns textos escuros e mal entendidos dos SS. Padres, se esforçaram por forjar armas para combater o dogma catholico, transferiram a discussão só para o terreno da Escriptura Sagrada, *concedendo ingenuamente, que perderiam sua causa, se devesse ser decidida pela Tradição constante e universal da Igreja.* E como não ser assim? Todos os SS. Padres desde os tempos Apostolicos, todas as seitas que antes do seculo XVI se separaram da Igreja, todos os pagãos que calumniaram os primeiros christãos; todos attestam constante e unanimemente o dogma da presença real. Assim, por exemplo, escreve Santo Ignacio, que foi contemporaneo dos Apostolos (em sua Epistola aos de Smyrna, cap. VII), fallando dos Docetas ou Phantasistas que negavam que Jesus tomasse um verdadeiro corpo, sustentando que tomou só um corpo phantastico: « Elles se abstêm da Eucharistia e da oração, porque não admittem que a Eucharistia seja a carne de nosso Salvador Jesus Christo, a qual padeceu por nossos peccados, a qual o Pae em sua benignidade suscitou ». E o que os SS. Padres affirmaram com palavras tão claras e expressas, era a doutrina universal e constante de todas as Liturgias, todas tinham por dogma fundamental do culto, que rendiam a Deus, a presença real de Nosso Senhor Jesus Christo. D'ahi o facto de tamanha importancia nesta questão, de todas as seitas, que antes do seculo XVI se sepa-

raram da Igreja, mesmo as mais antigas, concordarem com a Igreja Catholica em admittir a presença real de Jesus Christo no SS. Sacramento da Eucharistia. Os marcosianos, gnosticos, nestorianos, eutychianos, armenos, syros jacobitas, gregos scismaticos, etc. etc. : todos, como consta de seus actos authenticos, publicas confissões de fé e liturgias, seguem a respeito da presença de Jesus no SS. Sacramento a doutrina da Igreja, de que se separaram. E como tambem explicar as exprobrações, que fizeram aos primeiros christãos os gentios, accusando-os de antropophagia, isto é, de matarem nas suas reuniões uma criança para depois comer-lhe as carnes? Tudo isto não póde explicar-se senão admittindo que a crença geral da primitiva Igreja era a presença real de Nosso Senhor Jesus Christo no SS. Sacramento.

IV. A estas provas tão decisivas quero ainda accrescentar mais uma, deixando para não me tornar mui prolixo todas as outras, a saber: *o argumento que se chama o da prescripção*. Os proprios protestantes concedem que no seculo XVI, quando os Reformadores se rebellaram contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, esta Igreja (bem como todas as seitas que do Christianismo tiveram alguma apparencia exterior) extavam na posse pacifica, 15 vezes secular, da sua crença na presença real de Nosso Senhor Jesus Christo no SS. Sacramento da Eucharistia. Ora, como podem elles explicar esta crença tão constante, tão universal dos catholicos e de tudo quanto se chamava Christão, senão admittindo, que ella lhes vem dos Apostolos, que a sua vez receberam esta doutrina de Jesus Christo?

A este argumento, é evidente, não podem responder. D'ahi os absurdos em que cáem, indicando, por exemplo, como autor d'este dogma Paschasio Radberto, que morreu em 860. Pois, se Paschasio Radberto fosse o autor do dogma, como então explicar os inumeros testemunhos claros dos SS. Padres da Igreja, *que viveram nos oito seculos precedentes; os de todas as antiquissimas liturgias; e a crença geral das seitas que nos primeiros seculos se separaram da Igreja?* Nem adiantam dizendo: que este dogma, ou por melhor, esta mudança de doutrina (pois os protestantes para não accusarem aos Apostolos de terem corrompido a doutrina de Jesus, devem admittir que os Apostolos não ensinaram o dogma da presença real), se introduziu, pouco a pouco, sem que ninguém reparasse nisto em todas as Igrejas tanto do Oriente como do Occidente. Pois isto era simplesmente impossivel, visto como a Historia Ecclesiastica ensina, que nunca se tem levantado qualquer heresia, sem que houvesse quem a combatesse; e quanto menos teriam faltado n'uma heresia tão grave os contradizentes? O facto de S. Ignacio oppôr-se *ainda nos tempos Apostolicos á heresia dos Docetas*, que negavam a presença real de Jesus Christo, o compróva de sobejo.

De tudo quanto deixei dito, tiro portanto esta conclusão:

NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO ESTÁ VERDADEIRA, REAL E SUBSTANCIALMENTE PRESENTE NO SS. SACRAMENTO DA EUCHARISTIA COM SEU CORPO, SEU SANGUE, SUA ALMA, SUA DIVINDADE.

E' a consequencia necessaria, 1.^o das palavras com que elle prometteu a instituição do SS. Sacramento da Eucharistia no sexto capitulo de S. João ; 2.^o das palavras com que na Ultima Ceia cumpriu esta promessa e instituiu o SS. Sacramento da Excharistia (Matt. XXVI. 26-27 ; Marc. XIV. 22 ; Luc. XXII. 19 ; 1 Cor. XI. 23), 3.^o da Tradição constante e universal da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e de todas as seitas que antes do seculo XVI d'ella se separaram ; e da sua pacifica posse desta doutrina durante 15 seculos sem que os protestantes possam indicar quando, como e por quem esta doutrina foi introduzida na Igreja.

Agora vou ainda provar summariamente *o dogma da transubstanciação, isto é, d'aquella conversão admiravel e singular de toda a substancia do pão no Corpo e de toda a substancia do vinho no Sangue de Jesus Christo*. Este dogma é distincto do da presença real de Nosso Senhor Jesus Christo no SS. Sacramento da Eucharistia : pois, ao passo que o dogma da presença real se limita a ensinar que Jesus está verdadeira, real e substancialmente presente no SS. Sacramento com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma, sua Divindade, o da transubstanciação ensina *o modo porque elle alli se põe presente*, a saber: pela conversão de toda a substancia do pão no Corpo e de toda a substancia do vinho no Sangue de Jesus Christo, conversão que a Igreja Catholica chama transubstanciação. Este dogma, portanto, condemna a doutrina *dos lutheranos* que sustentam a presença *simultanea* no SS. Sacramento da Eucharistia do pão e do vinho juntamente com o Corpo e Sangue de Jesus Christo.

Provarei, pois, contra elles, que no SS. Sacramento do altar não ha mais pão e vinho, mas que a substancia do pão e do vinho se converteram no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo.

A primeira prova nos fornecem as proprias palavras da instituição: « Isto é o meu Corpo ». Estas palavras podem ser consideradas quer especulativa, quer praticamente. Considerando-as especulativamente não podemos negar que Jesus affirme uma identidade entre a palavra « Isto », o sujeito, e a palavra « Corpo », o predicato ; com outras palavras, não podemos negar que Jesus dissesse, que aquillo que tinha nas mãos era o seu Corpo. Ora, esta identidade não podia existir se a substancia do pão que differe essencialmente da do Corpo de Jesus Christo ainda existisse ; com outras palavras, Jesus não podia dizer : *isto é o meu Corpo*, se o pão, que é cousa absolutamente differente do Corpo de Jesus ainda estivesse presente. Por consequinte, era preciso

que no momento em que Jesus fallava estas palavras, a substancia do pão deixasse de existir e que em seu lugar viesse o Corpo de Jesus Christo, com outras palavras: que este pão se transformasse, se convertesse, se transsubstanciasse no Corpo do Salvador.

A' mesma conclusão chegamos, quando consideramos estas palavras praticamente assim como devem ser consideradas. Então effectuaram o que significavam. Ora, como vimos agora mesmo, significavam que aquillo que Jesus tinha nas mãos era seu Corpo. Por consequinte, effectuaram-n'o, com outras palavras: fizeram com que aquillo que Jesus tinha nas mãos fosse verdadeiramente o Corpo de Jesus Christo, mas como podiam effectuar isto, como podiam fazer que aquillo que Jesus Christo tinha nas mãos fosse seu Corpo, se ao mesmo tempo não se realizasse uma transsubstanciação, isto é, se a substancia do pão não deixasse de existir para ser substituída pelo Corpo de Jesus?

2. A mesma verdade se comprova também *pela Tradição*.

Os SS. Padres, cujos testemunhos refere Bellarmino, lib. III, cap. 20, dizem que pelas palavras de Nosso Senhor Jesus Christo o pão e o vinho se *concerteram* no Corpo e Sangue do Senhor, como por exemplo, o fazem S. Cyrillo Alexandrino, Eusebio Emisseno, S. Gregorio Magno; que o pão e vinho são *mudados, transmudados* no Corpo e Sangue do Senhor, como dizem, S. Cyprião, S. Cyrillo Hierosolymitano, S. Ambrosio, S. Gregorio Nyzeno, S. João Chrisostomo, S. João Damasceno; que o pão e o vinho são *transformados, transelementados* no Corpo e Sangue do Senhor, *se tornam* o Corpo e Sangue do Senhor, como escrevem S. Remigio Rhemense, S. João Damasceno, Santo Agostinho, Theophylacto, — e todos *negam explicitamente que as substancias de pão e de vinho permaneçam depois da consagração*. Ora, não exprimem todas essas locuções a mesma idéa que a palavra transsubstanciação?

E assim como as *antigas liturgias* comprovam claramente o dogma da presença real, comprovam também o da transsubstanciação. Assim, por exemplo, lemos na *liturgia alexandrina de S. Gregorio*: «Tu, pois, ó Senhor, *transmuda* com tua voz «estas cousas propostas... Manda o teu espirito... para que «*transmude estes dons santos no proprio Corpo e Sangue de nossa «libertação*». E na *liturgia alexandrina de S. Basilio*: «Tira-os «(o pão e o vinho) para que o pão se faça o teu Corpo, e a «mistura no calix o teu precioso Sangue». E na liturgia ethiópica: «Mostra tua face sobre este pão e sobre este calix que «puzemos sobre este altar espirital; benze, santifica e purifica-os, e *transmuda este pão para que se torne teu Corpo puro, «e esta mistura no calix teu precioso Sangue*».

3. Emfim, os *proprijs protestantes sinceros, mesmo os lutheranos*, reconhecem que o dogma da transsubstanciação segue

forçosamente do dogma da presença real; que este dogma foi erido desde o principio da Igreja e que só o medo de estarem obrigados a se tornar Catholicos fez que os protestantes negassem o sentido litteral das palavras de Jesus Christo e se afferrassem ao sentido figurado. Ouçamos alguns testemunhos: « Quando se admite a presença real e substancial de Jesus Christo no SS. Sacramento do altar, escreve Schultess em seu *Annales theologici*, é mister, admittir tambem que o pão e o vinho soffram n'um momento determinado uma mudança incomprehensivel; e a Igreja não fez outra cousa senão determinar este momento, [ensinando que esta mudança se opera na consagração]. « E ella póde basear-se na lettra das Escripturas, porque nellas se lê: *τούτό ἐστι (isto é) e nunca: ἐν τούτῳ (nisto é).* » O lutherano Leibnitz (*Syst. theol.* p. 226) affirma « que a piedosa antiquidade declarou mui abertamente « que o pão se muda no Corpo de Christo, e o vinho em seu « Sangue: — o que os antigos chamam « *metastoeicheiosin* », palavra « que os latinos traduziram bem por transsubstanciação; — e « que neste ponto como em todos os mais a Escriptura deve « ser explicada pela Tradição que a Igreja como guarda tem « transmittido até nos. » Enfim, o ultimo testemunho é o de Herzog (*Real. Encyklop.* tom I. p. 39) « O Doutor Luthero e « os theologos seus partidarios, escreve elle, perceberam muito « bem, que a acceitação do sentido puramente litteral condu- « zia para a doutrina Catholica. Na verdade, na explicação « segundo o sentido litteral está toda a theoria e a praxe Ca- « tholica a respeito do Sacramento do altar; não sómente a « transsubstanciação dos elementos, a adoração da Hostia, a « subtracção do Calix senão tambem o Sacrificio propitiatorio « da Missa que segundo o sentido litteral do texto foi offerecido « na Ultima Ceia. Dahi vem que o Luthero por algum tempo « inclinava para o sentido figurado porque, como elle disse, « via muito bem que com isto podia incommodar muito ao pa- « pismo. » Deste modo cada um está ante a seguinte alterna- « tiva: ou o sentido puramente litteral, ou o sentido puramen- « te figurado; ou o Catholicismo até a adoração de Deus no « ciborio e ao sacrificio da Missa ou o protestantismo até « etc., etc.

Provados, pois, os dogmas da presença real, ouçamos as objecções do autor das *Noites com os Romanistas*.

ARTIGO II

Resposta ás objecções do autor

O autor não admite a presença real de Nosso Senhor Jesus Christo no SS. Sacramento do altar. Dahi não vê na Hostia consagrada senão pão e no Vinho consagrado senão vinho. Do SS. Sacramento no sentido Catholico, em que Jesus sob as especies de pão e do vinho nos dá a comer e beber seu Corpo e Seu Sangue juntamente com sua Alma e Divindade, em seu systema não ha questão. « Assim pois, diz elle, podemos reunir-nos e comer o pão, em memoria do facto de « têr [Jesus] dado seu corpo para ser quebrantado até a morte « para nosso sustento, e como offerenda para nós; e ao fim « tambem podemos beber o vinho, em memoria do sangue que « derramou no Calvario para limpar nossas almas. Deste modo « este Sacramento é para nós o ultimo legado de Christo; e « ao passo que participamos delle, mostramos uns aos outros a « fé que temos de que o nosso perdão, a nossa justificação e « todas as nossas esperanças da salvação eterna nos vem só- « mente pela morte do Salvador dos peccadores. E finalmente « procurei impressionar os meus ouvintes com o facto de que « as graças e as benções que este sacramento nos communica « não nos proveem dos elementos materiaes do sacramento, « mas só de Jesus Christo, se, por meio da fé que nelle depo- « sitamos, recebemos dignamente os symbolos de seu corpo e « sangue.»

Eis pois em duas palavras a doutrina do autor o pão e o vinho consagrados não são o verdadeiro Corpo e o verdadeiro Sangue de Jesus Christo mas só *figuras, symbolos de seu Corpo e seu Sangue.*

E para chegar a esta explicação heretica elle explica a seu modo as palavras da instituição: Este é o meu corpo — este é o meu sangue da forma seguinte: « Nós cremos que « Nosso Senhor instituiu este Sacramento em commemoração « da sua morte na Cruz. Quando distribuia o pão disse elle: « Fazei isto *em memoria de mim*; e outra vez ao dar o vinho: « Fazei isto *em memoria de mim*. Temos pois suas proprias « palavras como razão para crêr, que este Sacramento é uma « commemoração ou lembrança de sua morte sobre a cruz. « Quando elle disse: « Tomai e comei, este é o meu corpo » « quiz dar a entender que devemos receber o pão como lem- « brança de seu corpo, que foi quebrantado na cruz; e quando « elle disse: « Bebei delle todos, porque este é o meu sangue; « quiz dizer que devemos receber o vinho como uma lem- « brança de seu sangue; que foi derramado na cruz. Crêmos « que este é o verdadeiro sentido das palavras do Senhor.

« Esta interpretação não se acha rodeada de difficuldades ;
 « não apresenta nada de maravilhoso ; não envolve contradi-
 « ções nem absurdos ; é singela e natural, e conforme com o
 « uso de todas as linguas e está de accordo com os costumes
 « dos judeos. »

Respondo : que esta explicação longe de reproduzir o verdadeiro sentido das palavras do Senhor, *lhes attribue um sentido inteiramente alheio*. De facto ; quando Jesus distribuia o pão consagrado elle não disse assim como o quer o autor « Fazei isto em memoria de mim » mas *tomae e comei isto é o meu corpo que é dado por vos*. Do mesmo modo quando lhes distribuia o vinho consagrado não disse como outra vez o quer o autor, « Fazei isto em memoria de mim », mas *Bebei delle todos este é o meu sangue do Novo Testamento que é derramado por muitos para a remissão dos peccados*. Estas palavras, como provei irresponsivelmente no artigo anterior, devem forçosamente ser tomadas no sentido litteral e real, como convertendo, no mesmo instante em que foram pronunciadas, o pão e o vinho no Corpo e Sangue do Senhor. Era pois, o seu verdadeiro Corpo, era o seu verdadeiro Sangue, que Jesus repartiu entre seus Apostolos. Foi somente depois de ter feita esta repartição do pão transubstanciado em seu verdadeiro Corpo e do vinho transubstanciado em seu verdadeiro Sangue, que Jesus fallou a seus Apostolos : « Fazei isto em minha memoria » ; e por isso estas palavras não podem significar uma mera commemoração do que tinha feito Jesus ; não : *transmittiam ao mesmo tempo tambem o poder de fazer o que elle acabava de fazer* ; o poder de converter o pão e o vinho no Corpo e Sangue do Senhor, *em memoria delle*. E' esta, por mais que o autor agite, a unica interpretação singela, natural e verdadeira. Ella não se acha rodeada de difficuldades, não apresenta nada de maravilhas, nem envolve contradições e absurdos. Estas difficuldades, maravilhas, contradicções e absurdos são inseparavelmente annexas á interpretação forçada e impossivel do autor.

Nem adianta dizer que *seu modo de explicar é conforme com o uso de todas as linguas e está de accordo com o costume dos Judeos*, pois vou citar suas palavras para depois as refutar. Eis como elle procura provar que sua explicação é conforme com o uso de todas as linguas. « Nada é mais com-
 « mum do que dar á lembrança ou á representação d'uma
 « cousa, o mesmo nome da cousa de que é representação ou
 « signal. » Se entramos na cathedral de S. Pedro, ou na abbadia
 « de Westminster, repararemos logo em muitas estatuas comme-
 « morativas ; e poderemos fixar os olhos em uma dellas e
 « dizer : « Este é Nelson », e depois olhar para outra e dizer :
 « aquelle é Malborough, etc. E quando fallamos assim não
 « queremos dizer que essas estatuas de marmore se têm mu-

« dado ou transubstanciado litteralmente em Nelson ou Malborough, mas somente que são lembranças ou representações daquelles celebres heroes. Se visitarmos as galerias do castello de Windsor, ou as de Hampton Court, ou a nossa galeria Nacional, e, ao passar os olhos pelas pinturas perguntamos quem são, responder-nos-hão : « Este e Wellington, esse é o principe Alberto, aquella é a rainha, etc. : mas não seremos tão faltos de razão que supponhamos que se nos quer dizer que aquelles quadros inanimados teem sido transubstanciados realmente no duque, no principe ou na rainha. Até mesmo os membros da Igreja Romana, quando veem as imagens ou as pinturas da Virgem Maria, de S. Pedro, ou de Christo, costumam dizer : « Esta é a Virgem, aquelle é S. Pedro, e aquelle outro é o Christo », querendo dizer tão somente que são representações ou lembranças delles, pois que elles, como nos, servem-se constantemente dessa figura de rhetorica : *que dá á representação ou lembrança o nome da cousa representada ou lembrada.* »

Respondo : Concedo : — servimo-nos constantemente da figura da rethorica que dá á representação ou lembrança o nome da coisa representada ou lembrada — *mas servimo-nos ainda muito mais sem figura de rethorica do sentido litteral e real que dá á coisa o nome que lhe é proprio.* E porisso, quando diz o autor, que ha nada mais commun do que servir-se do sentido figurado, digo eu *que ha cousa muito mais commun a saber : servir-se do sentido litteral.* Este sentido litteral sempre deve ser escolhido a não ser, que graves motivos nos obriguem a entendermos as palavras no sentido figurado, como nos casos allegados pelo autor, onde é evidente que o verbo substantivo é deve ser tomado no sentido de *representar*. Ora, *isto não se realisa no verbo substantivo é, dos textos isto é o meu corpo; este é o meu sangue.* Alli, como provamos irresponsivelmente no artigo anterior, é não pôde ser tomado figuradamente no sentido de *representar* mas deve ser tomado litteralmente no sentido de *ser*. Segue-se disto que a explicação do autor *não é conforme com o uso de todas as linguas* ; o uso das linguas é dar ao verbo substantivo *ser* seu sentido litteral e dar-lhe só por modo de excepção o sentido figurado.

Do mesmo modo posso discorrer a respeito d'aquella outra asserção do autor : que sua explicação *está de accordo como o costume dos judeos.* « E' muito facil provar, diz elle, que esta « forma de expressão era tão commun aos escriptores sagrados « como a nós : ocorre com tal frequencia no Sagrado Volume, « que a nossa unica difficuldade consiste na escolha das passagens em que este modo de expressão é usado. Os seguintes « são uns poucos de exemplos tirados de entre os muitos que « poderiam ser citados : « Estes ossos são a casa de Israel »

« (Ezech. XXXVII. 1). « O bode, porém, é o rei dos gregos »
 « (Dan. VIII. 2). E' evidente que os ossos não eram, na rea-
 « lidade, senão o emblema da casa de Israel, e que o bode não
 « era senão um symbolo prophético do rei da Grecia. Da mes-
 « ma maneira, quando o Senhor disse: eu *sou* a porta, eu *sou*
 « a videira, vós outros as varas, é claro que não quiz dizer
 « que se tinha transformado em uma porta ou em uma videira,
 « nem que o seu povo se tinha transformado em varas d'uma
 « videira. A mesma observação pôde também applicar-se ao
 « dito do Apostolo: Esta pedra *era* Christo (I Cor. X. 4). A
 « interpretação natural, singela e verdadeira d'estas expressões
 « e de outras iguaes acha-se no facto de sendo figuradas, se-
 « gundo as analogias de todos os idiomas do mundo, o signal,
 « emblema ou memoria toma-se pelo nome da coisa represen-
 « tada, symbolizada ou lembrada » [Sim, *sendo figuradas*; mas
 « isto é o meu Corpo este é o meu Sangue » *não é expressão fi-*
gurada/. « Assim, pois, argumentamos que, quando Nosso Senhor
 « instituiu a Santa Ceia como memoria da sua morte na cruz,
 « e quando deu o pão e o vinho a seus discipulos, dizendo:
 « Este é o meu Corpo este é o meu Sangue, quiz dizer que o
 « pão symbolizava o seu Corpo quebrantado, e o vinho seu
 « Sangue derramado na Cruz ».

Respondo: que a multidão de passagens da Biblia, em que a expressão «é» é usada no sentido figurado, de todo não depõe contra o sentido litteral desta mesma expressão nas palavras da Ultima Ceia «isto é o meu Corpo este é o meu Sangue». Pois, 1.º O numero das passagens da Biblia em que a expressão «é» conserva seu sentido litteral e real *é incomparavelmente maior* que o em que é tomado no sentido figurado. Porque pois, dar sem motivo ao sentido figurado a preferencia ao sentido litteral?

2.º Em todos os exemplos allegados pelo autor, e em geral em todos os que ainda podem ser allegados por elle, o sentido figurado *é tão claro*, que não podem ser entendidos no sentido litteral. Logo, nelles não pôde haver questão do sentido litteral.

3.º Pelo contrario, nas palavras «isto é o meu Corpo este é o meu Sangue» o sentido litteral é o *unico natural, singelo e verdadeiro*, como já provei, ao passo que o sentido figurado é forçado, contrario ás leis mais communs da linguagem e tão difficil a estabelecer-se que os proprios protestantes não podem convir nelle. E por isso deve ser mantido forçosamente o sentido litteral.

Só quero ainda observar que Nosso Senhor não instituiu a Santa Ceia, isto é, o SS. Sacrificio da Missa sómente como memoria de sua morte na cruz, — mas como um verdadeiro e proprio sacrificio commemorativo e representativo do SS. Sacrificio da Cruz e isto de per si já comprova que o pão e o

vinho não *symbolizavam* o Corpo e Sangue de Jesus, mas *eram* o Corpo e Sangue de Jesus.

O primeiro argumento, portanto, contra a transsubstanciação, de que se valeu o autor, era o cavallinho dos protestantes: que as palavras «isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue», devem ser entendidas não no sentido litteral e real, mas no sentido figurado. Provei claramente a sua sem-razão.

Agora, depois de ter negado que Jesus Christo na Ultima Ceia transsubstanciasse o pão e o vinho e os convertesse em seu verdadeiro Corpo e Sangue, nega também *que os padres o façam no SS. Sacrificio da Missa*. Vou relatar suas palavras:

«O bom velho, que me tinha pedido esta explicação, disse-me que, por sua parte, estava satisfeito com ella, mas que, estando presentes alguns de seus visinhos catholicos romanos, queria fazer uma pergunta que estes já por vezes lhe tinham feito, a saber: se Jesus Christo não tinha dado ao Clero da sua Igreja o poder de converter o pão e o vinho no corpo, sangue, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Christo. Alguns dos circumstantes manifestaram logo um vivo interesse. Repliquei, pois, dizendo que uma coisa tão extraordinaria como a transsubstanciação — milagre tão estupendo como é o de mudar um pedaço de pão em Deus — milagre tão differente de tudo o que jámais se tem ouvido, e tão grande que, se fosse certo, seria o mais assombroso de todos os milagres que o mundo tem visto» — [pois é certo como já vimos] — «enfim, que uma coisa tão inaudita devia ter uma prova mais clara e terminante do que uma mera formula de expressão, que, segundo os mesmos catholicos romanos admittem, é capaz de uma interpretação figurada» [Sophisma capcioso; os catholicos romanos admittem que o verbo substantivo «*ser*» em geral, além do sentido litteral e real póde ás vezes ter um sentido figurado — mas NÃO admittem que o verbo «*é*» nas palavras «isto é o meu corpo, este é o meu sangue» é capaz de uma interpretação FIGURADA; TODOS dizem que ALLI SÓ PÓDE E FORÇOSAMENTE DEVE SER ENTENDIDA NO SENTIDO LITTERAL E REAL].

«Proseguí então dizendo que, embora admittissemos que Nosso Senhor tivesse convertido litteral e substancialmente o pão em seu proprio «corpo, sangue, alma e divindade, ossos e nervos», isso em nada aproveitaria á Igreja Romana, porque se Christo sendo Deus, tivesse feito um milagre tal, não se seguiria d'ahi que os sacerdotes romanos tenham também o poder de fazel-o. Jesus Christo andou sobre as aguas, mas este facto não prova que os sacerdotes romanos tenham o poder de fazer o mesmo. Elle socegou os ventos e as ondas, mas isto não é prova de que os sacerdotes romanos possam fazer outro tanto. Elle curava os enfermos, os cegos, os surdos, os lepro-

« sos, e resuscitava os mortos, mas isto não é prova de que os sacerdotes romanos possam fazer os mesmos milagres. E, portanto, embora concedessemos por argumentação, que Nosso Senhor fez o milagre da transubstanciação, isto não seria prova de que os sacerdotes catholicos romanos podem fazer o mesmo milagre » [Que logica!! E' da especie de que se servem os charlatães nas feiras].

« Tendo eu concluido, um dos catholicos romanos presentes disse, mui modesta e cortezmente, que nas palavras — « Fazei isto em memoria de mim » — Jesus mandou a seus discipulos que fizessem o mesmo que Elle fazia, e que, portanto, é justo deduzir que lhes deu o poder para fazel-o. Assim, pois, ajuntou elle, se Nosso Senhor converteu o pão e o vinho em seu proprio Corpo, Sangue, Alma e Divindade, segundo ensina a nossa Igreja, é mister que tenha dado a seus discipulos o poder de fazer o mesmo em sua memoria ».

« Repliquei que, segundo a Igreja Romana, *estas duas palavras têm mais peso do que quaesquer outras da Escriptura Sagrada*, pois que, se lhe perguntamos — que autoridade têm os sacerdotes para administrar este Sacramento — responde: « Nosso Senhor disse: « Fazei isto ». Quando lhe perguntamos — em virtude de que autoridade os leigos recebem o sacramento — responde: Nosso Senhor disse: « Fazei isto ». Quando lhe perguntamos — em que tempo os Apostolos foram ordenados sacerdotes — responde: Nosso Senhor disse: « Fazei isto ». Quando pedimos a prova de ser o sacramento um sacrificio propiciatorio e expiatorio pelos peccados dos vivos e dos mortos, responde: Nosso Senhor disse: « Fazei isto ». Quando lhe perguntamos — que autoridade tem para dizer que os sacerdotes romanos podem converter o pão e o vinho em seu Salvador e Deus — responde: « Nosso Senhor disse: « Fazei isto ». E, assim, estas duas pequenas palavras significam, umas vezes, « Administrae isto »; outras, « Recebei isto »; outras, « Ordeno-vos sacerdotes »; « Offerecei este sacrificio da Missa »; e outras enfim, « Transubstanciae isto ».

« Sem duvida, que nunca houve duas palavras tão pequenas que tenham tido tantos e tão diversos significados! Pois bem, prosegui eu, parece-me que taes palavras querem dizer simplesmente que do mesmo modo que elle e seus Apostolos estavam então sentados comendo juntos, em santa communhão, amor e fraternidade, assim nos seculos posteriores, quando estivesse apartado d'elles, deveriam ainda reunir-se para comer e beber juntos, em santa communhão, amor e fraternidade [decerto como fazem os methodistas cuja ceia do Senhor não passa d'um almoço ou d'um jantar commum], usando destes symbolos em memoria do seu amor em ter morrido por elles,

« Parece-me, repeti eu, que isto é tudo quanto querem dizer » as palavras « Fazei isto em memoria de mim ».

Respondo: que dou graças a Deus de que o Rév. M. H. Seymour, A. M., o *douto* autor das *Noites com os Romanistas*, não é infallivel na interpretação do Sagrado Volume; ou antes, estou muitissimo satisfeito que elle quasi nunca, como vimos a cada instante nesta refutação, atina com o verdadeiro sentido da Escriptura Sagrada, a qual tem volvido e revolvido milhares de vezes, — senão, ai de nós catholicos! Abramo-lhe, portanto, o verdadeiro sentido das palavras de Nosso Senhor Jesus Christo, na Ultima Ceia, dirigidas aos Apostos: « Fazei isto em memoria de mim ».

No capitulo XII, artigo I, n. 4, já provei claramente que Jesus Christo na Ultima Ceia offereceu ao Pae Eterno um verdadeiro e proprio Sacrificio do qual o SS. Sacrificio da Missa offerecido na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, pelo Sacerdocio Catholico não differe essencialmente. Peço licença de reproduzir aqui minhas palavras: A circumstancia, disse eu alli, a circumstancia do tempo que escolheu Jesus para sua nova ceia, sob este respeito já é muito notavel e de grande significação. Foi logo depois de ter comido com seus Apostolos o Cordeiro pascal dos judeos. Ora, é fora de duvida (os mesmos protestantes que antigamente o negavam, agora se vêm constrangidos de concedel-o), que a immolação do Cordeiro pascal era tido por todos os judeos na conta d'um verdadeiro sacrificio. Só por isto, pois, que Jesus fez seguir a sua nova ceia immediatamente depois da Ceia Pascal, elle já quiz mostrar que sua nova ceia seria tambem um verdadeiro sacrificio.

E isto é plenamente confirmado, ou, por melher dizer, evidentemente provado pelas palavras que Jesus fallou, quando offereceu a seus Apostolos o calix: Bebei d'este todos (d'este calix), porque este é o meu sangue do novo testamento, que será (no grego «*é*») derramado por muitos (isto é, para todos), para remissão dos peccados. Por estas palavras Jesus compara *seu testamento*, que elle chama o *novo* testamento com o antigo testamento dos judeos; *seu sangue* com que confirma seu novo testamento com o sangue com que o antigo testamento foi confirmado; *a natureza d'este seu sangue* com a do sangue do antigo testamento.

Ora, é fora de duvida, que o sangue, com que foi confirmado o antigo testamento, era um sangue *sacrifical*, isto é, um sangue derramado por modo de sacrificio, um sangue derramado em remissão dos peccados, como se vê claramente Exod. XXIV, 8; Hebr. IX. 18-20; logo, o sangue que Jesus em confirmação de seu novo testamento deu a beber a seus discipulos, tambem devia ser um sangue *sacrifical*, um sangue derramado por modo de sacrificio, um sangue derramado em remissão dos pec-

cados. E como Jesus, segundo o texto grego, diz, que este sangue *no momento em que offerece o caliz aos Apostolos é derramado*, segue-se necessariamente que *naquelle mesmo momento Jesus offerece um verdadeiro e proprio Sacrificio, que não pôde ser o da Cruz* porque Jesus falla *no presente* «é derramado», e não *no futuro* «será derramado». Por conseguinte, a Ultima Ceia era um verdadeiro e proprio sacrificio.

E isto tornar-se-ha ainda mais evidente, se considerarmos *em sua totalidade* as palavras, que empregou o nosso Divino Salvador na instituição da Eucharistia, referidas por S. Matheus XXVI, 26; S. Lucas XXII, 20; I Cor. XI, 23-24: «E ceando
« tomou Jesus o pão, o benzeu, o partiu e deu aos seus disci-
« pulos e disse: Recebei e comei, isto é o meu corpo, que é
« dado por vós, fazei isto em memoria de mim. Do mesmo modo
« tambem tomado o caliz depois que ceiou, disse: Bebei deste
« todos, porque este é o meu sangue do novo testamento, que
« será (no grego, é) derramado por muitos (isto é, por todos)
« para remissão dos peccados, fazei isto em memoria de mim ».
Segundo estas palavras, pois, Jesus dando-lhes a comer o pão consagrado, disse: Isto (isto é, aquillo que tenho nas mãos e agora vos dou) é o meu corpo, que é dado (isto é, agora mesmo se dá) por vos, e não a vos, em remissão dos peccados. E depois dando-lhes a beber o caliz com vinho consagrado: Este (isto é, este vinho consagrado que tenho nas mãos e agora vos dou) é o meu sangue do novo testamento (o sangue sacrificial do novo testamento) que é derramado (isto é, agora mesmo se derrama) por muitos (isto é, por todos) para remissão dos peccados. — Ora, pergunto eu a cada leitor desprevenido, que significam estas palavras senão: que Jesus Christo naquelle mesmo momento, em que fallava assim e dava aos Apostolos o pão e o vinho consagrado, offerecia um verdadeiro e proprio sacrificio; que naquelle mesmo momento dava devéras seu Corpo e Sangue e morria mysticamente pela separação de seu corpo e sangue em remissão dos peccados, que naquelle mesmo momento, por uma verdadeira substituição se offerecia pelos homens e morria por elles uma morte mystica para apylacar a ira de Deus Pae e alcançar d'elle o perdão de todos os peccados de todos os homens? Pois as palavras «Tò úper ùmôn klonenon», «que é quebrantado por vós» (I Cor. XI, 24), como as «Tò úper ùmôn ekchunomenon» «que é derramado por vós» (Luc. XXII, 20), excluem qualquer sacrificio *futuro* e fallam terminantemente d'um sacrificio *presente*. Por conseguinte, segue-se d'estas palavras que Jesus na Ultima Ceia offereceu um verdadeiro sacrificio. — Agora argumento d'este modo: — Se Nosso Senhor Jesus Christo, depois de ter offerecido na Ultima Ceia um verdadeiro sacrificio, disse aos seus Apostolos: «Fazei isto em minha memoria», é claro, que elle com estas pa-

lavras não quiz simplesmente dizer, como sustenta o autor das *Noites com os Romanistas*, que do mesmo modo que elle e seus Apostolos estavam então sentados comendo juntos, em santa communhão, amor e fraternidade, assim nos seculos posteriores, quando estivesse apartado d'elles, deveriam ainda reunir-se para comer e beber juntos, em santa communhão, amor e fraternidade, usando d'estes symbolos em memoria de seu amor em ter morrido por elles — pois é uma explicação que nada explica; uma explicação atôa — não; *então elle quiz dizer que seus Apostolos devessem fazer o que elle mesmo acabara de fazer*, isto é, offerecer o mesmo sacrificio que elle tinha offerecido; transubstanciar o pão e o vinho e convertel-os no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo; receber a sagrada communhão e administral-a a outros; offerecer o SS. Sacrificio da Missa que elle acabava de offerecer. Ora, *como não podiam offerecer o SS. Sacrificio da Missa, transubstanciar o pão e o vinho e convertel-os no Corpo e Sangue de Jesus Christo; receber a Sagrada Communhão e administral-a aos fieis sem que fossem sacerdotes, elles por estas mesmas palavras foram ordenados padres*; e por isso as palavras do autor, que nunca houve duas palavras tão pequenas que tenham tido tantos e tão diversos significados, são simplesmente bobagens. D'ahi tambem se vê qual deve ser a resposta a estas outras palavras do autor: Jesus Christo andou sobre as aguas, mas este facto não prova que os sacerdotes romanos tenham o poder de fazer o mesmo. Elle socegou os ventos e as ondas mas isto não é prova de que os sacerdotes romanos possam fazer outro tanto, etc., etc. A razão é clara; é porque Jesus Christo depois de ter caminhado sobre as aguas, depois de ter socegado os ventos e as ondas, *não lhes disse «Fazei isto em memoria de mim»*, se o tivesse dito os Aspostolos fariam as mesmas cousas.

Fica pois provado, que as duas objecções feitas neste capitulo pelo autor contra o dogma da transubstanciação, e que consistem em sustentar que Nosso Senhor Jesus Christo na Ultima Ceia não transubstanciou o pão e o vinho, isto é, não os converteu em seu Corpo e Sangue; e que por conseguinte nem os sacerdotes catholicos o fazem no SS. Sacrificio da Missa; porque as palavras de Jesus Christo devem ser entendidas no sentido figurado e não no sentido litteral, e as palavras — *fazei isto em memoria de mim* — não transmittiram poder algum aos Apostolos senão o de comerem pão e vinho em memoria da morte de Jesus — fica provado, digo, que estas objecções não têm nenhuma força. Jesus transubstanciou o pão e o vinho na Ultima Ceia e os sacerdotes catholicos o fazem todas as vezes que celebram o SS. Sacrificio da Missa.

Antes de acabar, uma observação. Este primeiro capitulo do autor sobre a transubstanciação, occupa 16 paginas nas

Noites com os Romanistas. D'estas 16 paginas apenas 6 são consagradas ao desenvolvimento das duas objecções contra o dogma da transubstanciação. O resto traz a historia d'uma moça (naturalmente muito bondosa e muito religiosa), que de catholica se fez protestante, e por isso teve que soffrer perseguições inauditas tanto da parte d'uma tia, á qual o pai emigrando para a America, a tinha confiado, como da parte do vigario da parochia, até que por fim requerida por seu pai catholico, parte com elle para a America, depois de o pae ter promettido ao pastor evangelico de não incommodar sua filha a respeito da sua apostasia, e ter declarado que elle mesmo era indifferente na religião, — e que gostava mais dos ministros sectarios do que de seus proprios padres catholicos. — Pergunto eu: não seria melhor deixar todas essas historias propositalmente fabricadas? Ou precisaria d'ellas o autor, para *esconder a sua falta de argumentos* para attacar a doutrina catholica e defender o erro; e para *achar meios de inectar contra a pretensa tirannia* da Igreja Catholica e de *exaltar a tolerancia religiosa* das seitas?





CAPITULO XVI e XVII

A TRANSSUBSTANCIAÇÃO, II - III

Neste segundo Capitulo sobre a transsubstanciação, a conversação, que tem o autor das *Noites com os Romanistas*, não é mais com catholicos obscuros e ignorantes, com qualquer padre catholico, que no principio muito ufano e certo d'uma victoria facil, já depois das primeiras palavras reconhece sua inferioridade e dá ganho da causa ao ministro evangelico; não; d'esta vez o autor tem por interlocutor não mais nem menos do que um *cavalheiro Catholico romano, membro do Parlamento*. Porém, que este cavalheiro seja *muito catholico*, não o prova o seu procedimento; e eu cá para mim tenho muitas rasões (peço desculpa ao autor de meu atrevimento) para duvidar se é *membro do Parlamento Inglez*; pois é sabido que os membros catholicos do Parlamento Inglez são quasi todos catholicos *convencidos e praticantes*.

Mas uma inverdade de mais ou de menos não é cousa para deter o autor, o qual, como já vimos repetidas vezes, não é muito escrupuloso, e dispõe d'uma phantasia invejavel.

Ouçamos pois, o que diz o tal cavalheiro catholico, romano, membro do parlamento; — e, como já provei clara e irrespondivelmente, no Capitulo anterior, que Nosso Senhor Jesus Christo está verdadeira, real e substancialmente presente no SS. Sacramento do altar com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma, sua Divindade; — e, que Elle alli se põe presente por uma verdadeira transsubstanciação, isto é pela conversão de toda a substancia do pão em seu Corpo e de toda a substancia do vinho em seu Sangue, — não repetirei mais o que já deixei dito, e vou referir a conversação do cavalheiro com o autor:

Um cavalheiro catholico, romano, membro do Parlamento; escreve o autor, chamou-me de parte, e, depois de

« conversarmos por alguns minutos, referia-me a seguinte
« anedota, que lhe dizia respeito — Havia alguns annos, que,
« estando elle em Dublin, as pessoas em casa de quem estava
« hospedado o tinham convidado para ir com ellas a uma igreja
« catholica romana, afim de ouvir um sacerdote de grande
« fama, que ia pregar um sermão contra os protestantes. Ha-
« via lá muita gente, grande agitação e esplendida ostentação
« oratoria. Disse que o discurso fora mais brilhante, apaixo-
« nado e picante, do que, em sua opinião, convinha ao pul-
« pito: que o padre não fôra bastante profundo argumentador,
« e que não o havia satisfeito, mas que, no entanto, era ora-
« dor muito popular e de grande effeito. O assumpto do dis-
« curso era a Transsubstanciação, e o orador, quando chegou
« às palavras, « Este é o meu Corpo », e « Este é o meu San-
« gue », fez pausa e causou profundo silencio em toda aquella
« immensa congregação, a qual parecia até comprimir o fo-
« lego, esperando que elle proseguisse. Então o prégador pro-
« rompeu em tom apaixonado e imponente perguntando: —
« Tendo o bemdito Senhor dito: « Este é o meu Corpo », como
« se atrevem os protestantes a dizer que *não é* o seu Corpo?
« Tendo o Senhor Jesus Christo dito outra vez: « Este é o meu
« Sangue », como se atrevem os protestantes a dizer que *não*
« é o seu Sangue? Estão sempre a fallar nas Escripturas, di-
« zendo-nos sempre: As Escripturas, todas as Escripturas, e
« nada senão as Escripturas, nos pôde satisfazer; e, no en-
« tanto, dizendo a Biblia: « Isto é o meu Corpo » e « Este é o
« meu Sangue » esses protestantes com atrevimento inaudito,
« insistem em dizer que nem um e nem outro é, mas que
« estas palavras se devem entender em sentido espiritual, fi-
« gurado ou symbolico ».

« O cavalheiro catholico romano que me referiu isto acre-
« scentou «[isto é o autor o faz acrescentar]» este rasgo de
« eloquencia produziu um effeito electrico em toda a congre-
« gação; porém, que, por sua parte, embora admirasse a elo-
« quencia do orador, tinha o argumento em mui pouco apreço.
« Disse mais [isto é o autor pela bocca d'elle] que, no dia se-
« guinte, tendo sido convidado para jantar em casa de uma
« pessoa importante, catholica romana como elle, tinha encon-
« trado lá o prégador da noite anterior, e que, depois de con-
« versar um pouco com elle sobre o discurso e especialmente
« sobre a passagem já citada, elle se dirigiu ao sacerdote, di-
« zendo: Tendo Nosso Senhor dito: « Eu sou a videira », como
« se atrevem os Romanistas [sic!!! e é um catholico romano
« que falla!! aqui o autor cahiu de seu papel!! Habemos con-
« fitentem reum!!!] a dizer que elle não é uma videira? E,
« tendo dito: « Eu sou a porta », como se atrevem os Roma-
« nistas [!!] a dizer que elle não é uma porta? E finalmente,

« dizendo a Escriptura, clara e terminantemente, que elle é
 « uma videira e uma porta, como se atrevem os Romanistas
 « [!!] a dizer que elle não é uma nem outra coisa, mas que
 « estas palavras devem entender-se em um sentido espirital,
 « figurado e symbolico? O sacerdote mostrou-se muito confu-
 « so», [coitado!!] « balbuciando algumas palavras que em nada
 « diziam respeito à questão » [por ventura não ha resposta?]
 « e isto foi uma coisa mui divertida para muitas das pessoas
 « presentes, e especialmente para o dono da casa cujos olhos
 « penetrantes e inquietos se fixaram no padre, parecendo go-
 « zar extraordinariamente com sua confusão. » [Comprehendo-o;
 pois é cousa mui divertida: ver que um padre não sabe res-
 pender à uma objecção tão ridicula, á qual responderia um
 menino do Catechismo.]

« Tenho concluido sua anecdota, o cavalheiro catholico-
 « romano, a quem me refiro perguntou-me o que eu pensava
 « ácerca da sua resposta? Respondi-lhe francamente que a
 « reputava a melhor que se podia dar a tal argumento: que
 « Salomão dizia que se deve responder ao tolo segundo a sua
 « tolice, e que, segundo este principio, elle tinha dado exacta-
 « mente a resposta que tal argumento merecia.»

Respondo com as palavras da Escriptura Sagrada (Prov. XVII, 12): « Melhor é encontrar-se com uma ursa, á qual fo-
 ram roubados os filhinhos, do que com um insensato, que se
 fia na sua loucura.» Isto diz respeito tanto ao cavalheiro ca-
 tholico romano como quanto ao autor. Pois, o argumento do
 pregador não deixou de ser um *argumento decisivo e irrespon-
 divel*. Quando Jesus fallou no *sentido litteral e real*; quando
 elle disse « Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue » queren-
 do, como provamos pelas palavras da promessa (João VI);
 pelas palavras da Ultima Ceia (Matth. XXVI. 26, 27; Mare.
 XIV, 22; Luc. XXII, pg, I Cor. XI. 23); pela tradição con-
 stante e universal da Igreja Catholica e de todas as seitas que
 antes da Reforma della se separaram, etc., etc., que entenda-
 mos estas palavras como falladas no *sentido natural de seu
 verdadeiro Corpo e de sua verdadeira carne*; — foi com *pleno
 jus* que o prégador perguntou: Tendo Jesus dito « isto é o meu
 Corpo, este é o meu Sangue » como se atrevem os protestantes
 a dizer que *não é* seu Corpo, *não é* seu Sangue? Tendo Jesus
 fallado no *sentido litteral* como se atrevem os protestantes a
 dizer que fallou no *sentido figurado*? O prégador, portanto,
 não foi tolo: os tolos são o cavalheiro catholico romano e o
 autor, que teimam em chamar preto o que é branco; que sus-
 tentam obstinadamente que Jesus fallou no sentido figurado,
 quando Elle mesmo diz que fallou no sentido litteral.

E quanto á famosa objecção da *videira e da porta* do
 cavalheiro catholico romano, que o autor reputava a melhor

resposta que se podia dar a tal argumento e que confundiu o prégador a ponto de o fazer balbuciar algumas palavras incoherentes que em nada diziam respeito a questão, — appellô para as palavras que o *proprio autor* das *Noites com os Romanistas* escreveu na pagina 311. «E' muito facil provar que « esta forma de expressão (*que dá á representação ou lembrança* « *o nome da coisa representada ou lembrada*) era tão commun « aos escriptores sagrados como a nós... Assim: « quando o « Senhor disse Eu *sou* a porta, Eu *sou* a videira vós outros « as varas » — é claro que *não* quiz dizer que se tinha trans- « formado em uma porta ou em uma videira, *nem* que o seu « povo se tinha transformado em varas d'uma videira.» E por isso pergunto: sendo claro que nestas duas expressões Jesus fallou no *sentido figurado*, negando que elle *realmente* fosse uma porta, uma videira, e só affirmando que era *como que* uma porta, *como que* uma videira, que força terão ellas então para desfazerem as palavras « Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue », que Jesus fallou no *sentido litteral e real*, affirmando que o pão e o vinho consagrado, eram realmente o seu Corpo e seu Sangue e negando que fossem symbolos, figuras de seu Corpo e seu Sangue? Por conseguinte não ha atrevimento algum em explicar as ultimas palavras de Jesus no sentido litteral e as primeiras no sentido figurado; em dizer que o pão consagrado *era* o verdadeiro Corpo de Jesus, o vinho consagrado seu verdadeiro Sangue, ao passo que a porta e a videira eram *figuras* e symbolos de Jesus; o atrevimento está com o cavalheiro catholico romano e com o autor, que adulteram as palavras de Jesus e o fazem dizer o que de todo não disse.

Disfarçado no cavalheiro catholico romano o autor em seguida aproveita-se da occasião para criticar o procedimento dos Sacerdotes Catholicos e exaltar o dos ministros protestantes.

« Elle [o autor disfarçado no cavalheiro] disse então que « se os sacerdotes explicassem as Escripuras ao povo, segun- « do o seu conceito, serviriam muito melhor a sua causa do « que usando de argumentos de controversia, que sempre se « resentem de espirito de partido, e que são demasiadamente « apaixonados para influir no animo de homens imparciaes e « de bom senso.»

« Respondi-lhe então [e aqui se descobre o autor] ser este « o costume seguido pelos ministros protestantes no culto re- « ligioso; e que quando estes são ordenados [*não ha ordena- « ção protestante*; ordenações só ha na Igreja Catholica, Apos- « tholica, Romana: as ordenações protestantes não passam de de *comedias*] « se lhes põe a Biblia nas mãos, e se lhes torna « obrigatorio o ensino e pregação do Evangelho. Seu dever, « pois, é o de ensinar as Escripuras Sagradas.» [nas quaes a

maioria delles não crê, como provei claramente nos capitulos sobre a Unidade, Santidade e Catholicidade, Apostolicidade da Igreja].

Respondo : *Se não houvesse falsos christos e falsos prophetas*, contra os quaes Jesus preveniu sua Igreja, com outras palavras, *se não houvesse methodistas, protestantes, baptistas, etc.*, que procuram semear o joio no meio do trigo, que procuram tirar aos catholicos a fé e arrastal-os ao erro, a missão dos sacerdotes catholicos *quanto ao ensino* se limitaria sómente a expôr a doutrina catholica, e não haveria *controversia alguma porque não haveria verdade contestada*. Agora, porém, que a heresia, qual verdadeiro calamar com suas cem chupadeiras, quer abraçar a Igreja Catholica para suffocal-a e tirar-lhe o sangue vital, *os sacerdotes devem sempre estar de atalaia para debellarem este monstro e cortar-lhe suas chupadeiras*, segundo as palavras de Ezequiel III, 17-22 : « Filho do homem, eu te dei por atalaia a « casa d'Israel, e tu ouvirás da minha bocca a palavra, e lh'a « annunciarás a elles da minha parte. Se dizendo-te eu que « digas ao impio : Infallivelmente morrerás, tu lh'o não annun- « ciaries e não lhe fallares, para que elle se tire do seu cami- « nho impio e vivá morrerá o mesmo na sua iniquidade, mas « eu requererei da tua mão o seu sangue », etc.

E como *não podem cumprir este dever* sem indicar aos fieis as ciladas que lhes arma este monstro, *a controversia se lhes torna uma necessidade imperiosa*.

Segue-se d'isto, que entregando-se elles a esta controversia necessaria, não se póde dizer d'elles, que o fazem por espirito de partido ; a não ser que se diga que se deixa levar por espirito de partido o proprietario que perante o tribunal contesta a posse d'uma propriedade sua, que vê nas mãos d'um ladrão. Mas este não é o caso do protestantismo, que sendo, como já provamos fallando dos quatro caracteres da Igreja, *essencialmente negação de toda a religião*, ataca todas as religiões, como provam as milhares de seitas em que está dividido, mas sobretudo a unica religião verdadeira, a religião Catholica, e por isso, *por espirito de partido*, provoca controversias sem fim, para defender seu erro. A prova mais cabal temol-a nas *Noites com os Romanistas*. Nunca as *Noites com os Methodistas* teriam sahido á luz, se não foram provocadas pelas *Noites com os Romanistas* ; e que deu a origem a esta obra do Sr. Seymour ? O espirito de partido, esse prurido protestante de atacar o Catholicismo.

E agora, o autor cumprindo seu dever de ensinar as Es-cripturas Sagradas (quem o incumbiu deste dever ? De certo não foi Deus ; pois os ministros protestantes não têm nenhuma missão divina ; *missão divina só a tem o Sacerdocio Catholico*), vae tentar um ultimo esforço baldado para explicar as palavras

de Jesus Christo: «Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue», no sentido figurado. Citarei suas palavras:

«Proseguí, pois, dizendo-lhe [ao cavalheiro] que Nosso Senhor instituiu o Sacramento na occasião em que estava comendo a Ceia Paschal com seus discipulos; que sem duvida elle se recordava de que a Paschoa foi instituida para commemorar a sahida dos israelitas do captiveiro do Egypto, pela aspersão do sangue do cordeiro paschoal. Foi na occasião de celebrar essa feita pela ultima vez com os seus discipulos que Nosso Senhor instituiu este sacramento para ser a commemoração do livramento do seu povo, do captiveiro do peccado, por meio da aspersão do seu Sangue, como o Sangue do Cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo». E' muito importante, afim de que se possa entender as palavras do Senhor, que tenhamos sempre em vista, que elle instituiu este Sacramento quando *celebrava a Paschoa* com seus discipulos. O pão, que elle tomou, benzeu e deu a seus discipulos, era o pão paschoal. O vinho, que elle tomou, benzeu e deu a beber a seus discipulos, era o vinho paschoal. Todas as suas palavras e acções tinham alguma relação com a Paschoa. Consideradas estas circumstancias, todo o homem razoavel sentirá que, sendo as palavras e acções do Senhor, ao instituir esta festa, allusivas á antiga festa que elle ia substituir, deve-se procurar na mesma Paschoa uma explicação do Sacramento da Ceia do Senhor. Quando Moysés instituiu a festa da Paschoa, segundo Deus lh'o tinha ordenado, mandou aos israelitas que immolassem um cordeiro e que com o sangue rociassem as portas de suas casas e comessem a carne d'elle. Suas palavras são estas: Comereis á pressa (o Cordeio Paschoal) porque é a (Phase) Paschoa, isto é, a passagem do Senhor (Exod. XII, 11). Pois bem: nada ha mais evidente do que o facto de que o cordeiro que comiam *não* era a Paschoa do Senhor. A Paschoa do Senhor era o passar o anjo do Senhor por toda a terra do Egypto, ferindo os primogenitos dos Egyptios, e *passando por cima* das casas dos israelitas que tinham os umbraes de suas portas rociados com o sangue do cordeiro. As palavras são: Comereis á pressa porque é a PASCHOA, isto é, a PASSAGEM DO SENHOR. E aquella noite passarei eu pela terra do Egypto e matarei na terra do Egypto todos os primogenitos, desde os homens até os animaes: e sobre todos os deuses do Egypto executarei os meus juízos, eu, que sou o Senhor. O sangue, porém, nas casas em que morardes será o signal: eu verei o sangue e *passarei por vós*: e não haverá em vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egypto» (Exod. XII, 11-13).

«Vê-se, pois, que o acto de passar por cima das casas dos israelitas *era uma coisa*, e o cordeiro que os israelitas comiam

« era outra essencialmente distincta : uma era um *facto*, a outra
 « a recordação d'aquelle *facto*. E, embora Moysés tivesse dito
 « a respeito do cordeiro : E' a Paschoa, isto é, a passagem do
 « Senhor, não se segue que quizesse dizer que o cordeiro que
 « tinham assado, e de que estavam comendo, estivesse mudado
 « ou transformado verdadeiramente no acto de passar o Senhor
 « por cima das casas dos israelitas. O sentido de suas palavras,
 « como os mesmos romanistas o entendem, é claramente este :
 « « E' uma recordação da Paschoa ou da passagem do Senhor ».
 « Temos, pois, aqui um exemplo dessa figura de rethorica, pela
 « qual se dá à memoria o nome da coisa que ella recorda ou
 « põe o signal pela coisa significada ».

Do que escreveu o autor até aqui, já se vê qual será sua
 tendencia, repetir o mesmo argumento que já pulverizei no
 artigo anterior, isto é, concluir do sentido *figurado* das pala-
 vras citadas ao sentido *figurado* das palavras « Isto é o meu
 Corpo, este é o meu Sangue ». Debalde, porém, esta arma muito
 antiga, pois já data do tempo da Reforma (como quasi todos
 os argumentos de que se vale o autor em seu livro); já em-
 botou-se no primeiro combate com os catholicos, ha 3 seculos,
 e ficou embotada como veremos citando e depois refutando o
 resto das palavras seymourianas.

Continua o autor. « O cavalheiro a quem eu fallava com-
 « prehendeu logo o alcance d'esta explicação, que lhe parecia
 « muito natural e razoavel; e concordou que o Senhor Jesus
 « Christo exprimindo-se d'aquelle modo, só se serviu de palavras
 « mui intelligiveis a seus Apostolos, dando à memoria ou sym-
 « bolo o nome da coisa recordada ou symbolyzada. [Nisto o
 « cavalheiro errou muito, pois, como já vimos e vamos vêr ou-
 « tra vez na resposta que darei, Jesus não o fez]. Disse-lhe
 « então que me tinha adiantado na explicação que ia fazer, a
 « qual se funda no modo porque todas as familias israelitas
 « celebravam annualmente esta festa. Assado o cordeiro, reu-
 « niam-se todos os individuos d'uma familia, e o pae ou o
 « chefe d'ella, pondo-se à cabeceira da mesa, pronunciava as
 « palavras seguintes : « Esta é a Paschoa do Senhor ». Repartia
 « então o cordeiro entre os parentes, que comiam segundo o
 « modo prescripto por Moysés. Assim, pois, os advogados da
 « Igreja Romana, são obrigados a confessar que por muitos
 « centenares de annos tinha sido costume em todas as familias
 « d'Israel dizer : « Esta é a Paschoa do Senhor », quando apenas
 « queriam dizer : « Esta é a recordação ou memoria da Paschoa
 « do Senhor »; de forma que este modo de exprimir-se era
 « perfeitamente familiar a cada individuo da nação israelita.
 « Pois bem; quando Jesus se reuniu com seus discipulos para
 « celebrar a Paschoa pela ultima vez, sendo elle, como era, o
 « Mestre de seus discipulos, devia ter pronunciado as pala-

« vras: «Esta é a Paschoa do Senhor», sobre o cordeiro paschoal. Depois, tendo abolido a festa da Paschoa e substituído « esta pela Ceia do Senhor, era muito natural que na instituição desse sacramento se servisse da mesma expressão de que « tinha feito uso na celebração do antigo rito: era muito natural que, pelo mesmo modo por que antes tinha dito a respeito do cordeiro: «Esta é a Paschoa do Senhor», querendo « só dizer que a commemorava, usasse das palavras: «Este é o meu Corpo, este é o meu Sangue», para significar que estes symbolos deviam ser usados como recordação do seu Corpo quebrado e de seu Sangue derramado — da sua morte, « emfim, por amor dos peccadores ».

Proferidas estas palavras, o cavalheiro, segundo diz o autor, mostrou-se muito satisfeito com o que ouvira, e embora protestasse ser catholico e crêr o que ensinava sua Igreja a respeito da transsubstanciação, concordou em que os Apostolos entenderam as palavras de Jesus no sentido figurado, *não percebendo que com esta concessão negava ao mesmo tempo o dogma da presença real e da transsubstanciação!* Que catholico de convicção!! Devêras; elle teve direito de criticar o sermão do tal prégador e dizer que o padre não fôra bastante profundo argumentador!! Voltemos agora á objecção. Despojado de todos os enfeites de que o rodeiou a verbosidade do autor e reduzido á forma de syllogismo o argumento do autor se reduz ao seguinte: As palavras de Moysés «Esta é a Paschoa», isto é, a passagem do Senhor, palavras que eram repetidas pelo chefe de cada familia na celebração da Paschoa israelita devem ser entendidas no sentido figurado. Ora: entre a celebração da Paschoa e a Ultima Ceia, ha a mais intima connexão; logo, devem ser entendidas tambem no sentido figurado as palavras de Jesus Christo «Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue».

Respondo: que nego o argumento todo. Pois, quanto ás palavras da Escriptura Sagrada (Exod. XII, 11): «Esta é a Paschoa, isto é, a passagem do Senhor», palavras em que Zwingli, no seculo XVI, já se baseava para provar o sentido figurado das palavras da Ultima Ceia, observa o protestante Rosenmüller: que no hebraico não se lê «a passagem do Senhor no genetico»; mas ao Senhor, no dativo. Ora, esta construcção não significa lembrança do symbolo, mas consagração a, dedicação a, como por exemplo, Exod. XX, 10: «O setimo dia é o sabbado do (no hebraico AO) Senhor teu Deus», isto é, *dedicado, consagrado*, ao Senhor teu Deus; e, XXXII, 5: «Amanhã é a solemnidade do (no hebraico AO) Senhor», isto é, dedicada, consagrada ao Senhor; assim tambem XII, 27, onde ha allusão ao versete 11: «Responder-lhes-heis: é a victima da passagem do (no hebraico AO) Senhor, quando elle passou as casas dos filhos d'Israel no Egypto, etc.» Por conseguinte, a Escriptura não

falla aqui da Paschoa como d'um *symbolo* da passagem do Senhor, mas como d'uma *cousa consagrada, dedicada ao Senhor*, em memoria da sua passagem, e por isso, as palavras: Esta é a Paschoa, isto é, a passagem do Senhor, não tem um sentido figurado, não significa: Esta é a Paschoa, isto é, o *symbolo*, a figura da passagem do Senhor, mas conservam seu sentido *litteral* e significam: Esta é a Paschoa, isto é, a festa da *passagem dedicada ao Senhor*. Ora, caindo a maior, cae a menor, cae a conclusão e cae toda a objecção do autor.

Mas, tenho mais outra observação a fazer a respeito da maior. Diz o autor, que na manducação do cordeiro paschoal, o chefe da familia pronunciava as palavras: « Esta é a Paschoa do Senhor », e que, sendo este costume já muito antigo, os Apostolos deviam conhecê-la, como também deviam conhecer o sentido figurado de « Esta é a Paschoa, isto é, a figura, o *symbolo* da passagem do Senhor », e que por isso, ouvindo dizer a Jesus: « Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue », lembravam-se deste antigo costume e entendiam suas palavras no sentido figurado: Isto é o *symbolo* de meu corpo, este é o *symbolo* de meu sangue.

A isto respondo, que, concedido de barato, que os chefes de familia já desde muitos seculos costumassem dizer estas palavras na manducação do cordeiro paschoal, estas palavras deviam ser entendidas no *sentido litteral* de « Esta é a festa da Paschoa, isto é, a festa da passagem do Senhor ». Pois, como diz a *Mischna* (Pesachin 10), na occasião da ceia paschoal, o filho mais velho da casa, ao tomar o segundo calix com vinho, devia perguntar a seu pai pela causa e pela significação da festa de Paschoa. A esta pergunta respondeu o pai discorrendo longamente e concluindo suas palavras: « Esta é a Paschoa do Senhor, isto é, eis a causa, a significação, o rito da festa da Paschoa, da festa da passagem dedicada ao Senhor. E deste modo cae a objecção que tira o autor do Exod. XII, 11.

Mas vou mais adiante e digo, que mesmo concedendo que as palavras: Esta é a Paschoa do Senhor » tivessem o sentido « Este é o *symbolo*, a figura da passagem do Senhor », disto de todo não se seguiria que as palavras Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue deveriam também ser entendidas no sentido figurado de: « Isto é o *symbolo* de meu Corpo este é o *symbolo* do meu Sangue ». Pois, *Deixando de parte todas as provas irrespondiceis, com que nos capitulos XIV e XV provei, a necessidade de entenderem-se estas palavras no sentido litteral*, digo que a analogia, a qual segundo S. Paulo (I. Cor. V, 7), ha entre o cordeiro paschoal dos judeos e Jesus Christo, o cordeiro paschoal da Nova Lei consiste não nas *circunstancias do rito*, com que os judeos celebravam a festa da Paschoa mas na *immolação do cordeiro paschoal*, que a festa dos judeos commemorava e a qual era uma figura da immolação de Jesus Christo. Assim co-

mo a immolação do cordeiro paschoal era uma verdadeira immolação e não uma immolação figurada, assim também a immolação de Jesus Christo devia ser verdadeira e não figurada: assim como o sangue do cordeiro, não o sangue figurado mas o verdadeiro sangue, o sangue material libertou os judeos dos golpes certos do Anjo exterminador, assim também o Sangue de Jesus Christo, não o Sangue figurado mas o verdadeiro Sangue, o Sangue material nos libertou dos golpes certos da justiça vingadora de Deus; e por isso, quando Jesus na Ultima Ceia disse: « Isto é o meu Corpo *que é dado por vós*; este é o meu Sangue *que é derramado por vós*, elle não alludiu tanto á *feita commemorativa* da passagem do Senhor, como á *propria passagem do Senhor*; pensou não tanto no *rito paschoal* que acabava de cumprir, como no *facto historico* narrado em Exod. XII, que havia tantos seculos se dera entre os judeos, e fallou de seu Corpo e de seu Sangue no sentido litteral e real das palavras. Segue-se d'ahi que os Apostolos ouvindo estas palavras não se lembravam, como quer o autor, unicamente do rito com que os judeos costumavam comer o cordeiro paschoal, mas antes de tudo se lembravam do facto historico, se lembravam *do sangue reconciliador* do primeiro cordeiro paschoal, que foi immolado na terra do Egypto e entenderam as palavras de Jesus Christo *no sentido litteral* do seu verdadeiro Corpo e seu verdadeiro Sangue, e não no sentido figurado d'um *symbolo* de seu Corpo e seu Sangue. E isto tanto mais porque *ouviram*, fazia coisa d'um anno, *da propria bocca do Salgador a solemne promessa* (João VI) *de dar-lhes seu Corpo a comer, seu Sangue a beber*. E por isso concluo sem medo de errar *que Jesus fallou no sentido litteral e também que os Apostolos ouvindo as palavras de Jesus as entenderam no sentido litteral*.

Mas o cavalheiro, em lugar de propôr suas duvidas aos *padres da sua Igreja* que lhe dariam solução *clara, satisfactoria e certa*, gosta mais de aconselhar-se com o ministro evangelico. Dahi as seguintes palavras: « Disse mais que quando « ouvia conversações a este respeito se lhe apresentava outra « difficuldade. Não podia dizer que tinha idéas muito claras « e exactas sobre este ponto » [Está visto: — elle ignora até os rudimentos da sua fé]. Deixava as questões de theologia « para os homens da profissão, e não se importava com as « controversias theologicas » [Aqui não se trata de questões theologicas e de controversias, mas de *dogmas*]; « tinha nascido « catholico romano, tinha sido educado naquella crença e espe- « rava viver e morrer nella como seus antepassados » [Sem perceber que arriscava a perder sua fé *aconselhando-se com ministros protestantes e methodistas*, inimigos fegadaes da sua religião]. « Não obstante, elle gostava de inteirar-se bem de um « assumpto que tão a miudo é objecto de conversação » [intei-

rar-se com quem? com protestantes!?!]. «Disse-me então, que, argumentando um dia com seu confessor, só por argumentar, tinha assentado a proposição de que não se devia exigir de homem algum, a crença em um dogma tão contrario á razão como é o de que uma obrêa ou um pedacinho de pão se torne verdadeira e substancialmente no mesmo Deus — como o dogma de que essa obrêa, feito por um sacristão e bendita ou consagrada pelo sacerdote, que a toma entre dois dedos e a põe na bocca do commungante, que a come, seja lealmente o grande Deus e Creador. Ajuntou ainda, que seu confessor lhe respondeu que a essencia da fé consistia em crêr o que nos ensina a Igreja, e que, como nossa razão nos engana muitas vezes, é necessario crêr no que ensina a Igreja, por mais contrario que isso pareça á nossa razão de homens experientes. O sacerdote citou, além d'isso, a doutrina da Trindade, ajuntando que esta tambem parece contraria á nossa razão, e que os protestantes são muito inconsequentes em acceitar a doutrina da Trindade, ao passo que recusam a da transubstanciação. Perguntou-me, enfim, se eu o podia ajudar a resolver esta difficuldade, porque, disse elle, rindo-se, queria pôr seu confessor em perplexidades» [Que homem leviano este membro do Parlamento Inglez! Se elle tratar das cousas politicas do modo porque trata as cousas da fé, fóra muito melhor privar-o de seu mandato!].

A isto responde o autor, «que o seu confessor lhe tinha dado uma resposta muito adequada ao seu argumento, e que a verdadeira difficuldade estava no defeito d'este. Que este defeito consistia em elle ter dito que a transubstanciação é contraria á razão e ao senso commum».

«Como! pois não é esta tambem a sua opinião e a de todos os protestantes? perguntou-me elle com vivacidade. De que outro modo, pois, é possível formular-se o argumento?»

«Em resposta disse-lhe eu que é muito justo e exacto dizer-se que esse dogma é contrario á razão e ao senso commum [!!!], mas que a isto se pôde responder do modo porque o padre o tinha feito» [Eis um enigma philosophico! Póde se objectar d'este modo e não se pôde objectar d'este modo! Que engenho portentoso o do nosso autor! Porém, transeat, o autor vai formular a verdadeira objecção]. «A verdadeira objecção não é que esse dogma é contrario á razão e ao senso commum, mas sim, que é contrario aos *sentidos corporaes* — ao sentido da vista, do tacto, do olfacto e do gosto» [Para que deixar o quinto sentido o do ouvido? assim como no SS. Sacramento não se vê nada de Jesus Christo, nem se ouve nada d'elle. Supponho que o autor admite que o homem tem 5 sentidos]. «E' esta a verdadeira objecção, e para ella não ha res-

« posta. Disse-lhe então que lhe ia propôr um exemplo que vinha muito a propósito ».

Até aqui o autor. Antes, porém, de dar-lhe licença de desenvolver seu famoso argumento tirado dos sentidos, duas palavras. Já tantas vezes na refutação do autor das *Noites com os Romanistas*, ouvimos-o dizer que para tal objecção não ha resposta, *sem que lhe faltasse a resposta mais esmagadora*, que esta locução seymouriana não nos faz mais a menor impressão. Aqui tambem não ha de faltar a resposta á grande surpresa do ministro evangelico. — Mas o que me causou muita impressão e uma impressão muito má, uma impressão que não era de natureza de augmentar minha estima pelo autor, mas pelo contrario de tiral-a toda, *é esta anecdota ESCANDALOSA do celebre Buckingham*. Um autor que *se preza* não desce até referir anecdotas tão *offensivas* aos *pieçosos sentimentos* para com o SS. Sacramento, que inspira a fé a duzentos e sessenta milhões de catholicos.

Além d'isto, esta anecdota de todo não prova contra o dogma da presença real, pois com toda a facilidade *respondo a ella com esta outra*, que tambem é *historica*.

Um medico materialista encontrou-se com um zeloso sacerdote e perguntou-lhe si ainda continuava a prégar sobre a salvação das almas.

— Continuo, respondeu o bom padre.

— V. Revdma. já viu a alma? disse o materialista.

— Não, por certo.

— V. Revdma. já tocou na alma?

— Nunca.

— V. Revdma. já saboreou a alma?

— Não, respondeu o cura.

— Pois bem, continuou o materialista, com ar de vencedor e sorriso incredulo: bem vê V. Revdma. que os cinco sentidos estão contra a existencia da alma. Deixe-se d'isso!

Com a mesma facilidade o padre foi interrogando o doutor:

— E' formado em medicina? perguntou o cura.

— Sim, senhor.

— Já viu alguma dôr?

— Não, foi a resposta.

— Já a ouviu ao menos?

— Não.

— Já cheirou?

— Tão pouco.

— Já tem apalpado a dôr?

— Tambem não.

— E nunca lhe tem tomado o sabor?

— Não senhor.

— Bem vê. sr. dr., disse-lhe o padre, todos os cinco sen-

tidos attestam contra a dôr, e todos os dias lida o amigo com ella. Do mesmo modo que o sr. tem certeza da dôr, toda a humanidade tem certeza da existencia da alma em nosso corpo, e esta alma vive; procure, portanto, salva-la...

E por isso quando o autor escreve: «o meu amigo catholico romano achou immensa graça naquella anecdota. Gostou muito d'ella e, pelo que me disse, julguei logo que estava disposto a provar-lhe os effeitos assim que tivesse occasião de tornar a conversar com seu confessor sobre o assumpto», — eu conservo meu juizo formado tanto d'elle como de seu amigo.

Prosegue-se agora a citação: «Lembrei-lhe então que na anecdota do chistoso Buckingham e do seu confessor, aquelle não tinha feito allusão alguma á razão e ao senso commum, argumentando que a transubstanciação é impossivel por lhes ser contraria. Se assim o fizesse, o sacerdote lhe teria respondido com alguns logares communs sobre a fé, humildade e submissão de seu juizo particular, sobre o orgulho da razão e humildade da fé» [quão proveitoso teria sido tal sermão para nosso autor] «a qual resposta, embora facil de com- testar» [experimente o autor], «exigiria mais tempo do que merece. Buckingham era homem demasiadamente perspicaz para incorrer em tal erro, e portanto atacou o dogma por ser contrario aos *sentidos corporaes*, aos sentidos da vista, do tacto, do olfacto, do gosto. O outro sentido, o do ouvido, não pôde intervir no assumpto» [intervem com tanta razão como os mais: podiamos ver a Jesus Christo e não o vemos, podiamos ouvir-o fallando e não o ouvimos]. «Esta é a verdadeira objecção. Provamos os elementos consagrados e achamos que têm precisamente o mesmo gosto que tinham antes da consagração. O sentido do gosto dá testemunho de que não são Jesus Christo, e sim sómente pão e vinho. O mesmo acontece com os sentidos da vista, do tacto, do olfacto» [Pobre logica!!] «A objecção, sendo formulada por esta maneira, tem a immensa vantagem de não poder ser contestada pelo modo porque o seu confessor tinha feito com elle, a saber: citando a doutrina da Trindade e allegando que esta não é contraria á razão e ao senso commum como o da transubstanciação. E' verdade que essa allegação é mal fundada» [o que gratuitamente se sustenta, gratuitamente se nega; o autor prove sua asserção, que eu responderei], «mas nem ainda essa se pôde fazer contra a minha objecção» [veremos] «que se refere exclusivamente aos *sentidos corporaes*; e, portanto, posso dizer que a doutrina da Trindade é superior a meus sentidos, e está fóra do seu alcance, mas que de nenhum modo é contraria a ellas. Porque ao qual de meus sentidos corporaes contradiz a doutrina da Trindade? Ao da vista? — ao do ouvido? — ao do olfacto? — ao do gosto? — ou ao do tacto? A nenhum

« por certo ; porque a doutrina da Trindade está superior á
 « todos elles e fóra de seu alcance, de modo que não pôde su-
 « jeitar-se a ser por elles examinada ou provada. Por outro
 « lado, a transsubstanciação está completamente ao alcance de
 « todos os nossos sentidos e pôde ser provada por elles » [nego-o]
 « e quando a provamos d'esta maneira vemos ser falsa por
 « ser contraria a todos elles. Assim, pois, os dois casos não são
 « iguaes ».

A este argumento dos sentidos, que o autor com certa ufanía e predilecção chama seu argumento, como se *elle o tivesse escogitado, apesar de já ser inventado e explorado mais de um seculo e meio antes do seu nascimento. por Bayle, † 1706*, respondendo com esta simples pergunta : que cáe debaixo da percepção de nossos sentidos, *a propria substancia d'uma cousa ou seus accidentes ?* E' evidente que são os accidentes e não a propria substancia. Quando vemos uma arvore, vemos só seus accidentes o tamanho, a côr, a grossura, a qualidade de madeira, etc. etc., não vemos a propria substancia da arvore. A propria substancia se subtrahê a qualquer investigação de nossos sentidos.

O seguinte exemplo servirá para mais o illustrar. Quando tenho diante de mim duas garrafas com vinho da mesma côr, do mesmo cheiro, do mesmo sabor, do mesmo peso, a primeira das quaes contém vinho legitimo, genuino, vinho de uvas, a segunda vinho imitado, fabricado por falsificação, virgem de uvas, ninguem dirá que o que está contido na segunda garrafa é *vinho*. Comtudo, os dois vinhos se parecem como duas gottas de agua, têm a mesma côr, o mesmo cheiro, o mesmo sabor, o mesmo peso, *os sentidos não percebem differença alguma entre estes dois vinhos ; a vista, o olfacto, o gosto dizem : é o mesmo vinho, não ha differença entre elles*. Não obstante a *nossa intelligencia* diz que não é o mesmo vinho, *que são duas substancias differentes*, que o conteúdo da primeira garrafa é vinho, o da segunda tudo menos vinho, porque os sentidos só podem julgar dos *accidentes* d'uma cousa e não da *substancia* ; determinar a *substancia d'uma cousa é obra da intelligencia*.

Ora, se isto é verdade, segue-se necessariamente, que a *transsubstanciação*, isto é, a mudança, a conversão de *uma substancia em outra*, em caso a conversão da substancia do pão e do vinho na substancia do Corpo e do Sangue de Jesus Christo, não está, como o quer o autor, completamente ao alcance de nossos sentidos, mas *está absolutamente fóra do alcance de nossos sentidos e por isso não pôde ser provada por elles*. Por consequente, os sentidos nunca poderão depôr contra a transsubstanciação pela simples razão que esta se subtrahê á sua investigação. *A unica cousa que podem os sentidos é julgar dos accidentes ; e quando se sujeita o SS. Sacramento á investigação dos sentidos, se prova claramente que elle não é contrario*

aos sentidos, pois, que o olho vê pão, o gosto prova pão, etc., não é contrario, *mas conforme ao dogma do SS. Sacramento*, que ensina que Jesus Christo alli está verdadeira, real e substancialmente presente *debaixo dos accidentes de pão e de vinho*. E com isto provou-se a futilidade do argumento dos sentidos.

Quanto à questão da legitimidade da allegação da doutrina da Trindade, passo-a em silencio porque o judicioso leitor já atinou com a resposta.

Só quero fazer uma observação à resposta do cavalheiro protestante — perdão, enganei-me, quero dizer catholico romano — a quem as palavras do autor pareciam incontestaveis ao menos que se negasse a credibilidade de nossos sentidos corporaes. Esta resposta provoca a seguinte resposta do autor: — « Disse-lhe que este era o partido que adoptavam os romanistas, mas que em adoptal-o só manifestavam os apuros em que se achavam. Embora um ou outro dos sentidos se possa enganar em circumstancias particulares, não se segue que todos elles possam equivocar quando prestam auxilio uns aos outros » [Acabamos de vêr o contrario no exemplo das duas garrafas de vinho]. « Supponhamos o caso de uma maçã achar-se a tão grande distancia que não possamos distinguir se é uma maçã ou uma laranja; nós apalpamos e cheiramos então, em seguida a provamos, e em resultado todos os nossos sentidos testificam que é maçã e não laranja e temos assim a prova mais forte que pôde apresentar-se ao nosso animo » [Nego-o; a prova, o exemplo das duas garrafas com vinho]. « Assim tambem, se sujeitar-mos o pão e o vinho consagrados ao exame de nossos sentidos, todos estes nos levarão à conclusão de que nada mais são do que pão e vinho, e assim teremos a prova mais forte que Deus nos pôde dar, e nós somos capazes de receber, de que não ha verdade na transubstanciação e que o pão e o vinho, depois de consagrados, são real e substancialmente o mesmo pão e vinho que antes eram ».

Respondo: negando, que a transubstanciação possa cabir debaixo da percepção de nossos sentidos, como já provei, digo, que é absolutamente falso, que os catholicos de todo negam a credibilidade de nossos sentidos corporaes; muito embora, reconhecem-na. A prova mais peremptoria d'isto dá um padre que depois da consagração do vinho, bebendo o conteúdo do calix, descobre, que o liquido nelle contido, não é vinho mas *agua ou vinagre*; elle, CONFIADO NO TESTEMUNHO DE SEUS SENTIDOS, manda logo vir *vinho* e consagra-o para confeccionar o SS. Sacramento. Mas, embora os catholicos admittam o testemunho de seus sentidos, que constata a presença dos accidentes de pão e de vinho, admittem tambem o *testemunho da sua fé*, que lhes ensina, que *sob os accidentes* que percebem com seus

sentidos, *não ha mais substancia de pão e de vinho*, mas o verdadeiro Corpo e Sangue do Senhor: e d'este modo o testemunho de seus sentidos é para elles o motivo para CRÊREM na presença real de Jesus Christo, *no PÃO E VINHO CONSAGRADOS QUE PERCEBEM COM SEUS SENTIDOS*: pois se seus sentidos (como no caso do padre que se engana consagrando agua ou vinagre, em lugar de vinho), não constatassem a *realidade* dos *accidentes* de pão e de vinho, não acreditariam na *presença real* de Jesus Christo sob estes accidentes. O autor, portanto, não adiantou nada com seu exemplo da maçã e da laranja, e não provou que os catholicos negam a credibilidade dos sentidos, e ainda menos que a transubstanciação está ao alcance de nossos sentidos.

Mas, o apego que tem ao argumento dos sentidos, do qual, embora immerecidamente, reivindica para si a paternidade, chamando-o com emphase *meu* argumento, leva-o a fazer ainda tres considerações a respeito d'este argumento, pelo qual espera impressionar esses catholicos, que acham certa difficuldade em submeter-se á prova dos sentidos corporaes. Eil-as:

« *Em primeiro lugar*, o proprio Nosso Senhor appella para « nossos sentidos como para um tribunal ultimo e infallivel, « cuja sentença não admite appellação, e isto quanto ás verdades mais importantes » — Em seguida cita Luc. XXIV: 38-39; João, XX: 27, onde Jesus dá a apalparem a seus Apostolos suas mãos, seus pés, e a chaga do lado para provar-lhes sua gloriosa Resurreição, e accrescenta: « Nestes exemplos « Jesus appellou directamente para os sentidos corporaes, dando-nos assim a entender, que estes nos subministram a prova mais certa da verdade. Dizemos a mais certa e nisto « temos razão, porque se o testemunho dos sentidos não fosse « certo e infallivel teria sido impossivel demonstrar o facto « da Resurreição de Jesus, ou attestarem um só dos muitos « actos da sua vida ».

Respondo: A Resurreição de Jesus Christo era um *facto*, que se podia vêr, e por conseguinte *provar pelo testemunho dos sentidos* e eis a *razão* porque Jesus appellou para o testemunho dos sentidos. Mas isto não é applicavel ao *dogma da presença real de Nosso Senhor Jesus Christo no SS. Sacramento*: aqui os sentidos só podem testemunhar a presença das *apparencias* de pão e de vinho, as quaes caem debaixo da sua percepção mas não a *presença de Jesus Christo*, que está fora de seu alcance de modo que não pôde sujeitar-se a ser por elles examinada e provada. Além d'isso, é falso, absolutamente falso, que o testemunho de nossos sentidos é o tribunal ultimo e infallivel cuja sentença não admite appellação, e que nos subministra a prova mais certa da verdade. Pois as *verdades puramente philosophicas e os mysterios da fé* estão inteiramente

fora de seu alcance: e mesmo nas sciencias experimentaes o testemunho dos sentidos não nos dá sempre uma certeza infallivel, nem sempre é o ultimo tribunal cuja sentença não admite appellação. Pois quantas vezes não nos enganamos apoiando-nos no testemunho dos sentidos? A experiencia dos juizes que se enganam na culpabilidade dos réos, dos medicos que se enganam na diagnose da doença, dos consummadores de vinho que bebem vinho falsificado por vinho genuino, etc. etc., comprova-o todos os dias.

Continúa o autor: « *Em segundo lugar*, é preciso ter presente que não só na Resurreição de Jesus Deus tem querido do appellar para os nossos sentidos, mas tambem em todas as outras coisas. Que são os milagres com que Deus accreditou a missão de seus prophetas e apostolos senão appellações para nossos sentidos? Que mais é a mensagem do Evangelho, ora escripta, ora prégada, do que uma appellação para os nossos olhos com que lêmos e para os nossos ouvidos com que ouvimos? Quando Deus manifestou o seu odio contra o peccado destruindo o antigo mundo por um diluvio e proclamando depois a sua lei no meio dos trovões e relampagos do Sinai, e tambem quando manifestou o seu amor enviando os seus prophetas para nos ensinar, e entregando seu Filho para morrer por nós, sempre appellou para os nossos sentidos ».

« Consequentemente, temos a autoridade de Deus mesma, para fazer que nossos sentidos corporaes sejam o grande e ultimo tribunal de appellação ».

Respondo a esta segunda consideração, que já provei agora mesmo que nossos sentidos de todo não são o grande e ultimo tribunal de appellação, e por conseguinte que Deus não fez de nossos sentidos corporaes o grande e ultimo tribunal de appellação; e acrescento, que se Jesus appellava para o testemunho de nossos sentidos não o fazia como se pelos sentidos pudessemos *perceber e provar* todas as verdades que elle prégava, mas para dar *motivos de credibilidade á nossa fé*, isto é, para nos dar nelles motivos capazes de nos *fazer acceitar todas as verdades* que elle prégava, *por mais mysteriosas e incomprehensíveis que fossem, por mais que excedessem o alcance de nossos sentidos*. Assim, por exemplo, *os milagres de Jesus* são por nós um *motivo de credibilidade* no mysterio *incomprehensível* da SS. Trindade. E por isso, a observação do autor não depõe contra o dogma da transubstanciação.

« *Em terceiro lugar*, continúa elle, é um ponto reconhecido por todos os escriptores, que tratam da natureza dos conhecimentos humanos, e claramente estabelecido por Locke em seu « Ensaio sobre a intelligencia humana », que todos os conhecimentos que possuímos foram adquiridos por meio dos

« sentidos corporaes. Tão universal é este principio que se sabemos alguma coisa é sómente porque a temos ouvido, visto, lido, sentido, cheirado ou provado » [vamos contestar tudo quanto diz o autor]. « Tão certo é isto que os me-mos advogados da Igreja Romana appellam tambem para os nossos sentidos, pois que, por mais dispostos que se acham a negar seu testemunho nesta questão da transubstanciação, não têm comtudo, outra prova para allegar em defeza d'este dogma senão a mesma appellação para os nossos sentidos, quando nos designam nas Escripturas as palavras: Este é o meu Corpo, este é o meu Sangue; pois que isto nada mais é do que appellar para o sentido da vista. Mas se o sentido da vista anda tão enganado como elles dizem, que quando examinamos o pão só vemos pão, quando este é realmente Christo, pôde tambem andar enganado pelo mesmo modo, quando examinamos aquellas palavras da Escriptura, vendo nós uma coisa, quando as palavras são inteiramente diferentes do que parecem. E se o sentido da vista é competente para determinar sem duvida alguma se estas palavras se acham ou não nas Escripturas, segue-se que tambem é igualmente competente para determinar sem duvida alguma se o pão consagrado é realmente pão ou realmente Christo ».

A isto respondo: 1.^o que não ha motivo para apregoar Locke, como o inventor do principio invocado pelo autor. Pois este principio já era conhecido e estabelecido pelos antigos philosophos pagãos nomeadamente por Aristoteles, philosopho grego, e admittido universalmente pelos escolasticos da idade média.

2.^o, que não é verdade o que diz o autor, que quando sabemos alguma coisa *sómente o sabemos pelos sentidos*. Pois se nossos sentidos observam as cousas, *as noções* que tiramos da nossa observação é *exclusivamente obra da nossa intelligencia*, que pelas abstracções que faz das cousas observadas pelos sentidos, chega ás noções das cousas.

3.^o que os catholicos não negam o testemunho dos sentidos na questão da transsubstanciação; pois admittem que seus sentidos percebem *as apparencias* de pão e de vinho; unica coisa que está no alcance de nossos sentidos, e razão porque o padre quando percebe que consagrou agua, vinagre ou outro liquido que não seja vinho, *apoiado no testemunho de seus sentidos, julga que não houve transubstanciação*, e manda buscar vinho para consagrar.

4.^o, que appellando para as palavras, « Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue », não appellamos só para o sentido da vista, pois a estas palavras percebidas pelo sentido da vista *junta-se á fé na veracidade de Jesus Christo* e ESTA FÉ FAZ PROPRAMENTE QUE CREAMOS NESTAS PALAVRAS.

5.º que assim como o sentido da vista não anda enganado no exame do pão consagrado nem anda enganado no exame das palavras da Escriptura Sagrada, pois como já provamos, as palavras: « Isto é o meu Corpo, este é o meu Sangue », devem ser entendidas *no sentido litteral e real* e não no sentido figurado.

6.º, que é um disparate dizer que, se o sentido da vista é competente para determinar, sem duvida alguma, se estas palavras se acham ou não nas Escripturas, segue-se que também é igualmente competente para determinar, sem duvida alguma, se o pão consagrado é realmente pão ou realmente Christo. Pois não ha igualdade entre os dois termos da comparação, visto como a presença real de Jesus Christo *está fora* do alcance dos sentidos, o exame das Escripturas *não*.

Portanto, quando diz o autor: « Este argumento, tirado « dos sentidos corporaes é tão concludente que basta por si só « para satisfazer e convencer a todas as pessoas que buscam « sinceramente a verdade », já sabemos a que categoria pertenceram essas pessoas tão facéis de convencer-se, á classe do cavalheiro catholico romano, membro do Parlamento, isto é, á classe dos bobos, dos parvos de espirito que se deixam enganar por sophismas capciosos.

E agora o autor, para dar o golpe de graça á doutrina Catholica a respeito da presença real de Jesus Christo no SS. Sacramento, vai atacar o que elle chama um novo systema de philosophia inventado pelos catholicos em favor da sua doutrina. Ouçamol-o com attenção pois nunca achei tantas asneiras juntas. « Segundo este novo systema, escreve elle, todas « as qualidades sensiveis do pão e do vinho consagrados recebem o nome de accidentes, e deixam de ser realidades » [ora essa!!!] « de modo que o tamanho, a côr, o peso, a forma « e todas as outras qualidades e propriedades das coisas podem existir sem que sejam de coisa alguma. Estas propriedades não são mais do que phantasmas, apparencias plausiveis, [pura invenção do sabio autor] que enganam a vista « e illudem os outros sentidos, de tal sorte que os objectos não « são o que parecem ser. E' este o systema que os doutores « Romanos inventaram para si. [que inventou o ministro Evangelico para attribuil-o falsamente aos catholicos] Segundo esta « philosophia », [a que disparates leva a falta de bom estudo philosophico ao autor] « um objecto é e não é redondo, é e não « é quadrado, é e não é largo, é branco e não é branco, o « branco póde ser negro e o negro branco, embora não devamos julgar que é branco porque pareça branco, ou que é « negro porque pareça negro, pois que a côr, não é mais do « que um accidente ou apparencia e alguma coisa de diferente côr se acha revestida deste accidente ou apparencia.

« Não devemos dizer que a neve é branca, ou que a herba é verde, ou que o céu é azul, porque estas côres não são si-
 « não accidentes ou apparencias distinctas da realidade — e
 « tão distinctas que pode ser que a neve seja realmente negra,
 « embora pareça branca, a herba carmezim, embora pareça
 « verde e o céu encarnado embora pareça azul. »

Respondo: que a distincção entre *os accidentes* e a *substancia* d'uma cousa não é um *novo systema* de philosophia excogitando *pelos doutores catholicos* EMBARAÇADOS *para contestar o fumoso argumento tirado dos sentidos* (o meu, diz o autor, com predilecção e emphase, embora Bayle já se servisse d'elle, faz seculo e meio), mas A UNICA PHILOSOPHIA VERDADEIRA E Sã, que se baseia na intima essencia das cousas, e já é TÃO VELHA, QUE FOI PUBLICAMENTE ENSINADA PELO MAIOR DOS PHILOSOPHOS PAGÃOS, PELO GRANDE ARISTOTELES, 350 ANNOS ANTES DO NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. Porém, o que *Aristoteles não ensinou, nem tão pouco os doutores catholicos* é esta asserção falsa, que estes accidentes, por mais distinctos que sejam da essencia d'uma cousa, *não são REALIDADES* mas só PHANTASMAS. Esta loucura só pôde entrar na cabeça d'uma pessoa para quem toda a philosophia é *um phantasma* e *não uma realidade*: explico-me, quero dizer, só na cabeça de quem não estudou philosophia e não obstante quer passar por philosopho; na cabeça de quem ouviu cantar o gallo mas não sabe donde. Mas não podia entrar na cabeça de Aristoteles, dos philosophos catholicos ou de qualquer homem ajuizado. Para estes a asserção do autor não passa de disparate, de bobagem. Dizer com o autor que segundo o systema dos doutores catholicos a luz, o calor, a côr, a dureza, a molleza, o gosto, o cheiro, etc., etc., não passam de phantasmas de imaginações é *uma mentira vollairiana*, que só pôde proceder ou da ignorancia mais crassa, ou de odio fanatico, ou *de especulação na simplicidade dos leitores*. Mas, se os accidentes d'uma cousa, isto é, a sua côr, seu sabor, seu tamanho, etc., são verdadeiras realidades, por isso ainda não são uma e *a mesma cousa com a substancia, não se identificam com ella*. O pagão Aristoteles o comprehendêra muito bem, como se prova com estes exemplos: A substancia do homem, que consta d'um corpo material e d'uma alma immaterial, encontra-se em todos os homens disseminados pelo globo, qualquer aliás for a differença que houver entre elles no tamanho, na côr, nos costumes, etc. Imaginemos por exemplo que o autor das *Noites com os Romanistas* é homem magro, esbelto, phlegmatico e o seu traductor gordo, baixinho, irascivel, poderá então esta differença de qualidades, que nelles se observa, legitimar a conclusão: logo nenhum delles ou sómente um só delles é homem; ou não será necessario concluir que, embora possuam differen-

tes qualidades, ambos são homens, visto como as qualidades de homem são distinctas da substancia de homem? Outro exemplo: As lampadas electricas de Edison consistem n'uma ampola de vidro em que se faz o vacuo e em que ha um filamento de carvão. Pela corrente electrica produzem-se neste filamento, vibrações que aquecem-n'o até a temperatura rubro-branca e o fazem projectar uma luz branca de grande poder illuminante. Interrompendo a corrente a excandescencia e a luz cessam. Agora pergunto eu, por ventura muda-se a substancia do carvão conforme existe ou não existe a excandescencia, conforme o filamento dá ou não dá luz? Absolutamente não, a substancia fica, porém quando vai luzir se lhe ajunta um accidente causado pelas vibrações, e este accidente cessa quando a corrente electrica é interrompida, os accidentes de luz e calor existem como *verdadeiras realidades juntamente com a substancia de carvão*; e embora este filamento possa ser rubro-branco de excandescencia ou preto, de certo não o poderá ser *simultanea* mas só *successivamente*. E' isto o que ensinam esses philosophos. A substancia portanto é distincta dos accidentes. Por conseguinte quando diz o autor, que um objecto póde ser redondo e não redondo ao mesmo tempo, branco e preto e mais outros disparates, que se leem nas *Noites com os Romanistas*, pag. 338, deixamol-os por sua conta.

Mas respondamos á sua ultima objecção: « E' evidente-
« mente impossivel expôr claramente, dentro dos limites deste
« artigo, a falsidade e o absurdo de um tal systema de phi-
« losophia » [concedo — mas de quem é este systema? é o
dos catholicos? Vimos que não. De quem é pois? D'uma
pessoa que não entende nada de philosophia — do *illustrado*
autor das *Noites com os Romanistas*/; « ocorre-me porém per-
« guntar: Se todos estes accidentes do pão consagrado não
« são senão phantasmas e apparencias immaginarias » [erro
philosophico do autor] « como é que o pão consagrado depois
« de guardado algum tempo, começa a apodrecer, e enche-se
« de bichos, a ser roído por elles do mesmo modo, que as coisas
« que são substanciaes e verdadeiras. E' evidente que phan-
« tasmias e sombras não podem produzir e alimentar vermes,
« e no entanto é facto que o pão consagrado se corrompe
« quando é guardado por algum tempo: assim, perguntamos,
« quando isto acontece, que succede com Jesus Christo, que,
« segundo se pretende, é a verdadeira substancia que se acha
« debaixo destas accidecias? Será possivel que elle apodreça?
« será possivel que elle se corrompa, em contradicção com a
« palavra « Tu não permittirás que teu santo experimente cor-
« rupção? » Será possivel que elle produza vermes? Será
« possivel que os vermes consumam verdadeiramente ao nosso
« Salvador e Deus? E quando todos os accidentes ou appa-

« rencias se desvanecem, desvanecer-se-ha elle tambem? Dizem
 « nos que assim que começa a corrupção, assim que appare-
 « cem os vermes, Christo sae, e o pão que tinha sido anniqui-
 « iado antes torna de novo a ser pão ou que Jesus Christo torna
 « a transsubstanciar-se pão.» [quem diz isto! De certo não os
 catholicos — a não ser catholicos da laia do membro do Par-
 lamento Inglez, o interlocutor do autor] « Aqui, pois, ha uma
 « dupia transsubstanciação. Na primeira o pão transsubstancia-
 « se em Jesus Christo *pela consagração do sacerdote*; na se-
 « gunda Jesus transsubstancia-se em pão *pela corrupção dos*
 « *accidentes e apparição dos vermes!* »

A isto respondo que o autor nem precisava de declarar
 que tanto para elle como para qualquer outro é impossivel
 expôr clara e brevemente a falsidade e o absurdo do systema
 de philosophia *inventado não pelos catholicos* OS QUAES SÃO POR
 DEMAIS LOGICOS PARA CAHIR EM TAES DISPARATES, *mas pelo pro-*
prio autor. A sua difficuldade que nas especies consagradas
 não poderia entrar corrupção, de novo se baseia na falsa as-
 serção que os accidentes são phantasmas, apparencias imagi-
 narias e não realidade. De certo a corrupção não pôde ser
 originada por phantasmas e ainda muito menos pelo Corpo
 glorioso de Jesus Christo. E o que elle em seguida dá como
doutrina catholica: que no momento em que as especies se
 corrompem, o pão volta ou que Jesus de novo se transsubstan-
 cia em pão, é mais uma falsificação da doutrina catholica. Em
 abono appello para S. Thomaz d'Aquino, o maior dos philoso-
 phos christãos, que explica esse facto em seu «Summa Theol.
 III. quest.: 77 ad 4 e 5», de modo muito philosophico. Porém
 as provas de philosophia dadas pelo autor das *Noites com os*
Romanistas me fazem desesperar que elle chegue a compre-
 hender o pensamento d'aquelle grande e santo philosopho.

Mas ainda uma observação antes de deixar este assumpto:
 Se a substancia d'uma cousa é realmente distincta de seus ac-
 cidentes, e se estes accidentes são, como vimos, verdadeiras
 realidades, será então contraria á razão ou implicará contra-
 dicção que Deus por sua Omnipotencia *concirta a substancia e*
deixe persistir os accidentes!

E se a resposta é, como deve ser, negativa, pergunto ou-
 tra vez, não é *uma elevação orgulhosa* do espirito humano aci-
 ma da omnipotencia divina, quando o homem (no caso o autor),
 violenta as claras palavras de Jesus Christo «isto é o meu
 Corpo, este é o meu Sangue», só para *não ser obrigado a ad-*
mittir aquillo que a razão humana deve reconhecer como pos-
 sivel á Omnipotencia Divina, e isto ao mesmo tempo que elle
 finge a cada instante o maior respeito para com Deus, cujo
 Filho, em tudo igual a elle é Nesso Senhor Jesus Christo?

NOTA — Depois de ter refutado por extenso o segundo

capítulo que escreveu o autor sobre a transsubstanciação, eu devia propriamente refutar do mesmo modo o seu terceiro capítulo sobre o mesmo assumpto. Porém, as zombarias blasphemáticas e os escarneos diabolicos que elle se permite nelle a respeito do mais augusto dos Sacramentos da Nova Lei me revoltam a tal ponto, que sinto nojo e tambem escrupulo de transcrever suas palavras, embora seja com o fim de as refutar. Direi, portanto, com termos geraes do que elle trata e darei uma resposta geral e peremptoria.

Refere o autor o que prescreve o Missal Catholico Romano nas suas rubricas «de defectibus» ao padre: «se a hostia « consagrada desaparecer por accidente ou por causa do vento « ou por milagre ou por tel-a comido algum animal; — se uma « aranha, ou uma mosca ou uma outra coisa qualquer cair no « calix quer antes quer depois da consagração — se no inver- « no o sangue se congelar no calix — se por descuido alguma « parte do sangue de Christo cahir na terra ou sobre o tampo « do altar — se o sacerdote vomitar a SS. Eucharistia e as es- « pecies ainda apparecerem inteiras; — e cada uma d'estas « prescripções da Igreja lhe dá *ampla occasião de patentear seu « odio de seitario fanatico e* RIDICULARISAR DO MODO MAIS INJU- « RIOSO PARA OS CATHOLICOS E MAIS ULTRAJANTE PARA JESUS « CHRISTO o SS. SACRAMENTO DA EUCHARISTIA.

Respondo a tudo isto 1.º, que os *antigos pagãos e judeos* já negavam *com a mesma especie de argumentos* o mysterio da Incarnação de Jesus Christo, *na qual o autor diz crér*. Que companhia honrosa para o autor! Elles tambem ridicularisavam este dogma como se tivesse sido indigno a Deus ser gestado no utero d'uma mulher, reclinado n'um presepio, padecer fome e sede, ser flagellado, coroado de espinhos, crucificado e morto. D'ahi as palavras do Apostolo S. Paulo, I Cor. I 23: « Nós pre- « gamos a Christo crucificado que é na verdade, para os ju- « deos *escandalo*, para os gentios *loucura* ». Mas logo depois continúa, v. 24, 25: « Mas para os que têm sido chamados, ou « judeos, ou gregos, *virtude de Deus, sabedoria de Deus*, por- « quanto o que parece em Deus uma loucura, é mais sabio que « os homens e o que parece em Deus uma fraqueza é mais « forte que os homens ».

E com effeito: assim como estes argumentos dos pagãos e dos judeos não provam nada contra a verdade da Incarnação do Verbo de Deus, do mesmo modo todos os argumentos dos pretensos absurdos, de que se valem o autor e os protestantes desde a Reforma, não provam nada contra a verdade da presença real de Jesus Christo no SS. Sacramento do altar. Pois assim como na Incarnação a *propria Divindade* não foi gestada no utero, não nasceu, não soffreu fome ou sede, não foi flagellada, coroada de espinhos, crucificada e morta, mas a *humani-*

dade: assim também o *Corpo glorioso e impassível de Jesus presente na SS. Eucharistia d'um modo indicissível* não cae no chão, não é levado pelo vento, não é comido por algum animal, não congela, não é vomitado pelo sacerdote, mas sómente as *especies de pão e de vinho*, as quaes emquanto perduram o contêm.

2.º, que se Jesus Christo permite que o SS. Sacramento caia no chão, seja levado pelo vento, vomitado pelo sacerdote, etc., não podemos tirar d'isto uma arma para combater e ridicularisar o *dogma da presença real*, que se provou do modo mais decisivo, mas antes um motivo para mais admirar o infinito amor de Jesus, que aqui como na Sagrada Paixão não olha tanto para as conveniências de sua Dignidade como para a satisfação de seu amor para com os homens.

3.º, que se a Igreja manda lavar e queimar a aranha, a mosca que cahiram no calix, lavar e raspar o chão no qual cahiu uma gotta do vinho consagrado, tomar reverentemente as especies que apparecem inteiras no vomitado, ou deixal-as corromper num lugar decente — *estas prescripções ecclesiasticas, não podem ser ridiculisadas senão por pessoas que só se deixam levar por espirito de partido e odio fanatico*. Protestantes sinceros que se prezam, embora não admittam a doutrina catholica a respeito do SS. Sacramento, reconhecem que, admittida esta doutrina, estas prescripções ecclesiasticas são as suas consequências necessarias.

Outro absurdo em que cahiu o autor neste capitulo é sua asserção que « tendo Jesus Christo na Ultima Ceia celebrado a primeira Missa, elle necessariamente deve ter se comido e tragado a si mesmo, porque segundo a doutrina catholica é essencial ao sacrificio da Missa que o celebrante participe dos elementos em ambas as especies ».

Pois respondo que a Igreja nunca DEFINIU em que consiste a essencia do SS. Sacrificio da Missa. E' apenas uma questão theologica, uma controversia entre os doutores, que a Igreja com sua infallivel autoridade ainda não definiu. Ao passo que alguns doutores sustentam que a essencia da Missa consiste na *Consagração e na Communhão*, a maior parte ensina que consiste só na *Consagração*. Por consequente, não segue da doutrina Catholica que Jesus na Ultima Ceia deva ter commungado, ou, como diz o autor, comido a si mesmo, tragado a si mesmo; e, portanto, não ha lugar para a pergunta do autor: « Agora apello para que o senhor me diga, se uma igreja que ensina uma coisa tão monstruosa não cobre a religião do maior vício tuperio, e não a expõe aos dictérios do mundo incredulo. Basta isto para homens bons perguntarem a si mesmos se devem chorar com tristeza ou rogar a Deus pela aniquilação de tal igreja ».

Tambem o procedimento do catholico que quando se achava em embarços entrincheirava-se na seguinte defeza: « A Igreja o crê, e por isso o creio tambem », não tem a approvação do sr. ministro evangelico, e não obstante, é o melhor argumento dos catholicos e *o unico que os simples e illustrados devem usar*, na presença de protestantes, methodistas, e « tutti quanti ».

A razão é clara. Só a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, é a verdadeira Igreja de Jesus Christo. — Ora a verdadeira Igreja de Jesus Christo é infallivel. — Logo, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana é infallivel, isto é, não pôde errar na fé, e por isso, por mais graves que *pareçam* às vezes as objecções da heresia, *não podem* ter a força de derribar a Doutrina Catholica que é *infallivel*.

Ainda umas palavras sobre esses *protestantes* (catholicos não o fariam) que visitaram o Collegio de Maynvot e alli deixaram postos nos corredores, nos peitoris das janellas, sobre as camas e entre os livros dos estudantes, alguns impressos, extractos do missal, que se referiam ao que o padre devia fazer quando a hostia fosse comido por um rato, ou levado pelo vento, ou vomitado pelo padre, e continham perguntas do teor seguinte: se era crível que Deus não se pudesse livrar do rato, do vento, da molestia do commungante — razão, diz o autor, porque alguns estudantes foram expulsos ao depois do collegio por causa da heresia. —

Fôra bom que esses protestantes lessem e meditassem seriamente Mattheus XIII. 24-31; veriam então como Jesus lhes chama e que sorte está á espera d'elles na eternidade.

Emfim, uns textos para fazer contrapeso às caçoadas, zombarias e ridiculisações do autor.

« *Muito riso pouco siso* »; dictado popular muito applicavel ao autor, que mette a ridiculo *não a doutrina catholica*, a qual de todo não conhece, mas *suas proprias imaginações* que procura fazer passar por doutrina catholica.

« *Os tolos desprezam tanto a sabedoria como a doutrina* » (Prov. I: 7).

« *O tolo quasi que rindo commette o crime* » (Prov. X: 23)

« *Ai de vós os que agora rides porque gemereis e chorareis* » (Luc. VI: 25).

« *E eu me rirei na vossa queda* » (Prov. I: 26).





CAPITULO XVIII

A MEIA-COMMUNHÃO

Este capitulo é o ultimo na série dos em que o autor trata do S.S. Sacramento da Eucharistia. Para servir-lhe de introdução o autor, com a modestia que já lhe conhecemos, se põe como o *grande Apostolo protestante entre os catholicos*.

Durante um periodo de muitos mezes, escreve, não se passou um só dia sem que muitos delles viessem pedir-me que lhes resolvesse as difficuldades que se lhes apresentavam; e o resultado foi que cento e dez individuos se separaram da Igreja Romana e se uniram á igreja anglicana. Mas ó inconstancia das cousas humanas! Este estado feliz não durou muito. Certo dia um destes convertidos foi morto, naturalmente o autor, sem o dizer, subentende por catholicos. Alguns outros successos semelhantes espalharam o susto por toda a circumvisinhança e o terror apoderando-se de todos, cessaram as conversões e a população começou a emigrar. Os convertidos foram os primeiros a partir e muitos outros os seguiram, buscando em terra estranha a liberdade religiosa que lhes negava o seu paiz natal.

Depois desta introdução pathetica, bem capaz de ganhar-lhe a sympathia benevola de seus leitores, o autor vai tratar de seu assumpto, que elle chama a Meia-Communhão. Onde este nome? Da pratica da Igreja Catholica de dispensar a Sagrada Communhão aos fiéis sómente *sob a especie do pão consagrado*. Esta communhão devia se dar, segundo o autor, *tambem sob a especie do vinho consagrado*, assim como Jesus na Ultima Ceia a deu aos seus Apostolos. Esta pratica, segundo o autor, privou aos Catholicos da *melade* da Communhão, e dahi o nome de *Meia-Communhão*.

Vejamos pois: 1.º o bom direito da Igreja Catholica, Apostolica, Romana em dar a Sagrada Communhão aos fiéis sómente sob a especie do pão consagrado, — para 2.º refutar-mos as objecções do autor.

ARTIGO I

Doutrina Catholica a respeito da Sagrada Comunhão sob as especies de pão e de vinho.

Para os fins do seculo XIV Pedro de Dresden, mestre de escola em Praga, na Bohemia, auxiliado por Jacobel de Mysa, procurou introduzir de novo na Igreja o uso antiquado de se commungar não sómente sob a especie de pão senão também sob a *de vinho*, pretextando que isto era absolutamente necessario. Este erro foi adoptado por João Huss, e dahi a seita dos hussitas, que logo depois se dividiram em duas fracções; a dos thaboristas, nome derivado da cidade Thabor que, o tyranno Zisca edificou n'um monte, e a dos calixistas, denominados assim, porque faziam uso do calix.

Surgindo o Lutheranismo, Carlstadt, defendeu o mesmo erro. Porém, o proprio Luthero vacillava em sua fé. No principio chamava o uso do calix (isto é a Sagrada Comunhão sob a especie do vinho) uma cousa *indifferente*. «Se fôrdes, assim escreveu (tom. II, p. 106), a um lugar onde a Eucharistia é administrada sob *uma* especie, contentai-vos com *uma* especie, e não vos opponhais á maioria dos christãos. Depois ensinava que não pertencia *aos Bispos* pronunciarem-se a respeito do uso do calix mas a *um Concilio geral*. Mais tarde reformou também esta opinião e sustentava (tom. III, p. 274) «que se um concilio geral nos ordenasse de commungar debaixo de *ambas* as especies, por *desprezo* ao concilio, nós a receberiamos sob *uma* especie. Emfim em seu livro da Visitação Saxônica, *condemna abertamente* a Sagrada Comunhão sob *uma especie* como contraria á instituição de Jesus Christo.

O mesmo fez Calvino, que (Instit. I. IV, cap. XVII, § 7) escreve «Da mesma officina (isto é da de Satanaz) sahiu esta outra constituição que furtou ou roubou á maior parte do povo de Deus a metade da Ceia, a saber: o symbolo do Sangue, que fica prohibido aos leigos e profanos e permittido aos coroados e ungidos. E' mandamento de Deus Eterno que todos bebam.»

Contra todos esses hereges o Concilio Tridentino estabeleceu os dois seguintes canones:

«Se alguém disser, que por preceito divino ou por necessidade de salvação todos e quaesquer fiéis devem tomar as duas especies do SS. Sacramento da Eucharistia; seja anathema» (sess. XXII, cap. I, can. I).

«Se alguém disser, que a Santa Igreja Catholica não foi levada por causas e razões justas a dar a communhão aos leigos e aos clérigos, que não celebram o SS. Sacrificio da

« Missa, sómente sob a especie de pão; ou nisto errou; seja « anathema » (Sess. XXII, cap. I, can. II).

Segue-se disto, que é dogma de fé: 1.^o que a Sagrada Communhão *sob as duas especies* e de pão, e de vinho não é necessaria a todos nem por preceito divino nem por necessidade da salvação — e 2.^o que a Igreja Catholica não errou prohibindo no Concilio Tridentino o uso do Calix aos simples fiéis, e aos clerigos quando não celebram Missa, mas foi levada nesta prohibição por justos motivos.

Provemos estas duas verdades:

I. QUE PARA OS LEIGOS E CLERIGOS, QUE NÃO CELEBRAM A MISSA, NÃO HAJA OBRIGAÇÃO ALGUMA, NEM POR RECEITO DIVINO NEM POR NECESSIDADE DE SALVAÇÃO, DE COMMUNGAREM SOB AS DUAS ESPECIES DE PÃO E DE VINHO, É FORA DE DUVIDA, PORQUE TAL OBRIGAÇÃO NÃO SE PROVA NEM PELO FACTO DA INSTITUIÇÃO DO SACRAMENTO DA EUCHARISTIA, NEM PELAS PALAVRAS DA BIBLIA, NEM PELA ANTIGA PRAXE DA IGREJA, NEM PELOS TESTEMUNHOS DOS SS. PADRES, NEM PELA NATUREZA DA SAGRADA COMMUNHÃO.

Digo, 1.^o, NÃO PELO FACTO DA INSTITUIÇÃO DO SS. SACRAMENTO DA EUCHARISTIA. Pois Jesus não mandou que *todos os fiéis* da sua Igreja *fizessem tudo* o que *elle fez* na Ultima Ceia, quando instituiu o SS. Sacramento da Eucharistia. Senão deveríamos dizer que *às mulheres* a communhão é prohibida, visto como Jesus commungou só homens; que o numero dos commungantes não póde exceder o *de doze*, pois que os Apostolos a quem Jesus deu a S. Communhão eram em numero *de doze*; que os que commungam devem tambem todos *consagrar*, porque Jesus *consagrou*; que todos antes da communhão devem *primeiro Ceiar*, porque elle ceiou antes de instituir o SS. Sacramento; que todos antes da Communhão *devem deixar-se lavar os pés*, porque *os Apostolos os deixaram lavar por Jesus*; que todos *devem partir o pão, fazer passar de mão em mão o Calix*, porque assim aconteceu na Ultima Ceia., etc., Ora, os proprios protestantes não admittem especulativa, nem observam praticamente todas estas cousas na sua chamada Ceia; o que mais é, dispensam *aos abstemiõs* (que não podem ou não querem beber vinho) do *uso do Calix* como veremos mais por extenso na refutação das objecções do autor. LOGO PELO FACTO DA INSTITUIÇÃO DO SS. SACRAMENTO DA EUCHARISTIA NÃO SE PROVA A OBRIGAÇÃO DE COMMUNGAR SOB AS DUAS ESPECIES.

2.^o MAS NEM PELAS PALAVRAS DA BIBLIA. Pois, embora os protestantes costumem objectar-nos alguns textos que, segundo elles, provam a necessidade da communhão sob ambas as especies tanto por preceito divino como por necessidade de salvação, estes textos, como mostrarei claramente na refutação das

objecções do autor, nada provam. Pelo contrario, a Escriptura Sagrada está tão longe de ensinar a Sagrada Communhão sob as duas especies de pão e de vinho que insinua, ou antes ensina assáz claramente o contrario, como se vê no capitulo VI de S. João: «Pois o mesmo Christo, diz o Concilio Tridentino» (sess. XXII. cap. I), que disse (João VI. 54): «Se não comêrdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu Sangue não tereis a vida em vós». Disse tambem (v. 52): «Se algum comer *d'este pão* viverá eternamente»; e O que disse (v. 55): «Quem comer minha Carne e beber meu Sangue terá a vida eterna», disse tambem (v. 52): «*O pão* que eu darei a minha Carne para a vida do mundo»; e quem disse (v. 57): «Quem comer minha Carne e beber meu Sangue, permanece em mim e eu n'elle», disse tambem (v. 59): — «Quem comer *d'este pão* viverá eternamente».

Por isso, muitos interpretes querem, e com razão, que a particula «e» neste assumpto não deva ser tomada conjunctiva — mas *dijunctivamente*, como em muitos outros logares da Biblia. Assim, por exemplo, S. Pedro (Act. III, 6) disse ao coxo: «Não tenho prata *e* ouro»; isto é, prata *ou* ouro, *nem* prata *nem* ouro. Assim, Exod. XXI se lê, segundo o texto hebraico, «quem bater seu pae *e* sua mãe morrerá de morte», isto é, quem bater seu pae *ou* sua mãe.

Do mesmo modo tambem devem ser entendidas as palavras: «Se não comederes a Carne do Filho do homem *e* não beberdes o seu Sangue», e as outras analogas nos versos 55 e 57. E isto é confirmado pelo Apostolo S. Paulo, que escreve, I Cor. XI 27: «Por isso é que todo aquelle que comer este pão *ou* beber o calix do Senhor indignamente será réo do Corpo *e* do Sangue do Senhor». E a razão é *porque sob cada uma das duas especies Jesus está presente por inteiro*.

E assim como a obrigação da communhão sob as duas especies não se pôde provar pelo facto da instituição do SS. Sacramento da Eucharistia nem pelas palavras da Biblia, nem pôde provar-se 3.^o PELA PRAXE DA ANTIGA IGREJA, pois, embora concedamos gostosamente que até o seculo XII a Sagrada Communhão tem sido administrada frequentemente, ou melhor, *ordinariamente* ao menos nos primeiros seculos, sob as *duas* especies de pão e de vinho, a Igreja *nunca* reprovou como *illicita* a Sagrada Communhão sob *uma* especie e muitas vezes A DISTRIBUIA SOB UMA ESPECIE.

Pois não ha exemplo de que *nos sete primeiros seculos* a Sagrada Communhão tenha sido administrado aos enfermos *sob as duas especies*. Foi só depois do seculo VII que principiaram a dar aos doentes o pão consagrado ensopado no vinho consagrado. Assim por exemplo, refere Euzebio (Hist. l. VI, cap. 44), que, estando para morrer o abbade Serapião, o Bispo de Alexandria, enviou-

lhe por um dos seus sacerdotes a Sagrada Comunhão sob a especie de *pão*, mandando-lhe que a desse ao moribundo, *humedida em agua*. Do mesmo modo conta Paulino, biographo de S. Ambrosio, que S. Honrato Bispo levou a S. Ambrosio o *Corpo* do Senhor, o que feito, o Santo expirou. Também *as crianças* commungavam na antiga Igreja sob *uma* das duas especies. Assim referem Evagirus (Hist. l. IX, cap. 36), Nicephorus (l. XVII, cap. 25), e outros que em muitas Igrejas era costume dar-se aos meninos da escola todas as 4.^a e 6.^a feiras o que sobrava do *pão consagrado* para a publica communhão dos fieis. E quem não sabe que durante todo o tempo que a SS. Eucharistia ainda era administrada às crianças logo depois de seu baptismo, o sacerdote os commungava só sob a especie do *vinho consagrado* molhando seu dedo no vinho consagrado e dando-o para chupar à criança, costume que ainda é observado nas Igrejas Orientaes, e que prova sua antiguidade.

E não sómente os enfermos e as crianças commungavam sob uma especie, também os *fieis* imitavam frequentemente este exemplo nas suas *communhões privadas e publicas*. Pois, é geralmente sabido, que, por exemplo, os anachoretas levavam consigo o SS. Sacramento para o deserto, e os fieis durante o tempo das perseguições, para a casa, afim de poderem commungar quando quizessem. Ora, é certo que não levavam consigo a especie do vinho consagrado mas *só a do pão consagrado*, como attestam os SS. Padres, como por exemplo Tertulliano (de Uxor. l. II, cap. 5). E a razão é clara, pois o vinho podia facilmente perder-se por derramamento ou corromper-se por acedar. Além d'isto, o calix com vinho consagrado nunca lhes era dado nas mãos; podiam receber das mãos dos sacerdotes nas suas mãos o *pão consagrado*, como se prova pelas palavras de Tertuliano, S. Cyprião, S. Ambrosio, S. Agostinho, que attestam que, as mulheres, costumadas a commungar, podiam receber das mãos dos padres o SS. Sacramento n'um panno mundo, o que é sómente applicavel á especie de pão, mas não podiam tocar o calix com vinho consagrado; a participação ao vinho consagrado se fazia pelas mãos dos sacerdotes ou dos diaconos. D'ahi também os repositorios ou pastophorios, isto é, arcas para conservarem o pão consagrado, de ouro ou de prata, na forma d'uma pomba, d'uma torre, ou d'um armario, de que fallam os SS. Padres, e se acham com tanta abundancia nas casas, nas catacumbas e em outros logares onde moravam os antigos christãos e que por sua figura exterior mostram claramente que *só podiam servir* para conservarem o *pão consagrado*. E, que *nem nas communhões publicas* se tomava sempre o SS. Sacramento sob as duas especies, segue-se da Epistola XXII, de S. Jeronymo a Eustochia, onde narra, que houve em Roma algumas virgens que sentiam tanta repugnancia do vinho, que nem commun-

gando tomavam o vinho consagrado, razão porque algumas mulheres dadas ao vinho as desprezavam e xingavam. O mesmo segue-se tambem do testemunho de S. Leão, que em seu 4.º sermão da Quadragesima refere, que os manicheos, para não serem apanhados e poderem ficar em Roma, costumavam chegar-se da Mesa Sagrada com os outros fieis, mas alli só tomavam a especie de *pão consagrado* e não o de vinho consagrado, cousa que de certo não podia ter ficado occulta, *se fosse costume geral de commungar pelas duas especies*, se não fosse facultativo tomar as duas ou uma das duas especies. Com maior clareza ainda isto se comprova pelas Missas dos presantificados, que já desde a antiguidade mais remota a Igreja Latina costuma celebrar na Sexta-Feira da Paixão e a Igreja Oriental ainda com maior frequencia; pois, por toda a Quaresma celebra Missas dos presantificados, menos nos sabbados, nos domingos e na festa da Annuniação.

Por consequente, nem pela praxe da antiga Igreja se prova a obrigação de commungar sob as duas especies.

Será ainda preciso provar, 4.º, que esta obrigação NEM SE PROVA PELO TESTEMUNHO DOS SS. PADRES? Para não me tornar muito extenso, citarei só uns logares, que cada um póde confrontar. S. Justino (Apol. I, n. 67); Tertulliano (Ad. no Cor. l. II, cap. 5); S. Cypriano (de Laps. cap. 26); S. Agostinho (Serm. 222); etc., etc.

Emfim, 5.º, NEM A NATUREZA DO SACRAMENTO exige que seja recebido sob as duas especies de pão e de vinho. Pois, porque Christo todo está presente sob *cada uma* das duas especies, *a essencia* do Sacramento permanece intacta em *cada qual* das duas especies, assim como tambem por *cada qual* das duas especies se *communica a graça*.

Fica pois provado, que não sendo necessario nem por necessidade de meio nem por necessidade de preceito que os leigos e os clérigos, quando não celebram Missa, recebam a sagrada communhão sob as duas especies de pão e de vinho, *compete á Igreja o direito de prohibir-lhes quando ella o julga opportuno o uso d'uma d'estas duas especies*, e que os protestantes, methodistas, etc., por causa d'isto não podem censural-a, ainda menos xingal-a, como se tivesse furtado aos leigos a metade da Ceia.

Provemos agora o segundo dogma estabelecido pelo Concilio Tridentino:

II. QUE A IGREJA NÃO ERROU, PROHIBINDO O USO DO CALIX AOS SIMPLES FIEIS E AOS CLÉRIGOS QUE NÃO CELEBRAM MISSA, MAS QUE NESTA PROHIBIÇÃO FOI LEVADA POR GRAVES E JUSTAS RAZÕES.

«As razões, escreve o autor das *Noites com os Romanistas*, « que apresentaram homens sabios e veneraveis no Concilio

« para justificar a alteração do Sacramento foram muito extravagantes e algumas realmente curiosas. Um dos padres allegou, que havia perigo em derramar o calix, e que o derramamento do Sangue de Deus seria um mal de tão grande importância, que se não devia consentir na restauração do calix. Outro opinou, que muitas pessoas tinham halito fetido, e, que era repugnante aos homens piedosos e desagradavel aos de bom gosto, que taes pessoas contaminassem com seu fetido halito o Sangue de Deus. Outro allegou que, tendo os homens barba, era um sacrilegio insupportavel que o sangue de Deus se espediçasse e fosse profanado molhando as barbas dos homens. E com estas e outras graves e discretas razões, estes reverendos padres deliberaram privar tambem do calix as mulheres que não têm barbas».

Deixando á apreciação do leitor as *espiritualidades ridiculas e sacrilegas* do sério e grave autor, e observando, que os proprios protestantes (cfr. Heg. Schneider § 180, not. b.) abrogaram ás vezes por razões analogas o uso do calix na sua chamada ceia, vou referir as causas que, segundo o Catechismo Romano (II de Euch. cap. XXX), levaram a Igreja a prohibir o uso do calix :

1. Para evitar o *derramamento do vinho* consagrado, que aliás quasi seria inevitavel, na communhão de pessoas muito idosas, tremulas, nervosas, doentes, e muito jovens.

2. Para afastar o *perigo de contagio*, que ameaçava se todos indistinctamente devessem beber do mesmo calix.

3. Para facilitar a Sagrada Communhão, *aos abstemios, e aos que por graves motivos sentiriam repugnancia de participar com outros do mesmo calix.*

4. Para facilitar a Sagrada Communhão *aos doentes*, que aliás muitas vezes não poderiam commungar por causa da difficuldade de conservar para elles a especie de vinho consagrado, ou de lh'as levar.

5. Para prover na *difficuldade de encontrar-se vinho em alguns logares e não onerar com despesas superfluas freguezias muito pobres.*

6. Para promover o uso frequente da Sagrada Communhão, que pelas razões enumeradas sob 2, 3, 4, 5, seria impedida.

7. Para *conservar o costume* de commungar sob uma especie, que já se tornára geral desde o seculo XII.

8. Para chegar á *maior uniformidade* na recepção do SS. Sacramento.

9. Para protestar *contra duas heresias* d'este tempo, isto é: contra a heresia dos que julgavam ser sacrilegio commungar sob uma especie; e dos que julgavam que o Sangue de Jêsus Christo não estava presente sob a especie de pão consagrado.

Ora, haverá quem meditando sem espirito prevenido nestas

razões não as ache muito justas, e despreze as caçoadas insipidas do autor das *Noites com os Romanistas*?

ARTIGO II

Refutação das objecções do autor.

A primeira objecção do autor é formulada do modo seguinte: «Está admittido que devemos seguir ao pé da letra as palavras de *Nosso Senhor*; que devemos imitar tanto quanto pudermos, o exemplo de *Nosso Senhor*; que devemos cuidar especialmente de assim proceder em coisa tão sagrada como é o *sacramento da ceia do Senhor*; logo, deve-se admittir que a pratica da MEIA COMMUNHÃO, na Igreja Romana, está em plena contradicção com as palavras e com o exemplo de *Nosso Senhor*.

«Estas palavras e este exemplo encontram-se nas seguintes passagens: Estando elle, porém, ceiando, tomou Jesus o pão, e benzeu-o, e partiu-o, e deu-o a seus discipulos, e disse: Tomae e comei, isto é o meu Corpo. E, tomando o calix deu graças, e deu-lh'o dizendo: Bebei d'elle todos. Porque este é o meu Sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos para a remissão dos peccados. Matth. XXVI, 26-28; Marc. XVI, 22-24; Luc. XXII, 19-20». E em outro lugar:

«Porque eu recebi do Senhor o que tambem vos ensinei a vós: que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e, dando graças, o partiu e disse: Recebei e comei; isto é o meu Corpo que será entregue por vós; fazei isto em memoria de mim. Por semelhante modo, depois de ter ceiado, tomou tambem o calix, dizendo: Este calix é o Novo Testamento no meu Sangue, fazei isto em memoria de mim todas as vezes que beberdes. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este calix annunciareis a morte do Senhor, até que elle venha. Portanto, todo aquelle que comer este pão ou beber o calix do Senhor, indignamente, será réo do Corpo e do Sangue do Senhor. Examine-se, pois, a si mesmo o homem, e assim coma d'este pão e beba d'este vinho» (I Cor. XI: 23-28).

«Lidas estas quatro passagens distinctas e independentes, ver-se-ha que todas estão de accordo quanto ao facto de que *Nosso Senhor instituiu o sacramento em ambas as especies*: que o administrou *em ambas as especies*, e que os Apostolos o receberam *em ambas as especies*.

«Estão tambem de accordo sobre o facto importante de que o Senhor deu o mesmo preceito tanto a respeito do vinho como a respeito do pão. A unica distincção é que, se-

« gundo S. Matthews, disse particularmente ao dar o calix: —
 « Bebei d'elle todos vós, como se com vistas propheticas pro-
 « visse que em tempo futuro seria negado a muitos o uso do
 « calix, e dêsse este preceito especial para precurar semelhante
 « caso. Do mesmo modo diz particularmente S. Marcos: E be-
 « beram d'elle todos, como para lembrar em todos os secu-
 « los vindouros o facto de que, quando o Senhor Jesus insti-
 « tuiu e administrou este sacramento, todos os que comeram
 « o pão, beberam tambem o vinho. A historia posterior da
 « Igreja tem demonstrado que não eram sem designio estas
 « especificações; porque, na Igreja Romana, nenhum sacerdote
 « pôde dizer aos commungantes: Bebei d'elle todos; nem d'el-
 « les se pôde dizer: E beberam d'elle todos; porque o sacer-
 « dote romano guarda para si só o calix, recusando-o a todos
 « os commungantes quer sejam sacerdotes quer sejam leigos.
 « E assim a sua pratica está em manifesta opposição tanto *as*
 « *palavras* como *ao exemplo* de Jesus Christo.

« Quando o assumpto se apresenta por este modo aos mais
 « razoaveis e sinceros membros da Igreja Romana, principal-
 « mente fazendo-o com suavidade e cortesia, o argumento cau-
 « sa-lhe sempre forte impressão. Os catholicos romanos raras
 « vezes sabem que são terminantes os preceitos que se acham
 « nos Evangelhos; em geral, mui pouco sabem das Sagradas
 « Escripturas e por isso são tomados de improvisos ».

Respondo: 1.^o que deixo esta apreciação da sciencia es-
 cripturistica dos catholicos por conta do autor. Sómente digo,
 que se não conhecem a Escriptura MELHOR do que o ministro
 evangelico, o autor das *Noites com os Romanistas*, de certo sa-
 bem muito mas muito pouca cousa. A prova se acha em cada
 pagina desta refutação. *O autor não acerta com o sentido dos*
textos mais claros da Biblia.

2.^o que eu não quero exaltar-me sobre os meus corredi-
 gionarios e por isso sustentar que pertencço aos *mais razoaveis*
 membros da Igreja Catholica, mas que não quero que alguém
 me exceda na sinceridade da minha fé, e, portanto, declaro bem
 alto: que o argumento do autor *não me fez nenhuma impressão,*
nem accordou em meu espirito um vislumbre de duvida a respeito
da doutrina da minha Igreja. Muito pelo contrario; fiquei pas-
 mado do atrevimento do autor, que, depois de ter tirado a
 communhão TODA, NEGANDO A PRESENÇA REAL DE NOSSO SENHOR
 JESUS CHRISTO, SOB AS ESPECIES DE PÃO E DE VINHO consagra-
 dos, tem ainda a impudencia de exprobrar à Igreja Catholica,
 Apostolica, Romana, de ter tirado *a metade* da communhão, dis-
 tribuindo-a sómente sob a especie de pão.

3.^o que a pratica da Igreja Catholica, Apostolica, Romana,
concorda plenamente com o exemplo e as palavras de Jesus Christo
na Ultima Ceia. A razão é, porque, o que fez e o que disse

Jesus na Ultima Ceia não tinha por fim *regular o modo da communhão* dos simples fieis ou dos padres quando não celebram a Missa, senão *REGULAR O MODO DE OFFERECER A DEUS O SS. SACRIFICIO DA MISSA*, e por conseguinte *não contém preceito algum a respeito da Sagrada Communhão, embora o SS. Sacramento da Eucharistia, então seja instituido*. Da Sagrada Communhão Jesus fallára directamente no Capitulo VI de S. João, mandando-a aos fieis como necessaria para a salvação, *sem dar-lhes o preceito de commungarem sob as duas especies*, como provei no artigo anterior. Aqui, porém, Jesus falla do *SS. Sacrificio da Missa*: dirigindo-se somente aos Apostolos e impondo-lhes pelas palavras: «fazei isto em memoria de mim», a obrigação de *consagrarem o pão e o vinho e depois os consumir*.

4.^o que as palavras: «Bebei d'elle todos», portanto, não foram dirigidas a *todos os fieis* MAS SÓMENTE AOS APOSTOLOS QUE ESTAVAM PRESENTES; como além d'isto se prova também das antigas versões, por exemplo, a syriaca, a arabica, a ethiopica, onde estas palavras são traduzidas: «Bebei d'elle *vós todos*», ou «Bebei d'elle *todos vós*», e de S. Marcos XIV 23, o qual, narrando que *os Apostolos cumpriram esta ordem*, escreve *e todos beberam d'elle*.

5.^o Que o sentido das palavras «Bebei d'elle todos», não permite ver nellas uma ordem para todos os fieis, na occasião da Sagrada Communhão usarem do calix, porque só significavam, que os Apostolos não deviam beber *todo o conteúdo do calix*, mas que, passando-o de mão em mão, cada um d'elles devia tomar *só uma parte do conteúdo*, para que *todos pudessem commungar sob a especie de vinho*. Por isso, S. Lucas XXII 17, escreve: *tomaí e distribui-o entre vós*, como observa o protestante Kuinoel (Comment. in Matth. XXVI, 27-28). D'ahi se vê a futilidade da asserção, que o autor emprestou a Luthero, que Jesus dando a seus Apostolos o calix, disse: «Bebei d'elle todos», como se com vistas propheticas previsse que em tempo futuro seria negado a muitos o uso do calix e dêsse este preceito especial para precaver semelhante caso. — Se Luthero tivesse tido vistas propheticas, não teria escripto este disparate.

Refutada, pois, a primeira objecção, ouçamos outra. «Costumamos accrescentar, escreve o autor, que ha outra consideração que aggrava a conducta da Igreja Romana neste assumpto, a saber: *que adoptou e fez obrigatoria esta pratica com consciencia, manifestamente com consciencia, de que é opposta ás palavras e ao exemplo do mesmo Jesus, e de que é contraria á pratica invariavel dos Apostolos, e de toda a Igreja primitiva.* O canon do concilio de Constança assim o determina: Este santo concilio ecumenico de Constança, congregado no Espirito Santo, declara, decreta e define que *ainda* que Christo instituiu o Santo Sacramento e o administrou a seus discipulos

« em ambas as especies, *isto não obstante* a louvavel autoridade dos canones sagrados... e *ainda que* d'este sacramento participaram os fiéis da Igreja primitiva em ambas as especies... O Santo Concilio decreta, etc. — O decreto do Concilio de Trento está redigido no mesmo sentido; diz assim: *Não obstante* ter sido frequente, desde os princípios da religião christã, o uso de commungar nas duas especies, contudo, vendo-se já mudado com o tempo em muitas partes esse costume, a Santa Madre Igreja, movida por graves e justas causas, tem approvado o uso de commungar em uma só especie e decretou que isto se observe como lei.

« Estes dois decretos, que são as leis, que estabelecem a pratica da MEIA-COMMUNHÃO na Igreja Romana, admittem que tal pratica é contraria à instituição original de Jesus Christo e á seguida na primitiva; e, NÃO OUSTANTE ISSO, a Igreja Romana adopta e estabelece por lei a pratica contraria!»

Depois segue o estribilho acostumado, que mui poucos catholicos não sentem a força d'esta consideração; e tudo o mais, que á força de o vermos sempre repetido, já sabemos de cor. Refutemos pois a objecção, porém antes protesto com toda a energia contra *esta falsificação da historia*, á que o autor sempre recorre quando se vê em apuros e quer enganar os simples, *de que a Sagrada Communhão sob uma especie é contraria á praxe da primitiva Igreja e dos Apostolos*; pois mostrei claramente no artigo anterior, *que a communhão sob uma especie era bastante frequente na primitiva Igreja; e para crianças e doentes a unica seguida*. Agora para voltar á objecção, digo que embora Jesus commungasse os Apostolos sob ambas as especies *a Igreja nunca tem considerado este exemplo como obrigatorio*, como se vê das provas que dei no artigo anterior, sobretudo da praxe contraria assaz frequente na primitiva Igreja; que por conseguinte a Igreja sempre tem estado livre de seguir ou deixar de seguir este exemplo, e que por isso podia permittir e *prescrever* num tempo como por exemplo aconteceu durante o Pontificado do *Papa Gelasio*, em outro tempo *abrogar esta pratica* sem ir de encontro ás palavras de Jesus Christo, e sem menosprezar o exemplo de Jesus Christo. Ora, sendo isto assim, cada um vê logo a sem-razão das incriminações do autor contra os concilios de Constança e de Trento, como se estes Concilios admittissem que a praxe actual da Igreja fosse contraria á instituição original de Jesus Christo.

Ou'ra objecção do autor sustenta que a praxe actualmente seguida na Igreja Catholica, Apostolica, Romana priva os fiéis dos fructos da Sagrada Communhão. Eu podia retorcer esta objecção, e dizer, que o protestantismo, o methodismo e todos os mais *ismos*, *negando a presença real* de Jesus Christo e não vendo no pão e no vinho consagrados senão *symbols* do Cor-

po e do Sangue de Jesus Christo, privaram os fiéis dos fructos da Sagrada Communhão, mas prefiro responder directamente às suas palavras para provar mais uma vez que as *Noites com os Romanistas* são apenas um tecido de erros, sophismas, falsificações da historia, etc.,

Portanto vou transcrever a objecção: « Continuo alludindo « à consideração de que os privilegios, as benções e a graça, « que Jesus juntou este Sacramento commemorativo de seu « amor e da sua morte, pertencem exclusivamente ao Sacra- « mento que Jesus instituiu e ao modo porque o instituiu. « Quando, portanto, a Igreja Romana altera a instituição de « Jesus Christo, a que estão annexas as promessas e lhe sub- « stitue outra instituição, não tem razão alguma de esperar as « benções e privilegios adherentes a este sacramento. Em vez « de administral-o por inteiro, sómente o administra por me- « tade; e seus membros em vez de receberem a communhão « sómente recebem metade della. O facto de recusar a Igreja « Romana a seus membros a recordação desse sangue precioso, « que se derramou para lavar as manchas de nossas almas « e que é o unico que a pode limpar do peccado — o facto « de recusar a seus membros esta recordação, no mesmo sa- « cramento, em que Jesus Christo tão especialmente o estabe- « leceu, é um acto de impiedade e sacrilegio contra a insti- « tuição de Christo, que não tem igual em toda a historia da « Igreja. »

Segue-se outra vez o estribilho da muita força deste argumento para os membros da Igreja Catholica que buscam a verdade, etc., etc.

E' divertido, ouvir fallar ao autor em catholicos que buscam a verdade! Como se a verdade lhes faltasse!! Porém o que é muito triste, é vêr que aquelles a quem *falla a verdade*, quero dizer ao autor das *Noites com os Romanistas* com todos os seus partidarios não sómente não fazem esforços para achal-a mas a regeitam voluntaria — e teimosamente cada vez que ella se lhes obvia — ou não deviam comprehender, que elles proprios são réos do crime de que accusam a Igreja Catholica, Apostolica, Romana? Pois quem substituiu a instituição de Jesus Christo *por outra*? Quem por consequinte *não tem razão alguma* de esperar as benções e privilegios adherentes a este Sacramento? Por ventura não é o autor, não são os protestantes, methodistas e tutti quanti que *negam a presença real* de Jesus Christo no SS. Sacramento da Eucharistia, e por consequinte privaram a sua chamada ceia da unica fonte de graças, *de Jesus Christo*? Por isso a arma, com que queriam combater a Igreja Catholica, *se vira contra elles proprios*. Não; a Igreja Catholica não alterou a instituição de Jesus Christo; ella não vê no pão e no vinho consagrados um symbolo do

Corpo e do Sangue de Jesus Christo mas o seu verdadeiro Corpo o seu verdadeiro Sangue; ella cumpre á risca o preceito que deu Jesus não aos fiéis mas aos Apostolos e faz *consagrar* e *communhar* sob as duas especies seus sacerdotes durante o SS. Sacrificio da Missa; e, quando usando da liberdade que Jesus lhe deixou, communha os simples fiéis e os padres que não celebram sómente sob o especie de pão não lhe dá sómente a metade do Sacramento em vez de administrá-lo por inteiro, mas *lh'o dá por inteiro*, visto como Jesus está presente por inteiro sob ambas as especies, e sob *cada uma* dellas separadamente.

Mas eis outra objecção do autor tirada da historia cuja sem-razão provarei, citando e refutando ao mesmo tempo suas palavras. « A historia desta controversia, escreve, offerece um « novo e poderoso argumento contra a pratica da Igreja Roma- « na, de que muitas vezes tenho tirado proveito. » [Naturalmente com o exito mais lisongeiro, pois o autor é *conquistador*] « A transubstanciação, que se tinha debattido nessa Igreja por mais de doze seculos » [que é: ignorancia crassa, ou mentira proposital?] « só foi declarado como doutrina pela primeira vez « no Concílio de Latrão, em 1215. » [Desculpe sr. autor, a doutrina *foi sempre admittida desde o tempo dos Apostolos*, vêde por exemplo os textos de S. Paulo por mim allegados nos 6 capitulos anteriores e todas as mais provas que alli dei].

« O resultado natural desta doutrina foi propagar-se a « idéa, que não era necessario communhar em ambas as es- « pecies » [falsificação da historia, esta idéa não precisava mais desenvolver-se, já foi admittida na primitiva Igreja, praticada muitas vezes na communhão privada, bastantes vezes na communhão publica na igreja, e sempre observada na communhão das crianças e dos doentes e no tempo do Concilio já se tornára praxe geral na Igreja] « E portanto, ao estabelecer-se o « dogma, estabeleceu-se tambem a pratica de que nos occupa- « mos. » [Inverdade, esta pratica já se estabelecêra por algumas das razões que deixei explicadas no primeiro artigo, perigo do derramamento da especie de vinho consagrado, perigo de contagio, perigo de não achar-se vinho em toda a parte, etc., etc.] « No seculo XIV, porém, um encontro accidental « entre Jacobel de Mysel e João de Leida deu resultados que « ninguém poderia prever. » [Aqui o autor não transcreveu bem ao autor a respeito de quem commetteu o crime de plágio. Em logar de João de Leida devia ter escripto João Huss, pois entre Jacobel de Mysel e João de Leida não podia haver encontro visto como o primeiro morreu no principio do seculo XV o outro no seculo XVI. De outro lado, as relações de Jacobel e João Huss são conhecidas. Este erro nos dá ao mesm tempo a chave de toda a sciencia barata do autor.]

« Estes zelosos, e instruidos e activos clérigos [ora essa!!!] « eram membros dedicados da Igreja Romana » [nego-o] « e profundamente crentes do dogma da transsubstanciação » [nego-o, sua heresia comprova-o!!] « Accredittavam elles com a maior parte dos membros da sua Igreja, que o discurso de Nosso Senhor no capitulo sexto de S. João se referia ao Sacramento da Eucharistia » [como de facto se refere a elle, pelo menos a partir do verseto 50] « e profundamente se impressionavam com o facto de que Jesus considerasse como de absoluta necessidade tanto o beber seu Sangue como comer sua Carne. » [E' justamente nisto que consistia o seu erro.] « Fundavam-se nestas palavras: Se não comerdes a Carne do Filho do Homem e *beberdes o seu Sangue* não tereis a vida em vós; o que come a minha Carne e *bebe o meu Sangue* tem a vida eterna v. 54, 55. Sobre estas palavras observavam elles que não se podia ter a vida sem beber o Sangue e comer a Carne de Christo, e que a promessa da vida eterna tinha sido dada unicamente aos que fizessem tanto uma como outra cousa. Achavam elles a confirmação disto nas palavras do Apostolo, quando trata deste Sacramento, porque todas as vezes que comerdes deste pão e *beberdes deste calix* annunciareis a morte do Senhor, até que elle venha. Portanto examine-se o homem a si mesmo e assim coma deste pão e *beba deste calix*, porque aquelle que come e bebe indignamente come e bebe para si a condemnation, não discernindo o Corpo do Senhor (I Cor. XI. 26, 28, 29). » [Para que o autor omitta verseto 27? porque alli está « o que comer este pão **ou** beber o calix do Senhor indignamente será réo do Corpo **e** do Sangue do Senhor; com outras palavras, porque alli o Apostolo *confirma a doutrina Catholica*.] « Daqui se infere que commungar em uma especie é tão necessario como commungar na outra. » [Esta conclusão é falsa, o leitor que me acompanhou desde o principio desde capitulo sabe porque.]

« Possuidos desta convicção, estes homens declararam que era causa essencial para a salvação que todos os communicantes participassem do pão e depois do calix; e introduziram immediatamente nas Igrejas de Praga a administração do sacramento nas duas especies. A cidade de Praga e toda a Bohemia declararam-se logo em favor da restauração do calix. Isto, porem, despertou logo toda a severidade e ressentimento de Roma. Infelizmente a corte papal resolveu vencer estes principios da reforma por meio de força bruta das armas accendendo-se uma guerra civil que durou um seculo. » [Falsificação da historia; os que *primeiro* se revoltarão e pegarão nas armas e por suas crueldades inauditas atearam por toda a parte o fogo da rebelião e da guerra *forão os*

proprios hussitas, assim reza a historia imparcial.] « No meio destas commoções reuniu-se o Concilio de Constança, concilio celebre pelo decreto que sancionou as pretensões da Igreja Romana sobre o direito de contrariar as palavras do Senhor e mudar a instituição original de christo; » [O autor devia dizer celebre pelo decreto pelo qual confirmou a praxe então universal já desde o seculo XII de *commungar somente sob a especie de pão*] — concilio manchado pela traição e pelo sangue, visto como violou o salvo-conducto que tinha concedido a João Huss e a Jeronymo de Praga, reformadores daquelle seculo, cuja morte decretou que se effectuasse em uma fogueira. O povo da Bohemia recusou submeter-se á decisão do concilio; atterrado e cheio de indignação por tamanha traição, tomou as armas e não as depoz enquanto não seguiu seu fim, isto é a restauração do calix no sacramento; e até hoje o imperador da Austria como rei da Bohemia tem o direito de receber o calix sacramental « [A respeito das ultimas phrases o seguinte: O salvo-conducto *nem foi dado nem violado pelo Concilio de Constança; nem foi o Concilio que decretou em 1414 a morte de João Huss, e em 1415 a morte de Jeronymo de Praga.* O salvo-conducto foi dado pelo Imperador Sigismundo a João Huss com o fim de facilitar-lhe os meios de se desculpar. Porem logo que chegou a Constança mui longe de acatar o juizo da Igreja recusou retractar-se. Não houve hereje com quem se usassem maiores contemplações. Os Padres do Concilio, o Imperador, e todos em fim, publica e privadamente empregaram toda a sorte de meios para convencel-o. Como porem se mostrasse cada vez mais obstinado no erro, conduziram-no á praça publica e alli despojaram-no de seus vestidos sacerdotaes e o degradaram. A isto se limitou tudo o que fez a Igreja, applicou a elle apenas as penas ecclesiasticas.

Porém, como naquelles tempos o crime de heresia *era um delicto contra as leis do Estado*, o duque, depois que acabára a tarefa da justiça ecclesiastica, se apoderou d'elle e o entregou aos *ministros da justiça civil*, que, *conforme as leis do Imperio*, o fizeram perecer nas chammas. Por conseguinte, não ha motivos para o autor dizer « concilio manchado pela traição e pelo sangue, etc. »

Quanto ao mais, é verdade, que a Igreja, para pôr fim a tantos males causados principalmente pela revolta teimosa e sangruenta dos hussitas, concedeu á Bohemia o uso do calix na Sagrada Communhão, isto, porém, não pôde servir para depôr contra, mas só para *testemunhar em favor* da Igreja, que para precaver maiores males cedeu porfim seu direito incontestavel.

Até aquí o autor limitou-se a procurar provar sua heresia com os argumentos que lhe foram subministrados por seus avoen-

gos, os reformadores do seculo XVI; agora, porém, vae atacar e contestar *alguns argumentos, de que, segundo elle, se cercem os catholicos para defenderem sua doutrina.*

Citarei suas palavras: « Alguns » [membros da Igreja Catholica] « ha que são sinceros e de boa fé, sempre dispostos a reconhecer a força d'um argumento » [como se contra os dogmas de fé *pudesse* haver argumento!! como se a *razão* pudesse oppôr-se à *verdade revelada!!!*] « e a confessar que não podem contestal-o, ainda quando não fiquem por elle convencidos. Outros ha, porém, que fingem » [não é fingir, sr. autor, mas é *certeza infallivel* de que a *razão humana* nunca chegará a fazer *Deus, o Revelador da fé, mentiroso*] « não vêr força alguma, ainda no argumento mais decisivo » [contra um dogma da fé *não ha nem pôde haver* argumento decisivo] « e que tratam de impugnal-o com algum sophisma subtil e indigno » [onde estão ordinariamente os sophismas subteis e indignos, com os catholicos ou com os protestantes? As *Noites com os Methodistas* dão uma resposta *eloquente* a esta pergunta]. « Os primeiros dizem muitas vezes que as formas e cerimoniaes do Sacramento são coisas do dominio ecclesiastico; e que assim como por motivos importantes se recusa o calix, é tambem possível restaural-o por outros motivos igualmente importantes; que não é isso artigo de fé immutavel e permanente, mas sim um artigo de disciplina, que em qualquer tempo pôde ser alterado pela autoridade ecclesiastica. Acontece mesmo que manifestam sentimento por se haver introduzido semelhante mudança na Igreja, esperando que o papa busque algum motivo para restaurar o calix.

« A estes e outros argumentos semelhantes tenho sempre respondido, dizendo que deste modo ainda mais se complica a questão; porquanto se fosse artigo de fé, seria impossivel alteral-o, e esta mesma impossibilidade seria sua defeza » [Na Igreja Catholica, Apostolica, Romana — sim; nella a fé é inalteravel; nas seitas, como por exemplo no protestantismo, methodismo, etc., — não; lá os dogmas da fé surgem e desaparecem com facilidade prodigiosa]. « Mas dizendo-se que é coisa do dominio ecclesiastico, que pôde de um dia para outro voltar á sua instituição original, augmenta-se com isto a impiedade e o sacrilegio do acto » [Um pouco de comedimento nas expressões não faz mal, sr. autor]. « Mas é que a recusa do calix não se pôde considerar propriamente como materia de disciplina. O mandamento de Christo que participamos em ambas as especies é claro e terminante, o seu exemplo não é equívoco » [Provei o contrario]. « O uso do calix, portanto, é questão de obediencia a Christo » [De todo não é]. « Nenhuma igreja tem a faculdade de annullar os mandamentos de Jesus » [Lembrem-se d'isto os protestantes, methodis-

tas, que annullaram os mandamentos da confissão ao padre, da celebração do SS. Sacrificio da Missa, etc., etc.] «E' certo, que «a respeito de alguns, lê-se que: regeitaram os mandamentos «de Deus para guardar as suas proprias tradições, mas estes «não eram da Igreja de Christo» [Como também não são da Igreja de Christo os protestantes e methodistas, *que fazem a mesma cousa*, regeitando os ensinamentos e mandamentos de Jesus Christo, para admittirem as doutrinas e observar os mandamentos de Luthero, Calvino, Wesley e mais reformadores].

Em resposta ás palavras citadas, digo: 1.^o que já provei que nem pelo facto da instituição do SS. Sacramento da Eucharistia, nem pelas palavras da Biblia, nem pela antiga praxe da Igreja, nem pelos testemunhos dos SS. Padres, nem pela natureza da Sagrada Communhão se pôde provar a obrigação de commungar sob ambas as especies para os leigos e sacerdotes que não celebram; e que, por conseguinte, não pôde haver questão de desobediencia ao mandamento de Jesus Christo, nem de desprezo de seu exemplo.

2.^o que a questão do *uso do calix*, portanto, pertence á *disciplina da Igreja*, e que a Igreja, segundo a doutrina do Concilio Tridentino (Sess: XXI, cap. II), pôde na dispensação dos Sacramentos, *ficando sempre intacta a sua substancia*, estabelecer ou mudar aquillo que conforme as circumstancias das cousas, dos tempos e dos logares julgar mais conveniente ao respeito devido aos Sacramentos e á utilidade dos que os recebem.

3.^o que usando ella d'esta faculdade não se pôde vêr nisto *impiedade e sacrilegio*, visto como o proprio Apostolo S. Paulo, segundo a affirmação do Concilio Tridentino (ibidem), se attribuiu este poder (I Cor. IV, 1): «D'este modo nos considerem os homens como ministros de Christo e dispenseiros dos mysterios de Deus», e também o exerceu a respeito d'este Sacramento (I Cor. XI): «As demais cousas quando vier, dispo-las-hei».

Na sua resposta á primeira classe de catholicos, o autor, portanto, não foi feliz: será melhor succedido na que dirige aos da segunda classe? Vejamos.

«*Quanto aos segundos*, a que alludi, escreve elle, costumam «contestar o argumento de modo differente. Admittem em primeiro lugar que Nosso Senhor administrou o sacramento em «ambas as especies, e que nestas o receberam os Apostolos, «mas accrescentam, que assim se praticava porque os Apostolos eram sacerdotes e o sacramento foi-lhes administrado *como a sacerdotes*, sendo que por isso o exemplo de Christo não é «razão para que o calix se administre a toda gente» [Veremos se isto é verdade na resposta que daremos].

«Tenho muitas vezes respondido a este argumento pelos «dois modos seguintes: Digo mui cortezmente ao meu oppo-

* sitor que elle apresenta essa objecção mais com o desejo de
 * enredar-me do que por estar d'ella convencido * [Desculpe,
 sr. autor, esta não é a *tactica dos catholicos*, — mas não será
 a dos protestantes, ou não temos *provas d'isto* em seu livro?];
 * que elle bem sabe que o sacerdote quando celebra a Missa
 * bebe do calix, porém jámais o administra a quem quer que
 * seja sacerdote ou leigo; que mesmo nas occasiões mais so-
 * lemnes, quando muitos sacerdotes assistem ao officio * [não será
 melhor dizer: sacrificio?] * da Missa, ou quando se apresentam
 * a receber a communhão nenhum d'elles participa do calix
 * senão o sacerdote que funciona. Esta é a lei da Igreja Ro-
 * mana. Se Christo tivesse estabelecido este principio na insti-
 * tuição do Sacramento, teria reservado o calix só para si e
 * não o teria dado a nenhum dos Apostolos *.

Respondo, que, sem profundar-me na questão do que Jesus
 teria ou não teria feito, reconheço gostosamente a existencia
 deste facto e d'esta lei na Igreja Catholica, Apostolica, Romana.
 Porém, que prova a existencia d'este facto e d'esta lei? Que
 o autor não atinou com a razão, porque Jesus na Ultima Ceia
 distribuiu aos Apostolos a Sagrada Communhão sob ambas as
 especies. Elle julga e até sustenta erradamente que a *Igreja Ca-
 tholica ensina*, que foi porque os Apostolos eram *sacerdotes* e por-
 que o Sacramento lhes foi administrado *como a sacerdotes*. Não,
 meu caro senhor, não foi por isto. Quem lhe disse isto era um
 bobo. Foi porque *Jesus Christo, elle proprio, offereceu na Ultima
 Ceia o SS. Sacrificio da Missa que os Apostolos e os successores
 d'elles no sacerdocio deviam celebrar até o fim do mundo, e como
 quiz, que os padres, quando celebrassem, commungassem sob as
 duas especies, elle lhes deu a commungar as duas especies, dicen-
 do: fazei isto em memoria de mim*. E eis a razão d'este facto e
 d'esta lei tão inexplicaveis para s. s. que sómente os padres
que celebram a Missa, commungam sob as duas especies, e os pa-
 dres que commungam *sem que celebrem commungam sómente
 sob uma especie*.

Ouçamos agora a *segunda resposta* que dá o autor: * A
 * outra refutação é, continúa elle, que, se o Senhor adminis-
 * trou este sacramento aos Apostolos como a sacerdotes, então
 * nada têm com elle os leigos. E, se os Apostolos receberam
 * o calix como sacerdotes, e os leigos não têm direito a partici-
 * par do calix, é tambem evidente que os Apostolos receberam
 * o pão como sacerdotes, e por consequencia os leigos tambem
 * não têm direito ao pão. E assim chegaremos á conclusão de
 * que os leigos não têm direito a participar do Sacramento em
 * especie alguma *.

Respondo que sinto muito, que este bonito e decisivo ar-
 gumento, no qual, para o excogitar, o autor sudou talvez ho-
 ras e horas inteiras, noites e dias seguidos, caia por terra por

falta de base. Tirando-se os seus alicerces a qualquer edificio, este, nem por um instante fica em pé. Eis o caso do autor; quiz levantar um bonito edificio, e julgou-o forte e solido. Todavia não passou d'um castello no ar. Porque? Por falta de base, pois, como acabo de provar agora mesmo, *Jesus não administrou o Sacramento aos Apostolos como a sacerdotes; os Apostolos não receberam o caliz como sacerdotes* — Ergo... Além d'isto, não mandou Jesus a communhão aos leigos, quando (João VI) disse que sem ella não teriam a vida eterna?

Mas a estes brilhantes argumentos o autor *quer ajuntar um facto simples e terminante, que torna superflua toda a discussão*. Aos futeis (??) pretextos dos catholicos romanos oppõe as palavras de S. Paulo «que introduziu este sacramento na igreja « de Corinto (onde não havia apostolos) segundo o recebeu « do Senhor; e declarou que todos os membros d'aquella igreja « seculares ou ecclesiasticos, homens ou mulheres, deviam participar igualmente do pão e do vinho».

Ao lêr estas palavras fiquei assombrado e não dei mais por mim. O Apostolo S. Paulo, ensinado pelo proprio Jesus Christo, o mesmo que (Gal. I, 8) escreve: «Ainda que nós « mesmo ou um anjo do céu vos annuncie um Evangelho differente do que vos annunciamos seja anathema». a prégár uma doutrina contraria á da Igreja Catholica!!! Felizmente o autor eitára o lugar; era I Cor: XI, 20-30. Esfolhei pois a dita epistola, por ser um pouco sceptico a respeito das citações do autor e qual não foi minha alegria quando li no verseto 27: «Por isso é que todo aquelle que comer este pão OU beber o caliz do Senhor indignamente será réu do Corpo E do « Sangue do Senhor». Era mais do que bastava para me convencer que este facto simples e terminante de ter o Apostolo dito... que « todos os membros da igreja de Corinto... deviam participar igualmente do pão e do vinho» — não existiu e cheio de consolação e de coragem voltei-me á outra objecção que o autor, formula do modo seguinte:

« Comtudo, o argumento principal em que se firmam os « membros da Igreja Romana, e com a qual o Concilio de « Trento busca justificar a sua pratica, é o que communmente « se chama argumento da *concomitancia*. Creio que este argumento é feito com sinceridade, e que é o grande recurso de « todos os adherentes d'essa Igreja » [Já vimos no artigo anterior que a Igreja tem *muitos outros recursos* igualmente grandes].

« O referido argumento merece ser exposto em toda a sua « plenitude.

« Funda-se elle no dogma da transsubstanciação. Estabelece este dogma que no sacramento o pão se muda litteral « e substancialmente no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor

« Jesus Christo, e que o vinho do mesmo modo se muda em
 « seu Sangue e Corpo. Assim é que se sustenta que no pão consa-
 « grado está natural e verdadeiramente tanto o Sangue como
 « o Corpo, e que no vinho consagrado acha-se igualmente o
 « Corpo e Sangue. Sustentando, pois, que ambos se contêm no
 « pão » [na especie de pão] « concluem que basta participar
 « de uma só especie, sendo que em qualquer d'ellas o com-
 « mungante recebe tanto o Corpo como o Sangue. Esta é a
 « doutrina da *concomitancia*, e constitue a principal defeza da
 « pratica de MEIA COMMUNHÃO.

« A isto pôde responder-se que pelo que respeita á meia-
 « communhão, pouco importa que o dogma da transsubstancia-
 « ção seja verdadeiro ou falso. Semilhante dógma não influe
 « na questão, e a bem da discussão pôde ser admittido sem
 « que em nada affecte o argumento contra a referida pratica.
 « É este argumento resume-se em que a pratica da meia com-
 « munionhão é inteiramente contraria á *instituição original* de
 « Nosso Senhor, contraria ao exemplo de Nosso Senhor, con-
 « traria á linguagem terminante das Sagradas Escripuras,
 « contraria á pratica dos Apostolos, e contraria ao uso da
 « Igreja primitiva. A meia-communhão pôde ser consequente
 « ou inconsequente com a transsubstanciação; é porém indubi-
 « tavel que se oppõe d'um modo absoluto á instituição origi-
 « nal do Senhor, e a idéa de que a transsubstanciação ou a
 « concomitancia justifica a pratica da meia-communhão, levar-
 « nos-ia a crêr que Nosso Senhor, seus Apostolos e a Igreja
 « primitiva, nada sabiam da transsubstanciação ou da concomi-
 « tancia — sendo que administravam o sacramento em ambas
 « as especies como se nada soubessem a este respeito, e, com
 « effeito, se Jesus pensasse como os romanistas, por certo que
 « teria instituido o sacramento em uma só especie, visto que
 « a outra era superflua. As especulações dos theologos não
 « têm a menor autoridade para alterar ou modificar o que o
 « Senhor instituiu. Se nos limitarmos neste argumento unica-
 « mente á instituição original do Senhor e á necessidade de
 « não nos apartarmos d'ella, não pôde haver contestação».

Respondo: que apezar das asserções do autor, que a dou-
 trina da *concomitancia* não tem nada que vér com aquella pra-
 tica da Igreja Catholica que elle se compraz em chamar a
Meia-Communhão, esta doutrina a toca de muito perto. A ra-
 zão é clara; pois, *se não fosse verdade que Jesus Christo está*
por inteiro, presente sob cada qual das duas especies, isto por
 si só já bastaria para provar o pretenso erro da Igreja Catho-
 lica; pois neste caso os fieis e os padres quando não celebram,
 receberiam sob as especies *de pão* consagrado *sómente o Corpo*
de Nosso Senhor Jesus Christo, o que seria evidentemente con-
 trario á *promessa* de Jesus de dar aos fieis da sua Igreja para

comerem e beberem seu Corpo e seu Sangue, e a seu *preceito* terminante de comerem e beberem seu Corpo e seu Sangue (João VI). Agora, porém, que Jesus Christo está por inteiro presente sob *cada uma das duas espécies*, como, para não allegar outras provas, segue claramente da primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios XI, 27: « Por isso é que todo aquelle » que comer este pão OU beber o calix do Senhor indignamente, será réo do Corpo E do Sangue do Senhor — agora aquelle que recebe só *uma* especie recebe tanto como quem recebe as *duas* especies e satisfaz *tanto como elle* ao préceito do Senhor de comer e beber o Corpo e o Sangue do Senhor. E' verdade, que apezar d'isto, Jesus *podia* ter exigido que todos os fieis, quando commungassem, recebessem as duas especies. Mas já provei longa e claramente que Jesus não o exigiu; pois, tal obrigação não se prova nem pelo facto da instituição do Sacramento da Eucharistia, nem pelas palavras da Biblia, nem pela praxe da Igreja primitiva, nem pelos testemunhos dos SS. Padres, nem pela natureza da Sagrada Communhão.

E por isso, quando diz o autor, que o grande argumento para seu erro é, que a pratica da meia-communhão é inteiramente contraria á *instituição original* de Nosso Senhor, contraria ao exemplo de Nosso Senhor, contraria á linguagem terminante das Sagradas Escripturas, contraria á pratica dos Apostolos e contraria ao uso da primitiva Igreja, posso remetter o leitor para o primeiro artigo d'este capitulo, onde refutei esta asserção, e por isto termino: *as especulações dos protestantes, methodistas e mais seitas religiosas não têm nenhuma autoridade para alterar ou modificar, o que o Senhor deixou á determinação da sua Igreja.*

Chegamos já ao fim do capitulo sobre a Meia-Communhão. Falta apenas uma observação do autor contra a defeza Catholica. Eil-a: « Além do argumento da concomitancia, escreve, » allega-se tambem que se trata muitas vezes nas Escripturas » de administração do pão, sem que se faça menção alguma » do calix. Por exemplo: lê-se sobre o encontro dos dois discipulos com o Senhor em Emmaus: de como o haviam conhecido *ao partir o pão*: outra vez quando o Apostolo esteve » em Troade; que « no primeiro dia da semana, havendo-se reunido os discipulos para partir o pão, Paulo lhes pregava ». » D'aqui inferem, que o calix não é essencial ao Sacramento.

« A resposta é simples. A expressão « partir o pão » era » phrase commum para qualquer comida em sociedade, como » acontece em todos os paizes e em todos os idiomas em que » se toma a parte pelo todo. Quando fallamos de *comer*, não » se quer com isto dizer que não haja bebida; assim quando » fallamos de *tomar chá* não significa que não haja de comer. » Do mesmo modo a phrase *partir o pão* é empregada para

« exprimir uma comida social. No tempo dos Apostolos os christãos costumavam ter uma mesa commun abastecida pelos membros mais ricos á qual se sentavam os ricos, e os pobres em signal de amor e communhão de christãos. S. Paulo faz allusão a este costume em I Cor. XI: 20. Além d'isto pôde-se allegar que nossos adversarios não se servem d'este argumento com sinceridade; porque se effectivamente a expressão «partir o pão» implica a ausencia do calix no sacramento, é claro que isso prova demais porque demonstra que não havia consagração do vinho — a qual, segundo a Igreja Romana é tão essencial que sem ella não pôde haver «nem sacramento nem missa».

Respondo: que concordo com o autor em que estes textos não se podem allegar como argumentos *decisivos e terminantes* em favor da pratica da communhão sob *uma especie*.

Observo contudo: 1.º que embora estes textos não dêem argumentos decisivos e terminantes: *não fallam á doutrina Catholica outros argumentos decisivos e terminantes*, como já provei.

2.º que se os catholicos lançam mão deste argumento não o fazem com falta *de sinceridade*, mas por irreflexão, como pôde acontecer a cada um, «quandoque dormitat bonus Homerus».

3.º que a Escriptura Sagrada e os SS. Padres, fallando *da fracção do pão, entendem fallar do SS. Sacramento da Eucharistia*.

4.º que embora sem consagração das duas especies não haja Missa, pôde haver valida consagração.

E com isto ponho fim a este capitulo. Sómente devo ainda protestar contra as duas ultimas phrases do autor, nas quaes, comparando a Igreja Catholica com as seitas protestantes, sustenta que, ao passo que a Igreja Catholica com sua meia-communhão (?) alterou a instituição original de Jesus Christo e d'este modo se privou de todos os beneficios da Sagrada Communhão, a seita protestante com sua inteira communhão conservou a instituição original de Jesus Christo, e d'este modo conservou para si todos os beneficios da Sagrada Communhão.

Esta asserção é, para quem me leu desde o principio até o fim, por demais ridicula para poder ficar serio.





CAPITULOS XIX - XX

O PURGATORIO

Ocasião de tratar d'este assumpto, ao qual consagra dois capitulos, deu ao autor a assistencia, que em cumprimento de seu dever de ministro evangelico, foi chamado a dar a um enfermo protestante. Estava conversando com elle sobre sua proxima morte, e sobre o modo de tirar o agulhão á morte, trocando-lhe os temores em esperanças e anniquilando-lhe os terrores pela realisação das promessas divinas, quando entraram muitos dos visinhos, entre os quaes havia varios catholicos romanos que se sentaram para ouvir. Aproveitar-se da boa occasião, abrir a Biblia, lêr-lhes alguns versiculos e tratar da differença entre a doutrina Catholica e a protestante a respeito do Purgatorio — quem não o teria feito? E como costuma succeder nestas occasiões, uma observação deu naturalmente logar a outra, uma pergunta provocou outra pergunta e deste modo o autor pôde tratar extensamente do assumpto. — Um dos catholicos presentes se tinha commovido extraordinariamente com as suas palavras, de modo a perder com a paz de coração a serenidade de espirito, e estava em ponto de enlouquecer. Reconhecendo a necessidade de fallar sem demora a este homem, o autor mandou-o chamar. Apresentou-se-lhe triste, abatido e macilento, conservou-se calado por algum tempo, e por mais que o autor insistisse que fallasse, uma agitação nervosa embargava-lhe a voz, mas afinal algumas expressões amáveis e sympathicas da parte do ministro deram-lhe alento e elle se desfez em prantos como uma creança, dizendo entre soluços, que tudo quanto havia soffrido, provinha do que ouvira a respeito do purgatorio; que estava sem esperança, porque *[sem lembrar-se que o unico meio para elle ser liere de seus peccados era a CONFISSÃO]* — D'ahi se vê, que especie de catholico era este homem], tinha posto toda a confiança no perdão de

seus peccados no Purgatorio e nas missas que diriam por sua alma depois da morte, mas que animado pelas palavras, que ouvira ao autor na occasião da visita d'aquelle doente, esperava agora que o Sangue de Jesus Christo o limparia de todos seus peccados. Isto deu logar a uma larga conversação, em que o autor impugnou a existencia do Purgatorio. Provemos, pois, contra elle: 1.^o Que ha um Purgatorio. 2.^o para em seguida refutar suas objecções.

ARTIGO I

A existencia do Purgatorio

Além das antigas seitas dos gnosticos e de Aerio no seculo IX, o dogma da existencia do Purgatorio tem tido por contradictores os petrobussianos e henriquistas na idade média, como tambem os waldenses, os catharos e os albigenses. Os proprios reformadores do seculo XVI, baseando-se d'um lado na sua doutrina da incapacidade moral do homem para o bem, e da inutilidade das boas obras, e d'outro, na da justificação inteira pela fé em Jesus Christo, deviam tambem forçosamente rejeital-o.

Todavia, como a doutrina catholica estava tão profundamente arraigada na convicção christã, e era tão adaptada ás necessidades do coração humano, o proprio Luthero, no principio, não se atreveu a regeital-a, mas a reconhecia como certa, e exigia que fosse crida firmemente. Passados, porém, dez annos, elle editou uma «Retractação do Purgatorio», e, em 1537, declarou nos «Artigos Schmalkaldicos», (p. II, cap. II § 9), que era uma pura invenção diabolica, contraria ao primeiro artigo de fé, visto como sómente Jesus e não as obras dos homens salvam as almas.

Zwingli e especialmente Calvino xingaram desde o principio a doutrina catholica; este (Instit. III. 5-6) lhe chamava «uma perniciosa invenção de Satanaz, que tira a força á cruz de Christo», ao passo que Melancton se approximava mais da doutrina catholica. Definir as opiniões dos protestantes posteriores quasi é impossivel attentas a variedade das seitas e a divergencia das opiniões. Enquanto os antigos lutheranos, os orthodoxos (Hutterus redivivus) regeitam absolutamente a existencia do Purgatorio, os modernos (Harletz, Vilmar) já inclinam mais para a doutrina catholica. Os Semi-Racionalistas (como sejam Kette, Baumgarten-Crusius) admittem penas além d'esta vida, e opinam frequentemente que é possivel prestar auxilio ás almas, que estão nestas penas; porém, segundo elles, as penas não têm character satisfactorio, mas servem uni-

camente para desenvolvimento moral d'estas almas. Alguns d'elles querem que o tempo d'e-te desenvolvimento seja indefinido e inclinam para o puro racionalismo.

Os anglicanos, aos quaes pertence o autor, regeitam tambem absolutamente a existencia do Purgatorio, e os modernos gregos schismaticos, admittem penas temporaes, mas negam, em contradicção com a fé que professavam antigamente, que as almas sejam purificadas com estas penas.

Contra todas essas opiniões erroneas e hereticas o Concilio Tridentino (sess. VI, can. 30) estabeleceu como dogma de fé o seguinte canon: « Se alguém disser que a qualquer peccador penitente, depois de recebida a graça da justificação, se perdoa a culpa e se extingue o reato da pena eterna de tal sorte, que não remaneça mais o reato da pena temporal a expiar quer neste seculo quer no futuro no Purgatorio, antes de ser patente o accesso ao reino dos céos, seja anathema ».

Segue-se d'esta definição dogmatica, que além desta vida ha um logar de expiação, em que as almas dos que falleceram em estado de graça, mas ainda em divida com a justiça divina, acabam de soffrer as penas devidas a seus peccados antes de entrarem no céo; e este logar se chama Purgatorio.

Por isso, o mesmo Concilio em outro logar (Sess. XXV. Decret. do Purg.) ensina: « que existe um Purgatorio e que as almas dos fieis que alli estão detentas pôdem ser auxiliadas pelos suffragios dos fieis, mas mórmente pelo accetavel Sacrificio da Missa ».

Para negarem este dogma da fé catholica os protestantes não se fundam em argumento algum verdadeiro. Não se fundam na Escriptura Sagrada, pois não ha logar algum em que se negue o Purgatorio, ou se regeite a oração pelos mortos; nem nos SS. Padres, porque estes são unanimes em affirmar a sua existencia; nem na razão, porque esta nada pôde dizer contra o Purgatorio; diz, pelo contrario, muitas cousas em favor da conveniencia e necessidade do mesmo; e por isso toda a tactica dos protestantes consiste em contestar os argumentos, que provam a verdade da fé catholica — Desenvolvamos pois estes argumentos.

A primeira série de provas nos fornece a Escriptura Sagrada.

E' verdade, que alli não se lê a palavra «Purgatorio», assim como nella se lêem as palavras «Céo», «inferno»; isto, porém, ainda não dá direito aos protestantes de sustentar que o Purgatorio não é bíblico, mas antes *ante-bíblico*. A razão é, porque a Biblia, *suppõe a existencia do Purgatorio*, e além d'isto *a exprime com bastante clareza*.

Assim, por exemplo, lemos no Antigo Testamento, II Machab. XII 43-46: « Que tendo-se feita uma collecta. mandou Judas

« 12.000 drachmas de prata a Jerusalém para serem offereci-
 « das em sacrificio pelos peccados dos mortos, sentindo bem
 « e religiosamente da resurreição. Porque se elle não espe-
 « rasse que os que tinham sido mortos, haviam um dia de
 « resuscitar, teria por uma cousa superflua e vã orar pelos
 « defunctos; e porque considerava que, os que haviam falle-
 « cido na piedade, tinham uma grandissima piedade reservada.
 « E' logo um santo e saudavel pensamento orar pelos mortos,
 « para que sejam livres de seus peccados ».

Nestas palavras está claramente expressa a convicção de que *as almas dos fallecidos se pôdem achar num estado meio entre o céu e o inferno*. Pois os fallecidos, de que se trata aqui, morreram em peccado, visto como (v. 40) elles se apoderaram de cousas offerecidas aos idolos e por isso não podiam ser admitidos ao lugar onde estavam os que falleceram na piedade (v. 45); como, porém, morreram no combate pelos interesses de Deus, também não foram condemnados ao inferno, mas achavam-se num estado meio entre o céu e o inferno em que podiam ser validos pelas orações e pelos sacrificios dos sobreviventes. A força probatoria d'este lugar é tão grande, que os reformadores não acharam outro meio de se lhe subtrahir, *senão negando, contrario ao sentimento de toda a antiguidade, que este livro fizesse parte da Escriptura Sagrada*. Porém, mesmo assim, elles são constrangidos a reconhecer o *facto historico* de que os judeus d'aquelle tempo, os sacerdotes e o povo acreditavam na existencia do Purgatorio e na força da intercessão dos vivos pelos mortos, *sem que Jesus Christo ou os Apostolos condemnassem esta crença como erro ou preconceito*. Dos modernos protestantes a maior parte admite a canonicidade do segundo livro dos Machabeos. Mas elles procuram explicar o texto citado a seu modo, isto é, contrario á interpretação constante da Igreja e ao proprio contexto.

Citemos agora uns textos do Novo Testamento. Em Mattheus XII 32, Jesus falla dos peccados contra o Espirito Santo, e diz, do modo mais terminante, que estes peccados não serão perdoados ao homem nem nesta vida nem na outra. « O
 « que disser alguma palavra contra o Filho do homem *ser-lhe-ha*
 « *perdoado*; mas o que a disser contra o Espirito Santo *não*
 « *lhe será perdoado nem neste seculo NEM NO FUTURO* » (isto é, a negação da misericórdia de Deus pela impenitencia final).

Eis, pois, uma especie de peccados, cuja gravidade é expressa por esta declaração — *que não será perdoado na outra vida*. Devemos inferir d'aquí que ha outros peccados que *podem lá ser perdoados*.

Pois, para que realmente dar a uma especie de peccados esse caracter *distinctivo*, se não ha peccado que possa ser perdoado na vida futura?

Estamos, portanto, no direito de concluir, que ha na outra vida uma remissão de peccados. Ora, esta remissão não pôde dar-se *nem no céu, nem no inferno*; logo, devemos admittir *outro logar*, onde ella se possa dar, e *é este logar que a Igreja Catholica chama Purgatorio.*

Semelhantes provas podemos tirar de Matth. V. 25-27; Luc. XII: 58-59; onde Jesus nos exhorta a repararmos, enquanto estivermos no caminho para o Juiz, o mal que tivermos feito ao proximo; visto como o que, sem ter feito esta reparação passar para a outra vida, será mettido n'um carcere d'onde *não sahirá até que tenha pago o ultimo ceitil.*

Estas palavras, é verdade, se referem mórmente aos severos castigos d'além vida; contudo, segue-se do contexto que entre estes castigos haverá *dos quaes a alma, págas as ditas, pôde ser libertada*; ora, como no inferno não ha redempção, «*ex inferno nulla redemptio*», segue-se que estes castigos devem ser *os do Purgatorio.* Por isto, estes dois textos, mórmente o primeiro, são muitas vezes applicados pelos SS. Padres e pelos exegetas ao Purgatorio.

Mas, a prova mais convincente do Novo Testamento é dada pelo Apostolo S. Paulo (I Cor III. 11-15): «*A obra de cada um, qual ella seja, o fogo (do juízo) o provará. Se a obra de algum, que edificou sobre o fundamento (Christo), permanecer, receberá o premio. Se a obra de algum queimar (madeira, feno, palha), soffrerá a perda, mas elle será salvo, todavia assim como pelo fogo.*». D'este texto argumento do modo seguinte: Embora «*a obra*», segundo o contexto, signifique propriamente a prégão Evangelica, pôde contudo ser entendida de *cada boa obra.* Pois, aqui se trata de operarios que deixam *intacto o fundamento*, porém na edificação do que ainda resta a edificar se servem, uns de materiaes nobres (de ouro, prata, pedras preciosas), outros de materiaes triviaes (de madeira, feno, palha), sem todavia misturar-lhes *materiaes de decomposição.* A obra d'estes ultimos, sendo menos boa, menos preciosa, não resistirá á prova do fogo, consumir-se-á, e o próprio operario, que está indivisivelmente unido com sua obra, arderá tambem no fogo enquanto arder sua obra, e assim será castigado, soffrerá a perda. Elle próprio, porém, será salvo, todavia assim como pelo fogo, isto é, depois que o fogo tiver consumido e tirado as manchas que pegaram á sua boa obra, elle será salvo e chegará á salvação. Eis a explicação, que dão a este logar geralmente os SS. Padres e os exegetas.

Vê-se dahi que foi, com razão, que o Papa Leão X regeitou (Denz: n. 661) a these de Luthero: que a existencia do Purgatorio não se podia provar pela Biblia.

2.^o Outra prova para a existencia do Purgatorio nos dá a *Tradição* que, como vimos no primeiro capitulo sobre a leitura

da Escriptura Sagrada, é a segunda fonte da Revelação e goza da mesma autoridade de que a Biblia.

Como testemunhas desta *Tradição* posso allegar os escriptos dos SS. Padres, a praxe já desde os tempos mais remotos de offerecer-se o SS. Sacrificio da Missa pelos fallecidos, os textos dos mais antigos Concilios, as declarações das mais antigas Liturgias, os epithaphios dos tumulos, etc., etc.

Assim por exemplo propõe Tertulliano (de Cor. mil., cap. III) o costume de se offerecer o SS. Sacrificio da Missa no anniversario do fallecimento pelas almas dos fallecidos, como uma pratica constantemente observada em consequencia d'uma tradição ecclesiastica « Se buscardes (diz elle no capitulo IV) na Escriptura Sagrada, a lei destas e de outras praticas, nenhuma achareis : pois a Tradição a introduziu, o costume a conservou, e a fé a observou. » Testemunhos analogos acham-se no mesmo Tertulliano (de monog. cap. X ; de anima cap. LVIII) ; em S. Cyprião (Ep. I, al. 66) ; S. Jeronymo (Ep. ad Pam. ; S. Agostinho (Civ. Dei XXI. 13, Enchiridion cap. CX ; Sermo CLXXII) : etc.

E quanto ao costume de se offerecerem sacrificios e orações pelas almas dos fallecidos, este facto é tão evidente que deixo qualquer citação catholica para sómente appellar para citações protestantes, como por exemplo para a do proprio Calvino, que attesta, que durante mil e trezentos annos todos os SS. Padres mandaram, que se fizessem orações pelos mortos, embora sustente ao mesmo tempo que elles erraram nisto e não devem ser imitados (Inst. III. cap. X) ; e as de outros protestantes como sejam Dallae, Forbes, Pedro Vermillio, etc., que se servem quasi das mesmas palavras.

Dahi as ordenações dos mais antigos Concilios, que mandam : que se uma pessoa vier a morrer de tarde, neste dia se faça a sua encommendação só *com orações* e não com o SS. Sacrificio da Missa, visto como o SS. Sacrificio da Missa só deve ser celebrado por pessoas, que estão em jejum (Conc. Carthag. III, no anno 397) ; que se uma pessoa se suicidou não se possa orar por ella (Conc. Brac. I) ; que os clerigos devam conforme o numero das oblações repartir entre si a parte, que cabe a cada um delles, nas orações (Conc. Brac. I) ; etc., etc.

Tambem as Liturgias todas suppõem a existencia do Purgatorio. Pois todas ellas, mesmo as mais antigas cuja origem Apostolica está inteiramente fóra de duvida, conteem orações e mementos para os fallecidos. Assim por exemplo, para citarmos sómente uma dellas, lêmos na Liturgia do Apostolo St. Thiago « Esta oblação que pelos vivos é offerecida para os « mortos, expie a iniquidade da alma e por ella lhe sejam « remettidos os delictos. »

E quem se der a fadiga de lêr os epithaphios, as inscrip-

ções dos antigos tumulos dos christãos nas Catacumbas verá, como os vivos lhes desejam *paz e repouso, desafogo, allivio e descanso* como d'um penoso tormento (Wolter, Rom. Kat. 25).

3.^o A existencia do Purgatorio se prova tambem *pela razão esclarecida, pela luz da fé*. A fé e tambem a razão nos ensinam, que ha peccados leves (chamados veniaes), que por causa da fragilidade humana quasi nem pelos perfectos podem ser evitados.

Ora, póde muito bem acontecer, que uma pessoa seja sorprendida pela morte antes de ter expiado estes peccados leves pela contrição e pela penitencia. Tal alma não póde perder o céu, *porque pela morte em estado de graça tem direito ao céu*; mas tambem não póde logo depois da morte ser admittido ao céu, *porque nada de quanto é manchado póde entrar no céu* (Apoc. XXI, 27), e ella ainda tem manchas de peccado. Ora, sendo isto assim, a santidade e a justiça de Deus em combinação com a sua sabedoria e misericordia devem dar-lhe a possibilidade de limpar-se depois desta vida afim de se tornar digna de entrar no céu.

A' mesma conclusão nos leva a ponderação de outra verdade Cathollica que é: que, perdoado o peccado mortal e remettida a pena eterna, ficam ainda muitas vezes penas temporaes a expiar pela penitencia.

Ora, é fóra de duvida, que muitas pessoas morrem sem terem plenamente expiado estas penas pela penitencia. Para onde irão suas almas? Não para o inferno, *porque não o merecem*; mas nem para o céu, pois, embora não tenham precisão de ser limpados de seus peccados, *teem dividas para com a justiça divina* e estas dividas devem ser pagas até o ultimo ceutil. Por consequinte deve haver além desta vida *um lugar* onde ellas se pagam, com outras palavras deve haver *um Purgatorio*.

4.^o Emfim a fé na existencia do Purgatorio *está tão em harmonia com a convicção de todo o genero humano*, que ella já desde os mais antigos tempos era disseminada por toda a parte, mesmo entre os povos mais incultos e barbaros. Os antigos judeos a admittiam, como se vê em II Machab XII 43-46; tambem os judeos modernos, como prova Serario. (Harm. Mach. II, p. 692).

Os islamitas creem no Purgatorio, resando pelas almas dos fallecidos a oração que chamam *El-Katme*. Os antigos gregos e romanos fallam frequentemente d'um estado em que a alma expia depois da morte. (Iliad. III, Alceid VI, v. 441 e 740). Os persas seguem a mesma doutrina; e, segundo Lâken (Tradit. des Menschenges. p. 410), os povos mais incultos e barbaros accreditam n'um lugar de expiação e procuram libertar d'alli as almas de seus fallecidos com suffragios e sacrificios.

Por isso muitíssimos protestantes de todas as confissões, mesmo entre os modernos, admittem a existencia do Purgatorio « Assim por exemplo, escreveu Lessing (Man. theol.) » *Este estudo medio*, que a antiga Igreja acreditou e ensinou *não de-
« viam os nossos reformadores regeital-o absolutamente*, embora
« tivesse dado causa a abusos e escandalos » A razão dá o Dr. F. Toppeu (Phil. do Christ.): « Não merecendo, argumenta elle,
« a maior parte dos homens (na hora da morte) nem e paraizo
« nem o inferno, é cousa muito natural que a dogmatica christã
« admitta *um estado intermedio*, onde não haja nem a Beatitude
« do céo, nem os tormentos do inferno, quero dizer o *Purgatorio*
« onde não são privadas da esperanza de melhor sorte. » — Dahi
a appreciação que faz da oração pelos mortos Collier (Razões
para estabelecer as rezas pelos mortos), dizendo: « *O bom cos-
« tume de rezar pelos mortos começou na idade dos Apostolos*
« *e se praticou na Igreja universal até o seculo XVI* » (Epocha
da reforma): e a *predicção* que este costume ha de ser obser-
vado até a consummação dos seculos, feita por Korst (Myste-
riosophia), escrevendo: « Se admittimos uma continuação da
« existencia depois da vida presente não pode haver cousa
« *mais illogica, mais desarazoadada, e mais deshumana* do que
« considerar quebrados totalmente pela morte os laços mais
« sagrados que nos prendem a nossos defunctos, » etc.

Mas basta de citações; a doutrina catholica da existencia do Purgatorio é certa; e foi com pleno jus, que o Concilio de Florença em seu decreto da união, e o Concilio Tridentino em seu decreto do Purgatorio (sess. XXV), definiram: « que a Igreja
« ensinada pelo Espirito Santo e baseada na Escriptura Sagra-
« da e na antiga Tradição dos Padres ensinou em seus Conci-
« lios » que ha Purgatorio e que as almas dos justos, que
« alli estão detentas, podem ser auxiliadas pelos suffragios dos
« fiéis mormente pelo acceitavel Sacrificio do altar. »

Ouçamos agora as objecções do autor.

ARTIGO II

Refutação das objecções do autor

Antes de ciar as difficuldades levantadas pelo autor das *Noites com os Romanistas* uma pequena observação. No artigo anterior provei sómente *um* dos dois dogmas que a Igreja definiu a respeito do Purgatorio, a saber *o da sua existencia*. Do outro que estabelece, que *as almas dos justos alli detentas podem ser validas pelas orações dos vivos*, não tratei porque o autor, em seu capitulo sobre o Purgatorio, nada objecta contra este segundo dogma, provavelmente porque o julgou desneces-

sario: pois, negada a existencia do Purgatorio, negou-se ao mesmo tempo o poder dos vivos de valer ás almas alli detentas. — E' este o costume que tenho seguido nesta obra desde o principio e continuarei a seguir até o fim, explicando e provando a doutrina Catholica, eu explico e provo-a sómente em quanto é preciso para refutar as objecções, pois, como já tenho declarado muitas vezes, não estou escrevendo um tratado theologico, quero apenas prevenir os catholicos contra os erros e as objecções protestantes e methodistas, que grassam entre alguns pela leitura (*prohibida pela Igreja*) do livro do autor.

Que objecta, pois, o autor?

Em primeiro logar: «que *nenhum homem pôde morrer feliz esperando de um momento para o outro ser arrojado ás chamas do Purgatorio*. Esta observação, continúa em seguida, *fixou notavelmente a attenção de todos os catholicos presentes* » [Efeito constante que o autor sempre attribue ás suas proprias palavras] «e isto me fez pôr em parallelo a fé do protestante com a fé do romanista, ao approximar-se da morte. Um es-
«pera passar d'este mundo para os gozos do céo, outro espera
«passar d'esta vida para as chamas do purgatorio; o pri-
«meiro encara a morte como a porta do céo, o segundo vê
«nella a entrada para todos os horrores d'aquelle fogo». E, depois de ter feito uma pintura consoladora da morte d'um protestante, e outra horrorisadora da d'um catholico, finalisa com esta exclamação: «Mal haja a doutrina que d'este modo
«aniquila e encobre as esperanças e visões gloriosas do christão
«moribundo».

Em momentos de sobreexcitação nervosa, uma espadana d'agua fria faz maravilhas, chama num só instante o paciente do mundo ideal ao mundo real, transfere o do jubiloso encantamento á triste realdade. Pois bem, applicuemos este remedio milagroso a nosso autor.

Pergunto-lhe 1. Se é verdade que o protestante morre cheio de alegria e o catholico cheio de tristeza, como então explica-se este FACTO CONSTANTE *que nenhum catholico se fez protestante EM ARTIGO DE MORTE, ao passo que muitos e multissimos protestantes e methodistas, quer fossem protestantes e methodistas de nascença, quer o fossem por apostasia da fé Catholica, EM ARTIGO DE MORTE SE FIZERAM CATHOLICOS?* Esta unica observação basta não sómente para decidir a questão de que tratamos, mas bastaria tambem para decidir a questão da *veracidade da Religião Catholica*.

2. Se é verdade que o protestante morre cheio de alegria e o catholico cheio de tristeza, como então explicar-se que a *mãe do hereje Melancton, que a pedido de seu filho de catholica se fizera protestante, em artigo de morte se mostrava tão triste e abatida por causa d'esta apostasia, que pediu ao filho que lhe dis-*

sesse com toda a sinceridade, se morrendo no protestantismo, podia entrar no céu : pergunta esta á qual o filho respondeu : — Mamãe, para gozar da vida é mais fácil ser-se protestante, porém para morrer é mais seguro ser-se catholico.

3. Se é verdade que o protestante morre cheio de alegria e o catholico cheio de tristeza, como então explicar-se a morte cheia de consolação, não digo dos Santos e de todos os catholicos que sempre se applicaram a servir ao bom Deus com toda a sinceridade, mas a dos PECCADORES CATHOLICOS, que voltados para Deus depois d'uma vida de peccados por uma verdadeira penitencia, ESPERAM NÃO OBSTANTE A PREVISÃO DOS CASTIGOS DO PURGATORIO O SEU DESENLAÇE COM O SORRISO NO SEMBLANTE?

Não ; a previsão dos castigos do Purgatorio não é capaz de amargar a morte dos catholicos : se por um justo decreto de Deus talvez serão enviados para este carcere, já de ante-mão se familiarisaram com esta idéa e aprenderam a aceitar gostosamente os seus rigores em expiação das offensas que fizeram a Deus durante a sua vida. Testemunha seja Santo Affonso, que (Op. asc. II. refl. § 22) escreve : « Submetto-me voluntariamente a todas as penas que me esperam no Purgatorio ; é justo que o fogo puna em mim todos os ultrajes que fiz á Divina Magestade — O' Santa prisão quando me verei encerrado no teu seio, seguro de não poder mais perder a meu Deus ? O' fogo sagrado, quando virás purificar-me de todas as minhas manchas e tornar-me digno de entrar na patria dos « eleitos ? ».

E embora eu não queira negar, que protestantes que erravam da boa fé e viveram religiosa e sobretudo CASTAMENTE, na hora da morte morram cheios de alegria e de consolação, o que é devido, como já deixei explicado algures, a que sem o suspeitarem pertenciam não ao corpo mas á alma da Igreja Catholica, sustento, sem medo de errar, que para muitos outros, as apparencias exteriores de alegria, que sentem ou fingem sentir na hora da morte, são os mais certos indícios da condemnação eterna, porque esta alegria procede da obcecação culpavel de seu espirito, e da obduração voluntaria do seu coração, que Deus permite para castigar-lhes os peccados que commetteram contra o *Espirito Santo*, attacando contra a voz da sua consciencia a verdade revelada, reconhecida por elles, e defendendo teimosamente a heresia por orgulho de espirito. E' d'estes peccados, que disse Jesus, que não serão perdoados nem nesta vida nem na outra (Matth. XII. 32).

Depois d'esta primeira objecção, que apenas lhe serviu como de transição para outras mais graves, o autor se esforça por provar que a doutrina catholica do Purgatorio é contraria ás palavras da *Escriptura Sagrada* ; e por isso dá primeiro um resumo, feito a seu modo, da doutrina catholica. Estabelece, por-

tanto, que os catholicos ensinam que ha um Céu e um Inferno, o primeiro para a sempiterna felicidade dos justos, e o segundo para a eterna miseria dos máus, e além d'isto, um lugar intermediario que é lugar de tormento e de expiação. Diz em seguida, que os doutores romanos não estão de accordo quanto á natureza dos tormentos, que alli se soffrem; que, ao passo que a maioria opina que o purgatorio é uma região de chamas: outros, vendo-se apertados pelas objecções dos protestantes, dizem que *isto não é inteiramente certo*, que não foi estabelecido *infallivelmente*.

Respondo que tudo isto é verdade, *menos a razão* que allega o autor; a Igreja nunca definiu como *dogma da fé* que ha fogo no Purgatorio; e não é *por serem-se apertados pelos argumentos dos protestantes*, que uns muito poucos não admittem a realidade do fogo do Purgatorio, mas porque acham as provas para isso allegadas não bastante fortes. Todavia, a sentença commun dos theologos é em favor da realidade do fogo do Purgatorio.

Continúa o autor, dizendo, que duas classes de pessoas são enviadas para esse lugar: Todos os que morrem em peccado venial e todos os que commetteram peccados mortaes e se confessaram d'elles, mas não cumpriram toda a penitencia que se lhes impuzera. Aqui o autor é de novo inexacto, embora uma pessoa se tenha confessado de seus peccados mortaes e *cumprido toda a penitencia que lhe foi imposta*, póde ainda ir para o Purgatorio. O autor devia ter dito: *e não satisfizeram plenamente as penas temporaes, que ficaram ainda a expiar depois do perdão da culpa e da remissão da pena eterna*.

Sustenta em seguida que a *distincção que faz a Igreja Catholica entre peccados mortaes e veniaes* é inteiramente oposta á *Sagrada Escriptura* e que d'ella nasce uma bôa metade dos erros praticos da Igreja Romana. Deixando esta consequencia por conta do autor, digo sómente, que a distincção entre os peccados mortaes e veniaes é uma realidade, que além de se fundar *na sã razão* se funda tambem na *Escriptura Sagrada* que compara uns peccados com cousas *levissimas*; outros com cousas *gravissimas*. Assim, por exemplo (Matth. XXIII. 23-24), uns peccados são comparados com um *mosquito*, outros com um *camelo*; (Luc. VI. 41) uns com uma *aresta*, outros com uma *trave*; (I Cor. III 12-15) onde algumas cousas levissimas como *feno, palha*, são sobrepostas sobre o fundamento Christo. Ora, essas comparações seriam não sómente falsas mas *enganadoras*, se não houvesse peccados que *por sua natureza são veniaes* e distinctos dos peccados mortaes. Por isto assim como uma *aresta* não de por si *obceca* a vista, um *mosquito* não *suffoca*, *feno e palha* não destroem o fundamento, assim tambem os *peccados*

symbolisados por estas cousas não matam a alma, nem constituem causa de reprobção eterna.

Emfim dá como doutrina catholica que *todos os peccados* que são confessados, podem ser expiados por meio de penas temporaes neste mundo ou na vida futura, e que o crente *por mais arrependido* que esteja *ha de soffrer* nesta vida ou no purgatorio «o castigo temporal» para d'este modo expiar seus peccados. Depois conclue: «é evidente que por meio d'uma « complicação engenhosa do assumpto, um subtil defensor da « Igreja Romana póde enredar a um oppositor incauto, mas o « facto que devemos ter sempre em vista é que, á excepção « dos condemnados do inferno, os romanistas sustentam que « *todos os mais têm de penar no Purgatorio até pagarem a « divida de seus peccados por meio de soffrimentos* ». — Pois bem; é mesmo esse *erro grave e gravissimo do autor* que devemos nesta refutação sempre ter em vista, porque d'elle nasce boa metade dos erros e disparates que vamos ouvir. Pois os catholicos não ensinam que á excepção dos condemnados *todos têm de penar no Purgatorio*. Ella ensina, 1.^o que, *não sempre*, mas *geralmente fallando* depois do perdão da culpa e da remissão da pena eterna, ficam ainda que expiar penas temporaes; 2.^o que estas penas temporaes devem ser satisfeitas *ou* nesta vida *ou* no Purgatorio; 3.^o que, morrendo um justo *depois de neste mundo ter satisfeito plenamente as penas temporaes, sua alma vae directamente para o céo, sem primeiro ir para o Purgatorio*.

Dadas estas correções e estes esclarecimentos, tratemos das objecções do autor. Contra a possibilidade e a necessidade de expiar os peccados nesta ou na outra vida, elle allega uma multidão de textos para provar, que o Sangue de Jesus Christo subministra ao peccador a unica expiação de seus peccados. Isaías LIII 5. «Foi ferido pelas nossas iniquidades, foi quebrantado pelos nossos crimes, o castigo, que nos devia trazer a « paz, caic sobre elle, e, nós fomos sarados pelas suas pizaduras». «Eis aqui o Cordeiro que tira os peccados do mundo» (João I. 29). «O Sangue de Jesus Christo, seu Filho, nos purifica de todo o peccado» (Hebr. IX. 14). «No qual (Jesus « Christo) nós temos redempção pelo seu Sangue, a remissão « dos peccados segundo as riquezas de sua graça» (Eph. I: 7) « Quanto mais o Sangue de Christo que pelo Espirito Santo se « offereceu a si mesmo sem macula a Deus, *alimpará* a nossa « consciencia das obras da morte, para servir ao Deus vivo « (Hebr. IX. 14).» Em seguida cita ainda I João I. 9, Apoc. VII. 14, e conclue: «Nestas e em outras muitas passagens da Sagrada Escriptura se vê que nada tem a virtude de purgar os « peccados, além do Sangue de Jesus Christo. E, é tamanha a « virtude d'este Sangue, que consegue apagar e purificar todo

« o peccado e toda a iniquidade ; o que inclúe não sómente os
 « peccados mortaes, mas tambem os veniaes. Portanto, crêr, se-
 « gundo a Igreja Romana ensina, que alguma cousa resta para
 « ser purgado ou purificado pelas chammas do purgatorio, não
 « é outra coisa senão calcar aos pés o Sangue de Jesus Christo,
 « é o mesmo que crêr que o Sangue de Christo não nos puri-
 « fica de todo o peccado, e que não é sufficiente em seu valor
 « ou em sua virtude ; é o mesmo que crêr que o Sangue de
 « Christo faz só metade da obra e não pôde fazel-a por inteiro ;
 « é o mesmo que crêr que o purgatorio pôde aperfeiçoar o que
 « Christo não poudê acabar, e que por isso, é mais efficaç do
 « que o Sangue do *Filho de Deus* ! »

Eis, pois, a antiga mas sempre nova objecção dos protes-
 tantes, methodistas, etc. ; que já data de Luthero e Calvino ; e,
 embora milhões de vezes refutada, sempre ha de ser o seu ca-
 vallo de batalha. Com ella combatem a necessidade das boas
 obras, o sacerdocio christão, a confissão, o sacrificio da Missa,
 etc. Em todas estas cousas querem vêr uma derogação ao
 Sangue de Jesus Christo.

Respondo portanto : Se os textos allegados devem ser ex-
 plicados assim como o querem o autor e os protestantes, se o
 Sangue de Jesus Christo tira todos os peccados e nos purifica
 de todas as manchas, como então os protestantes podem provar
 A JUSTIÇA de Deus em condemnar os peccadores para o inferno ?
 Ou não morreu Jesus Christo tanto *pelos condemnados* como
 pelos eleitos, não tirou *todos os peccados* do mundo, não puri-
 ficou com seu Sangue as consciencias de *todos os homens* das
 obras da morte para servir ao Deus vivo ? Se, portanto, apezar
 do Sangue de Jesus, apezar dos peccados que este Sangue ti-
 rou e dos quaes nos purificou, Deus em sua justiça ainda
 manda alguns, por causa de seus peccados, para o inferno,
 onde estes peccados não podem mais ser tirados, como não
 poderia em sua justiça mandar alguns por causa de seus pec-
 cados para o Purgatorio, onde estes peccados ainda podem ser
 tirados e purificadas as almas dos que os commetteram ?

A esta resposta, a unica que quero dar *nesta occasião*, os
 protestantes nunca acharão solução satisfactoria. Ella os com-
 bate com suas proprias armas e prova a verdade da palavra
 biblica : A iniquidade mentiu em seu proprio prejuizo.

Mas o moço, com quem falla o autor, apresenta *outra*
objecção á qual este responde. Eil-a : « Depois de algum tempo
 « disse-me que lhe tinham ensinado sempre, e que assim reza
 « o Catechismo Romano, que quando as Escripturas dizem, que
 « o Senhor Jesus tirou e perdoou os peccados, só querem dizer
 « que tirou e perdoou a *criminalidade* do peccado, porém não
 « o *reato* d'elle, isto é, a obrigação de soffrer a pena do pec-
 « cado ainda mesmo depois de perdoado » [Aqui o moço ou

para melhor dizer o autor (pois gente ordinaria não sabe de criminalidade e de reato), ouviram cantar o gallo mas não souberam d'onde; *reato* não é opposto á *criminalidade*, mas o *reato da culpabilidade* é opposto ao *reato da penalidade*, assim como o crime é opposto ao castigo do crime]. « E assim a Igreja Romana nos ensina que, embora tenhamos em Jesus o perdão da criminalidade de nossos peccados, nem por isso se nos perdoa o castigo que lhes é devido. Jesus tirou os peccados, porém a absolvição, a penitência e o purgatorio nos tiram o *reato* ou o castigo devido ao peccado! [Que bom professor de theologia Catholica daria este moço!!!! Não; a Igreja Romana ensina que a confissão, e tambem a contricção perfeita *junta ao voto de confessar*, *tiram a culpabilidade, a criminalidade e a pena eterna do inferno*, que *podem*, embora geralmente não o façam, devido ás disposições menos perfectas do penitente ou contricto, *tambem tirar toda a pena temporal* — mas que esta pena temporal, *não sendo tirada pela confissão ou pela contricção perfeita*, se tira *ou nesta vida* pela penitencia ou se não for tirada nesta vida, *na outra* no Purgatorio. Agora o autor vai responder a seu interlocutor].

« Respondi-lhe, que não ha fundamento algum para sustentar aquella opinião nem nas Escripturas Sagradas, nem no senso commum. Se esta opinião fosse exacta, ficaria destruido o Evangelho, porque o castigo dos peccados é aquillo que o peccador mais teme, e o Evangelho deixaria de ser Evangelho, se nos não dêsse a boa nova não só da salvação do castigo mas tambem do dominio e da criminalidade do peccado. Porém, qual é a distincção entre perdoar o peccado e perdoar o castigo do peccado? Entenderemos isto melhor citando, a proposito, o caso seguinte: Certo homem foi accusado do crime de alta traição contra o seu soberano, e, tendo-lhe sido provado o seu crime, foi condemnado á pena ultima como traidor. O soberano, no emtanto, usando da prerogativa da graça concedeu ao condemnado um perdão pleno e gratuito. Ao receber tão boa nova o infeliz enterneceu-se e o seu coração possuiu-se de reconhecimento, visto que o perdão estava assignado na devida forma e já esperava, cheio de prazer a liberdade e a vida, quando viu que lhe apertavam as cadeias com mais segurança do que nunca, e, quando contava viver, o conduziam para o patibulo, onde o esperava o verdugo, o machado e todos os preparativos para a sua execução. Ao vêr isto, pediu a liberdade e a vida que o soberano lhe concedera, e então responderam-lhe que o soberano lhe perdoára a *traição* mas não o *castigo* della. Não protestaria o infeliz em altas vozes contra uma burla tão cruel? e todo o homem sério não se revoltaria contra este ludíbrio e farça de perdão? E, comtudo, esta

« sombra de perdão, esta ficção, esta burla cruel, é a que a Igreja Romana attribue a Jesus Christo em vez do perdão, pleno e gratuito que elle nos alcançou derramando o seu proprio Sangue. » — Em seguida o autor cita Isaias, LXIV, 22; Mich. VII, 19; Hebr. VIII, 12; e continuo « Este é o perdão do céu. Assim perdoa Deus! redime o peccado e redime a pena do peccado; e um perdão que não comprehende ambas estas coisas seria um ludibrio cruel do peccador e um acto indigno d'Aquelle, que é Principe dos reis da terra.

Respondo: que apesar de tudo quanto alli escreveu o autor, apesar da sua affirmação que a doutrina Catholica é contraria á Escriptura Sagrada e ao senso commum, apesar do caso e dos textos que allegou, nada adiantou: pois quanto á Escriptura Sagrada, ella, sim, ensina (e todos os textos já allegados e ainda a allegar pelo autor o comprovam) que Jesus com sua morte na Cruz *perdoou todos os peccados e remetteu a pena eterna do inferno e a pena temporal merecidas pelos peccados*; mas ella ensina tambem que este perdão dos peccados e esta remissão das penas, que a morte de Jesus nos mereceu, não se communica aos adultos senão *á medida da sua cooperação e segundo as condições que Deus lhe prescreveu*. (Rom. X. 4-10) Ora *uma destas condições é, que o peccador mesmo depois de ter alcançado o perdão de seus peccados e a remissão da pena eterna do inferno, satisfaza as penas temporaes*. E isto se prova pela Escriptura Sagrada. Assim por exemplo, teve o propheta David *de satisfazer á justiça divina* pela morte de seu filho, fructo de seu adulterio com Bethsabé, *embora a culpa, isto é, seu peccado de adulterio já lhe fosse perdoado e com ella tambem a pena eterna do inferno* (II. Reg. XII, 13-23). « E David disse a Nathan: pequei contra o Senhor. E Nathan respondeu a David: Tambem o Senhor transferiu teu peccado: não morrerás. *Todavia, como tu pelo que fizeste deste lugar a que os inimigos do Senhor blasphemem, morrerá certamente o filho que te nasceu*. E voltou Nathan para sua casa. E o Senhor feriu de enfermidade ao menino, que a mulher d'Urias tinha parido a David, e perdeu-se a esperanza de que vivesse. E fez David *oração ao Senhor pelo menino, e jejuou* David com rigoroso jejum, e posto em retiro, prostrou-se sobre a terra..... Aconteceu que ao settimo dia morreu o menino. »

Aqui temos, pois, apesar do perdão do peccado, apesar da remissão da pena eterna do inferno, alcançados *em virtude da morte de Jesus Christo na Cruz que obteve para todos os homens, tambem PARA DAVID, perdão inteiro das culpas e remissão total das penas*, ainda uma *pena temporal que expiar*, que nem as lagrimas, nem as orações, nem os jejuns de David foram capazes de tirar. Segue-se disto que ha verdadeira distincção entre

perdoar o peccado e perdoar *todos* os castigos do peccado, e que a doutrina Catholica *não é contraria á Escriptura Sagrada*. Nem é contraria *ao senso commun*.

1.^o Porque vemos no exemplo de David, que Deus a confirma — Ora *Deus não peccará contra o senso commun*; mas, 2.^o porque entre o perdão que *Deus* dá ao peccador e o que deu o *soberano*, no caso allegado pelo autor, ao réo de alta traição, não ha paridade e por conseguinte nem pôde haver comparação. Se este soberano, perdoando a seu offensor o crime de alta traição e *concedendo-lhe a vida, tirasse mudado a sentença de morte em alguma multa*, então, sim, haveria paridade e poderia comparar-se o seu procedimento com o de Deus, que, perdoando o peccado e remetendo a pena eterna, a muda em alguma pena temporal. Agora, porém, que o soberano procede de modo muito differente, *todo o caso está fora da questão*, e não pôde auctorisar as palavras do autor: « E, contudo, esta sombra de perdão, esta ficção, esta burla cruel, é a que a Igreja Romana attribue a Jesus Christo; — muito pelo contrario, a ignorancia mais supina, ou, para dar ás cousas seus verdadeiros nomes, o odio fanatico á Igreja Catholica, cujo bom direito o autor deve e não quer reconhecer, faz que elle lhe impute tal sombra de perdão.

Mas continua o autor: « ainda não acabei com esta doutrina. Não ha verdade mais certa em toda a revelação de « vna » [Eu cá para mim sempre tinha pensado que *todas as verdades reveladas por Deus eram igualmente certas*; a razão é, a authoridade de Deus que não pôde enganar a si mesmo nem a nós: — ao que parece o autor é de outra opinião. Será doutrina protestante? Catholica decerto não é.] « do que a « de ter Deus acceitado os soffrimentos de Jesus Christo em « lugar dos soffrimentos que nos merecemos. » Segue-se um longo desenvolvimento desta verdade, *que eu tambem como todos os mais catholicos admitto*, seguido desta conclusão: « Este é « o Evangelho: ao passo que consola e alenta o crente, des- « troe a ficção de que Jesus remia o peccato sem remir o « castigo do peccado. »

A resposta a esta objecção que serve de conclusão ao primeiro capitulo sobre o Purgatorio, já é dada no que acabo de escrever. Sim, *o Justo expiou plenamente para todos os injustos presentes, passados e futuros*; mas, como provei, a expiação do Justo não se communica aos injustos adultos senão á medida da sua cooperação e segundo as condições que Deus lhe prescreveu (Rom. X, 4-10). Ora, uma d'estas condições é, que o injusto, depois de ter alcançado o perdão dos seus peccados e remissão da pena eterna do inferno, satisfaça as penas temporaes (II Reg. XII, 13-23).

Passemos agora ao segundo capitulo, que escreveu o au-

tor sobre o mesmo assumpto. Quaes serão as novas objecções que elle allí apresentará? Puerilidades, disparates, que não nos mereceriam a pena d'uma séria resposta se não soubessemos que ha homens simples tão ignorantes na materia de religião, que se deixam enganar pelas difficuldades mais triviaes.

Principia o autor com dizer, que uma das objecções terminantes, que os protestantes têm contra a existencia do Purgatorio, é, *de não se achar ella na Escriptura Sagrada*; asserção que, como provei no artigo anterior, é falsa. «Estas, diz elle, fallam só do céu e do inferno, mas não se encontra nellas uma só palavra a respeito do Purgatorio»; — se o autor dissesse não se encontra nellas a palavra, o nome Purgatorio, gostosamente concordaria com elle; agora, porém, que sustenta que nellas não se encontra uma só palavra a respeito do Purgatorio, nego-o redondamente; ha, como vimos, muitos logares que são inexplicaveis sem admittirmos a existencia do Purgatorio.

«Em todos os discursos do Senhor, continúa o autor, em «todas as epistolas dos Apostolos, em todos os escriptos dos «prophetas não se encontra a minima allusão em tal logar» — isto é mentira e nada mais; lêde, II Machab. XII 43-46, Mattheus XII 32; V. 25-27; Luc. XII 58-59; I Cor. III 11-15.

«As escripturas Sagradas, escreve o mesmo, em todas as «partes fallam de dois estados futuros, chamados, um «a vida «eterna», outro «o eterno supplicio»; — eis nova mentira; as *Escripturas Sagradas fallam explicitamente d'um terceiro logar «do seio de Abrahão*»: «Aconteceu porém (Luc. XVI. 22) que «o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de «Abrahão. E morreu tambem o rico e foi sepultado no inferno». Aqui o «seio de Abrahão» não póde ser o céu, visto como o céu no tempo em que Jesus fallava estas palavras, ainda estava fechado, o céu só abriu-se pela morte de Jesus, e os primeiros moradores do céu entraram no céu no dia em que Jesus subiu ao céu; pois então, segundo o Apostolo S. Paulo (Hebr. IV, 8) «Subindo ao céu elle levou captivo o captiveiro», isto é, Jesus abriu o céu e introduziu nelle todos os captivos, isto é, todas as almas dos justos que já tinham morrido e ainda estavam privados do céu. Logo, se estas almas não estavam no céu que ainda era fechado e nem podiam estar no inferno que não mereceram, deviam estar em outro logar, que nos chamamos o seio de Abrahão ou o limbo.

«Porém, no que toca ao purgatorio, conciue, nada dizem «como se os escriptores sagrados nunca tivessem ouvido fallar «d'elle»; — nada dizem explicitamente, concedo; nada dizem implicitamente, nego.

Dito isto, o autor vai provar, que o Purgatorio não existe e por isto faz emittir por seu interlocutor catholico duas sen-

tenças que elle ao depois combate com força de argumentos, a saber: 1.^o que todas as almas dos justos, depois da morte devem ir para o Purgatorio, e 2.^o que as almas dos justos não entrarão no céu senão depois do juizo universal.

E' claro, que não quero entrar em sério debate com um contraversista, que lança mão de armas tão ignobeis, sómente digo que de todo não são catholicas as sentenças emitidas pelo interlocutor catholico do autor.

Pois todos os catholicos admittem: 1.^o que *todas as almas dos justos fallecidos, que não tem mais nada que expiar á hora da morte, ou que depois da morte já expiaram no Purgatorio, vão immediatamente para o céu*, e não hão de esperar para poderem entrar no céu o dia do juizo final.

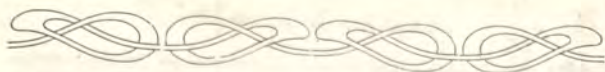
2.^o que *muitas almas logo depois da morte irão para o céu sem primeiro irem para o Purgatorio*, como por exemplo as almas das crianças baptisadas que morrem antes dos annos de discrição; as dos adultos que morreram logo depois do seu baptismo; as dos martyres que confirmaram a fé pelo testemunho de seu sangue; as dos justos que á hora da morte não tinham mais que expiar, porque já expiaram plenamente nesta vida.

E por isso não respondo á pergunta do autor: onde estão as almas da SS. Virgem Maria e dos Apostolos e dos Santos? não respondo ao extracto que elle tira d'aquelle livrinho da ordem dos Carmelitas; nem respondo á pergunta onde estão as almas perdidas? porque me lembro do conselho divino Eccl. XXII, 28: «Os labios dos imprudentes dirão fatuidades, mas as « palavras dos homens prudentes serão pezadas na balança »; e d'estas outras (v. 10): « Chora sobre o insensato porque lhe « falta sentido ».

Sómente quero observar: 1.^o, que os textos da Escripturas que fallam do céu como da recompensa que Deus dará depois d'esta vida ás almas dos justos, não podem ser allegados para provar que os justos *imediatamente depois da morte* irão para o céu. A razão é porque não o dizem; promettem o céu, sim mas não o promettem *logo depois da morte*; ou se alguns textos parecem promettel-o, são só applicaveis aos que *na vida satis fizeram plenamente*.

2.^o que a palavra de Jesus: « Hoje serás conmigo no Paraizo » Luc. XXIII 43 não promettem ao bom ladrão a entrada *do céu* naquelle dia, porque o céu ainda não estava aberto, mas a entrada *no limbo* para onde foi tambem a bemdita alma de Jesus.

3.^o que os catholicos não admittem 7 logares onde estão as almas depois d'esta vida, mas só *quatro*, todos elles reconhecidos pela Biblia: *o céu, o inferno, o purgatorio e o limbo*, que se chama tambem: *Limbus Patrum, Limbus Infantium*, scio de Abrahão.



CAPITULO XXI

A SUPREMACIA DA IGREJA ROMANA

O que neste capitulo pretende provar o autor das *Noites com os Romanistas* é a arrogancia da Igreja Catholica, Apostolica Romana, em se chamar «a Mãe e a Senhora de todas as Igrejas», e a do Papa em chamar-se *Vigario de Jesus Christo*.

Ella nem é a *Mãe*, assim argumenta, porque não principiou em Roma mas em Jerusalém; nem é a *Senhora*, porque a maioria numerica dos christãos repelle sua autoridade, e seu chefe que se chama o Vigario de Jesus Christo, e nesta qualidade se attribue *autoridade espiritual sobre a Igreja e autoridade temporal sobre os reinos da terra* não faz senão tornar mais patente esta arrogancia.

A esta asserção, que ao autor só serve de preambulo para atacar o primado de S. Pedro, verdadeiro fim d'este capitulo, respondendo que embora a Igreja de Jesus Christo principiasse em Jerusalém não foi *alli* mas em Roma que collocou a sua sede o centro da sua unidade. Ora, como é do centro que parte a vida, a Igreja Romana com pleno jús se chama a *Mãe de todas as Igrejas*. Pela mesma razão reivindica para si com todo o direito o titulo de *Senhora de todas as Igrejas*, isto é, de todas as secções das Igrejas de Jesus, espalhadas pelo mundo inteiro, com outras palavras: de todas as Igrejas Catholicas que ha no Universo, pois as igrejas schismaticas ou hereticas dos gregos e protestantes para ella não são igrejas mas seitas. E quanto ao Papa, o Vigario de Jesus Christo nesta terra, sua *autoridade immediata, di ecta e universal em cousas espirituaes* e sua *autoridade indirecta nas cousas temporaes* é consequencia necessaria de seu *Primado de honra e de jurisdicção sobre toda a Igreja*.

Toda a questão, portanto, versa sobre o Primado de São Pedro. Se elle existe e de S. Pedro passou a seus legítimos

successores os Papas Romanos, a supremacia da Igreja Romana com isto mesmo está provada.

Provemos pois 1.^o O Primado de S. Pedro, para em seguida refutarmos; 2.^o As objecções do autor.

ARTIGO I

O Primado de S. Pedro

Para estabelecer a supremacia da Igreja Romana como « Mãe e Senhora de todas as Igrejas », provaremos: 1.^o, que Nosso Senhor Jesus Christo deu ao Apostolo S. Pedro o primado de honra e de jurisdicção em toda a sua Igreja;

2.^o, que este primado de S. Pedro devia, segundo a vontade de Jesus Christo, sempre continuar até á consummação dos seculos nos legitimos successores de S. Pedro.

3.^o, que o legitimo successor de S. Pedro é o Papa de Roma, e que, por conseguinte, a Igreja de Roma, onde reside o Papa, tem a supremacia sobre todas as Igrejas.

Digo I. NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO DEU AO APOSTOLO S. PEDRO O PRIMADO DE HONRA E DE JURISDICÇÃO EM TODA A SUA IGREJA.

Esta verdade se desume claramente da *Escriptura Sagrada*, a unica autoridade para a qual quero appellar nesta argumentação. Com effeito, que diz ella a respeito do primado de São Pedro? Quatro cousas, a saber: a) que Jesus *prometteu* o primado a S. Pedro; b) que realisando sua promessa o *investiu* do primado; c) que S. Pedro foi *reconhecido* por todos como revestido do primado; d) que elle em consequencia de seu primado exerceu na Igreja o summo poder. Expliquemos e provemos cada uma d'estas verdades.

a) A PROMESSA DO PRIMADO, se lê em Matth. XVI, 13-20, e foi feita a S. Pedro por Jesus, quando cercado de todos os seus Apostolos se achava ás portas da cidade de Cesarea de Philippe. N'aquella occasião Jesus perguntou a seus discipulos: Quem dizem os homens que é o Filho do homem? Elles responderam: Uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias, mais outros que é Jeremias ou um dos prophetas. Depois desta resposta Jesus tornou a perguntar: Vós, porém, quem dizeis vós que eu sou? E tomando *Pedro* a palavra respondeu: Tu és o Christo, filho de Deus vivo. Respondendo então Jesus *lhe* disse: Bemaventurado és Simão Barjona, porque não foi a carne e o sangue que a ti o revelou, mas sim meu Pae que está nos céos. *E eu digo a ti que tu és Kepha (pedra-rocha) e sobre esta Kepha (pedra-rocha) eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E a ti da-*

rei as chaves do reino dos céos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céos, e tudo o que desatares na terra, será desatado também nos céos. São estas as palavras que, segundo a exegese catholica, contém a magnifica promessa do primado feito por Jesus a S. Pedro, isto é, à *pessoa* de S. Pedro.

E, na verdade, uma rapida analyse d'estas palavras bastará para d'isto nos convencer. O que Jesus aqui pretende fazer, é, fundar uma Igreja, que lhe pertencerá *de modo exclusivo*, que será a unica que elle reconhecerá como a sua «*edificarei a MINHA Igreja*». Esta Igreja é comparada por elle a um *edificio solido, firme, inconcusso*, «e as portas do inferno não prevalecerão contra ella»; e, como a solidez d'um edificio depende essencialmente da solidez de seu fundamento, Jesus quer lhe dar um *fundamento inabalavel como uma rocha*. Mas quem será este fundamento? O fundamento *primario*, isto é, a *pedra angular*, é excusado dizel-o, será elle mesmo (I Cor. X, 4; Act. IV. 11); mas, como Jesus quer que sua Igreja seja visivel e elle não sempre conversará visivelmente com sua Igreja, elle lhe quer dar mais outro fundamento sempre visivel até á consummação dos seculos. Este fundamento secundario e sempre visivel na Igreja será *S. Pedro, vivendo sempre em seus legitimos successores*, a quem Jesus desde o principio destinára para fundamento secundario da sua Igreja, e que com sua esplendida confissão de fé: Tu és o Christo, filho de Deus vivo, *ocasionára a solemne proclamação d'este privilegio da parte de Jesus*. Por isso Jesus, *na presença de todos os Apostolos*, se dirige *exclusivamente a S. Pedro*, «e eu digo a ti»; muda-lhe assim, como Deus ás vezes fazia quando conferia a homens prerogativas singulares (Gen. XVII: 5-15; XXXII, 28), o nome de *Simão Barjona* no de *Pedro*, ou para melhor dizer no de *Kepha*, palavra que na lingua aramaica, fallada por Jesus, significava *pedra-rocha*; e diz: *E eu te digo que tu és Pedro* (Kepha, pedra-rocha) *e sobre esta Kepha* (isto é, sobre a pedra de que fallei sobre ti) *edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella*.

Ora, quem considerando estas palavras, se atreverá a negar que com ellas Jesus promete a S. Pedro constituir-o o fundamento do edificio espiritual da sua Igreja? Mas, se São Pedro devia ser para o edificio espiritual da Igreja de Jesus Christo, o que para um edificio material é o fundamento, que tudo sustenta, em que tudo se apoia, que rege tudo, como então negar que Jesus lhe promete na sua Igreja o summo poder, o primado?

E isto é ainda mais confirmado pelo que segue: «*Eu te darei as chaves do reino dos céos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céos, e tudo o que desatares na terra, será desatado também nos céos*». Pois, com estas pala-

vas Jesus, que, fallando de S. Pedro como do fundamento da sua Igreja se a representára como um edificio que ainda estava *para construir*, se representa sua Igreja como um edificio *já construido* e promette a S. Pedro, promettendo-lhe as chaves d'este edificio e declarando de antemão que Elle no céo ratificará o uso que Pedro fizer d'estas chaves nesta terra, á autoridade suprema e universal sobre este edificio. Pois entregar a alguém as chaves d'uma casa, d'uma cidade, d'um reino, significou sempre no mundo todo e significa ainda hoje, *reconhecer esse tal como governador d'essa casa, cabeça d'essa cidade, chefe supremo d'esse reino*, — é reconhecer o revestido da plenitude da jurisdicção, do poder supremo para abrir e fechar, isto é, para reger e governar a sociedade domestica, civil ou religiosa.

Estes dois textos, aos quaes poderia juntar outros, como por exemplo Luc. XXII: 32, são tão claros, promettem tão terminantemente a S. Pedro o primado na Igreja de Jesus Christo que protestantes illustrados como Keiss, Keil, Mausel, Thompson, Bauer e muitos outros reconhecerem a interpretação que demos. Citemos uns d'elles. «Estas palavras, escreve Schilling (Phil. « der. offenb. II, 301), estas palavras de Christo são para sempre decisivas em favor do primado de S. Pedro sobre os « Apostolos, PRECISA-SE DE TODA A OBCECAÇÃO DO ESPIRITO DE « PARTIDO PARA NEGAR A FORÇA PROBATORIA DESTAS PALAVRAS « OU EXPLICAL-AS N'UM SENTIDO DIFFERENTE D'ESTE». Do mesmo modo escreve Meyer (Krit. exeq. comm. Matth. XVI: 18, 19): « E' fora de duvida que aqui se attribue a S. Pedro, o primado sobre os Apostolos»; e Salvador, judeo-incredulo, em seu livro «Jesus Christ et sa doctrine» (tom. I, lib. II. cap. I, p. 325) subscrive estas palavras.

b) Até agora porém, Jesus *só promettêra* a S. Pedro conferir-lhe o primado na sua Igreja; chegou o momento em que VAE CUMPRIR SUA PROMESSA E INVESTIR S. PEDRO DO GRANDE PODER PROMETTIDO. E' lá nas margens do mar de Tiberiades, na presença de todos os Apostolos, que elle lhe confere esta preeminencia de honra e jurisdicção. «Tendo, pois, elles jantado, « escreve S. João (XXI, 15-17), disse Jesus a Simão Pedro: « Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: « Apascenta os meus cordeiros. Disse-lhe outra vez: Simão, « filho de João, amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros. Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Ficou Pedro triste por ter lhe dito terceira vez amas-me? E lhe disse: Senhor, tu conheces todas as cousas, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas».

Ora, estas palavras excluem todo o equívoco. O que em Mattheus XVI, 18-19, promettêra Jesus, está feito. Depois de

ter exigido de S. Pedro, que reparasse por uma triplice confissão de seu acendrado amor o escandalo da sua triplice negação no atrio de Caiphás, Jesus lhe entrega a suprema pastoreação de todo o seu rebanho — cordeiros e ovelhas — a supremacia sobre toda a Igreja, o investe do primado, o constitue pastor supremo não sómente dos simples fiéis (os cordeiros) senão também dos pastores (as ovelhas). E para que ninguém entendesse estas palavras *sómente da doutrinação*, como se S. Pedro sómente houvesse de apascentar o rebanho ensinando-lhe a doutrina de Jesus Christo, Jesus além da palavra «bóske» que significa «apascenta, alimenta», accrescenta outra palavra (v. 16) «*poimane* ta probata mou», que significa: «apascenta-os com imperio, apascenta presidindo.

c) Em consequencia deste supremo poder S. Pedro é RECONHECIDO POR TODOS COMO O SUPREMO PASTOR DA IGREJA, ABAIXO DE JESUS CHRISTO. Como tal o reconhece o *proprio* Jesus, pagando por si e por S. Pedro unicamente, apesar de se acharem presentes os demais Apostolos, e com igual quantia o tributo a Cesar (Matth. XVII, 16); predizendo-lhe as circumstancias da morte com que glorificaria a Deus (João XXI, 18, 19); preferindo a sua barca para doutrinar as turbas; resando por elle de modo especial para que não falte a sua fé, «encarregando-o de confortar na fé seus irmãos», dirigindo-se só a elle quando na horta das Oliveiras reprehendeu os Apostolos que dormiam; apparecendo-lhe depois da sua Resurreição antes de se manifestar aos outros, etc., etc. (Luc. XXII, 32 — XXIV, 34). Como tal também o reconheceram os *judeos compungidos* que quizeram converter-se (Act. II, 37); e os *fiéis contristados* que se abalavam com sua prisão e resavam incessantemente por elle a Deus (Act. XII, 5). Como o primeiro entre todos o reconheceram também os *Evangelistas e Escriptores Sagrados*, que na enumeração dos Apostolos sempre lhe attribuem o primeiro logar (Matth. X, 2; Marc. III 16; Luc. VI 14), embora não fosse nem o primeiro chamado ao Apostolado nem o mais velho em idade (João I, 33-41); que o nomeiam sempre pelo seu nome, ao passo que nomeiam os outros Apostolos d'um modo geral, como se lhe fossem inferiores (Act. II, 14; V: 39; Marc. I, 36); que citam seu nome com muito maior frequencia, pois se encontramos o nome de S. João 38 e o de S. Paulo 150 vezes no Novo Testamento, o de S. Pedro alli se encontra 180 vezes.

d) EMFIM, O PROPRIO SÃO PEDRO, CONSCIO DESTA SUA EXCELSA PREROGATIVA SE PROPÕE SEMPRE AO PRIMEIRO PLANO, APPARECE SEMPRE NO PRIMEIRO PLANO, APPARECE SEMPRE O PRIMEIRO EM TUDO, E EXERCE EM TODA A IGREJA O SUPREMO PODER.

Elle preside na reunião dos Apostolos e falla em nome de todos, como por exemplo, no cenaculo de Jerusalém, onde

ordena preencher com a eleição de Mathias a vaga aberta no collegio dos Apostolos pela traição de Judas (Act. I: 15).

Elle no dia de Pentecostes é o primeiro a dar publico testemunho da resurreição de Jesus Christo, a interpretar com autoridade as Escripturas Sagradas, a promulgar a lei da graça (Act. II: 14).

Elle em nome de todos responde perante os principes dos sacerdotes (Act. V: 29).

Elle preside no Concilio de Jerusalém (Act. XV: 7), onde propõe as mais importantes questões e define a doutrina que se deve seguir e o seu alvitre põe termo às discussões d'aquella augusta assembléa.

Elle é o primeiro a percorrer e visitar as Igrejas perseguidas, deixando-as confirmadas na fé (Act. IX: 52).

Elle é o primeiro a prégar o nome de Jesus não sómente aos Judeos (Act. I, IV: 8-9), senão também aos gentios (Act. X, XI).

Elle é o primeiro a exercer o poder coercitivo na Igreja ainda nascente, ferindo de morte a Ananias e a Saphira pela mentira que pregaram ao Espirito Santo e a Simão, o magico, excommungando-o pela sua execravel tentativa de querer comprar por dinheiro as cousas santas; (Act. V: 1; VIII: 20).

Elle, enfim, é o primeiro a confirmar a fé christã pelo estrondoso milagre, que operou na pessoa do pobre côxo da porta Especiosa (Act. III: 7).

N'uma palavra, a *Escriptura Sagrada* apregoa bem altamente o primado de S. Pedro, e tendo em vista as *datas diferentes em que foram escriptos seus livros* podemos dizer que d'elles se prova claramente que já antes ou ao menos cerca do anno 100 depois de Christo (época em que foi escripto o ultimo de seus livros), o *Primado de S. Pedro* era reconhecido publicamente como uma *verdade incontestavel* e nas Igrejas da *Palestina* (Matth. XVI: 17-19; Gal. I: 8; Act. I—X), e nas Igrejas *paulinas* (Gal. I: 8; II: 14), e na *Italia* (Luc. XXII: 32), e nas cidades da *Asia Menor* (João XXI), isto é, nos centros da então christandade; e por consequinte, como se prova pela universalidade com que era acceito, *constituiu parte da pregação dos Apostolos e da doutrina e das instituições de Jesus Christo*.

Fica pois, provada pela *Escriptura Sagrada* minha primeira proposição: *que Nosso Senhor Jesus Christo deu ao Apostolo S. Pedro* (isto é, à pessoa d'elle), *o Primado de honra e jurisdicção sobre toda a Igreja*. E por isso, o Concilio Vaticano definiu com pleno direito na sua constituição dogmatica «Pastor Eternus»: «Seja anathema todo aquelle que disser que o B. Pedro, Apostolo, não foi constituido por Christo Senhor Nosso, Principe de todos os Apostolos e chefe visivel de toda a Igreja militante, ou que o mesmo Pedro recebeu apenas directa e im-

mediatamente do mesmo Christo, Nosso Senhor, um Primado de honra e não de verdadeira e propria jurisdicção».

Agora, vou provar a outra proposição, a saber:

QUE ESTE PRIMADO DE S. PEDRO DEVIA, SEGUNDO A VONTADE DE JESUS CHRISTO, SEMPRE CONTINUAR ATÉ A CONSUMMAÇÃO DOS SECULOS NOS LEGÍTIMOS SUCCESSORES DE S. PEDRO.

A prova não é muito difficil. Basta perguntar por quanto tempo Jesus instituiu sua Igreja? Usque ad consummationem saeculi, até a consummação dos seculos (Matth. XXVIII: 20), isto é, até o fim do mundo. A Igreja, portanto, segundo a vontade do mesmo Salvador, devia ser *uma instituição permanente*. Ora, como poderia ser uma instituição permanente, como poderia continuar a sua existencia atravez dos seculos sem que tambem continuasse a existir o *fundamento, a base sobre a qual foi edificada*? E como este fundamento, esta base poderia continuar a existir se S. Pedro, que como todos nós era homem mortal, não continuasse a *cicer em todos os seus legítimos successores*?

A' mesma conclusão nos levam as palavras com as quaes Jesus constituiu a S. Pedro claviculario do reino dos céos e pastor-mór de todo o seu rebanho. Pois *se até o fim dos seculos haverá homens a quem S. Pedro, o claviculario celeste ha de abrir as portas do céu, se em todos os tempos todas as ovelhas e todos os cordeiros deverão escutar á voz e seguir a conducta de S. Pedro, o pastor-mór de todo o rebanho de Jesus Christo*, força é que S. Pedro continue a viver até a consummação dos seculos. Mas sendo homem mortal como poderá continuar a viver? *Sómente em seus legítimos successores.*

Emfim, o primado de S. Pedro não é parte *integral*, mas *essencial* da Igreja de Jesus Christo; é-lhe tão necessario que sem elle deixa de existir. Porque? Porque é o centro da sua unidade. Ora, «se este centro da unidade, diz o protestante «Grocio (Annot. cap. V, p. 131), ja era *tão necessario* naquelles «tempos em que a graça do Senhor era mais abundante do «que hoje *para manter a concordia e a unidade entre os mesmos Apostolos*, quanto mais necessario será pois *nos tempos actuaes*?» Mas se o primado de S. Pedro não se transmittisse a todos os seus legítimos successores, que seria então do centro da unidade, e por consequente da propria Igreja?

Segue-se d'isto, 1.^o que o primado de S. Pedro *segundo a vontade de Jesus Christo* devia ser *perpetuo*, isto é, que S. Pedro em seu primado sobre toda a Igreja, segundo a vontade de Jesus Christo, devia ter successores até o fim dos seculos. Segue-se 2.^o, que o primado dado a S. Pedro não foi para elle um privilegio *pessoal*, um privilegio que acabava com sua morte, como querem os protestantes, não; foi uma instituição divina, uma criação nova e permanente. S. Pedro por direito divino,

isto é, por instituição divina devia continuar a viver na Igreja até o fim dos seculos, senão *corporalmente*, porque era homem mortal como os demais, ao menos *moralmente* em seus successores que não constituiriam com elle senão uma pessoa moral. E é por isso que o Concilio Vaticano (Const. I de Eccl. can. 2) estabeleceu o seguinte canon: «Se alguém disser que não é « por instituição do proprio Jesus Christo, ou por direito divino, que o B. Pedro em seu primado sobre toda a Igreja « tem perpetuos successores, seja anathema ».

Resta ainda a provar a ultima e tereceira proposição, a saber: QUE O LEGITIMO SUCCESSOR DE S. PEDRO NO PRIMADO SOBRE TODA A IGREJA É O BISPO DE ROMA (CHAMADO PAPA), E QUE POR CONSEQUENTE A IGREJA DE ROMA ONDE RESIDE O PAPA TEM A SUPREMACIA SOBRE TODAS AS IGREJAS.

Para provar esta verdade eu poderia discorrer da maneira seguinte. Do que já disse ficou patente que o primado de São Pedro é perpetuo, que deve continuar a existir na Igreja até o fim dos seculos. Ora, já desde a morte S. Pedro os bispos de Roma, os Papas, reclamaram para si o privilegio do primado e exerceram-no pacificamente em todas as Igrejas, sem que houvesse igreja ou bispo que reclamassem contra tal usurpação de poder ou exigissem este privilegio para si. Este facto é só explicavel *pela crença commun de toda a Igreja, já desde os tempos dos Apostolos*, que os bispos de Roma, isto é, os Papas, são os legitimos successores de S. Pedro, e que só a elles e a nenhum outro passou o primado do príncipe dos Apostolos. Por consequente, *é tradição Apostolica* que o bispo de Roma é o successor de S. Pedro em seu primado sobre toda a Igreja, e que a Igreja de Roma tem a supremacia sobre todas as Igrejas. Mas a tradição Apostolica, não pode nos enganar. Por consequente, é certo que o bispo de Roma é o legitimo successor de S. Pedro no primado sobre toda a Igreja e que a Igreja de Roma tem a supremacia sobre todas as mais igrejas.

Esta prova indirecta, decerto, não deixará de convencer a todos.

Mas, prefiro proval-o tambem *directamente*, e digo: E' certo, como actualmente concedem quasi universalmente tambem os protestantes, que S. Pedro morreu bispo de Roma. Ora, morrendo bispo de Roma, S. Pedro legou á sede Romana a sua prerogativa do primado sobre toda a Igreja. Logo, só o que succede legitimamente a S. Pedro na séde Romana, goza da prerogativa do primado sobre toda a Igreja.

Mas como eu provo que S. Pedro morrendo bispo de Roma legou a séde Romana e a nenhuma outra sua prerogativa do primado sobre toda a Igreja? Respondo *porque morreu alli sem ter deixado ordenação alguma a respeito de quem lhe havia de succeder no primado sobre toda a Igreja*. Sem duvida,

se S. Pedro em sua qualidade de chefe da Igreja *durante sua vida tivesse nomeado seu successor depois da morte, o nomeado por S. Pedro herdaria sua prerogativa do primado*; se elle morrendo *sem séde alguma*, como por exemplo acontecer a S. Paulo, *tivesse deixado ao cuidado da Igreja o nomear seu successor, o que a Igreja nomeasse herdaria de S. Pedro a prerogativa do seu primado*. Mas S. Pedro *não fez nem um nem outro*. Desligou-se da cadeira de Antiochia que occupára antigamente entregando-a a S. Evodio, veio a Roma para fundar e governar aquella Igreja como bispo e *alli morreu sem ter nomeado seu successor, sem ter dado á Igreja a incumbencia do nomeal-o*. Ora sendo, como vimos, o primado perpetuo por instituição divina, e não tendo S. Pedro nomeado um successor durante sua vida, nem incumbido a Igreja de nomeal-o depois da sua morte, segue-se necessariamente *que legou a sua prerogativa do primado á séde Romana*; a não ser assim, deveríamos admittir que o primado de S. Pedro *acabou com a sua morte*, e isto seria contraria á vontade de Jesus Christo que quer que o primado continue a existir na sua Igreja até o fim dos seculos.

A' séde Romana, por conseguinte, está annexa a prerogativa do primado de S. Pedro, e por isso os que legitimamente succedem a S. Pedro na séde romana, isto é, os bispos romanos, os Papas são os legitimos successores de S. Pedro, no primado sobre toda a Igreja.

Tratemos agora das objecções do autor.

ARTIGO II

Refutação das objecções do autor

Para poder negar a Supremacia da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, ou com outras palavras o primado de S. Pedro e de seus legitimos successores, o autor das *Noites com os Romanistas* nega successivamente cada uma das tres proposições que estabelecemos para provar a doutrina catholica.

Que suas objecções, tão pouco como as de toda a phalange dos sectarios, descrentes e atheos, possam chegar a derubal-a já foi predito pelo proprio Jesus com as mesmas palavras com que prometeu a S. Pedro o primado: «as portas do inferno não prevalecerão contra ella» (Matth. XVI: 19).

Não obstante, pagará a pena encarar cada uma das suas objecções para refutal-as e com a refutação abrir os olhos aos que se deixaram obcecar com seus sophismas capciosos.

«A primeira proposição escreve o autor, — o primeiro elo da cadeia — é que Nosso Senhor Jesus Christo ordenou

« que a Igreja fosse edificada sobre S. Pedro, como sobre uma
« rocha, segundo se vê das palavras: « Tu és Pedro e sobre
« esta pedra ou rocha, edificarei minha Igreja ».

« Esta declaração é, quando menos, muito questionavel.
« Nosso Senhor Jesus Christo é a rocha ou pedra em que a
« sua Igreja se edificou e é indubitavelmente uma interpreta-
« ção falsa d'esta passagem o suppôr, que esta rocha ou pe-
« dra era S. Pedro ». — Em seguida, para provar sua interpretação, segundo a qual, a pedra ou rocha sobre que Jesus edificou sua Igreja não é S. Pedro mas o proprio Jesus Christo, o autor cita uma multidão de passagens do *Antigo* Testamento, que têm por fim: ensinar-nos que N. S. Jesus Christo é o fundamento da nossa salvação. Do uso tão frequente d'estas expressões no Antigo Testamento elle conclúe á significação analogá d'esta mesma expressão no *Novo* Testamento, e cita Matth. XXI: 42; Eph. II: 20-21; I Cor. III: 10-11, onde a palavra « *pedra* » significa a Jesus Christo, e Jesus Christo é chamado o unico fundamento. Depois continua: « Passagens claras
« e terminantes como estas de sobra demonstram que Jesus
« Christo é a unica « *pedra* » ou « *rocha* » que serve de fundamento á sua Igreja. No entanto, a Igreja Romana sustenta
« que S. Pedro é a « *pedra* » ou « *rocha* » sobre a qual se edifica a Igreja. Succede felizmente que temos o juizo do proprio S. Pedro, a respeito do assumpto, e vemos que este
« Apostolo está tão longe de tomar para si essa honra que inteiramente a attribúe a Christo. Eis o seu testemunho. Por
« cuja causa se acha na Escripura: « Eis aqui ponho eu em
« Sião a principal PEDRA do angulo, escolhida, preciosa: e o
« que crêr nella não será confundido. Ella é pois honra para
« vós, que crêdes: mas para os incredulos a PEDRA, que os
« edificantes rejeitaram, esta foi posta por cabeça do angulo:
« é *pedra* de tropeço e *pedra* de escandalo para os que tropeçam as palavras, e não crêm em quem igualmente foram pos-
« tos » (I Pedro II: 6-8). Nestas palavras o Apostolo S. Pedro cita
« duas prophecias: a primeira de Isaías XXVIII 16; e a segunda
« de Isaías VIII: 14. E ambas ellas S. Pedro applica a Nosso
« Senhor, firmando assim com a sua autoridade que Jesus
« Christo é a « PEDRA » e a « ROCHA », de que fallam as Escripturas ».

Interrompendo aqui a verbosidade do autor, respondo: que todos os catholicos assim como o autor das *Noites com os Romanistas* admittem, que N. S. Jesus Christo é o autor, a pedra angular, o summo chefe, a unica cabeça invisivel, o fundamento divino da sua Igreja, e neste sentido subscrevem as palavras de S. Paulo (I Cor. III: 11): « que ninguem pôde pôr outro fundamento senão o que foi posto, que é Jesus Christo ». Do mesmo modo admittem todos, que a expressão *pedra* ou

rocha, no Velho bem como no Novo Testamento é muitíssimas vezes applicavel a N. S. Jesus Christo. Mas d'isto ainda não se segue que a «PEDRA» DE MATTH. XVI: 18 «e sobre esta *pedra*» edificarei a minha Igreja» é necessariamente Nosso SENHOR JESUS CHRISTO. Não; alli a palavra «*pedra*» significa (como provarei claramente mais adiante contra a interpretação ridicula e forçada do autor) a *pessoa de Pedro*. E nada obsta a que, sendo Jesus Christo a *primeira pedra*, a pedra angular, a pedra fundamental, o fundamento invisivel da Igreja que não pode ser substituido por outro, S. Pedro seja a *pedra secundaria*, o *fundamento visivel* em consequencia do privilegio de que o investiu Jesus.

D'ahi se vê tambem o pouco valor probante das proprias palavras de S. Pedro (I Pedro II: 6-8), ás quaes o autor podia ter accrescentado as de Act. IV: 11, (que Christo) «é a «pedra mysteriosa reprovada pela perfidia judaica, mas que «no plano da Providencia ficou sendo a pedra angular da casa «de Deus»; pois o que S. Pedro nestes logares affirma é *sómente que Jesus Christo é a pedra angular*; o Apostolo nem pensa em fallar da sua prerogativa, porque para seu fim *lhe basta ter estabelecido*, que o fundamento primario da Igreja é N. S. Jesus Christo.

Mas continuemos a citação das palavras seymourianas, terão ao meos para nós a grande attracção da novidade, pois nellas dará uma interpretação de Matth. XVI: 13-19 tão engenhosa como sorprehendente. «N'estas palavras, diz elle, faz «S. Pedro a seguinte profissão de fé: «Tu és o CHRISTO, «FILHO DE DEUS VIVO». Estas palavras são a chave que nos «abre o sentido de todo o periodo» [Como o judicioso leitor ja terá reparado, o ministro evangelico é *bom chaceiro*, sempre acha a chave *propria* para abrir o sentido do que é escondido]. «Esta proposição é o fundamento do Christianismo. Se ella é «verdadeira, verdadeiro é todo o periodo; se ella é falsa, «falso é todo elle. Assim, pois, desde que o Apostolo disse «esta grande verdade, respondeu-lhe o Senhor: «Sobre *esta* «pedra» (ou, para melhor dizer «sobre *esta* rocha — sobre «*esta* verdade que é tão firme como uma rocha — sobre esta «verdade que meu Pae te revelou de que sou o Christo, Filho «de Deus vivo) SOBRE ESTA ROCHA edificarei a minha Igreja e «as portas do inferno não prevalecerão contra ella». Este é «o verdadeiro sentido das palavras de Nosso Senhor: Não é «S. Pedro que é a «rocha» mas sim o proprio Jesus Christo; «e a grande verdade de que elle é o Messias, o Christo, o «Filho de Deus vivo, é o fundamento firme e eterno da sua «Igreja.

«Qualquer outra interpretação d'este periodo allúe o fundamento da Igreja. Demais, a interpretação, que a este pe-

« riodo dão os romanistas é contraria ás proprias palavras do
 « Senhor. Jesus disse : Tu és Pedro, e sobre *esta* pedra edifi-
 « carei a minha Igreja. A palavra *esta* deve necessariamente
 « referir-se á grande verdade, que S. Pedro havia enunciado,
 « e não ao mesmo S. Pedro ; porque de outro modo teria dito
 « Jesus a este Apostolo, não sobre «esta pedra» mas clara-
 « mente «sobre ti edificarei a minha Igreja». Quanto ao que
 « dizem os romanistas de que «Pedro» quer dizer «pedra», e
 « que Nosso Senhor, levado pela coincidência dos sons, faze-
 « do um jogo de palavras disse : «Tu és Pedro (isto é, pedra)
 « e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja», isto é accu-
 « sar o Senhor de servir-se d'um miseravel jogo de palavras
 « no momento solemne em que expunha qual era o unico fun-
 « damento da sua Igreja ».

A estas palavras respondo : 1.º, que nenhum catholico vê ou pôde vêr nas palavras de Jesus Christo com as quaes constituiu a S. Pedro pedra fundamental da sua Igreja *um ridiculo e indigno jogo de palavras*. Pois ao príncipe dos Apostolos, *preendo a que dignidade o ia elevar no futuro*, Jesus já promettera *mudar-lhe o nome* de Simão, filho de João, em *Kepha*, que significa *pedra*. (João I: 42) ; promessa essa que, segundo S. João III: 16, *tambem cumpriu*. Querendo, pois, constituir a S. Pedro depois da sua esplendida confissão da Divindade do Salvador, pedra fundamental da sua Igreja, Jesus dizendo na lingua aramaica que elle fallava : Tu és *Kepha* (isto é, pedra) e sobre esta *Kepha* (isto é, pedra), edificarei minha Igreja, não se serviu d'um miseravel jogo de palavras, mas serviu-se das palavras *em seu sentido natural*. Se Jesus tivesse fallado na lingua brasileira, teria dito : Tu és *pedra* ou *rocha* e sobre esta *pedra* ou *rocha* etc. ; se na lingua franceza : tu és *pierre* et sur *cette pierre* etc. ; se na lingua ingleza : thou art *stone* and upon *this stone* etc. ; se na lingua allemã : du bist *Felsen* und auf *diesen Felsen* etc. ; se na lingua hollandeza : *gij zijt steenrots* en op *deze steenrots* etc...

2.º Segue-se d'ahi: que de todo não é verdade que « a
 « palavra «esta» deve-se necessariamente referir á grande ver-
 « dade que S. Pedro havia enunciado e não ao mesmo Pedro,
 « porque de outro modo teria Jesus dito a este Apostolo, não
 « sobre esta pedra mas claramente sobre ti edificarei a minha
 « Igreja ». Pois Jesus, chamando na lingua aramaica, na qual
 fallava, a S. Pedro *Kepha*, isto é, PEDRA, e querendo significar
 que elle queria constituir a S. Pedro PEDRA da sua Igreja,
 DEVIA NECESSARIAMENTE PARA MAIOR CLAREZA REPETIR A PALA-
 VRA KEPHA, isto é, pedra, e dizer : Tu és *Kepha* e sobre esta
Kepha edificarei a minha Igreja. Se tivesse dito : Tu és *Kepha*
 e sobre ti edificarei a minha Igreja, não teria exprimido com
 bastante clareza que elle constituiu *Kepha* como *Kepha* da sua

Igreja. E por isso, a interpretação que a este período dão os romanistas não é, como o quer o autor, contraria ás proprias palavras do Senhor. Muito pelo contrario, é a *única que concorda com ellas*. O que absolutamente não concorda com as proprias palavras do Senhor, mas lhes é *contrario a não mais poder ser*, é a interpretação ridicula, forçada e immotivada que lhes dá o autor, dizendo, que a rocha de que se falla é Jesus Christo, ou a verdade que Jesus Christo é o Filho de Deus. Pois para não dizer que neste caso haveria dois fundamentos... Jesus e a fé na sua divindade, digo que:

3.^o As palavras «esta pedra», «esta Kephá» *não se podem referir a Jesus Christo*. Referil-as a Jesus Christo seria contra a *grammatica*, que nos ensina que o pronome «esta» — é *demonstrativo* e por isso necessariamente ha de referir-se áquillo de que Jesus fallára immediatamente antes; mas Jesus antes fallára de S. Pedro como de Kephá — pedra: logo, queiraes ou não queiraes, este pronome se refere necessariamente á *pedra* mysteriosa, á *pedra* symbolica, que é S. Pedro, fundamento visivel da Igreja de Jesus Christo.

Nem é permittido referir as palavras «esta pedra» á *grande verdade que S. Pedro acabava de enunciar*, a saber: que Jesus Christo é o Filho de Deus. Pois esta interpretação, além de ser arbitraria e immotivada é *contraria a todo o contexto*. Com effeito, Jesus interroga seus discipulos sobre as differentes opiniões que por entre o vulgo corriam a respeito da sua personalidade. A opinião não assenta num conceito definitivo; Uns dizem isto, outros aquillo. Agora elle lhes pergunta qual é a opinião que elles pessoalmente fazem d'elle. E emquanto todos os mais discipulos se calam, S. Pedro profere esta magnifica profissão de fé: Tu és Christo, filho de Deus vivo! E logo em seguida Jesus o recompensa e diz: Eu te digo que tu és Khepha, isto é, pedra, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra elle. E a ti darei as chaves do reino dos céos, e tudo o que ligares sobre a terra será ligado nos céos, e tudo o que desatares sobre a terra será desatado nos céos (Matth. XVI: 13-19).

Ora, pergunto eu com fr. Celestino de Pedavoli (Mais um triumpho, p. 170) «qual é a verdadeira significação d'estas palavras? Vejamos — Pedro confessa e proclama generosamente a divindade de Jesus Christo perante os demais Apostolos; e em recompensa [ou talvez melhor: *na occasião*] de «tão generosa confissão, Jesus Christo proclama perante as «mesmas testemunhas, as futuras grandezas de Pedro.

«— Tu és Christo, Filho de Deus vivo! diz Pedro ao seu divino Mestre.

«— Tu és Pedra! diz também Christo a Pedro, este fez liz pregoeiro da sua divindade — E com isto promete Jesus

« a Pedro (e só a elle *directa e immediatamente*, porque só a elle se dirige Christo) que sobre elle havia de edificar sua Igreja; que lhe daria as chaves do reino dos céos; que tudo o que ligasse ou desatasse na terra, seria ligado ou desatado nos céos ».

Por conseguinte, nada em todo o contexto nos authoriza a explicar as palavras « *esta pedra* » como referindo-se a *Jesus Christo* ou a *verdade enunciada por S. Pedro*; o unico a quem dizem respeito é o *proprio S. Pedro*. Além d'isto, se estas palavras, assim como o sustenta o autor, se referissem ou a *Jesus Christo* ou a *verdade enunciada por S. Pedro*, e não promettessem a S. Pedro uma singular dignidade, uma verdadeira supremacia, um poder extraordinario e superior aos dos outros Apostolos, Jesus teria procedido d'um modo ridiculo e indigno de si. Na verdade, admittida a tolissima interpretação do autor, que sentido teriam tido estas palavras por S. Pedro? Nenhuma: pelo contrario, Jesus teria *brincado com elle*, dizendo-lhe: Tu és pedra, mas não és pedra, a pedra sou eu, a pedra é a verdade que acabais de enunciar que eu sou o Filho de Deus. Tu és feliz Simão filho de João, porque confessaste inspirado por meu Pae celeste a minha divindade. Em premio d'esta tua generosa confissão, eu te digo que tu és Pedro d'hoje em diante, mas não és superior a teus irmãos no Apostolado; serás em tudo igual a elles.

Depois d'esta refutação da primeira parte da primeira objecção do autor, não deixa de ter sua graça ouvir-lhe as palavras com que, ufano e triumphante, a conclue: « Tenho achado do que esta exposição é nova para muitos catholicos romanos » [sim; assim como muitas idéas que surgem na cabeça d'um alienado de espirito] « e alguns vi que a acceitavam como muito preferivel á sua, dando assim o primeiro passo para se separarem da Igreja Romana » [Pobres enganados!] « Este resultado é inevitavel: porque sendo o argumento papal » [Nos meus estudos philosophicos nunca ouvi fallar em argumento papal; sim em outros como por exemplo em enthymema, sorrisites etc. etc., o argumento papal é de certo a ultima novidade na logica] « que S. Pedro é a pedra sobre que está edificada a Igreja, é claro que demonstrado que não é essa pedra, cae por terra todo o seu systema » [Sim; mas ahí é que está a duvida: A DEMONSTRAÇÃO; — até agora, *durante os 20 seculos da existencia da Igreja Catholica, Apostolica, Romana*, ninguém, e por certo não o autor, que não prima na logica e na philosophia acertou com ella].

« Muitos dos romanos » [para que o autor não diz papistas ou padristas], « porém, negavam-me que fosse esta a verdadeira interpretação » [Oxalá! o fizessem todos] « a estes tenho respondido, e isso elles geralmente admittem, que o verdadeiro

« sentido do período *póde ser* duvidoso e questionavel » [Mentira ! O sentido da Igreja não póde ser duvidoso e questionavel], « que os homens bons e doutos tanto entre os padres da Igreja primitiva, como entre nós, entendem o período de mui di ferentes modos » [Mentira ! qualquer que seja a interpretação *apparentemente* differente, todos reconhecem e applicam este texto como prova do primado de S. Pedro] « e que tanto aquellos como estes, têm entre si as mais oppostas opiniões a respeito d'este período » [já respondi agora mesmo]. « Admitti da esta proposição, tiro d'essa admissão um poderoso argumento contra a Igreja Romana, e é elle, que em todo o caso as pretensões d'essa Igreja se apoiam em um texto de sentido muito duvidoso, texto a respeito do qual os homens bons e sabios podem ter e têm, com effeito, oppostas opiniões. texto que a maior parte dos padres da Igreja primitiva explicaram em sentido contrario ao dos catholicos romanos. Fundamento extranho é, por certo, esse, para fundar sobre elle as pretensões de supremacia e infallibilidade ! »

Com licença, sr. autor, uma palavrasinha. 1.º Este texto não é o UNICO fundamento em que se apoia a Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Este texto não faz senão PROMETTER a S. Pedro o primado ; no primeiro artigo d'este capitulo alleguei muitos outros textos, que PROVAM : a) que o primado foi DADO por Jesus a S. Pedro.

b) que seu primado foi RECONHECIDO por Jesus, pelos Apostolos e pelos fieis.

c) que elle EXERCEU pacificamente este cargo. *Todos esses textos* são por consequente OUTROS TANTOS FUNDAMENTOS em que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, se apoia para crêr no primado de S. Pedro. E, portanto, não ha lugar para esta exclamação : « Fundamento extranho, etc... »

2.º Não é verdade que a maior parte dos padres da primitiva Igreja explicaram este texto em sentido contrario ao dos catholicos romanos. Muito pelo contrario ! E esses poucos textos dos SS. Padres, que os protestantes allegam e que parecem á primeira vista dar outra interpretação, considerados no contexto quasi sempre se podem explicar no sentido, chamado pelo autor, o dos catholicos romanos. (*)

(*) Para negar o Primado de S. Pedro, os protestantes recorrem aos testemunhos dos SS. Padres da Igreja, 44 dos quaes, segundo Launoy, applicam este texto, e outros tantos, segundo Natalis Alexander, o poder das chaves a fé ou á confissão de S. Pedro, ou á fé na Divindade de Jesus Christo. Porém convém notar, que, quando os SS. Padres proclamam que a Igreja é edificada na fé na confissão de S. Pedro, ou na Divindade de Jesus Christo, elles não excluem mas incluem a S. Pedro. Pois a fé, a confissão de S. Pedro na bocca d'elles quer dizer S. Pedro com sua fé, com sua confissão, do mesmo modo que a Divindade de Jesus professada por S. Pedro para elles é S. Pedro professando a Divindade de Jesus. Este modo de fallar a propria Igreja ainda o segue hoje em dia. Assim pede a Deus (na vigilia de S. Pedro e S. Paulo) « que elle não

Ouçamos agora a segunda parte da primeira objecção do ministro Evangelico. «Em seguida, continúa, tenho chamado a «atenção dos meus amigos catholicos para a segunda proposição que é o segundo elo da cadeia, isto é, que foi S. Pedro quem fundou a Igreja de Roma, e que foi elle o primeiro bispo ou papa d'essa Igreja.

«Observei-lhes que é absolutamente necessario que os defensores do Romanismo demonstrem esta proposição. Essa necessidade é evidente; porquanto, ainda que por argumentação, admittissemos que S. Pedro era a «pedra», como podia esta admissão demonstrar a supremacia da Igreja Romana? Nesta passagem não se faz menção nem de papa, nem de bispo, nem de Roma, nem de Italia, nem de cidade ou paiz algum; como pois, póde dessa admissão resultar a prova de que a Igreja Romana tem supremacia e auctoridade sobre todas as Igrejas da Christandade? Respondem esses meus amigos, admittindo de boa mente que o seu argumento exigia que fosse S. Pedro o fundador da Igreja Romana, ou, ao menos, que houvesse sido bispo de Roma, visto como a pretensão da supremacia Romana depende deste facto — facto, que, segundo elles, é mais certo do que quantos nos refere a historia.»

«Replico-lhes que minha fé assenta exclusivamente nas Sagradas Escripturas, e, quer sejam verdadeiras ou falsas as asserções da historia, a minha crença ou incredulidade a respeito dessas asserções em nada affecta a salvação da minha alma; que para mim só as asserções da Sagrada Escriptura são materia de fé, e que, portanto, perguntava se um artigo de fé tão essencial como seja o de que S. Pedro foi bispo de Roma tem algum fundamento na palavra de Deus

Paremos aqui um instante. Diz o autor, que é necessario que os defensores do Romanismo demonstrem esta proposição: que S. Pedro fundou a Igreja de Roma ou foi seu primeiro bispo. Respondo: que não são os catholicos que têm obrigação de provar este facto, embora nada lhes seja mais facil, mas que *são os protestantes que devem provar o contrario.* A Igreja Catholica, Apostolica, Romana, estava na pacifica posse desta verdade até o seculo XVI quando os Reformadores principiam a impugna-la. Portanto, é elles que devem provar que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana estava errada. Quando uma pessoa me contesta a propriedade d'um objecto que eu possuo pacificamente, eu não preciso provar que esse objecto é meu, mas ella deve provar que é seu.

permitta que seja abalada a Igreja que firmou na pedra da *confissão apostolica*», ao passo que em outra oração no dia 30 de Junho, diz que «Deus deu a S. Pedro Apostolo, pelo poder das chaves o supremo poder na Igreja».

Diz ainda: que os catholicos: pretendem que a supremacia da Igreja Romana depende do facto de ter sido S. Pedro fundador ou ao menos bispo da Igreja Romana. *Ora nenhum catholico pretende isto.* Pois não o facto de ter sido S. Pedro fundador e primeiro bispo da Igreja de Roma attribue a esta Igreja a sua supremacia sobre todas as Igrejas da Christandade — mas o facto de *ter elle morrido como bispo de Roma*: aliás a Igreja de Antiochia, que foi tambem fundada por S. Pedro e da qual este Apostolo tambem foi bispo por algum tempo, teria igualmente a supremacia sobre todas as Igrejas da Christandade. Não; como já provei no artigo precedente: só a séde episcopal que deixava vaga pela sua morte S. Pedro legou a sua prerogativa do primado, e por isso só o seu successor naquella séde é tambem o seu successor no primado.

Diz tambem: que sua fé assenta exclusivamente nas Escripturas Sagradas e que mesmo caso a historia provasse claramente que S. Pedro fundára a Igreja de Roma, della fôra o primeiro bispo, e alli morrêra, elle não consideraria esta verdade como ponto da sua fé, porque não está na Biblia.

A isto respondo que a regra da nossa fé, como já provei por extenso no primeiro fasciculo *sobre a leitura da Biblia*: é o magisterio infallivel da Igreja (João, XVI, 13), que tem por base de seu ensino as *duas fontes* da Revelação divina: *a Biblia e a Tradição*: — que por isso não é necessario que todos os dogmas da nossa fé estejam expressos na Biblia, mas que basta que estes estejam contidos *ou* na Biblia *ou* na Tradição. Pois bem, embora a Biblia *de todo não fallasse* da estada e pregação de S. Pedro em Roma, asserção que como veremos mais adiante, eu *não admitto*, fica certo que *toda a Tradição tem considerado a séde de Roma como a séde de S. Pedro e o bispo de Roma como o legitimo successor de S. Pedro.* E foi por isso que o *magisterio infallivel da Igreja* definiu no Concilio Vaticano: Sess. IV, cap. 2. « Si alguém disser que não é por instituição do proprio Christo, Senhor Nosso, com outras palavras por direito divino que S. Pedro em seu primado sobre toda a Igreja tem perpetuos successores, ou que o Pontifice Romano não é o successor de S. Pedro, no mesmo primado seja anathema. »

Dahi se vê tambem qual deve ser a resposta ao autor quando exproba aos catholicos que fazem depender um artigo de fé do testemunho dos historiadores falliveis, quando confessam que quando ao facto de haver sido S. Pedro bispo de Roma nada se encontra nas Escripturas Sagradas, mas que taes factos resultam immediatamente da tradição historica.

A resposta é muito simples. O artigo de fé que os catholicos admittem *não é que S. Pedro foi bispo de Roma*, mas QUE S. PEDRO EM SEU PRIMADO SOBRE TODA A IGREJA TEM PER-

PETUOS SUCCESSORES, E QUE O PONTIFICE ROMANO É O SUCCESOR DE S. PEDRO NO MESMO PRIMADO: e este artigo não o creem *pelo testemunho de historiadores falliveis* mas PELO TESTEMUNHO INFALLIVEL DA IGREJA. Que S. Pedro fundou a Igreja de Roma, della foi o primeiro bispo e alli morreu NÃO É DOGMA DE FÉ, porque a Igreja nunca o definiu como dogma de fé; é para os catholicos só um FACTO DOGMATICO, de cuja verdade têm CERTEZA INFALLIVEL não pela historia, embora tambem por ella se prove, mas pelo Espírito Santo que o revelou á Igreja.

Por isto não ha questão de fazer depender um artigo de fé do testemunho dos historiadores falliveis. E deste modo desaparece a primeira parte da objecção do autor.

Mas elle procura tambem negar a força do *argumento historico* e por isso sustenta « que se empenha em demonstrar « duas fortes proposições. A primeira é que nenhum escriptor, « durante mais de duzentos annos depois de Christo, declarou « jamais que S. Pedro houvesse sido bispo de Roma; e a segunda que os escriptores posteriores que tal asserção emit- « tiram não a tomaram de uma auctoridade competente, e « apenas a repitiram, uns após outros, derivando-a todos de « uma tradição não auctorizada e de um equivoco sobre o sentido do que disseram os escriptores mais antigos. Que ambas « as proposições podiam demonstrar-se com provas muito terminantes, porém que por então, o seu argumento se limitava « ás Sagradas Escripturas. »

Respondo, 1.º, que do *silencio da Escriptura Sagrada* a respeito da estada e morte de S. Pedro em Roma não se pode tirar argumento algum contra o argumento historico por *motivos que explicarei refutando as cinco provas tiradas pelo autor das cartas de S. Paulo*; e que além disto este silencio não existe visto como Act. XII, 17, e I Petr. V-13, Rom. I-8, fallam assaz claramente da estada e pregação de S. Pedro em Roma.

2.º Que é *simplesmente mentira*, e *mentira grosseira* assim como os sectarios as costumam pregar, quando tratam da Igreja Catholica, Apostolica, Romana sustentar, que nenhum escriptor durante mais de duzentos annos depois de Christo declarou jamais que S. Pedro houvesse sido bispo de Roma, e que os escriptores posteriores não fizeram senão repetir uns após outros a asserção d'uma auctoridade incompetente. Pois eis ahí uns testemunhos dos duzentos primeiros annos depois de Christo. *O sacerdote Caio*, que viveu no tempo do Papa Zepherino, 202-218, fallando no livro que compoz contra Proclum, o chefe da seita dos cataphrygas dos Apostolos Pedro e Paulo, escreve: « Posso mostrar-te os sepulcros dos Apostolos (Pedro « e Paulo). Se fores ao Vaticano ou á estrada do Ostia, en-

* contrarías os sepulcros daquelles que *fundaram* essa Igreja
 * (de Roma). *S. Ireneo* que morreu em 202 e foi o amigo de
S. Polycarpo, que ainda conhecera os *Apostolos* mormente *S.*
João, em seu celebre livro contra as heresias, escreve tex-
 tualmente « A Igreja Romana foi *fundada* pelos gloriosos Apos-
 tolos *S. Pedro* e *S. Paulo*; — *S. Lino* *sucedeu a S. Pedro*,
 * a *S. Lino* *S. Anacleto* e a *S. Anacleto* *S. Clemente*. » Além
 dos testemunhos de *Cajó* e de *S. Ireneo* temos o de *S. Diony-
 sio bispo de Corinto*, fallecido em 170, que em sua carta aos
 romanos attesta que *S. Pedro* e *S. Paulo* *soffreram ao mesmo
 tempo o martyrio* em Roma depois que de *Corinto* viajaram
 para Roma. Mais outro testemunho nos dá *S. Clemente de Ale-
 xandria* que morreu em 217, n'uma idade muito provecta.
 Escreve: que « no tempo em que *S. Pedro* *pregava* publica-
 camente em Roma a palavra de Deus e *promulgava* sob o
 * *Espirito Santo* o Evangelho, muitos pediram a *S. Marco* que,
 * por ter seguido por muito tempo a *S. Pedro* e reter na me-
 moria as palavras delle, escrevesse o que *pregara o Apos-
 tolo*. » Este testemunho de *Clemente*, segundo *Ensebí*o (II.
 cap. XV.), é confirmado por *Papias o bispo de Jerusalem* e
 por todos os antigos escriptores, que narram que *S. Marco* de
 Roma foi mandado a *Alexandria*. Tambem o *Martyr S. Igna-
 cio* fallecido em 107, na sua carta que enviou á Igreja Roma-
 na dá testemunho implicito da estada de *S. Pedro* e *Paulo* em
 Roma. Nella pede aos romanos que não impeçam o seu mar-
 tyrio, depois continua: eu não volo *mando como S. Pedro e
 S. Paulo*, elles eram *Apostolos* eu condemnado; elles livres
 eu até agora servo, etc.... Ora, com estas palavras assim como
 reconhecem protestantes sinceros como sejam *Cave*, *Jacobson*,
Baratier, elle faz allusão a esta relação particular, que *pela
 sua pregação* tinham com os romanos *S. Pedro* e *S. Paulo*.
 Emfim, tambem *S. Clemente Romano* fallecido em 95, na sua
 carta aos corinthios, confirma a estada e a morte de *S. Pedro*
 e *S. Paulo* em Roma. No quarto capitulo onde falla sobre os
 males que causa o odio, escreve: « Mas deixemos os exemplo
 * antigos, cheguemos aos athletos dos tempos mais proximos;
 * olhemos para os generosos exemplos da nossa idade. Por
 * causa do zelo e da inveja os que *foram as columnas da gran-
 dissima e justissima Igreja* soffreram perseguição e pelejaram
 * até a morte. Ponhamos diante de nossos olhos os bons
 * *Apostolos*. *Pedro*, que por causa do iniquo zelo não susten-
 * tou um ou outro mas muitos trabalhos e foi para o lugar
 * de gloria que lhe era devido. *Paulo*, que por causa * etc.,
 etc. Nestas palavras *S. Clemente* attesta claramente o marty-
 rio de *S. Pedro* e *Paulo* em Roma, pois falla da perseguição
 de *Nero* em Roma, mas deixa de indicar expressamente a ci-
 dade de Roma, porque suppõe que todos o sabem.. O que

além disto se prova pela morte de S. Paulo, que todos dão como succedida em Roma.

Por conseguinte, não é verdade mas *mentira grosseira* o que sustenta o autor, « que nenhum escriptor durante mais de « duzentos annos depois de Christo declara jamais que S. « Pedro houvesse sido bispo de Roma e que os escriptores posteriores tomaram sua asserção de uma auctoridade incompetente e a repetiram uns após outros. »

Mas o autor quer provar sua falsificação da historia também de outro modo. Já allegou o silencio da Escriptura a respeito da estada de S. Pedro em Roma, agora vae servir-se da mesma Escriptura para provar que S. Pedro nunca esteve em Roma.

Vou responder ás suas cinco provas que, segundo elle, formam reunidas um argumento muito poderoso contra a asserção catholica.

Mas antes, uma palavra para explicar o silencio da Escriptura Sagrada a respeito da estada de S. Pedro em Roma. Os livros da Escriptura Sagrada em que com maior apparencia de direito podiamos esperar encontrar algum indício da estada de S. Pedro em Roma, são os Actos dos Apostolos e a Epistola de S. Paulo aos Romanos. Elles porém, não fazem menção de S. Pedro: só os Actos XII: 17, e Rom. I: 8 *insinuam* a ida de S. Pedro para Roma. Qual é agora a argumentação dos protestantes, methodistas etc.? Sustentam que o fim dos Actos dos Apostolos é descrever a propagação do Christianismo desde a sua origem em Jerusalém até a sua promulgação em Roma; que a relação d'esta propagação acaba com o captiveiro biennial de S. Paulo em Roma; e que o fim d'este captiveiro coincide com o começo da perseguição de Nero. Ora, assim argumentam, se S. Pedro naquelle tempo tivesse estado em Roma, S. Lucas, de certo, teria feito menção d'elle. Porém, não o fez. Logo S. Pedro não esteve em Roma. Do mesmo modo argumentam a respeito da Epistola de S. Paulo aos Romanos, ou das outras que elle escreveu em Roma. Pois é inexplicavel, assim raciocinam, que se S. Pedro tivesse estado em Roma, S. Paulo, quer amigavel quer hostilmente, não tivesse feito d'elle menção.

Respondo a isto: que é fora de duvida que o fim immediato dos Actos dos Apostolos é *historico*, isto é, descrever a fundação da Igreja entre os judeos, os samaritanos e os gentios. Mas este fim immediato serve de meio para chegar a outro fim mediato, que é o fim principal, a saber: Demonstrar a origem divina da religião christã e da Igreja. D'ahi já se vê, que não se deve esperar nos Actos dos Apostolos uma narração de todos os successos ou uma enumeração chronologica completa de tudo quanto fez cada um dos Apostolos, e mesmo assim os Actos não deixam de insinuar assaz claramente que se S. Pedro

sahiu da Palestina foi para prégar a fé em Roma. Além d'isto, para comprehender melhor a economia d'este livro não se deve perder de vista que S. Lucas era o socio de S. Paulo, por cuja exhortação escreveu seu Evangelho *em beneficio dos gentios*. Ora, o ponto principal que S. Paulo frequentemente e de caso pensado inculca em suas epistolas é a vocação dos gentios á fé, quero dizer: que elles *sem observar as ceremonias da lei judaica*, são na Religião Christã de todo iguaes aos judeos, e que estes não podem reivindicar para si maiores direitos. Ora, esta doutrina não sómente era execravel aos judeos; mas houve entre os christãos judaizantes quem por causa d'ella se mostrassem hostis a S. Paulo e se atrevessem a deprimir sua authoridade, de sorte que o Apostolo precisasse mais d'uma vez de apolo-gias vehementes. Taes homens podiam aproveitar-se das cadeas de S. Paulo, para afastar os fieis d'ella e da sua doutrina. Por isso era necessariamente de esperar que na historia dos successos, escripta por S. Lucas, o fiel socio e discipulo de S. Paulo, elle, enquanto S. Paulo estava preso, *se incumbisse de defender a authoridade de S. Paulo e a doutrina d'elle*. E que S. Lucas se esforçou por isto vê-se claramente pela leitura de seu livro. Pois o que allí é tratado mais por extenso, com maior diligencia e predilecção, são os successos que dizem respeito á vocação dos gentios á fé, ou que estão em connexão com ella; os que illustram a maravilhosa e divina vocação de S. Paulo ao apostolado; os que servem para fazer sobresahir não sómente a innocencia, senão tambem a gloria e o triumpho d'este Apostolo e a obstinação e impiedade dos judeos.

Como, portanto, S. Lucas se incumbiu, na qualidade de socio e discipulo de S. Paulo e tambem pela razão que agora mesmo expliquei, a descrever de modo particular os feitos de S. Paulo na conversão dos gentios, não é de estranhar, que não faça menção dos feitos de S. Pedro. Accresce, que aos fieis de Roma, em cujo beneficio escreveu os Actos dos Apostolos, não era desconhecido o que fizera S. Pedro desde sua chegada á cidade de Roma, e que o proprio Lucas em seu Evangelho XXII: 32, ensina o primado de S. Pedro.

Tão pouco o silencio das Epistolas de S. Paulo subministra argumento plausivel contra a estada e o episcopado de S. Pedro em Roma.

Pois, para não me valer da opinião dos que asseveram que a Epistola aos Romanos foi escripta em Achia no anno 53 depois de Christo (opinião que eu não sigo), tempo em que S. Pedro provavelmente não estava em Roma, porque o Imperador Claudio no 9.^o anno de seu imperio expulsára os judeos de Roma, e S. Pedro ainda não tinha voltado, — pergunto: DEVIA S. PAULO FORÇOSAMENTE FALAR DE S. PEDRO? Por certo que não. E quando os meus antagonistas insistem que ao me-

nos devia dedicar-lhe sua epistola, ou salutar-o nella, caso tivesse estado em Roma, replico que nem nas suas outras epistolas ás Igrejas, cujos chefes lhe eram conhecidos, S. Paulo costumava salutar os bispos ou dedicar-lhes suas epistolas. A razão é clara. As epistolas eram entregues aos Chefes da Igreja pelos mesmos portadores a quem o Apostolo as entregára, e não ha duvida de que elle por esses mesmos portadores saudasse os Chefes das Igrejas, e lhes recommendasse o que julgava necessario recommendar-lhes. Assim, por exemplo, a portadora da Epistola aos Romanos foi Phoebe (Rom. XVI:1), diaconissa da Igreja de Corintho (logar, onde segundo a sentença mais seguida e mais provavel, S. Paulo escreveu sua Epistola aos Romanos para os annos 58 ou 59 depois de Christo). Ora, ha cousa mais razoavel do que suppôr que por intermedio d'ella S. Paulo salutasse a S. Pedro, e que por isto estivesse dispensado de fazer menção de S. Pedro na sua Epistola?

E se os meus adversarios insistindo perguntam porque motivo S. Paulo pelo menos não tem feito menção de S. Pedro nas Epistolas que elle escreveu aos fieis durante o tempo de seu captiveiro em Roma (Epistolas a Philemon, aos de Colosso, de Epheso, de Philippe, aos Hebreos, e a I, II a Timotheo), respondo: que ninguem tem direito de exigir de mim tal explicação, porque ninguem pôde provar que S. Paulo DEVERIA, ESTAVA OBRIGADO a fazer menção de S. Pedro. Pois muitas razões podiam legitimar esse silencio: S. Pedro *podia de vez em quando estar ausente*, occupado nas visitas de outras Igrejas; o *portador* que levava as epistolas de S. Paulo *podia ter instrucções especiaes a respeito de S. Pedro*; tambem por prudencia, isto é, para *não despertar a attenção dos Imperadores Romanos, Summos Pontifices do paganismo*, o Apostolo S. Paulo podia evitar o nome de S. Pedro em suas epistolas, emfim podia haver para esse silencio *muitas razões* que nós *nem podemos adcinhar*.

De tudo isto segue-se que o silencio da Escriptura, supposto mas não concedido que seja absoluto, a respeito da estada, do episcopado e da morte de S. Pedro em Roma, não pôde servir de arma para impugnar a crença Catholica, ou negar este facto historico, provado por tantas e tamanhas testemunhas.

Tratemos agora das provas directas, tiradas de textos da Escriptura Sagrada, que o autor das *Noites com os Romanistas*, allega. Formula seu argumento do modo seguinte:

« 1.º Lemos que foi o Apostolo S. Paulo que prégou o Evangelho em Roma, quando foi levado como prisioneiro a essa cidade. A narração da sua viagem e chegada alli vem nos ultimos capitulos dos Actos dos Apostolos. Alli encontrou elle alguns christãos a quem prégou o Evangelho. Diz-se-nos tambem que S. Paulo permaneceu dois annos inteiros num

« aposento que alugára, e recebia a todos os que o iam vêr, « prégando o reino de Deus e ensinando as coisas que são « concernentes ao Senhor Jesus Christo, com toda a liberdade « sem prohibição » (Act. XXVIII: 31) — « Sabemos, pois, que « foi S. Paulo e não S. Pedro quem reuniu e implantou a « Igreja de Roma ».

Respondo: que estes logares nada provam contra a estada, pregações, etc., de S. Pedro em Roma, e sim por duas razões: 1.^o, porque, como já provei, S. Lucas tinha motivos especiaes *para fazer sobresahir nos actos dos Apostolos os feitos de S. Paulo*; — 2.^o, porque o proprio S. Paulo, em sua Epistola aos Romanos, a qual era como a preparação para sua viagem a Roma, attesta com expressas palavras que no tempo em que escrevia sua carta, por conseguinte, *antes d'elle ir a Roma* (Rom. I: 13), *já havia alli uma christandade florescente* (Rom. I: 8). « Primeira-mente dou na verdade graças ao meu Deus, por meio de « Jesus Christo, por vós todos: *porque vossa fé é annunciada « em todo o mundo* ». — Ora, se S. Paulo não lhes pregára esta fé, a quem então cabe esta honra senão a S. Pedro, a quem attribuem a Biblia Act. XII: 17, Rom. I: 8, I Petr. V: 13, a tradição e a historia? — Continúa o autor:

« 2.^o Vemos, que S. Paulo era chamado o Apostolo dos « gentios, e S. Pedro o Apostolo dos judeos. A prova d'isto « acha-se em Gal. II: 7 — S. Paulo, pois era o Apostolo dos ro-
« mãos por serem elles pagãos (Rom. XI: 13). E nas Sagra-
« das Escripturas temos a prova de que desempenhou a sua
« missão entre elles, ao passo que nenhuma prova temos de
« que S. Pedro os visitasse em toda a sua vida ».

Respondo: De que S. Paulo é chamado « Apostolo dos gentios », segue-se tão pouco que elle tenha prégado *só aos gentios* como se segue do appellido de S. Pedro « Apostolo dos judeos » que elle tenha prégado *só aos judeos*. E por conseguinte, não se póde concluir com o autor: S. Paulo era o Apostolo dos gentios, S. Pedro o dos judeos. Ora, os romanos eram pagãos; logo, S. Paulo e não S. Pedro annunciou-lhes o Evangelho. E, com effeito, *o primeiro que foi incumbido da pregação aos gentios* e tambem lhes prégou o Evangelho, não foi o Apostolo dos gentios S. Paulo, mas *foi o Apostolo dos judeos S. Pedro* (Act. dos Ap. X: 1-48), que apezar d'esta e de outras pregações aos gentios não perdeu seu caracter especial de Apostolo dos judeos.

Do mesmo modo *S. Paulo que era o Apostolo dos gentios* não deixou de prégær logo depois da sua chegada a Roma *aos judeos* (Act. XXVIII: 17-28), e continuou a prégær *tanto a elles como aos gentios* durante todo o tempo que alli morava, como prova sua Epistola aos Romanos, sem que por isso perdesse seu caracter especial de ser o Apostolo dos gentios. — E se na

Escriptura Sagrada não tivessemos nenhuma prova de que S. Pedro estivesse em Roma, este silencio como já vimos seria muito explicavel e não poderia derrubar o facto historico; mas estas provas não faltam, Act. XII: 17, I Petr. V: 13, Rom. I: 8. — Ouçamos a terceira prova do autor que nada prova:

« 3.º S. Paulo escreveu uma epistola á Igreja de Roma, no
« ultimo capitulo, da qual saúda por seus nomes a todos os
« principaes christãos que alli havia. Nomeia especialmente 28
« pessoas, mas nenhuma d'ellas é S. Pedro, nenhuma allusão
« lhe faz; e por certo que, se S. Pedro estivesse em Roma, e
« principalmente se fosse bispo ou papá d'essa cidade, um ho-
« mem como S. Paulo não houvera deixado de o saudar em
« uma epistola escripta aos christãos de Roma ».

Respondo: como sabe o autor que S. Paulo não saudou a S. Pedro, não por epistola mas *de viva voz*, isto é, pela voz de *Phoebe*, a diaconissa da Igreja de Corinto e a portadora da Epistola aos Romanos? E se o fez para que então ainda saudal-o na Epistola? Em nenhuma das suas Epistolas *às Igrejas*, a não ser na epistola aos Colosseuses, e alli por razões especiaes, S. Paulo sauda nomeadamente os chefes d'aquellas Igrejas que por certo lhes eram conhecidos, nem lhes dedica seu escripto, porque então fal-o-ia na Epistola aos Romanos? Este argumento, portanto, tão pouco como os anteriores, póde abalar a crença Catholica. — Mas eis a quarta prova:

« 4.º S. Paulo durante a sua estada em Roma, escreveu a
« Epistola aos Colosseuses. Nessa epistola falla dos christãos
« de Roma, que o ajudavam na predica do Evangelho, e o
« consolavam nos seus trabalhos quando estava preso. Tendo
« citado a Tichico, a Onesino, a Aristarcho e a Marcos, con-
« tinúa dizendo: « E Jesus que se chama Justo; os quaes são
« da circumcisão. Estes sós, são os que me ajudam no reino
« de Deus: elles têm sido a minha consolação » (Col. IV: 11).
« D'aqui tiramos a conclusão de que S. Pedro não era bispo
« de Roma no tempo de S. Paulo ».

E nós, respondo eu, d'aqui tiramos a conclusão que o texto citado não prova nem pro nem contra a estada de S. Pedro em Roma, pois se não podemos allegar razão terminante para explicar porque S. Paulo neste caso não faria menção especial de S. Pedro, nem podemos achar *argumento terminante porque neste caso o devia ter feito*. Podia ter feito menção d'elle, — não o fez. Porque? Só Deus é quem o sabe. Em todo o caso não estava obrigado a fazel-o. — Chegamos á ultima prova.

« 5.º S. Paulo escreveu em Roma a sua segunda Epistola
« a Timotheo, pouco tempo antes da sua morte (II. Tim. IV, 6).
« Nesta epistola falla de seu julgamento em Roma, perante as
« auctoridade imperiaes e diz que todos o abandonaram na
« hora do perigo (II. Tim. IV, 16), e daqui resulta, ou que S.

« Pedro não era então bispo de Roma, ou que abandonou o
 « Apostolo no tempo da maior necessidade. »

Rêspendo; nem uma e nem outra conclusão é legítima. Pois, S. Paulo nem pensa em fallar de S. Pedro; está demais preocupado com sua própria sorte, com a gloria do martyrio que o espera, e com a ingratição dos seus. Não se queixa de S. Pedro, que tambem estava preso por causa da sua fé; mas sim de outros que podiam amparal-o, servindo-lhe de testemunhas perante as auctoridades, porem por medo o desampararam. Este é o sentido da palavra grega *sumparagignomai* (assistir), que é uma palavra technica nas causas judiciais.

Depois d'estas cinco provas da Escriptura Sagrada o autor resume seu segundo argumento nestas palavras ás quaes vou responder no proprio contexto.

« Aqui estão pois, cinco provas distinctas, [mas grande
 « Deus que provas!!!] e muitas outras da mesma natureza
 « [sim; *da mesma natureza*, provas que nada provam] se lhes
 « poderião juntar, as quaes consideradas separadamente, tem
 « cada uma seu valor especial [sim, para bôbos e ignorantes]
 « e reunidas formam um argumento poderoso contra a asserção
 « de que S. Pedro fosse o fundador da Igreja de Roma e seu
 « primeiro bispo. [multiplicai à vontade o numero dos zeros
 « nunca chegarão a formar um algarismo; multiplicai provas
 « sem valor, nunca, etc...]

« A resposta que se me deu foi a que ordinariamente dão
 « os membros da Igreja Romana, isto é, que todo isso sómente
 « pôde provar que S. Pedro não esteve em Roma quando
 « Paulo ahi se achava e ao tempo em que escreveu a sua
 « Epistola aos Romanos, mas não prova que não fosse S. Pedro
 « o fundador dessa Igreja e o seu primeiro bispo, » [o judicioso
 leitor, que me accompanhou até aqui pôde decidir se esta
 resposta é a resposta ordinaria dos catholicos e se não tem
 outras mais decisivas e terminantes] « e que, á falta de provas
 « biblicas, existe o testemunho da historia para sustentar ambas
 « as asserções. » [A prova biblica não falta e mesmo se faltasse temos o testemunho principal *o da Tradição*. Porque
 omittiu-o o autor? Será esquecimento, ou má fé?]

« Respondi, que semelhante admissão bastava para o
 « meu argumento, por isso que, se as Sagradas Escripturas não
 « fornecem a minima prova de que S. Pedro fosse bispo de
 « Roma ou que alguma vez alli estivesse, e se a crença des-
 « tes factos unicamente se funda, não na auctoridade divina,
 « mas no incerto testemunho de historiadores vulgares » [quem
 diz isto? O ministro Evangelico, sim; mas não os catholicos:
 a sua crença se funda primeiro que tudo na authoridade di-
 vina, isto é, no magisterio infallível da Igreja que hauriu esta
 crença da Biblia e da Tradição, as fontes da Revelação Divina]

« é obvio que este principio fundamental do Romanismo só
 « tem por base as asserções de escriptores falliveis. » [De maus
 pais, mau filho; de premissas falsas, conclusão falsa.]»

« E então recordei ao meu amigo o que já antes lhe
 « tinha dito, » [mas tambem por mim foi refutado victoriosamente]
 « a saber: que todos estes escriptores falliveis [!!!] to-
 « maram essa asserção de um unico escriptor, não sendo este
 « dos mais respeitaveis » [porque o autor não declara o nome
 deste autor] « e que não fizeram mais do que ir-lhe repetindo
 « o dito, » [este costume não é costume catholico, mas *protes-
 tante e methodista*; elles sempre até enfastiar a gente, repe-
 tem as mesmas objecções, já mil vezes refutadas, dos Reformadores
 e seus successores e quasi nunca mostram argumento novo]
 « e ainda assim, só o fizeram duzentos annos depois da
 « morte de Nosso Senhor. » [terceira mentira] « Quebrado, pois,
 « fica o segundo elo desta cadeia de argumentos » [!!!!]

Depois destas duas objecções, que pulverisei nas minhas
 respostas, o autor apresenta uma terceira. E s as suas palavras:
 « Ponderei então' ao meu amigo que o argumento, que elle
 « tirou de Matth. XVI-18, exigia a demonstração de outro ponto.
 « — o terceiro elo da cadeia —, isto é que S. Pedro (suppon-
 « do que houvesse sido a rocha, que tivesse estado em Roma,
 « e que houvesse tido a suprema auctoridade na Igreja) le-
 « gasse esta supremacia aos bispos Romanos. Fôra mais vero-
 « simil que essa supposta supremacia houvesse recaido nos
 « Apostolos que sobreviveram a S. Pedro, como, por exemplo,
 « no Apostolo S. João. Não é crível que esta auctoridade fosse
 « herdada por Lino, Anacleto, Clemente, ou qualquer fosse o
 « supposto successor de S. Pedro, e que este individuo, a res-
 « peito de cujo nome não estão de accordo os antigos escrip-
 « tores, se arrogasse supremacia e auctoridade sobre o disci-
 « pulo amado — S. João.

« Em resposta, o meu amigo me disse que assim havia
 « de ser.

« Propuz-lhe então este argumento: todos os escriptores
 « da Igreja Romana sustentam que S. Pedro foi bispo de An-
 « tiochia annos antes de ser bispo de Roma; e lêmos nas Sa-
 « gradas Escripturas que com effeito elle esteve em Antiochia.
 « Ora ainda quando admittamos que S. Pedro fundasse a Igreja
 « de Roma, e fosse o seu primeiro bispo, está claro que a
 « Igreja de Antiochia póde ter tão validas pretensões às pre-
 « rogativas de S. Pedro como as póde ter a Igreja de Roma.
 « Se o facto de ser S. Pedro, bispo de Roma firmou a infal-
 « libilidade e supremacia de Roma, então o facto de haver elle
 « sido bispo de Antiochia firma tambem a infallibilidade e su-
 « premacia de Antiochia. O pretexto é tão efficiente no se-
 « gundo caso como no primeiro: se vale para Roma, vale

« também para Antiochia, e se não procede no caso de Antiochia, tão pouco deve proceder no caso de Roma.

« O meu amigo, não podendo resolver esta difficuldade, disse-me que pediria explicações a quem era mais competente do que elle, e me daria a solução. Cumpriu a palavra, communicando-me em pouco tempo a explicação que lhe tinham dado. Era ella a seguinte: que Deus por uma revelação explicita, mandou que S. Pedro renunciasse o bispado de Antiochia, e accettasse o de Roma; e que tendo effectuado essa troca, S. Pedro legou em testamento a Igreja de Christo, com todos os seus privilegios de auctoridade e supremacia.

« E' para extranhar que homens de raciocinio se contentassem com semelhante resposta — umas revelações de Deus, mandando que S. Pedro passasse da séde de Antiochia para a de Roma, e um testamento de S. Pedro legando a sua supremacia e auctoridade aos bispos romanos! Mas é que não ha outra resposta a dar.»

« Nós contestamos que houvesse jamais tal revelação ou semelhante testamento, e exigimos as provas disto; porém não as ha. E, no entretanto, é apoiando-se nesta extravagante ficção que pretendem ser o bispo romano a cabeça infallivel da Igreja, e a Igreja de Roma a mãe e senhora de todas as Igrejas. Jamais nos submetteremos a similhante *pretensão*. Ainda mesmo que S. Pedro tivesse a supremacia da Igreja, não ha prova alguma de que tivesse elle estabelecido a sua séde em Roma; e, ainda quando disso houvesse prova não ha de que esta supremacia fosse transmissivel; porém, dado que o fosse, devêra ter sido transmittida a S. Thiago, ou a S. João, ou a outro qualquer dos Apostolos, sendo impossivel que S. Pedro a legasse a pessoa inferior a estes, de modo a conferir-lhe supremacia e auctoridade sobre os proprios Apostolos de Jesus.»

« Tal é a base, assim conclue o autor o terceiro ponto da sua primeira objecção — o terceiro elo, diria elle, da cadeia de argumentos — em que assentam as exorbitantes pretensões da Igreja Romana! Tão enorme massa sobre tão fragil alicerce!»

Respondo, que já provei que o primado de S. Pedro por direito divino, isto é, por instituição divina, devia continuar na Igreja de Jesus Christo até o fim dos seculos; que S. Pedro devia ter perpetuos successores no primado, e com isso mesmo provei também que o primado de S. Pedro não sómente é transmissivel mas *de facto se trasmitte em seus successores*.

Ora, que esses successores não sejam outros senão os Romanos Pontifices, os Bispos de Roma, a quem os catholicos chamam Papas, segue-se do facto cuja existencia a *Tradição* e

a *Historia* attestam, que : *S. Pedro morrendo como Bispo de Roma, sem ter resignado a seu primado ou o ter communicado a outro, legou, por isso mesmo, seu primado á sêde episcopal de Roma.*

Segue-se d'ahi, por inverosímil que isto pareça ao autor das *Noites com os Romanistas*, 1.º que depois da morte de S. Pedro seu primado *não recahiu sobre um dos Apostolos que sobreviveram a elle*, como por exemplo em S. Thiago ou S. João, mas sómente *no novo Bispo de Roma*, no successor de S. Pedro, na sêde episcopal de Roma.

2.º que o facto de ter sido S. Pedro, Bispo de Antiochia, em nada infirma o primado dos Romanos Pontífices, visto como S. Pedro *não morreu como Bispo de Antiochia*, de cujo governo incumbio a Evodio, mas como *Bispo de Roma*.

3.º que, embora acceitemos piamente a opinião e a tradição dos antigos Padres da Igreja, que querem que Deus por uma revelação explicita mandou que S. Pedro renunciasse o bispado de Antiochia e acceitasse o de Roma, *não é contudo sobre esta revelação*, que baseamos o nosso argumento em prol do primado dos Romanos Pontífices, mas sobre *o facto, attestado pela Tradição e pela Historia*, que S. Pedro morrendo como Bispo de Roma, sem ter resignado a seu primado ou o ter communicado a outro, *decia por isso mesmo ligar seu primado á sêde episcopal de Roma.*

E por isso, o alicerce para tão enorme massa *não é tão fragil*, como pretende o autor, nem o testamento, do qual exige provas *tão difficil de mostrar*. O que é difficil, ou, para melhor dizer, o que é impossivel provar, é *apontar outra Igreja que nos primeiros seculos reclamasse para si a supremacia sobre as mais Igrejas ou para seu Bispo o primado sobre os outros Bispos*; — ou que negasse a *supremacia da Igreja Romana e o primado de seu Bispo*. Este facto já de per si derruba todas as objecções capciosas do autor e prova com a clareza do meio-dia a crença universal e inabalavel da antiga Igreja no primado do Bispo Romano e na supremacia da Igreja de Roma.

A segunda objecção do autor é a *explicação que dá ás palavras de S. João XXI: 15.*

«Objectou o meu amigo a este argumento» [que refutei agora mesmo] «que não é S. Matth.: XVI: 18 a unica passagem que mostra a supremacia de S. Pedro; e citou S. João XXI: 15, dizendo esta passagem «que o povo ou a Igreja do Senhor é o seu rebanho e que se compõe de ovelhas e de cordeiros»; que o Senhor, de entre os demais Apostolos, encommendou de preferencia a S. Pedro tanto umas como outras; e que, tendo assim praticado, constituiu a S. Pedro como pastor principal das almas e seu Vigario sobre a terra.

«Repliquei-lhe que a citação não me parecia bem applicada, e era antes contraria do que favoravel a S. Pedro; por-

« quanto este tinha negado o Senhor, e o fez tres vezes com
 « as mais aggravantes circumstancias, e até com imprecacões
 « e blasphemias; e é provavel que os demais apostolos pen-
 « sassem que S. Pedro tinha decaído do Apostolado, como
 « acontecera a Judas. Era, portanto, preciso aclarar-lhes essas
 « duvidas, e as que o proprio S. Pedro pudesse ter a tal res-
 « peito. Por esta razão é que Nosso Senhor adoptou este modo
 « de fallar a S. Pedro: havia-o este negado *tres vezes*, e, allu-
 « dindo a isto, *tres vezes* lhe fez Nosso Senhor a pergunta:
 « Simão, filho de João, tu amas-me? e *tres vezes* lhe recom-
 « menda que fosse um dos pastores de seu rebanho — emprego
 « que com justiça havia perdido. Estas palavras, pois, não po-
 « dem de modo algum transformar-se na nomeação de S. Pedro
 « como cabeça da Igreja e Vigario de Christo: tinham por fim
 « humilhal-o, recordando-lhe a sua queda. E assim o entendeu
 « o proprio S. Pedro: « Pedro ficou triste porquê terceira vez
 « lhe preguntára, Tu amas-me? (S. João, XXI: 17).

« A obrigação de apascentar o rebanho do Senhor é com-
 « mum a todos os ministros da Igreja, assim o ensinam as
 « Sagradas Escripturas. S. Paulo lhes diz: « Attende por vós,
 « e por todo o rebanho sobre que o Espirito Santo vos consti-
 « tuíu bispos, para governardes a Igreja, que Elle adquiriu
 « pelo seu proprio sangue » (Act. XX: 28). E S. Pedro diz:
 « « Esta é pois a rogativa que faço aos presbyteros que ha
 « entre vós, eu presbytero com elles... apascentai o rebanho
 « de Deus » (I Petr. V; 1-2). Todos os ministros da Igreja são,
 « portanto, pastores do rebanho de Christo, e nada ha particu-
 « lar em se ter o Senhor servido da mesma linguagem, fal-
 « lando com S. Pedro ».

Respondo: 1.º, que a asserção do autor como se os *Aposto-*
los pensassem que S. Pedro, tinha decaído do Apostolado como acon-
tecera a Judas, — pensamento, que, segundo elle, o proprio
 Pedro podia ter — *é de todo destituida de qualquer fundamento*
razoavel, e só inventada para mais facilmente enganar os in-
 cautos. Pois, para não lembrar aqui que *todos* os Apostolos,
 menos S. João, desampararam seu Divino Mestre na hora da sua
 paixão e morte, e por conseguinte por esta razão *podiam todos,*
cada um para si, igualmente recear o ter decaído do Apostolado —
 temos na propria Escriptura provas positivas de que *nem S.*
Pedro nem os outros Apostolos podiam duvidar dos sentimentos ge-
nerosos de Jesus Christo para com elles. Pois, o modo porque
 Elle, *depois da sua resurreição,* procedeu com elles, excluiu para
 elles toda a duvida de terem decaído do Apostolado. Com ef-
 feito, foi a S. Pedro e aos mais Apostolos que Jesus appare-
 ceu logo depois se resuscitado, *desejando-lhes a paz, inspirando-*
lhes confiança e communicando-lhe o poder de perdoar e de reter
os peccados (João XX: 19-23); cousa que Jesus de certo não

teria feito caso S. Pedro ou os mais Apostolos tivessem decaído do seu Apostolado. Da mesma maneira foi a *S. Pedro* e aos outros discípulos, que Elle se manifestou ao mar de Tiberiades, *pedindo-lhes alguma coisa a comer, mandando-lhes deitarem a rede para a direita da barca — convidando-os a jantarem* (João XXI: 1-16); facto que conduz a mesma conclusão.

Segue-se d'ahi, que o modo de fallar a S. Pedro, adoptado por Jesus, embora entristecesse ao Apostolo, não devia servir, como o quer o autor, para humilha-lo, recordando-lhe a sua queda, senão para o tornar mais apto para o cargo de supremo pastor de todo o rebanho que Jesus lhe ia confiar, augmentando nelle, por uma triplice confissão do seu acendrado amor, o amor para com seu Divino Mestre — amor sem o qual é impossivel trabalhar generosa e perseverantemente á pastoreação d'um rebanho, como declarou o proprio Jesus na sua parábola do bom pastor e do mercenario (João X: 11-12), e cada dia se prova comparando-se os resultados dos missionarios catholicos com os dos missionarios protestantes.

2.^o Mas ainda que reconhecessemos nas palavras de Jesus Christo certo fim de humilhar a S. Pedro, este fim de todo não tiraria a força de nosso argumento.

Pois: a) Na economia da divina Providencia a *humilhação anterior não obsta á exaltação posterior*, muito pelo contrario: *é com frequencia o caminho para ella* (Luc. I: 52, etc.).

b) A promessa do primado feita a S. Pedro em Matth. XVI: 17-18, devia cumprir-se. Ora, as palavras de João XXI: 15-18, como vou provar agora mesmo, contêm a *prova mais terminante da realisação da mesma*.

Com effeito, Jesus quiz que seu rebanho espiritual (sua Igreja) fosse governado por *um só pastor visível* (João X: 16). Ora, assim como um rebanho é composto de ovelhas, que geram, e de cordeiros que são gerados, assim tambem o rebanho espiritual da Igreja de Jesus Christo é composto de ovelhas ou pastores que geram espiritualmente os cordeiros, isto é, os simples fieis, e de cordeiros ou simples fieis que são gerados pelas ovelhas ou pastores (I Col. IV: 5).

Dizendo, pois, a S. Pedro: *apascenta meus cordeiros, e outra vez: apascenta minhas ovelhas*, Jesus não o constituiu UM dos pastores de seu rebanho, como diz capciosamente o autor, mas lhe confiou a pastoreação de *todo o rebanho*, o constituiu *supremo pastor visível* da sua Igreja, o revestiu do *primado*, dando-lhe o poder de *governar, reger* toda a Igreja, como segue claramente da palavra *«poimaine»*, que significa não sómente apascentar, mas apascentar *com imperio no rebanho*.

D'ahi se vê tambem que o autor nada adianta, quando sustenta e para este fim cita uns textos, que a obrigação de apascentar o rebanho do Senhor é commum a todos os minis-

tros da Igreja, e que por isso nada ha de particular em se ter o Senhor servido da mesma linguagem (apascentar o rebanho) fallando com S. Pedro. Pois embora todos os ministros (isto é, ministros *legitimos*, chamados por Deus, e por consequente só os ministros catholicos e não *protestantes, que não são ministros*) devam apascentar *uma parte do rebanho*, quer dizer *os cordeiros*, os simples fideis, a *nenhum d'elles* foi confiada a pastoreação de *toda o rebanho*, a *nenhum d'elles* foi dito: apascenta também *as ovelhas*, isto é, apascenta também *os proprios pastores* da Igreja. *Esta superintendencia foi dada só a S. Pedro*, tanto com estas palavras como também com aquellas de Luc. XXII: 32. « Mas eu roguei por ti para que não desfalleça a tua fé, e tu uma vez *convertido*, CONFIRMA OS TEUS IRMÃOS »; isto é, teus irmãos *no Apostolado* como resulta do contexto.

Mas o autor levanta mais outra difficuldade contra o primado de S. Pedro, promettido em Matth. XVI: 18; esta difficuldade é, segundo elle, mui digna de menção, e é a seguinte: « Lemos, escreve elle, que em duas occasiões (S. Lucas IX: 46, e XXII: 24) houve contenda entre os Apostolos a respeito de qual d'elles seria o maior. Ora, estando esta passagem em que tanto se apoiam os romanistas, em S. Matth. XVI, e posto que uma d'essas disputas a que temos alludido se nos refira logo depois em S. Math. XVIII, I, deve inferir-se que a questão da supremacia não se decidiu pelas palavras do Senhor em Matth. XVI, porque de outro modo não se teriam suscitado taes disputas. Além de que, o proprio Jesus teria em tal caso apasiguado os discipulos, dizendo-lhes que já tinha collocado S. Pedro em cathegoria superior á d'elles. Ao contrario, porém, mostrou-lhes que, sendo irmãos eram iguaes e a ninguem tinham por chefe ».

A esta objecção respondo que ainda quando admittamos como absolutamente certo que as palavras de Matth. XVIII: 1. « Quem julgas que é o maior no reino dos céos », digam respeito a uma contenda sobre o maior *entre os Apostolos*, — explicação que muitos bons exegetas regeitam, sustentando que esta pergunta tem um sentido universal, como se os Apostolos perguntassem quem *de todos os que fariam parte do reino dos céos* seria o mais elevado: — d'isto nada seguirá em prejuizo do primado promettido a S. Pedro em Matth. XVI: 18.

Pois é muito provavel que os Apostolos, embora ouvissem da bocca de Jesus Christo a promessa feita a S. Pedro *a não comprehendessem claramente*, como parece resultar das continuas contendas, que tiveram a este respeito, e que se renovaram até na Ultima Ceia (Marc. IX: 31-37; Luc. IX: 46, Matth. XVIII: 1; XX: 22; Luc. XXII: 24).

E isto não tem nada de extranhar porque Jesus em Matth. XVI: 18. promettera a S. Pedro o primado sob uma *dupla*

forma methaphorica, sob a «da pedra» e a «das chaves», e os Apostolos ainda rudes e ignorantes muitas vezes não comprehendiam bem a linguagem methaphorica de Jesus Christo, até se mostravam mui satisfeitos quando o Divino Salvador lhes fallára sem methaphoras (João XVI: 29).

Porém que os Apostolos não comprehendessem claramente o sentido das palavras de Jesus Christo com as quaes promettera a S. Pedro o primado *em nada affecta a realidade da promessa*: esta equivocação dos Apostolos não pôde servir de arma contra a promessa de Jesus, ella fica sendo o que é independeentemente da intelligencia ou desintelligencia dos Apostolos.

Nem vale dizer com o autor das *Noites com os Romanistas*, que «o proprio Jesus em tal caso teria apasiguado os discipulos dizendo-lhes que já tinha collocado a S. Pedro em cathogoria superior á d'elles», pois Jesus *ainda não tinha collocado* a S. Pedro nesta cathogoria, apenas *promettéra fazel-o*; fal-o-ia e *de facto o fez depois da sua resurreição* (João XXI: 15-18).

N'aquella occasião os Apostolos *comprenderiam claramente* o que até então talvez sómente suspeitassem, e a isto Jesus *já alludiu* dizendo: o que É MAIOR entre vós faça-se como o menor, e o que MANDA seja como o que serve (Luc. XXII: 26), confirmando d'este modo que entre elles haveria um collocado em cathogoria superior á d'elles, e excitando aquelle privilegiado a imitar o exemplo de humildade que Elle mesmo dera servindo-lhes á mesa embora lhes fosse superior (Luc. XX: 27). E' por isso tambem que depois da *confirmação de S. Pedro*, em sua dignidade, referida neste logar, cessam como por encanto todas as disputas, e o vemos constantemente honrado pelos Apostolos como o primeiro de todos.

Refutada esta terceira objecção, ouçamos outra que será a ultima.

Quem falla é o autor: «O meu amigo, que até aqui se conservára silencioso, não sabendo como responder-me».[Felizmente respondi eu em seu logar], «tomou a palavra, dizendo que se S. Pedro era cabeça da Igreja, devia-se d'ahi inferir que a Igreja Romana tinha herdado o primado de toda a Igreja, e assistia-lhe o direito de exigir a obediencia de todas as outras Igrejas.

«A isto repliquei, dizendo que nem por um momento sentiria em reconhecer por cabeça da Igreja outro que não fosse unicamente Jesus Christo. A Elle e só a Elle chamam as Sagradas Escripturas cabeça da Igreja. «E lhe mettem debaixo dos pés todas as coisas: e o constituiu a Elle mesmo *cabeça* de toda a Igreja» (Eph. I: 22)». — Depois o autor ainda cita Eph. V: 23; Col. I: 18; Eph. IV: 15, e continúa: «A linguagem da Sagrada Escriptura sobre este ponto é tão clara e terminante que, sem affronta a Christo, a nin-

« guem mais podemos chamar cabeça da Igreja » [E' sempre o mesmo estribilho ; sempre o mesmo aferramento pertinaz á lettra que mata : Um Mediador, um Summo Pontifice, uma cabeça, como se fosse impossivel haver-se mediadores secundarios, pontifices secundarios, cabeças secundarias!!! Mas não precorramos á resposta].

« O meu amigo parecia comprehender bem este principio, « mas ignorava que as Sagradas Escripturas chamavam tão a « miudo a Christo, e sómente a Christo, cabeça de sua Igreja » [Como se do numero das repetições d'uma verdade dependesse a intensidade da nossa fé!!! Talvez seja necessario *para a crença protestante* que as verdades sejam repetidas *amindadas vezes ; para nós, os catholicos*, basta que sejam enunciadas *uma só vez*/. « Comtudo, disse que ainda quando Christo seja a cabeça « da sua Igreja, uma vez que está no céo, carece a sua Igreja « de ter uma cabeça na terra, e que é isso o que pretendem « os successores de S. Pedro na sede Romana.

« Objectei que o facto de ter Jesus subido ao céo não « importava a necessidade de ter um vigario na terra, visto « como o seu Espirito Santo está sempre presente á sua Igreja, « tudo dirigindo e governando. O argumento de que Christo « subiu ao céo, que já não está na Igreja na terra, e que por « isso a Igreja necessita d'um vigario, parecia-me estranha posição para um romanista desde que crê achar-se Christo verdadeira e substancialmente — em carne, sangue, alma e divindade — sobre todo o altar e em todo o tempo, nas « Igrejas Romanas.

« Este modo de propôr a questão constitua, pelo que pareceu, uma novidade para meu amigo, que não via meio de « sair do enredo » [Era sem duvida muito myope!!]; « e por « isso sem tratar de contestar-me, apenas disse que, havendo « tantas Igrejas no mundo, parecia natural que uma pessoa as « governasse como bispo supremo de toda a Igreja. Que serviria isto para promover e firmar a unidade e uniformidade « entre todas ellas.

« Refutei, dizendo que ha muitos reinos, imperios e republicas no mundo ; que todos têm suas constituições, leis e chefes, sem que todavia, pareça conveniente, sendo antes « desvantajoso, haver um soberano principal, que seja a cabeça « de todos os outros soberanos, afim de estabelecer as mesmas « leis e principios em todas as nações da terra. E', em todo o « caso, melhor e mais proveitoso ao genero humano, que cada « nação se governe a si mesma, sem estar sujeita senão A'quelle, « que é Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Similhantemente, « ha muitas igrejas que têm suas constituições, leis e chefes, « e não ha mais necessidade de que todas ellas se sujeitem a « uma mesma cabeça sobre a terra do que haveria que todas

« as nações se sujeitassem a um mesmo soberano. A sabedoria aconselha que todas as nações se governem a si mesmas, prestando obediência a Christo, que é « a cabeça de todo o principado e potestade », e igualmente aconselha que todas as igrejas se governem a si mesmas sujeitando-se somente a Christo, que é a cabeça de toda a Igreja. As igrejas não têm mais necessidade do que as nações de uma cabeça na terra. A cabeça para ambas está nos céos, e pôde governar sem necessidade de Vigário na terra, tanto a umas como a outras ».

Eis, pois, a ultima objecção do autor contra o primado de S. Pedro e seus successores. Resumamol-a para melhor a re-futarmos. Segundo elle, S. Pedro e seus successores não pôdem ser a cabeça da Igreja de Jesus por quatro razões.

1. Porque a Escriptura Sagrada não reconhece outra cabeça da Igreja que não seja N. S. Jesus Christo ;

2. Porque depois da Ascenção de Jesus Christo, o Espirito Santo dirige e governa a Igreja ;

3. Porque Jesus embora subido ao céu, segundo a doutrina catholica, sempre reside no SS. Sacramento ;

4. Porque as Igrejas precisam tão pouco como as nações, os reinos, as republicas um soberano commum a quem todos obedecem, bastam que obedeçam a Deus.

Quanto á primeira razão : *nego absolutamente que a Escriptura Sagrada não reconheça outra cabeça que não seja Nosso Senhor Jesus Christo.*

E' verdade que todos os textos citados pelo autor, cujo numero facilmente podia ser augmentado com muitos outros, dizem com expressas palavras, que Jesus Christo é a cabeça da Igreja. E nisto concordam todos os catholicos que sob pena de deixar de ser catholicos e tornar-se herejes, devem admittir que Jesus Christo é *a primeira cabeça, a cabeça principal, a cabeça invisivel da Igreja de Deus neste mundo.* Mas isto não impede que, *TAMBEM BASEADOS NA ESCRIPTURA SAGRADA, reconheçam mais outra cabeça, uma cabeça secundaria, uma cabeça inferior, uma cabeça visivel que representa na terra a cabeça invisivel que está no céu.*

Basta citar os mesmos textos com que provei que o primado foi prometido a S. Pedro (Matth. XVI : 13-20) ; dado a S. Pedro (João XXI : 15-17) ; reconhecido em S. Pedro (vede os muitos textos no primeiro artigo), e exercido por elle pacificamente em toda a Igreja (lóg. cit.). — Todos esses textos mostram claramente que Jesus Christo constituiu a S. Pedro como chefe visivel da sua Igreja e por conseguinte não fazemos affronta a Jesus Christo quando reconhecemos S. Pedro por cabeça visivel da Igreja, quem fazem affronta a Jesus Christo são o

autor e os seítarios *que não querem admittir o que claramente é ensinado pela Escripura Sagrada.*

Quanto á segunda razão, allegada pelo autor, a saber: que a Igreja de Jesus Christo, agora que elle subiu ao céo, não precisa d'um Vigario de Jesus Christo na terra, visto como o Espirito Santo está sempre presente á sua Igreja, tudo dirigindo e governando, respondo: que a *Igreja*, segundo a instituição de Jesus, é *visivel*, como já provei no capitulo sobre a Catholicidade da Igreja, e por isso, precisa d'uma cabeça *visivel* que não pôde ser o Espirito Santo, por ser Elle invisivel.

E quanto á terceira razão, do ministro Evangelico, que se estranha de que os catholicos digam necessitar d'um Vigario de Jesus Christo nesta terra, tendo o proprio Jesus Christo em carne, sangue, alma e divindade verdadeira - real - e substancialmente comsigo em todas as suas Igrejas, digo sómente que o autor protestante nada comprehende do modo porque Jesus alli está presente; senão, saberia que Elle alli está presente de *modo sacramental e espiritual*, embora real, para ser o objecto de nosso adoração, alimentar nossa alma na Sagrada Communhão e sacrificar-se em nosso logar a seu Pae Eterno no SS. Sacrificio da Missa, mas *não visivelmente* para em qualidade de Chefe Supremo reger e governar sua Igreja, e que por isso a Igreja, embora tenha comsigo Jesus Sacramentado, ainda precisa d'uma cabeça visivel.

Resta ainda a quarta razão que não pôde ser inspirada ao autor senão por falta de intelligência ou de boa fé. Com effeito, por pouco que uma pessoa se entenda com a Igreja de Jesus Christo, não pôde comparal-a com as sociedades profanas ou seítarias, porque entre ellas *não ha termo de comparação.*

A Igreja de Jesus Christo, sobre ser uma, é *única*, isto é, não pôde haver duas ou mais Igrejas de Jesus Christo, assim como pôde haver e de facto ha mais nações, mais reinos, mais republicas. Ora, está claro como a luz do dia que, constituindo cada nação, cada reino, *cada republica uma sociedade perfeita, avulsa e independente de outra*, deve ter sua constituição, suas leis, seu chefe e que seria loucura querer estebelecer um soberano principal, que fosse a cabeça de todos os outros afim de estabelecer as mesmas leis, os mesmos principios em todas as nações, todos os reinos, todas as republicas da terra.

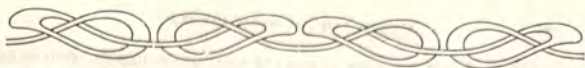
Assim porém não é com a Igreja de Jesus Christo. A Igreja de Jesus Christo não é o aggregado o conjuncto de muitas igrejas, *particulares, independentes e diferentes umas das outras*, de varias seitas religiosas, assim como já provei no meu primeiro artigo sobre a Unidade da Igreja, mas o aggregado, o conjuncto *visivel das varias secções d'uma e mesma Igreja*, que em tudo são iguaes, que todas devem ter a mesma doutrina, o mesmo culto.

Ora, como essas varias secções poderiam conservar a unidade na fé, na doutrina, no culto, se todas não dependessem *dum só chefe visivel*, que fosse para ellas o *centro* da sua unidade? Não temos a resposta a esta pergunta na *mixórdia protestante*?

Por isto protestantes sinceros reconhecem a necessidade d'um chefe visivel como centro e garantia da unidade da Igreja. «Toda a sociedade como é a Igreja exterior» (escreve Ammon, em seu livro sobre a Immutavel unidade), «deve ser organizada e como os membros do corpo ordenada *debaixo d'um chefe*, «se não quizer estar sujeita a se despedaçar e dividir-se «em muitas sociedades separadas». [E' a ultima sentença pronunciada contra o protestantismo].

«Para evitar os scismas e as discordias é necessario que «UM seja proposto aos outros» (assevera Cowel. Exam. doct. ed. 1564). «Se toda a sociedade por sua natureza tende a concentrar a força», sustenta G. F. Jacob, (Educ. e dout. prot. ed. 1808), «se deve suppôr que a sabedoria infinita do Homem-«Deus não desprezasse essa providencia na fundação da sua «Igreja». E, «com effeito, escreve Gobbet (C. II § 40), Jesus «Christo escolheu Pedro por chefe da sua Igreja»; o que é confirmado ainda mais energicamente por Cowel (loc. cit.), quando sustenta «que os doze Apostolos não estariam entre si «tão concordes e tão unidos se UM não tivesse presidido aos «outros»; e accrescenta «desde esse tempo em que a graça «do Senhor era mais abundante do que hoje foi este o melhor «meio para conservar a unidade».





CAPITULO XXII

A INFALLIBILIDADE DA IGREJA

Intimamente ligada á supremacia da Igreja Catholica, Apostolica, Romana está sua infallibilidade. Rejeitada aquella força é rejeitar tambem esta.

Dahi o novo capitulo em que o autor que negou á Igreja Catholica, Apostolica, Romana a sua supremacia sobre todas as mais igrejas do universo, procura negar-lhe tambem a sua infallibilidade.

Provarei por tanto contra o autor.

1.º Que na Igreja de Jesus Christo, isto é, na Igreja Catholica, Apostolica, Romana existe um magisterio infallivel.

2.º Que este magisterio infallivel se exerce de modo *ordinario* pela doutrina universal e constante dos Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa, e de modo *extraordinario e solemne* ou pelos canones dogmaticos dos Concilios Ecumenicos ou pelo Papa quando falla *ex-cathedra*.

3.º Que as objecções que allega contra esta doutrina nada valem.

ARTIGO I

O magisterio da Igreja Catholica, Apostolica, Romana é infallivel

1.º *Que Jesus na sua Igreja devia ter estabelecido uma autoridade ensinadora, chamada magisterio, que no exercicio de seu poder não sómente não podia ser embaraçado por ninguem, mas ao qual todos haviam de submeter-se, evidencia-se tanto da indole da doutrina, que elle pregou, como do fim da Igreja,*

que instituiu e da *unidade da fé*, que quiz reinasse entre os membros desta Igreja.

Na verdade, *Jesus quiz que todos os homens seguissem a mesma religião, e conservassem a mesma doutrina que elle veio trazer ao mundo* (Matt. XXVIII, 20; Luc. XVI, etc.)

Ora houve *cousa mais necessaria* para a realisação daquelle vontade, attentas a multiplicidade das doutrinas e a facilidade de entendel-as em sentido contrario, *do que uma authoridade ensinadora, um magisterio*, que mantivesse a doutrina de Jesus e na differença de opiniões estabelecesse o sentido das verdades por elle pregadas?

A historia de todas as seitas religiosas às quaes *falta tal authoridade* dá uma resposta terminante. E se tal magisterio foi *necessario* podemos admittir que Jesus o *não teria instituido*?

Além disto *Jesus confiou a missão de guardar a sua religião, e pregar sua doutrina á Igreja que para este fim instituiria* — (Marc. XVI, 16; Matt. XXVIII, 20). Mas como a Igreja poderia cumprir esta missão se não tivesse o *poder de ensinar o que pertence a esta religião*, o que lhe é conforme e o que se lhe oppõe, o que deve ser crido, o que regeitado? Emfim, *quiz que um dos meios pelos quaes os fiéis da sua Igreja formassem um só corpo moral, fosse a unidade da fé*. (Eph. IV, 3; Rom. XVI, 17). Como porém esta unidade de fé querida por Jesus poderia manter-se, *se faltasse uma authoridade ensinadora, um magisterio*, que, dada a occasião, pudesse estabelecer o que favorece e o que adversa esta unidade de crenças?

Todas estas razões mostram que *Jesus devia instituir na sua Igreja uma authoridade ensinadora, um magisterio*. Era muito desejavel, muito conveniente, muito necessario.

2.^o *Por isso, de facto, instituiu tal magisterio universal e supremo.*

A primeira prova disto, se acha *em seu proprio poder doutrinal que transferiu a seus Apostolos*. (Matt. XXVIII, 18-20; João, XX, 21-22; II Cor. V, 19-20; XIII, 10):

Outra, não menos forte no *preceito* que lhes deu de *pregar sua doutrina e na obrigação* que impoz aos fiéis de *acceitar esta doutrina pregada por elles* (Matt XXVIII: 18-20; Marc. XVI. 16);

Uma terceira no *continuo exercicio* que deste magisterio fizeram os Apostolos (II Cor. V. 20; II João, IX, 10, I Timot. I: 19; 20);

Emfim a ultima na *necessidade de continuar-se na Igreja este magisterio depois da morte dos Apostolos* (Eph. IV: 11-14; II Timoth, IV: 2-6).

E' pois fóra de duvida que Jesus *devia instituir na sua Igreja um magisterio supremo e universal, e que realmente o fez*.

3.^o Agora porém agita-se a questão de que *natureza é*

este magisterio, se é *fallivel* como sustentam os protestantes, ou *infallivel* como pretendem os catholicos?

E' INFALLIVEL, e em abono apello para os seguintes argumentos:

Antes, porém, uma pequena explicação da infallibilidade de que se trata. Ha duas especies de infallibilidade, uma absoluta, outra relativa. Aquella, é evidente, compete só a Deus; esta em certas circumstancias pôde tornar-se o privilegio do homem. Pois bem, é esta a *ultima especie de infallibilidade que attribuímos á Igreja*. Consiste n'uma certa e continua assistencia do Espirito Santo pela qual a Igreja com certeza infallivel e sem medo algum de errar pôde definir o que Deus lhe revelou e por nos deve ser crido como revelado por elle.

Que esta infallibilidade deve ser attribuida ao magisterio da Igreja prova-se:

1.^o *Pela relação que tem o magisterio com a conservação da religião de Jesus Christo*. A Igreja foi instituida para que por ella fosse continuada a missão de Jesus Christo, e conservada a sua religião (Eph. IV : 11-13 ; I Cor. XII : 27-29).

Ora este fim, em quanto diz respeito á *doutrina de Jesus*, só se pôde alcançar por um *magisterio ao qual todos devem submeter-se*; mas se este magisterio fosse *fallivel*, se pudesse errar nas suas definições dogmaticas, como seria garantida a *integridade da doutrina de Jesus Christo*? Por conseguinte deve gozar do privilegio da infallibilidade.

2.^o A mesma conclusão não conduz a ponderação da *relação que tem este magisterio com todos os fiéis*. Pois cada vez que elle propõe alguma doutrina como dogma de fé os fiéis são obrigados a submeter-se a esta definição, não somente porque sem isto a unidade de fé não se pôde conservar senão tambem porque o magisterio é a suprema authoridade. Mas pergunto outra vez, estariam obrigados os fiéis a submeter-se se não fosse absolutamente certo que o magisterio em definindo a doutrina de Jesus Christo não pôde errar com outras palavras é *infallivel*?

3.^o Tambem a *promessa da estabilidade da Igreja contra o poder de seus inimigos* (Matt. XVI : 18) prova a infallibilidade do magisterio. Com effeito a Igreja não seria estavel, deixaria de ser a Igreja de Jesus Christo desde o momento em que chegasse a pregar outra doutrina que não a de Jesus Christo. A perpetuidade da mesma doutrina é, pois, uma condição necessaria para a estabilidade da Igreja. Mas como esta doutrina poderia ser perpetua, como poderia ser pregada até o fim dos seculos se o magisterio, o instrumento desta pregação, pudesse errar e ensinar a mentira em logar da verdade?

4.^o A palavra do Apostolo, que chama a Igreja a *columna e o fundamento da verdade* (I Timot. III : 15), não pôde

senão confirmar a dita conclusão. Pois mostra claramente que a Igreja *em nada pode desviar da verdadeira fé*; visto como «columna e fundamento» são symbolos da maior firmeza. Poderia todavia desviar se *seu magisterio* pudesse errar. Logo...

5.^o Accresce que Jesus quíz que toda a sua Igreja professasse sempre a mesma fé e que esta unidade na fé se effeitasse pelo magisterio, que confiou a seus Apostolos e aos successores delles. Ora, se este magisterio *não julgasse com certeza infallivel* das cousas que dizem respeito a fé, nem a *unidade da fé*, nem a *authoridade do magisterio* estariam garantidas, visto como neste caso muitos desprezariam o ensino deste magisterio e lhe prefereriam seu espirito privado sobre tudo em pontos que de por si *não fossem tão evidentes*.

6.^o Ainda mais claramente se prova a infallibilidade do magisterio *das promessas do Espirito Santo e do auxilio efficaz de Jesus Christo* feitas aos Apostolos. De facto em João, XIV: 16, 17, 25, 26; XVI, 12, 13; Act. I: 4-8, o Espirito Santo é promettido aos Apostolos tanto para o presente como para o futuro. Para o presente receberam do Espirito Santo a mais rica communicação da verdade, communicação que lhes seria feita só uma vez e que deviam guardar sempre como um deposito sagrado. Para o futuro este mesmo Espirito Santo lhes assistirá na pregação para serem testemunhas de Jesus até os ultimos confins da terra. Ora como poderiam conservar este sagrado deposito da verdade, como pregal-o inalterado até os ultimos confins da terra se o magisterio da Igreja ao qual é confiada a guarda e a pregação da verdade pudesse errar. E isto tanto mais porque Jesus (Matt. XXVIII, 20) lhe prometteu sua assistencia até sempre.

Fica portanto provado por estes argumentos aos quaes ainda poderia accrescentar muitos outros que Jesus deu a sua Igreja um magisterio e que este magisterio é infallivel.

Vejamos agora onde reside este magisterio infallivel.

ARTIGO II

O magisterio infallivel da Igreja se exerce de modo ordinario pela doutrina universal e constante dos Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa, e de modo extraordinario e solemne ou pelos canones dogmaticos dos concilios ecumenicos ou pelo Papa quando falla ex cathedra.

Acabamos de vêr no artigo precedente que existe na Igreja Catholica, Apostólica, Romana, *um magisterio*, isto é, uma au-

thoridade ensinadora suprema e universal, e que *este magisterio é infallivel*.

Agora adianto mais um passo e pergunto: *por quem este magisterio é exercido*, ou com outras palavras, *quem na Igreja Catholica, Apostolica, Romana gozam do privilegio da infallibilidade?*

Respondo brevemente: *os Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa, os Bispos reunidos em concilios ecumenicos, e o Papa em certas circumstancias.*

1º OS BISPOS ESPALHADOS PELO MUNDO EM UNIÃO COM O PAPA.

Vou explical-o. Assim como os Bispos *reunidos no mesmo lugar* (como por exemplo num concilio ecumenico) e *alli physicamente unidos com o Papa ou seu delegado* podem exercer o magisterio infallivel (como provarei na minha segunda proposição), assim tambem pôdem exercer o magisterio infallivel, quando *são espalhados pelo mundo* (cada um d'elles em sua Diocese) e *moralmente unidos com o Papa*. E isto de duas maneiras: 1º *Ou os Bispos espalhados pelo mundo, unidos com o Papa declaram* COM JUÍZO FIRME E COMMUN *que uma doutrina deve ser crida*; — e este caso se realisa, *a)* quando, surgindo-se algum erro, os Bispos d'uma Provincia se reúnem num concilio *provincial* para condemnarem o erro e manter a doutrina Catholica, e o Papa solemnemente adhire ás decisões do dito concilio; *b)* quando o Papa pessoalmente condemna uma doutrina e os Bispos espalhados pelo mundo confirmam a sentença do Papa — 2º *ou os Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa, exercendo o magisterio ordinario, explicam com unanimidade a doutrina quer de viva voz quer por escripto*; — de *viva voz*, quando elles quer por si quer por seus sacerdotes pregam ao povo — *por escripto*, quando mandam *letteras encyclicas*, cartas pastoraes ou compõem ou approvam catechismos. *E ambos esses casos o seu magisterio é infallivel.*

E com effeito que o magisterio dos Bispos, quando *espalhados pelo mundo em união com o Papa declaram com juizo firme e commun que uma doutrina deve ser crida*, e infallivel se prova:

1º *pela sua paridade com um concilio ecumenico.*

Pois, se, como provarei, o magisterio da Igreja é infallivel, quando reunido solemnemente em concilio ecumenico define as cousas da fé, e esta infallibilidade lhe compete *por causa do consentimento dos Bispos que alli physicamente reunidos representam o corpo docente da Igreja*, como então não seria infallivel *este mesmo corpo docente da Igreja quando moralmente reunido nos Bispos espalhados pelo mundo define não com menor solemnidade e com consentimento unanime as cousas*

fé? Tanto mais porque a reunião d'um concilio ecumenico fica sempre difficil, e o numero dos Bispos que a elle assiste limitado.

2º Accresce que Jesus promettendo sua assistencia divina ao magisterio da Igreja *não determinou o modo porque este magisterio devia ser exercido* e que por consequente, a assistencia divina é promettida a *cada meio por si apto* para exercer o dito magisterio. Ora haverá meio mais apropriado para condemnar o erro e manter a doutrina do que *este ensino dos Bispos espalhados pelo mundo*, cada um dos quaes em sua respectiva Diocese exerce influencia directa nos fieis que lhe são confiados?

3º Emfim *é facto historico* que os juizos dos Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa, quer condemnassem qualquer erro, quer explicassem qualquer doutrina foram sempre cridos com *a mesma fé que os dos concilios ecumenicos* e por consequente considerados como *infalliveis*.

Em abono appello para as heresias dos 3 primeiros seculos que quasi todas foram condemnadas pelo juizo do Papa que depois foi acceito pelos Bispos e pelos concilios particulares ou provinciaes que receberam a approvação do Papa e do Episcopado.

Mas a infallibilidade não sómente compete ao Episcopado unido com o Papa no caso que acabo de explicar, *é tambem o seu privilegio quando exercendo seu magisterio ordinario explica com unanimidade quer de viva voz quer por escripto a doutrina Catholica*.

As razões são evidentes.

Na verdade, se a infallibilidade fosse restringida só ao tempo em que os Bispos estariam physicamente reunidos em concilio ecumenico, ou concordassem fóra do concilio ecumenico, por letras com o Papa a respeito de algum ponto doutrinal faltaria aos successores dos Apostolos por longuissimo tempo até por seculos inteiros a assistencia divina. Mas como neste caso se cumpriria a promessa de Jesus de ficar com sua Igreja *em todos os dias* até o fim dos seculos? Segue-se d'isto que a infallibilidade não é restringida a estes dois casos. Além d'isto, se o Episcopado espalhado pelo mundo não fosse infallivel, a propria Igreja podia desviar da verdadeira fé e isto seria contrario á indefectibilidade da Igreja lhe promettida por seu Divino Fundador em Matth. XVI: 16-19.

Emfim, já desde o principio esta doutrina foi sempre theorica e praticamente crida na Igreja, como provam os textos dos SS. Padres e o procedimento dos concilios ecumenicos que sempre indagaram qual tinha sido nos tempos anteriores a doutrina dos Bispos e conforme esta doutrina formulavam suas definições.

Fica pois provado *que os Bispos espalhados pelo mundo e*

em união com o Papa, são infallíveis QUANDO COM FIRME E COMMUM JUÍZO DECLARAM QUE UMA DOUTRINA DEVE SER CRIDA, E QUANDO EXERCENDO SEU MAGISTERIO ORDINARIO EXPLICAM COM UNANIMIDADE A DOUTRINA CATHOLICA.

2. A MESMA INFALLIBILIDADE COMPETE TAMBEM AOS BISPOS QUANDO, UNIDOS AOS PAPAS, SÃO CONGREGADOS PHYSICAMENTE NUM CONCILIO ECUMENICO.

Pois é impossível negar-se, que o magisterio da Igreja, isto é, os Bispos em união com o Papa, que constituem o corpo docente, ao qual Jesus prometeu a infallibilidade não gozem d'este privilegio, quando estão reunidos do *modo mui solemne* para ensinarem aos fieis o que devem crêr.

Além d'isto como a Igreja poderia cumprir sua missão e *conservar intacta a religião de Jesus Christo* que lhe é confiada se seu corpo docente maximé quando está reunido do modo solemne num concilio ecumenico pudesse errar. Este erro arrastaria necessariamente os fieis e deste modo a religião de Jesus Christo não ficaria intacta. *Nem a unidade da fé*; pois se os fieis *pudessem duvidar* da infallibilidade dos canones *dogmaticos estabelecidos com tanta solemnidade num concilio que representa toda a Igreja*, onde, attento o orgulho do espirito humano, ficaria a unidade da fé.

Emfim, a Igreja sempre *judgou que os decretos dos concilios ecumenicos são infallíveis*; e esta sua persuasão mostrou-a *pelos factos*, banindo de seu seio os que não queriam acceital-os. Mais; *exprimiu* claramente esta persuasão mandando obediencia sob pena de *anathema*.

Segue-se, pois, que *os Concilios ecumenicos são infallíveis* NÃO SÓMENTE NOS CANONES COM QUE CONDEMNAM A HERESIA SENÃO TAMBEM NOS COM QUE EXPLICAM A DOUTRINA CATHOLICA.

3. Emfim, *tambem ao Papa compete em algumas circumstancias o privilegio da infallibilidade*.

Ettas circumstancias se realisam todas as vezes que o Papa *falla da cathedra*, isto é, todas as vezes que na qualidade de doutor universal de toda a Igreja define por virtude da sua suprema authoridade doutrinal que alguma cousa concernente à fé ou os costumes é revelada por Deus e por isso deve ser crida firmemente pelos fieis.

Assim não basta que o Papa falle como *doutor privado*, pois neste caso é fallivel como todos os mais; não; deve fallar como doutor supremo de toda a Igreja; nem basta que tenha a intenção de ensinar *só a pessoa* que lhe pergunta alguma cousa acerca da fé ou dos costumes; não; deve ter a intenção de ensinar toda a Igreja e obrigar a consciencia de todos os catholicos. Nestas definições o Papa é infallivel pela assistencia do Espirito Santo que lhe é promettida.

Para provar esta verdade appello 1º para a *Escriptura Sagrada*.

Alli lemos, Mattheus XVI: 18. «E eu digo a ti, que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella». — Por estas palavras dirigidas a S. Pedro e só a S. Pedro, a S. Pedro separado dos demais Apostolos, e não aos demais Apostolos separados de S. Pedro, Jesus promette à sua Igreja a indefectibilidade e por conseguinte também a *indefectibilidade na fé ou a infallibilidade*. E esta indefectibilidade lhe virá, como já provamos *por causa de seu fundamento o qual é S. Pedro*. Agora, pergunto eu, poderá o edificio ser mais solido que seu *fundamento*; e ha fundamento mais solido que *uma rocha viva*? Se pois não falsear o edificio menos falseará a dura rocha sobre a qual é fundado. Se um resiste ás mais furiosas tormentas, aos mais desfeitos vândavis do erro, melhor resistirá a outra. E ainda que falsee e se desapegue alguma pedra facil será reparal-a ou substituil-a por outra sem que o edificio se desaprumme ou venha abaixo. Mas se falseasse a rocha ou se abalasse o edificio se desconjunctaria e viria á terra com estrepitoso e colossal estrondo.

A pedra, pois, sobre que está fundada a Igreja não falseará. A fé de Pedro, a fé do Papa não faltará, Jesus o prometteu, as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

A mesma verdade nos é ensinada em S. João XXI: 15-17. Alli Jesus confia a S. Pedro e a elle só a suprema pastoreação de todo o rebanho, apascentai os cordeiros, apascentai as ovelhas, ensinae os fieis, ensinae os pastores.

Agora torno a perguntar: é bom amo quem não escolhe pastor, e é bom pastor quem conduz o rebanho a pastos venenosos? Se as ovelhas que são os Bispos se extraviassem da verdadeira fé que farão os cordeirinhos que são os fieis? Mas se o pastor supremo conduzisse e as ovelhas e os cordeiros a pastos venenosos quem guardaria o rebanho, que lhe proporcionaria saudaveis pastos? Com outras palavras: se o supremo pastor se desgarrasse, quem o dirigiria, quem o levaria á verdade e ao redil de Nosso Senhor?—Então teriamos de culpar a Deus que não soube escolher um bom pastor. Mas é que isto não póde ser, porque então não seria Deus.

Por conseguinte, não ha receio de que o supremo pastor que é Pedro, ou que vem a ser o mesmo, o Papa conduza as ovelhas e os cordeiros pelos riscos do erro e pelos pantanos do vicio. Elle saberá discernir perfeitamente as doutrinas verdadeiras das más doutrinas que damnam e matam a alma dos fieis. Elle guiará infallivelmente nossas almas pelos amplos caminhos da verdade e pelos dilatados prados da virtude. Para isto tem o silvo e o cajado: o silvo para as chamar amorosa-

mente se se extraviam; o cado para os ferir caritativamente se não querem obedecer.

Emfim, na mesma Escripura Sagrada lemos mais outro texto (Luc. XXII: 31-32): «Simão, Simão, eis que Satanaz pe-
« diu para crivar-vos a todos como trigo; Eu roguei por Ti,
« para que não falte a tua fe, e tu, uma vez convertido, con-
« firma teus irmãos ».

Aquí pois S. Pedro é proclamado por Jesus o confirmador de seus irmãos, isto é, como se evidencia pelo contexto dos proprios Apostolos. Pois bem; pergunto mais uma vez: Póde, depois d'essa declaração ser falso o que define S. Pedro, ou que é o mesmo, o Papa? Se o confirmador vacilla quem os confirmará? Se o confirmador não é firme e estavel por si mesmo, quando os outros se enfraquecem quem lhe dará vigor? Não está escripto que se um cego conduzir outro cego, ambos cairão na cova; que se um fraco sustentar outro fraco ambos cairão por terra?

Além d'isto, se desfallsesse, se faltasse a fé de S. Pedro, de que teria servido a oração de Jesus? Seria inefficaz, seria inutil, assim como impossivel o preceito de confirmar os outros. Mas isto não póde ser, Jesus não póde mandar uma coisa impossivel, não póde rogar em balde; logo, a fé de S. Pedro nunca faltará.

E esta infallibilidade que aos Papas attribue a Escripura Sagrada já desde o principio foi exercida por elles e reconhecida por toda a Igreja.

Assim, por exemplo, no I seculo, o heresiarcha Ebion e a sua heresia são condemnados por S. Clemente; — no IIº, Cerdon e Valentino são excommungados como herejes por S. Hygino, e Marcion por S. Aniceto, os erros de Montano são condemnados por S. Eleutherio, e a heresia dos cataphygios por S. Victor; — no IIIº é a heresia de Novaciano anathemizada por S. Cornelio, o erro de Sabellio é proscripto por S. Dionysio e condemnado por S. Felix que excommunga o heresiarcha, etc., etc....

Ha mais os Concilios nacionaes e provinciaes, reconhecendo no Papa o privilegio da infallibilidade, *sollicitam d'elle a confirmação da sentença e a definição da fé orthodoxa da Igreja*. Assim o fizeram, por exemplo, no IIIº seculo, o terceiro Concilio de Antiochia; no Vº o de Carthago o de Milevo.

Ainda mais, os Concilios ecumenicos, dada a occasião, definiram uns mais outros menos explicitamente, *que o magisterio o qual compete ao Papa com respeito a toda a Igreja, é supremo e infallivel*.

Assim, por exemplo, o quarto concilio ecumenico de Constantinopola adheriu solemnemente á formula de fé do Papa Hormisdas, lhe enviada pelo Papa Adriano II. O mesmo con-

cilio por cartas enviadas ao Papa Nicolau I já tinha expressado a mesma fé na infallibilidade do Summo Pontifice.

Emfim, a infallibilidade do Papa quando falla *ex cathedra* foi sempre reconhecida pelos SS. Padres da Igreja. Citei sómente um d'elles. S. Cypriano, cujo testemunho não pôde ser suspeito se se attender à energia e rude franqueza com que este Santo se exprime a respeito do Papa. Por occasião d'uma viagem que emprehenderam os africanos schismaticos com a esperança de surprehenderem por meio das suas intrigas alguma approvação da S. Sé, S. Cypriano escreveu ao Papa Cornelio, descobrindo os intentos d'aquelles schismaticos, e exprimindo na carta a sua opinião e a dos christãos de seu tempo acerca da authoridade do Papa, dizia : « Atrevem-se (os schismaticos africanos) a approximar-se da Cadeira de S. Pedro, e a apresentar-se à Igreja principal que é manancial e a base da unidade sacerdotal... Não advertem que esses romanos cuja fé é louvada e celebrada pelo Apostolo, são os mesmos romanos em que não cabe erro em materia de fé ».

Testemunhos identicos dão todos os Padres da Igreja.

Podemos pois concluir sem medo de errar que a Igreja de Jesus é infallivel.

Ouçamos agora as objecções do autor.

II. Refutações das objecções do autor

Que a Igreja de Jesus Christo precisa d'uma authoridade infallivel, nisto o autor está comnosco de perfeito accordo; porém, o ponto em que diverge é a *sede d'esta infallibilidade*, com outras palavras : o lugar onde devemos buscal-a.

Emquanto a doutrina catholica colloca esta sede e nos concilios ecumenicos convocados, presididos ou ao menos approvados pelo Papa ; e no corpo docente de todos os Bispos dispersos pelo mundo em união com o Papa ; e no proprio Papa quando falla *ex Cathedra*, o autor a põe unicamente na *Escriptura Sagrada*. D'ahi suas palavras : « Emquanto á infallibilidade que a Igreja Romana pretende, existe grande differença entre a argumentação adoptada por seus advogados e a de que se servem os seus oppositores. Aquelles tomam sempre por ponto de partida o supposto facto de que a sua Igreja é infallivel, e de ali concluem que tudo o que ella ensina, sejam quaes forem as apparencias das suas doutrinas, ha de ser bom. Nós, por outro lado, argumentamos que tudo o que a palavra de Deus condemna, deve ser mau, e de ali concluimos que, sancionando a Igreja Romana o que Deus condemna, ella não é nem pôde ser infallivel. Para aquelles a supposta infallibilidade justifica e sanciona a coisa que nos parece

« má ; para nós, porém, o facto de ser a coisa má demonstra
 « que a Igreja não é infallível ». Depois illustra seu dito com
 um exemplo e continúa : « O romanista argumenta que as ora-
 « ções latinas, a meia-communhão, a oração aos santos, o culto
 « da Virgem Maria, o uso das imagens, o purgatorio, etc., são
 « doutrinas boas e santas e que estão de accordo com a Sa-
 « grada Escriptura, porque as tem sancionado uma Igreja in-
 « fallível — e isto apezar de parecerem más, perigosas e con-
 « trarias ás Escripturas. O protestante, ao contrario, argumenta
 « que aquellas doutrinas e praticas são oppostas á lei escri-
 « pta de Deus, contida nas Escripturas Sagradas (tão contra-
 « rias como o é o roubo á lei escripta de qualquer paiz), e
 « que, por isso, o facto de sancional-as e pratical-as a Igreja
 « Romana demonstra ser ella uma Igreja fallível e criminosa,
 « em vez de ser, como pretende, infallível e santa. A Igreja
 « Romana prova as suas acções pela sua pretensão de infalli-
 « bilidade, nós provamos a sua pretensão de infallibilidade
 « pelas suas acções. Nós julgamos a arvore pelos fructos, ella
 « o fructo pela arvore. O partido que nos dicta a justiça e o
 « bom senso é provar o character da Igreja Romana pelas suas
 « acções, a sua ortodoxia pelas suas doutrinas, e a sua infal-
 « libilidade pelos seus dogmas e praticas. Resulta, portanto,
 « que ao passo que cada prova de que as suas doutrinas e
 « praticas peculiares são inconsequentes ou estão em contra-
 « dicção com a *lex escripta* — a lei escripta de Deus — é uma
 « prova decisiva contra a supposta infallibilidade de tal Igreja ».

Até aqui as palavras do autor. Respondo, que o ponto de partida dos catholicos é o *unico verdadeiro*, e o do qual partem o autor com os methodistas e protestantes *inteiramente falso*.

Pois para não insistir muito NO FALSO SUBVERSIVO DE TODA A DOCTRINA PROTESTANTE, que elles, para poderem sustentar que a Biblia é a unica authoridade infallível, devem PRIMEIRO RENUNCIAR A SEU PROPRIO PRINCIPIO, e ADMITTIR A AUTHORITY A INFALLIBILIDADE DA IGREJA ROMANA, que lhes entregou a Biblia, COMO CONTENDO A PALAVRA DE DEUS, digo, que a BIBLIA NÃO PÓDE SER A UNICA AUTHORITY INFALLIVEL por muitas razões, que já expliquei no primeiro capitulo sobre a « leitura da Biblia ».

D'ahi as palavras do Dr. Delbrück, professor protestante de grande nomeada na Universidade de Berlim : « Quem põe
 « a Biblia como suprema e unica regra de fé,

a) « *affirma a respeito d'ella uma cousa que não pôde ser por sua natureza* » [visto como, diz outro protestante o Dr. Wiedland, « um livro por divino e infallível que possa ser, não pôde ser juiz inappellavel em materia de fé, se não for tal, que todos aquelles que o lerem e comprehenderem pensem necessariamente da mesma maneira, fiquem de igual modo convencidos

a não restar duvida e não possam mesmo querendo, achar nelle cousa obscura, como acontece em todos aquelles que leem e comprehendem os elementos da geometria] ».

b) « *uma cousa que não deve ser pela intenção de Nosso « Senhor»* [porque neste caso Jesus não devia ter dito aos Apostolos, ide e pregae o Evangelho a todos os povos, mas: ide e espalhae Biblias entre todos os povos, — nem, quem vos ouve a mim ouve, e quem vos despreza a mim despreza, mas, quem lê a Biblia a mim lê, e quem despreza a Biblia a mim despreza].

c) « *uma cousa que não quer ser por seus proprios testemu- « nhos»* [pois a Biblia ensina claramente que não a leitura da Biblia mas a prgação era, e ainda é, o meio de espalhar o Evangelho].

d) « *uma cousa que não foi admittida como tal nos primei- « ros seculos do christianismo»* [pois como diz o Dr. protestante Kahnis: « A antiga Igreja nada sabe da Biblia como unica fonte da revelação. No tempo dos Apostolos e nos que o seguiram a palavra transmittida de bocca a bocca fundava e conservava as igrejas. A authoridade da Biblia baseava-se na authoridade da Igreja. Era a Igreja que entregára ás igrejas particulares a Biblia como seu livro santo, a importancia da Biblia como regra de fé presuppunha a fé da Igreja, isto é, a Tradição ».

A Biblia portanto, não póde ser o unico juiz infallivel na materia de fé, e embora o autor repite e torne a repetir, e ainda repite até enfastiar o leitor que a Biblia *é uma verdadeira infallibilidade, e que a Igreja não é infallivel*, não dá nenhum argumento positivo em favor da sua Biblia, mas limita-se a combater a infallibilidade da Igreja.

Por consequinte, é preciso que haja outro guia infallivel, e este guia, como já vimos no artigo precedente, é o *magisterio da Igreja*, que se baseia na Biblia e na Tradição, e se manifesta *ordinariamente* pela doutrina unisona e constante dos Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa, e *extra-ordinariamente e de modo solenne* pelos canones e definições dos Concilios ecumenicos convocados, presididos ou ao menos approvados pelo Papa, ou pelo proprio Papa, quando falla ex cathedra, isto é, quando na qualidade de doutor supremo de toda a Igreja define solemnemente, que qualquer doutrina concernente o dogma ou a moral é revelada por Deus e por isso deve ser crida por todos os catholicos.

E com isto respondi á pergunta com que o autor angustiaa tanto a seu interlocutor, tornando a pedir-lhe a cada instante que mostrasse *o logar* onde se deve buscar a séde da infallibilidade.

D'ahi tambem se vê de que pouca importancia é a asserção do autor: que entre os membros da Igreja Romana alguns como os francezes sustentam que a infallibilidade reside nos concilios geraes e não nos papas, e outros como os italianos que a infallibilidade reside nos papas e não nos concilios, ao passo que ainda outros como os inglezes ensinam que a infallibilidade não se acha nos papas nem nos concilios mas sim no aggregado de toda a Igreja representada pela união dos papas e dos concilios.

Pois cada catholico sabe que estas opiniões, que antes do Concilio Vaticano foram agitadas entre os catholicos, acabaram como por encanto, pela solemne definição d'este mesmo concilio.

Com effeito, antes de 1870 todos os catholicos já desde os tempos dos Apostolos admittiram a infallibilidade da Igreja, isto é, a infallibilidade do ensino unisono e constante dos Bispos espalhados pelo muado em união com o Papa de Roma; como tambem a dos Concilios ecumenicos convocados, presididos ou pelo menos approvados pelo Papa; só se discutia a questão se o Papa por si tambem era infallivel, se independente do concilio ecumenico possuia o privilegio da infallibilidade. Os adversarios porém eram relativamente poucos e alguns apenas se oppuzeram á oportunidade da *proclamação* do dogma a contraria opinião, *porque a Igreja até então ainda não se tinha pronunciado*, de boa fé podia se sustentar ainda.

Apenas, porém, o Concilio, em 1870, definiu solememente que o Papa por si só, é independente do concilio ecumenico, possui o privilegio da infallibilidade quando falla *ex cathedra*, *a opinião que defenden este privilegio deixou de ser opinião, tornou-se dogma de fé*, a outra que o combatia, deixando tambem de ser opinião, heresia, e com isto acabou-se a discussão.

De igual valor são as objecções que faz o autor contra os canones dos concilios ecumenicos e as bullas do Papa que seu interlocutor tinha apontado como séde da infallibilidade. « A infallibilidade romana, objecta elle, encerra-se em uma grande série de enormes volumes, que só se pôdem achar nas bibliothecas das universidades e das instituições publicas — volumes que exigem uma vida inteira para serem lidos e uma fortuna soffrivel para compral-os.

« Por outro lado, a infallibilidade protestante acha-se resumida em um pequeno volume que deve existir no seio de cada familia — volume tão barato que todos o podem possuir, e tão pouco voluminoso que todos o podem lêr.

« Além d'isto, a infallibilidade romana encerra-se em canones e bullas originalmente escriptas em grego e em latim, as quaes nunca foram traduzidas para as linguas modernas,

« sendo portanto inteiramente inacessíveis e inúteis á maior
« parte das famílias christãs.

« Por outro lado a infallibilidade protestante acha-se nas
« Sagradas Escripturas, as quaes ainda que originalmente es-
« criptas em hebraico e grego, teem sido traduzidas e vulga-
« risadas em quasi todos os idiomas do mundo, e d'este modo
« se teem tornado accessíveis e intelligíveis para todas as
« famílias.

« Ainda mais, não ha uma só objecção que se tenha feito
« contra as Sagradas Escripturas, guia infallível das igrejas
« protestantes, que se não possa fazer ainda com mais razão
« contra os canones e bullas, que são, segundo se pretende, o
« guia infallível da Igreja Romana. Se as Escripturas Sagradas
« necessitam de ser traduzidas e a sua authenticidade e inspi-
« ração demonstradas, devendo ainda ser interpretadas para
« que cada pessoa as não interprete de differentes modos, outro
« tanto acontece quanto aos concilios e bullas, e effectivamente
« não são poucas as differenças da interpretação que d'ellas
« existem no seio da Igreja Romana.

« E cumpre não esquecer que além de tudo isto ha uma
« consideração de grande importancia, a saber: que a Igreja
« Romana admite que as Sagradas Escripturas, nosso guia,
« *são divinamente inspiradas e por isso infallíveis*, ao passo que
« nós não podemos reconhecer nem crêr que os concilios e os
« papas, que são o guia romano, sejam divinamente inspirados
« ou infallíveis, e sim inteiramente o contrario ».

Como o judicioso leitor não deixará de ter observado, a resposta do interlocutor que põe a infallibilidade da Igreja só nos canones dos concilios e nas bullas dos Papas não é completa nem exacta. Infallível tambem é a Igreja em seu magisterio ordinario, isto é, na doutrina unisona e constante dos Bispos espalhados pelo mundo em união com o Papa. Além d'isto, não a todas as bullas dos Papas attribuímos a infallibilidade; esta é só o privilegio das bullas dogmaticas, isto é, das bullas em que o Papa, como supremo doutor da Igreja dá uma definição dogmatica, assim como fez por exemplo Pio IX em 1854 proclamando o dogma da Immaculada Conceição da SS. Virgem Maria.

Dito isto, responderei á objecção. Tudo se reduz ao seguinte. A infallibilidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, se acha contida em uma grande série de enormes volumes, que por diversas razões, poucas pessoas poderão lêr; ainda menos entenderão; que precisam d'um interprete e não acham interprete infallível; cousas essas que não são applicáveis ás Escripturas Sagradas, as quaes portanto, são mais appropriadas para serem a séde da infallibilidade que os canones e bullas.

Respondo, que o autor se engana aqui em tudo. O catholico *não precisa de ler, entender e comprar* esta série de enormes volumes; pois tem para substituir esses livros o *magisterio ordinario da sua Igreja*. Basta que elle ouça a *doutrina que seus Bispos em união com o Papa lhe pregam*. Este magisterio é para elle um *interprete* e, como já provamos no artigo precedente, um *interprete infallivel* de toda a doutrina revelada. E por isso, ainda que os concilios ecumenicos se reunissem só de 500 em 500 annos, não se poderia dizer com o autor que durante este tempo a *authoridade infallivel da Igreja* teria permanecido *muda*, pois nunca teria faltado o *magisterio ordinario*, da pregação dos Bispos em união com o Papa.

Mas o autor tem mais outra objecção.

Depois de muitos argumentos irrefutaveis, tomados da Escripura Sagrada e da Tradição, os catholicos para provarem a infallibilidade da Igreja appellam tambem para o juizo da sã razão, dizendo que, sendo a infallibilidade necessaria para conservar a unidade de doutrina na Igreja, Jesus não terá deixado de lh'a communicar. Este argumento não agrada ao autor. D'ahi a objecção seguinte:

« Repliquei-lhe, dizendo que admittia de bom grado que
« uma *authoridade infallivel*, além das Sagradas Escripturas,
« fosse muito desejavel afim de pôr termo ás divisões da Igreja,
« socegar os espiritos em duvida e determinar a verdade a res-
« peito de todas as doutrinas disputadas, mas que lhe ponderava
« que a sua argumentação era defeituosa, e que este defeito con-
« sistia em tomar elle o desejo ou a utilidade de possuir certa
« cousa como prova de a possuir, e observei-lhe que uma cousa
« é demonstrar a conveniencia d'um objecto, outra, essencia-
« mente distincta, o demonstar que elle realmente existe. Póde
« ser uma coisa muito para desejar que o povo de Deus não
« tenha duvidas e difficuldades e que não haja divisões e dis-
« turbios na Igreja: parece-nos, porém, muito melhor que Deus
« não permittisse que taes cousas acontecessem do que tel-as
« permittido para depois nomear um tribunal *infallivel* que as
« remedeie, visto como teria sido mais conveniente impedir o
« mal do que remedial-o. Póde ser muito desejavel e conve-
« niente fazer com que cada um de nós seja incapaz de errar
« em seu juizo: póde ser muito para desejar o possuir-se reis,
« magisfrados e assembléas *infalliveis*, assim como bispos, mi-
« nistros e concilios *infalliveis*. Estas e mil outras cousas po-
« dem parecer-nos muito importantes e convenientes, porém
« isto não é prova de que elles realmente existam, e a nossa
« questão não versa sobre a conveniencia e a vantagem d'uma
« *authoridade infallivel*, e sim sobre a realidade da sua exis-
« tencia. « Tem o senhor », perguntei-lhe « alguma prova de que
« este tribunal *infallivel* realmente existe em sua Igreja? ».

« Respondeu, depois de curta pausa, que era impossivel
 « acreditar que Deus houvesse deixado a sua Igreja sem este
 « tribunal infallivel que pudesse socegar todas as contendas,
 « acalmar todas as almas e dar a todos segurança e confiança.
 « O amor de Deus para com seu povo disse é infinito, e é im-
 « possivel fazer uma justa idéa da sua natureza amorosa e da
 « sua misericordia, acreditando que nos deixou sem uma au-
 « thoridade infallivel, que nos parece tão util benefica, ne-
 « cessaria ».

« Observei-lhe que me parecia grande irreverencia o di-
 « zer que Deus deve dar-nos qualquer coisa; e que é grande
 « falta de logica o dizer que nol-a devia ter dada só porque
 « ella nos parece desejavel e conveniente. Não compete dizer
 « o que Deus *devia* ter feito, ou o que Deus *podia* ter feito; o
 « que nos cumpre vêr, é o que Deus *realmente tem feito* ».

A estas palavras observo: 1º que dizendo « parece-me muito melhor que Deus não permittisse que taes cousas acontecessem do que tel-as permittido para depois nomear um tribunal infallivel que as remedeie visto como », etc., o autor se torna culpado da mesma grande irreverencia para com Deus que elle sem razão exproba a seu interlocutor, ou por melhor dizer, d'uma *irreverencia incomparavelmente maior*, visto como desde Adão até o dia de hoje Deus permittiu o mal para remedial-o depois, sem achar nisto *uma inconveniencia*.

2º que o argumento dos catholicos não se funda *na conveniencia, na oportunidade* da infallibilidade, mas na sua *necessidade* e que d'esta necessidade conclue com pleno jús á *sua existencia*.

3º que este argumento não é o *unico*, com que os catholicos provam a infallibilidade da Igreja, mas vem em *terceiro logar* depois de muitos outros tomados da Escriptura Sagrada e da Tradição, e por isso serve para mais confirmar não o que Deus devia ou podia ter feito, mas o *que realmente tem feito*.

Agora, depois de ter procurado debalde pulverisar o argumento que os catholicos tiram da razão, o autor vae atacar os argumentos que elles tiram da Biblia.

« Ha algumas passagens, escreve elle, que os homens
 « pouco instruidos costumam citar com frequencia mas que ra-
 « ras vezes são citadas pelos doutos » [Esta asserção fica por conta do proprio autor]. « D'estas, as duas principaes são: a
 « passagem em que o Senhor diz: « As portas do inferno não
 « prevalecerão contra ella (a sua Igreja) », e a promessa que
 « fez a seus discipulos: « E estae certos de que Eu estou com
 « vosco todos os dias, até a consummação do seculo ».

« A primeira passagem acha-se em S. Matth., XVI: 18
 « onde Nosso Senhor diz que edificaria a sua Igreja sobre uma
 « pedra, accrescentando: « As portas do inferno não prevalece-

«rão contra ella». A palavra «inferno» no original é «hades», termo que se usava geralmente para significar — morte, sepultura, ou mundo invisível. Na passagem em que Jacob diz: Levarei com essa dôr a minha velhice à sepultura, a palavra «sepultura» é «hades» no grego; e na passagem em que se diz com referencia a Nosso Senhor que Deus não deixaria a sua alma no inferno (no hades) nem permitiria que elle visse a corrupção, allude-se á resurreição de seu corpo, o qual não havia de ficar na sepultura o tempo sufficiente para corromper-se. «As portas do inferno», pois é uma phrase que significa: as portas da «sepultura», ou em outras palavras, é uma expressão figurada, que se refere ao poder da morte; e Nosso Senhor quer dizer que a morte e a sepultura nunca prevalecerão contra a sua Igreja — a qual nunca deixará de existir — e durará sempre.

«A verdadeira promessa do Senhor á sua Igreja é a da perpetuidade e immortalidade. E' da mesma natureza que a promessa da preservação e salvação que deu ao seu povo: «E eu o resuscitarei no ultimo dia»; «Não perecerá jámais e ninguem os ha de arrebatár de minhas mãos»; «Tomar-vos-hei para mim mesmo, para que onde eu estou estejaes vós também». Com estas promessas, porém, Jesus não quiz dizer que o seu povo nunca cairia em peccado ou erro algum; não quiz dizer que seria infallível; mas sómente que seriam libertados de seus peccados e de seus erros, e que por meio do arrependimento e da fé alcançariam a salvação eterna. E esta é a promessa a respeito de sua Igreja. Nunca deixará de existir, permanecerá para sempre. A promessa não é que nunca incorrerá em algum peccado ou erro; não é que será infallível; mas sim que nem a morte nem a sepultura nem ainda o mesmo inferno prevalecerão contra ella».

A esta objecção respondo 1.º que esses dois textos da Escripura Sagrada (Matth. XVI: 18, e XXVIII: 20), de que falla o autor, absolutamente não são os unicos que os catholicos em prova da infallibilidade da sua Igreja costumam allegar. Ha muitos outros e muito fortes, como vimos no artigo anterior, como por exemplo

2.º que a phrase «*púlai ádou*» as portas do inferno não é uma expressão figurada, que, como querem alguns protestantes, *só se refere ao poder da morte*, mas também, como querem muitos SS. Padres, ao *poder do demonio*. E, na verdade, o «hades» por si não significa senão o lugar onde estão unidos os defunctos. Ora este lugar no Novo Testamento costuma ser indicado como a sede dos demonios (II Petr. II: 4; Apoc. IX: 2; XII: 8; XXX: 23), e por isso a expressão «portas do inferno» com razão se refere ao poder do demonio. Assim por

exemplo fazem St^o. Athanasio (Migne P. G. tom. XXVIII p. 127) e outros.

Mas mesmo se com o autor considerassemos estas palavras como ditas da indefectibilidade da Igreja; como uma promessa que ella nunca deixaria de existir, mas permaneceria sempre, *não menos prorariam a infallibilidade da Igreja*. Pois se a Igreja pudesse errar na fé e ensinar a mentira em lugar da verdade, não seria mais *indefectivel*, acabaria de existir, não permaneceria mais a Igreja de Jesus Christo. E é por isso que os catholicos, não sómente os poucos instruidos, senão também os doutos, recorrem a este texto para d'elle provarem a doutrina da sua Igreja.

Ouçamos agora o que diz o autor a respeito do outro texto:

« A segunda passagem acha-se em Matth. XXVIII: 20, « onde Nosso Senhor ao enviar seus Apostolos a prégarem o Evangelho por todo o mundo, disse-lhes para os consolar e animar: « Estae certos de que eu estarei com vós todos os dias, até a consummação do seculo ». Isto é evidentemente « uma promessa de que Elle por seu Espirito, estaria com elles para preserval-os e sustental-os no meio de todos os trabalhos, dôres, difficuldades, desenganos e perseguições que teriam de soffrer. E é também uma promessa para animar e consolar a todos aquelles que como elles haviam de ser enviados a prégarem o mesmo Evangelho em todos os seculos posteriores. Isto, porém, não envolve a infallibilidade, pois « que foi depois d'isto, segundo lemos na epistola aos Galatas, II: 11, que S. Pedro commetteu um erro importante e era reprehensivel, porque usava de « dissimulação » e não andava « directamente segundo a verdade do Evangelho.

« Além d'isso, aquellas palavras não podem ensinar a infallibilidade, porque Jesus fez a mesma promessa a todos os que se reunissem em seu nome para o seu culto, sejam homens ou mulheres, leigos ou ministros: « Porque onde se acham dois ou tres empregados em meu nome ahi estou eu no meio d'elles (Matt. XVIII: 20). E comtudo ninguem pretende deduzir d'este texto que toda a reunião de dois ou tres christãos seja infallivel. E, no emtanto, se a primeira promessa envolve a infallibilidade, a segunda a envolve não menos terminantemente. A pura verdade, porém, é que aquellas promessas do Senhor não são promessas de infallibilidade, mas sim de que elle estará sempre presente com seu povo e especialmente com aquelles que prégam sinceramente o seu Evangelho, afim de os consolar, sustentar e abençoar no meio das privações, difficuldades e perigos por que passarem ».

Respondendo, que esta promessa de Jesus Christo não tem o sentido *exclusivo* que lhe liga o autor; contém também a pro-

messa da infallibilidade. Para provar a minha asserção vou primeiro allegar *todo o texto*, o que qmittiu o autor.

« E chegando Jesus lhes (isto é, aos onze Apostolos) falou dizendo: « Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. « Ide, pois, ensinae a todas as gentes, baptizando-as em nome « do Padre e do Filho e do Espirito Santo: ensinando-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado: e *estae certos que eu estou convosco todos os dias até a consummação do « seculo* ».

Pois bem, estas palavras, como se evidencia pelo contexto, não sòmente promettem aos Apostolos a presença local de Jesus mas tambem a sua assistencia e sobretudo a *sua assistencia para bem desempenharem da sua missão, isto é, da prégção do Evangelho*. Ora, o primeiro requisito da prégção Evangelica é de certo este: que o *Evangelho*, que se prég, seja o *Evangelho de Jesus*, a doutrina *assim como a prégca Jesus*, em outras palavras: que não se prégue o erro, a mentira, mas a genuína doutrina do Salvador. Como, porém, esta doutrina podia ser prégada pelos Apostolos e por seus successores até o fim dos seculos, se elles *pudessem errar*, se não fossem *preservados de todo o engano*, com outras palavras: se não fossem *infalliveis*? Esta promessa, por conseguinte, é antes de tudo uma promessa de infallibilidade.

Nem pôde ser derrubada pelo erro que commetteu S. Pedro, o qual estando só com os pagãos convertidos não vivia conforme os costumes dos judeos; mudou porém de praxe logo que alguns judeos convertidos chegaram a Antiochia.

Este procedimento estava errado, pois era uma dissimulação e por isso S. Paulo podia reprehender a S. Pedro e dizer d'elle que *não andava directamente segundo as verdades do Evangelho*, o qual reprova a dissimulação e manda a simplicidade e a verdade. Mas embora o procedimento de S. Pedro estivesse errado, por isso ainda não estava errada a doutrina de S. Pedro, e *isso seria absolutamente necessario para que a objecção do autor depuzesse contra a infallibilidade*. Não; S. Pedro ensinava a mesma cousa que S. Paulo, a saber: que os pagãos convertidos não tinham mais obrigação de observar a lei mosaica, como por exemplo se prova por seu procedimento antes de chegarem a Antiochia os judeos convertidos; só depois da sua chegada mudou de praxe e nisto andava errado.

Menor difficuldade ainda crea aquelle outro texto citado pelo autor: « onde se acham dois ou tres congregados em meu nome, ahi estou eu no meio d'elles ». Pois é evidente, que o que aqui se promete *não é a infallibilidade mas sò uma presença local*, acompanhada de uma *benerolencia mais especial* em deferir as supplicas aos que rezam congregados em nome de

Jesus. E por isso o texto de S. Matth. XXVIII : 20, prova a infallibilidade sem que o faça o outro texto do Evangelho.

Mas eis que o autor apresenta outra objecção tirada desta vez da analogia entre a antiga synagoga dos judeos e a igreja christã. Iria muito longe se quizesse reproduzir aqui tudo o que a respeito escreve o pastor evangelico.

Resumirei pois a objecção. « A synagoga dos judeos era, « como pretendem os catholicos, infallivel. E, na verdade, se « igreja alguma pudesse vâgloriar-se d'este privilegio seria « ella, pois seus direitos á infallibilidade são muito mais pa- « tentes do que os da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. « Apesar d'isto ella não ficou firme na fé como se vê clara- « mente tanto pelas rebelliões, idolatrias e apostasias que houve « nella antes da vinda de Jesus Christo, como pela rejeição e « crucificação do Filho de Deus. Por consequente, se a syna- « goga, que foi a figura de Jesus Christo, não foi infallivel, « nem o será a Igreja de Jesus Christo, que por ella é « figurada ».

Respondo a esta objecção, 1.º Que não se póde concluir da imperfeição d'uma imagem, d'uma figura á imperfeição da cousa que é figurada por esta imagem; muito pelo contrario; a imagem será por sua natureza sempre mais imperfeita que a cousa a qual figura. Imagem de Jesus Christo era Moysés; ora assim como Jesus Christo excede em perfeição a Moysés, assim tambem a nova lei excede a antiga, a Igreja a Synagoga. Por isso o Apostolo S. Paulo (Gal. IV : 31) compara a Synagoga a uma escrava: « d'esta sorte, irmãos, não somos filhos da escrava mas da livre ». Nem é verdade, o que diz o autor que as promessas de infallibilidade feitas á Synagoga eram muito mais maravilhosas que as que foram feitas á Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Ella (isto é, a Synagoga) nem tinha o privilegio de conservar-se no caminho direito por si mesma, isto é, por sua propria e interna constituição; para isso precisava da missão extraordinaria dos prophetas. Segue-se d'isto que se pudessemos provar que a Synagoga em algumas circumstancias realmente tem errado do verdadeiro caminho, deveriamos dizer tambem, que Deus o tinha previsto e predito quando lhe prometteu os prophetas. Ora isto não é applicavel á Igreja, ella para ficar no caminho direito não precisa de embaixadores extraordinarios, e por consequente não desviaria d'este caminho.

2. Além d'isto não se póde provar que a Synagoga, enquanto ainda não estava abolida, nem em sua totalidade nem em qualquer parte, errou o caminho direito e perdeu a fé. Pois não todo o povo d'Israel perdeu a fé na adoração do bezerro d'ouro (Num. III : 39; Exod. XXXII : 25-26), visto como Moysés e os levitas em numero de 22.000 perseveraram no culto

do verdadeiro Deus. Nem perdeu-a toda no tempo dos prophetas Elias, Isaias e Jeremias, porque mesmo no reino d'Israel, onde mais grassava a idolatria, houve no tempo de Elias « 7.000 homens que não dobraram os joelhos ante Baal » (III Reg. XIX 18). No reino d'Israel tambem morava o adorador do verdadeiro Deus, Tobias (Tob. I: 5-6). E que o culto do verdadeiro Deus continuava no templo de Jerusalém, podemos deduzil-o do facto de vermos conservado o fogo sagrado na imminencia do captiveiro (II Machab. I: 19).

Nem apresenta séria difficuldade, que de vez em quando o maior numero dos Israelitas desviava do verdadeiro caminho, e perdia a fé. Pois em nenhum lugar da Escripura Sagrada a *catholicidade* é promettida á Synagoga, em nenhum lugar se lê, que, assim como a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, devia distingnir-se das seitas por sua grandeza, sua universalidade, assim tambem no judaismo os adoradores do verdadeiro Deus deviam distinguir-se por *seu numero* dos idolatras.

Emfim 3.º Não se pode provar que a Synagoga, quando já estava em ponto de ser abolida, tenha errado em alguma cousa que dizesse respeito á fé, ou que fosse confiada em geral á sua authoridade, ou que ao menos naquelle tempo ainda lhe era confiada.

Pois o que antes de tudo era confiada por Deus á Synagoga era a *conservação da lei mosaica*. Ora esta lei quasi unicamente consta de *preceitos*. As poucas verdades dogmaticas que nella se acham, como por exemplo da unicidade de Deus, do advento do Messias, deviam conservar-se pelos sacerdotes não tanto pela *prgação* mas mais por *certos ritos, mórmente pelos sacrificios*, ao passo que a fé no futuro Messias foi mais especialmente confiada *aos prophetas*.

De indicar ao mundo, depois da sua chegada, o Messias, a *Synagoga não estava incumbida*; pois o Messias manifestou-se a si proprio da maneira que elle mesmo escolhêra, isto é, *pelos milagres que fez, e pelas prophcias que nelle se cumpriram e para as quaes chamou a attenção*. Foi esta a razão, porque não convidou os discipulos enviados por S. João Baptista (Matth. XI: 5), para que a respeito d'elle *interrogassem a Synagoga*, mas para que *reflectissem nos milagres* que presenciaram, e nas *prophcias da evangelisação dos pobres* que nelle se cumpriram.

Segue-se d'isto, que não se pôde tirar argumento algum contra a infallibilidade da Synagoga de que o *conselho dos sacerdotes rejeitou ao Messias*. Fazem-no o autor com os protestantes; porém, sem razão, visto como a Synagoga não estava incumbida da missão de indicar o Messias, podia pois rejeital-o sem errar na sua fé, e em seu caminho. Por isso os sacerdo-

tes, *antes de Christo se manifestar por seus milagres*, responderam bem á pergunta de Herodes, onde o Christo havia de nascer (Matth. II : 56) ; porque até então ainda estavam incumbidos da missão de conservarem a fé no futuro Redemptor ; porém acabada a sua missão, *depois que Jesus se manifestára ao mundo*, rejeitaram este mesmo Messias de cujo nascimento foram inteirados pelos tres Reis Magos.

Insistindo neste principio que a lei mosaica dizia mais respeito ao que se devia *fazer* do que ao que se devia *crer*, podemos responder ao que diz o autor em sua nota ao pé da pagina, e mais facilmente explicar, como Jesus podia dizer (Matth. XXIII : 2-3). «Sobre a cadeira de Moysés se assentarão os escribas e os phariseos. Tudo pois quanto vos disserem, observae-o e fazei-o, mas segundo a pratica das suas acções não obreis», embora em outro lugar (Matth. XVI : 11) os exhorta a acautelarem-se da sua doutrina e a propõe como má (Matth. XV : 3-5). Pois Jesus não diz que *tudo* o que ensinam os phariseos deve ser *crido* pelos judeos ; muito embora, dissera que deviam acautelar-se da doutrina d'elles e aqui mesmo (Matth. XXIII : 16) a condemna ; só diz, que, visto como os phariseos geralmente têm authoridade de mandar, os judeos devem fazer o que mandam, mesmo quando mandam cousas futeis. — Tambem não diz que elles deviam obedecer pelos mesmos motivos pelos quaes os phariseos mandavam certas cousas, pois, mandando-os de acautelar-se da doutrina d'elles, mandou ao mesmo tempo de acautelar-se d'estes motivos.

A analogia, portanto, entre a Synagoga dos judeos e a Igreja Christã não offerece séria difficuldade á infallibilidade.

Emfim o autor vae objectar contra os concilios ecumenicos. Sua objecção occupa 6 paginas. Vou resumil-a para não cansar o leitor. Simplificadas e systematisadas suas difficuldades se reduzem ao seguinte : Os canones dos concilios não podem ser uma guia infallivel, porque :

1. Ha desunião entre os proprios catholicos sobre a authoridade dos concilios ecumenicos, opinando uns que são infalliveis, outros que não.

2. Não se sabe com certeza qual é o numero dos concilios ecumenicos.

3. Os oito primeiros concilios ecumenicos de certo não eram ecumenicos, sendo concilios da Igreja Oriental e na da Igreja Occidental.

4. Não ha regra certa para julgar se qualquer concilio é ou não é ecumenico, notando-se entre elles demasiada differença, tanto no numero dos Bispos como no modo de exprimir a sua decisão, e na formação da maioria dos votos.

A todas estas difficuldades vou responder. Mas primeiro uma observação.

Não todo o concilio é ecumenico, ha tambem concilios geraes, concilios provinciaes, etc. Para que um concilio nò rigor do termo possa ser chamado ecumenico, é preciso: *a)* que todos os bispos que exercem jurisdicção sejam chamados para assistirem ao dito concilio; *b)* que o proprio Papa presida a elle quer pessoalmente quer por seus legados; *c)* que o numero dos Bispos que assiste a elle seja tal que represente todo o Episcopado; *d)* que as actas do concilio sejam confirmadas e promulgadas pelo Papa. Não é porém necessario que a maior parte dos Bispos assista; não se exige a terça parte. Pois ha concilios que todos reconhecem como ecumenicos, em que a terça parte não estava presente. Além d'isto, quem depois de chamado não apparece, renuncia a seu direito, e se sujeita já de antemão implicitamente aos canones e definições. Emfim, um concilio que desde o principio não foi ecumenico por qualquer defeito, removido o defeito pôde tornar-se ecumenico; como se deu por exemplo com o primeiro concilio de Constantinopla, o segundo dos concilios ecumenicos. Dito isto, vamos refutar as objecções.

1.º Ha desunião entre os proprios catholicos sobre a authoridade dos concilios ecumenicos, opinando uns em favor da sua infallibilidade, outros em desfavor. — Isto não é verdade. Todos os catholicos admittem que os canones dos concilios ecumenicos são infalliveis. Quem se nega a admittil-o não é mais catholico. Se de vez em quando umas igrejas não quizeram logo reconhecer a authoridade de qualquer concilio foi porque estavam mal informadas de seu conteúdo; depois que foram melhor informadas reconheceram-no; a prova nos dá o Concilio de Francfort que ao principio não quiz reconhecer o concilio ecumenico de Nicea.

2.º Não sabe com certeza qual é o numero dos concilios ecumenicos. — Sabe-se, pois todos reconhecem como taes os seguintes:

1	o	de Nicea I.	em	325.
2	»	» Costantinopola I.	»	381.
3	»	» Epheso	»	431.
4	»	» Chalcedon	»	451.
5	»	» Constantinopola II.	»	553.
6	»	» » III	»	680.
7	»	» Nicea II	»	787.
8	»	» Constantinopola IV.	»	869.
9	»	» Latrão I	»	1123.
10	»	» » II	»	1139.
11	»	» » III.	»	1179.
12	»	» » IV.	»	1215.
13	»	» Lion I	»	1245.
14	»	» » II.	»	1274.

15 o de Vienna	em 1311.
16 " " Basel — Ferrera — Florença "	1431.
17 " " Latrão IV	" 1512.
18 " " Trento	" 1545.
19 " " Vaticão	" 1869.

Se ás vezes entre os autores ha alguma differença na enumeração dos concilios ecumenicos, esta differença *não é real mas apparente*.

Assim o Concilio de Constanz (em 1414), por alguns é chamado ecumenico, embora que só *alguns* decretos (como os que se referem á condemnação de Wicleff e Huss), foram confirmados pelo Papa Martinho V. — Taes concilios que em parte foram approvados, em parte reprovados pelos Papas, chamam-se concilios geraes. Só os decretos approvados pelo Papa gozam da infallibilidade.

Assim, por exemplo, houve quem considerassem como ecumenicos os concilios de Trulla em 690, de Pisa em 1509, de Epheso em 449, porque erradamente julgavam que a estes concilios não faltava condição essencial para ser concilio ecumenico. Da mesma maneira um concilio provincial de Francofort no principio não quiz reconhecer como ecumenico o segundo concilio ecumenico de *Nicea* (e não de Constantinopola como escreve erradamente o autor), porque estava mal informado do conteudo do dito concilio. Tambem ha quem conte como tres concilios separados o decimo sexto concilio geral, que principiou em Bazel no anno de 1431, depois foi continuado em Ferrera, e concluido em Florença em 1434. Emfim, alguns rejeitam como ecumenicos concilios que não lhe agradavam, como por exemplo, os gallicanos o quinto de Latrão em 1512.

3.º Os oito primeiros concilios ecumenicos decerto não eram ecumenicos, sendo concilios da Igreja Oriental e não da Igreja Occidental.

Tambem aqui se engana o autor; estes oito concilios, ainda que realizados no Oriente não deixaram de ser ecumenicos. Todos, embora convocados pelos imperadores gregos, alcançaram a approvação da Igreja Occidental e do Papa; em alguns d'elles, o Papa presidiu por seus legatos. Se foram celebrados no Oriente foi porque alli estava o fóco das heresias que deviam combater; se houve em alguns d'elles nenhum em outros poucos Bispos da Igreja Occidental, era por causa da distancia da diffiduldade da viagem ou por outros motivos; em todo o caso esses Bispos lhes deram sua plena adhesão.

4.º Não ha regra para julgar se qualquer concilio é ou não é ecumenico, notando-se em todos os concilios que até agora se realisaram demasiada differença tanto no numero dos Bispos como no modo de exprimir sua decisão e na formação da maioria dos votos.

Respondo que na observação preliminar já expliquei as condições que se requerem para um concilio ecumenico. Se no principio tudo isto não foi observado com tanto escriptulo; d'ahi não se pôde concluir contra a universalidade d'estes concilios. Pois muitos d'elles a que no principio faltava alguma d'estas condições, como por exemplo o de Constantinopola em 381 onde houve só 150 bispos, reparada a falta, se tornaram ecumenicos. Por isso é que para saber que concilios nestes primeiros seculos são ecumenicos, devemos interrogar a Igreja, cuja sentença se exprime pelo consentimento geral dos catholicos.

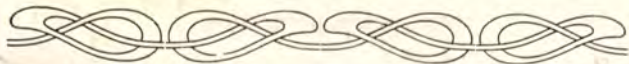
Só quero notar aqui: *a)* que, se a Igreja rejeita como ecumenicos muitos concilios em que o numero dos bispos assistentes era maior que o que assistiu a concilios declarados por ella ecumenicos, a razão se acha *na qualidade d'esses Bispos que eram herejes ou scismaticos*, e por conseguinte não representavam a Igreja, ou *na qualidade dos proprios concilios que eram só nacionaes ou provinciaes*. Por isso, por exemplo, a Igreja rejeita como ecumenico o concilio de Arimino com 400 Bispos, no anno de 359, porque os que congregaram alli eram Bispos *arianos*; e tambem o de Carthago, em 411, que era só *provincial*.

b) que se, como diz o autor, no concilio de Constanz (que no principio era illegitimo e só se tornou legitimo pela convocação de Gregorio XII), a votação se fez não por Bispos mas por *nações*. nisto não ha que reprovar, uma vez que este modo de votar foi approvado pelos Bispos.

c) que, se em outro concilio de 564 Bispos (o autor não diz onde foi celebrado), sobre 278 Bispos donatistas houve 286 catholicos, que com maioria de 8 votos definiram a doutrina catholica, tambem não ha que reprovar, porque sendo os Bispos donatistas, isto é, herejes, não representavam a Igreja que foi representada pelos Bispos catholicos.

d) que os concilios de Basle e Constanz, que declararam que os concilios geraes são superiores á papa eram illegitimos, razão porque com pleno jus foram contraditos pelos de Latrão e Ferrera; que além d'isto o concilio de Constanz depois que se tornou legitimo pela convocação de Gregorio XII retractou sua sentença.





CAPITULO XXIII

A ANTIGUIDADE DA IGREJA ROMANA

«E' quasi impossivel conversar sobre religião com os catholicos romanos sem os ouvir dissertar largamente ácerca da antiguidade da sua Igreja. Muitos d'elles creem que neste ponto a sua Igreja é inexpugnável, especialmente quando comparada com a igreja protestante. Em todas as classes da vida social e em todas as partes do mundo se nos faz constantemente esta pergunta :

«ONDE ESTAVA VOSSA IGREJA ANTES DE LUTHERO?

E' com estas palavras que principia o autor seu capitulo sobre a antiguidade da Igreja Romana. Este privilegio exclusivo da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, que é uma das mais fortes provas da sua instituição divina, é um osso difficil a roer para os protestantes, que comparados com os catholicos apenas são de hontem. D'ahi os seus esforços para negarem á Igreja Catholica, Apostolica, Romana, a sua antiguidade.

Os argumentos de que se servem para este fim demolidor pôdem se reduzir aos tres seguintes: 1.º A Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não é mais velha, mais antiga do que a igreja protestante; pois o *protestantismo não fundou uma nova igreja, não fez senão reformar a antiga*; são pois da mesma idade.

2.º A Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não tem direito de chamar-se a mais velha, a mais antiga e datar sua origem do tempo dos Apostolos; pois *pelo chamado desenvolvimento mudou essencialmente a doutrina dos Apostolos e dos tempos Apostolicos*.

3.º A mera antiguidade não significa nada, *não é argumento em prol da sua divina instituição*.

Eis pois os argumentos que nos oppõem o autor com todos

os protestantes e methodistas. Vamos refutal-os, principiando pelo ultimo.

«Menosprezar as igrejas protestantes, escreve o autor, «pondo-as em contraste com a antiguidade da Igreja Romana, «é um procedimento indigno que em nada vem ao caso, por-«quanto a religião de Budha, a dos hindus e as superstições«do Egypto podem pretender uma antiguidade mais remota que a«Igreja Romana. A méra antiguidade não significa nada; vale«mais demonstrar que uma igreja é verdadeira do que antiga,«e convem mais provar que uma religião é conforme ás Sa-«gradas Escripuras do que provar a sua antiguidade».

Respondo a este primeiro argumento, ou por melhor dizer sophisma, que a mera antiguidade vale *muilo*, vale TUDO; que não é procedimento indigno mas ao contrario muito *prudente e sisudo*, pôr em contraste a infancia das igrejas protestantes com a antiguidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e que por muitas razões vem *muilo ao caso* fazel-o.

Com effeito, só esta Igreja pôde ser a Igreja de Jesus Christo, que pôde indicar a Jesus como seu fundador. Ora, indicar a Jesus como seu fundador só o pôde a Igreja mais velha. Logo só a Igreja mais velha pôde ser a Igreja de Jesus Christo, e todas as Igrejas cuja fundação é de data mais recente, por isso mesmo já não podem ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Vê-se d'ahi que appellar para a antiguidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, vale muito, pois é *uma sentença de morte para todas as igrejas protestantes*.

E não adianta nada para o autor pôr em contraste a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, com a religião de *Budha, a dos hindus, e as superstições do Egypto*.

Pois estas religiões de todo *não vem ao caso*. Valer-se d'ellas para combater a antiguidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, eis o que eu chamo *um procedimento indigno*, porque não passa d'um sophisma cheio de má fé. Trata-se aqui não de *religiões pagãs* mas de religiões que se dizem *christãs, que pretendem ser instituidas por Jesus Christo* e POR CONSEQUINTE, NÃO PODEM SER MAIS ANTIGAS DO QUE O TEMPO EM QUE JESUS CHRISTO VIVEU.

Entre *ellas* procura-se a *mais antiga*, porque só a mais antiga pôde ser a verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Convém pois muito demonstrar a antiguidade da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. E se o autor teima em pretender que convém mais provar que uma religião é conforme ás Escripuras Sagradas, ainda pergunto: que religião é mais conforme á Escripura Sagrada; a Catholica, Apostolica, Romana que principiou em Jerusalém, ou a protestante que principiou n'uma cidade da Allemanha? De certo a Catholica, Apostolica,

Romana, pois ella cumpriu a ordem de Jesus, segundo a qual, sua igreja devia principiar em Jerusalém e em nenhum outro lugar (Luc. XXIV : 27 ; Act. I : 8). *Ella, pois, é mais conforme á Escripura Sagrada.*

Vamos agora refutar os outros argumentos do autor e sim a primeira que sustenta que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana não é mais antiga do que a protestante, porque o protestantismo não fundou uma nova igreja mas não fez senão reformar a antiga. Demo-lhe a palavra : « As igrejas protestantes » [responde elle á pergunta : onde estava vossa Igreja antes de Luthero ?] « occupavam antes da reforma, o mesmo « lugar que teem occupado desde aquelle acontecimento, e a « differença entre o que agora são e o que antes eram não « consiste em sua localidade nem em sua identidade, mas sim « no facto de que então estavam degeneradas e agora estão « reformadas ; tinham-se corrompido, mas agora estão purifica- « das ; estavam sobrecarregadas de uma alluvião de erros e « abusos, mas agora estão livre d'elles. E' esta a differença « real e effectiva ».

E para confirmar suas palavras appella para o que refere o Evangelho a respeito de Jesus, o qual, « vendo o tempo convertido num mercado, fazendo um azorrague de cordas, lançou fóra a todos quantos vendiam, e limpou o templo d'estas « profanações, sem porém derribar nenhuma columna do templo... sem lhe abalar os alicerces, e deixou o templo como « estava d'antes, e d'elle só expelliu as corrupções e abusos. « Assim depois d'esta reforma o templo era o mesmo que tinha « sido antes. Tal foi, conclue, a reforma do seculo XVI ».

Não satisfeito com este exemplo, o autor dá mais outro para illustrar seu pensamento. « Quando, diz elle, o tempo tem « abalado os alicerces de alguma igreja veneravel, quando o « musgo lhe tem coberto as paredes e se tem alastrado por « seus nobres arcos, quando a era se enrosca até aos seus altos pináculos, quando as suas magestosas columnas começam « a vacillar e o caruncho lhe vae consumindo o tecto, que se « desmorona, e nós desejosos de conservar este edificio, lhe tiramos o musgo que o desfeia, a hera que o estraga e as « ruínas que o inutilisam, restabelecendo-lhe o esplendor antigo, claro é, que não mudamos a identidade nem os usos do « edificio, mas que apenas o renovamos, restituindo-o ao seu primitivo estado de belleza e solidez. — Tal foi a reforma « do seculo XVI ».

Depois conclue : « Aquelle grande acontecimento não fundou uma nova igreja, nem estabeleceu uma nova religião no mundo. Segundo o indica o proprio nome, não foi senão uma « purificação da Igreja e da religião de Christo das corrupções e abuso; que a haviam afeiado e estragado. Foi emphatica-

« mente uma reforma da Igreja e da religião. E' este o unico juizo fundado a respeito da reforma ».

Respondo, que a este unico juizo fundado *opponho outro ao qual eu chamo o UNICO JUIZO FUNDADO*, e vem a ser que a reforma *sob pretexto* de querer reformar a Igreja foi muito além do que pretendia. Em lugar de *abolir* os abusos e corrupção *augmentou-os*; em lugar de *reformat a antiga* Igreja *fundou uma nova* Igreja, em lugar de professar a *pura doutrina de Jesus Christo*, professou a *pura doutrina de Luthero*. Eis o TESTEMUNHO DA HISTORIA.

Quem devéras reformou n'aquelles tempos, a Igreja, isto é, aboliu seus abusos, expelliu a corrupção, limpou como Jesus o templo sem derribal-o, restaurou a igreja veneravel por sua antiguidade, conservando-lhe a sua identidade e restituindo-o ao seu primitivo estado de belleza e solidez, não foi a reforma, mas *esta constellação de syntos illustres* com que brilhou o seculo XVI: foram *esses verdadeiros e pacificos reformadores* que se chamavam S. Felipe de Ne'y, S. Ignacio, S. João de Deus, S. Francisco Xavier, S. Carlos Borromeu, S. Estanslau Koska, S. Luiz de Gonzaga, S. Francisco de Salles, Sa Chantal. Foram *sobretudo os Padres do Concilio Ecumenico de Trento*.

Elles fizeram para a Igreja Catholica, Apostolica, Romana o que fizera Jesus para o templo de Jerusalém. *Ficaram filhos submissos d'aquella Mãe* cujas chagas choravam e procuravam fechar. Só elles, portanto, pôdem dizer que occupavam antes da reforma o mesmo logar que teem occupado desde aquelle acontecimento.

Não assim os protestantes. Não ficaram filhos da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, mas rebellaram-se contra aquella Igreja, separaram-se d'ella, *princihiaram a existir no momento em que Luthero separando-se da Igreja, fundou a sua*, e por isso são muito novatos, têm com os catholicos em idade uma differença de 15 seculos, a qual differença é para elles uma culpa original que não pôde ser apagada nem por todas as aguas dos mares e dos rios.

Examinemos agora o ultimo argumento do autor, o qual para elle parece ser o mais importante, a saber: o do chamado desenvolvimento, pelo qual, segundo elle, a Igreja mudou completa e especialmente a doutrina dos Apostolos e da antiga Igreja.

Eis as suas palavras:

« O argumento, porém, da antiguidade da Igreja tem soffido ultimamente mudanças tão consideraveis, que a sua nova forma destroe completamente tudo o que havia de importancia na sua forma original. A nova forma é a que recebeu o nome de desenvolvimento. Consiste esta idéa em que na igreja estabelecida pelo proprio Jesus, em que ensinaram

« seus proprios apostolos, e a qual foi conhecida pelos christãos
 « primitivos, não se via a plena manifestação, ou o desenvol-
 « vimento completo das doutrinas e praticas da Igreja Romana,
 « mas tão somente as sementes ou germens de que, em tem-
 « pos posteriores, estas doutrinas e praticas vieram a ser: por
 « outras palavras, que a transsubstanciação, o culto de pintu-
 « ras e imagens, a idolatria, as orações aos santos, o culto de
 « reliquias, o sacrificio da Missa, a doutrina do purgatorio, a
 « das indulgencias, a da supremacia romana, e todas as outras
 « doutrinas e praticas distinctivas d'aquella Igreja, acham-se
 « agora em estado muito differente de aquelle em que a Igreja
 « primitiva as tinha; que agora todas essas doutrinas se engran-
 « deceram e desenvolveram, sendo que então só existiam em
 « semente ou germen; que agora constituem a parte mais es-
 « sencial de suas doutrinas, sendo que nos tempos primitivos
 « estavam encobertas, invisiveis e desconhecidas, e não eram
 « acreditados senão por alguns iniciados. Asseguram comtudo,
 « que a Igreja Romana não sustenta agora senão o que sem-
 « pre sustentou desde o principio, porém que o sustenta agora
 « por modo e escala differentes do que então fazia; que nos
 « tempos primitivos tinha estas doutrinas em germen, e agora
 « as tem desenvolvidas, que naquelle tempo eram apenas bo-
 « lota mas que agora são um carvalho gigantesco.

« E' evidente que esta theoria do desenvolvimento destróe
 « o argumento que se fundava na supposta antiguidade destas
 « doutrinas e praticas. E' uma confissão terminante de que as
 « doutrinas e praticas da Igreja Romana soffreram grande mu-
 « dança e são agora muito differentes do que eram antes.

« Chamem alguns a isto, muito embora, uma novidade e
 « appellidem-no outros de desenvolvimento; o certo porém é
 « que esta é uma admissão extranha da parte d'uma Igreja
 « cujos advogados pretendem para ella o attributo da immobi-
 « lidade e a prerogativa da infallibilidade ».

Em resposta a esta objecção pergunto ao autor: *E' o mes-
 mo que o actual ou é outro o corpo com que V. S. veio ao mundo?*
 E' o mesmo; V. S. não se atreverá a negar sua identidade. E
 não obstante, *por quantos desenvolvimentos não tem passado até*
tornar-se o corpo que V. S. possui neste momento? Quem re-
 conhecerá neste corpo o da criança recém-nascida, o do me-
 menino travesso, o do jovem sério e meditabundo, o do varão
 honrado, talvez (pois nada sei da sua idade) o do ancião
 venerando?

Ora, se todos esses desenvolvimentos não tem podido ti-
 rar a *identidade* de seu corpo, tão pouco poderão tirar a *iden-
 tidade* ao dogma catholico os desenvolvimentos por que tem
 passado: pois todos esses desenvolvimentos eram no *mesmo ge-
 nero no mesmo dogma.*

A Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não professa a *fixidez absoluta de toda a dogmatica*. Nem pôde pro'essal-a porque é um organismo vivo, uma consciencia collectiva, e essa consciencia segue a lei de todas as consciencias, vae do implicito ao explicito, e á medida que reflecte sobre si mesma toma conhecimento mais nitido das leis intimas da sua vida sobrenatural. « O conhecimento dogmatico, disse portanto S. Thomaz, vae do implicito ao explicito, do confuso ao claro até que a consciencia da Igreja lhe dá com a expressão definitiva a sua forma completa ». E já seculos antes respondeu Vicente de Lerine (seculo V), aos que lhe perguntavam se não havia nenhum progresso na Igreja de Deus, que a doutrina augmentava na identidade do genero e na identidade do dogma como um grande se desenvolve em um tronco fragil ao principio e depois em um grande carvalho.

Por consequinte, não é verdade, o que diz o autor, que *a theoria do desenvolvimento destroe o argumento, que se fundava na supposta antiguidade d'estas doutrinas e praticas* e que é uma confissão terminante de que as doutrinas e praticas da Igreja Romana soffreram uma grande mudança e são agora muito differentes do que eram antes, — não; assim como o corpo do autor, apesar dos desenvolvimentos por que passou, tem *tanta idade quanto são os annos de sua vida*, assim a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, apesar dos desenvolvimentos de sua dogmatica, tem *tanta idade quantos são os annos que a separam do momento em que foi fundada por N. S. Jesus Christo*; e assim como os desenvolvimentos do corpo do autor não impedem que *seu corpo seja identico ao com que veiu ao mundo*, assim tambem os desenvolvimentos da dogmatica na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não impedem que *os seus dogmas sejam identicos aos da primitiva Igreja*.

Ora nisto o autor não quer convir connosco. Que! as doutrinas da Igreja primitiva seriam identicas com as da Igreja actual! Tão longe estão estas das que se creem actualmente na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, que nos tres credos da Igreja primitiva, isto é, no credo dos Apostolos, no credo Niceno e no credo de Athanasio não se acha a mais ligeira insinuação de nenhuma dessas doutrinas que hoje em dia são distinctivas da Igreja Romana: não fazem allusão alguma, nem a mais leve, á transsubstanciação, á invocação da Virgem Maria e dos Santos, ao culto das imagens e reliquias, ao purgatorio, ao sacrificio da Missa, ás indulgencias, ao primado de S. Pedro, á supremacia romana etc., passando por alto estas doutrinas como se naquelle tempo fossem inteiramente desconhecidas. Tão sentida foi esta falta pela Igreja Catholica, Apostolica, Romana, que para que os antigos credos fallassem em seu favor poz-se em 1564 a compilar um *novo credo* em que accres-

centou doze novos artigos de fé. «E depois de os ter enumerado o autor conclue: «Taes são as novas doutrinas da Igreja «Romana. Deu-se a esta nova compilação o nome expressivo «de *Credo do Papa Pio IV*, pois que certamente NÃO É o *credo* «da *Igreja de Christo*. E este novo credo, este credo da Igreja «Romana, foi compilado pela primeira vez em 1564. Algumas «vezes pergunta-se-nos: «Onde estava vossa Igreja antes de «Luthero? — Onde estava a vossa Igreja antes de Henrique «VIII?» — Quando se nos fazem taes perguntas, talvez haja «quem pense que o credo dos catholicos romanos traz sua ori- «gem d'uma remota antiguidade; e confudo Henrique VIII «estava morto e enterrado e Luthero dominia com seus paes, «havia muitos annos, quando se compilou esta religião, ou «credo da Igreja Romana!»

Coitado! pobre autor das *Noites com os Romanistas*, parece nada entender da historia e da significação dos credos da Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Estes credos não contêm, como elle suppõe, *novas doutrinas*, muito embora; definem *doutrinas antigas*, que sempre foram cridas, ao menos confusamente, mas que deviam ser propostas *mais explicitamente* aos fieis, e tambem *cridas mais explicitamente* pelos mesmos, por causa das heresias que negavam estas doutrinas.

Assim, por exemplo, vemos que neste mesmo *Credo Niceno*, o qual o autor confessa conter a doutrina da primitiva Igreja, *já se nota differença com o Credo dos Apostolos*; pois nelle se define: que o *Espirito Santo procede do Padre Eterno e do Filho*, causa que não se acha no symbolo dos Apostolos. Porque foi que os Padres do Concilio de Nicea accrescentaram estas palavras? Porque houve herejes que o negavam e procuravam arrastar outros em seu erro. Por isso, isto é, para definir explicitamente sua crença e avisar os fieis do perigo que corriam, o concilio accrescentou as palavras: creio tambem no Espirito Santo que *procede do Pae e do Filho*, SEM QUE O AUTOR VEJA NISTO UMA INNOVAÇÃO.

Pois bem: A MESMA COUSA SE DEU COM O CREDO DE PIO IV. A Reforma, isto é, o protestantismo negava, *sob pretexto de que não estaram nas Escripturas Sagradas*, algumas verdades, que até então sempre eram cridas na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e *por isso não precisavam de ser definidas solemnemente*. — Agora, porem, que pela negação protestante houve perigo de perversão de fé em seus filhos, a Igreja para prevenir seus filhos e ao mesmo tempo para distinguir os herejes dos fieis, formulou estas verdades no credo que se chama — Credo de Pio IV. Eis tudo.

Por conseguinte, não é A FÉ nestas verdades que data de 1564; só a REDACÇÃO DO SYMBOLO desta fé, data d'aquelle tempo. A PROPRIA FÉ DATA DO TEMPO DE JESUS CHRISTO, e por

isso o credo, isto é, a crença, a fé dos catholicos, não principiou depois da morte dos patriarchaes do protestantismo, depois da morte do devasso Henrique VIII e do não menos devasso Lutthero; é só a redacção do symbolo d'aquella, fé que lhes foi posterior.

Mas o autor quer tratar minuciosamente do assumpto e desenvolver o argumento, que as doutrinas da Igreja actual são de data muito recente e não eram conhecidas pela Igreja primitiva. Por isso, vae indicar com precisão não o momento mas ao menos o tempo em que na sua phrase «o erro deixou « de ser uma opinião vaga e não auctorizada para ser adoptada « nos canones e incorporada nos formularios da Igreja Romana ».

I. «O primeiro artigo, diz elle, refere-se à *Tradição*. Tem-se dito muito bem que a tradição é a base de toda religião « falsa e o apoio de todo o erro com que os homens têm adulterado a religião verdadeira » [Foi sem duvida por causa d'isto que os *Padres Apostolicos e os da Igreja primitiva* para confundir os herejes sempre recorriam à *Tradição!!!*]. «A tradição era o argumento allegado pelos advogados da mythologia grega e romana em defeza de seu systema; era também o allegado pelos phariseus judaicos a favor de suas adulterações da lei de Deus, é egualmente o argumento dos brahmanes e budhistas em favor de suas respectivas religiões; e é finalmente o que se faz em favor de todos os erros que teem desvirtuado a religião do Salvador » [D'ahi o facto universal e constante de os protestantes em seus ataques à religião catholica sempre reproduzirem os *mesmos argumentos*, já MILHARES DE VEZES REFUTADOS, de seus primeiros corripheos!!!]

«A doutrina, pois, da Igreja Romana, a respeito da tradição não é nova; é tão antiga como o proprio paganismo » [Passa sem mais commentarios]. «E', porém, uma coisa nova « o que a Igreja Romana fez, o ter adoptado o principio que « a tradição deve-se pôr ao nivel da Escripura, e que as doutrinas e praticas fundadas na tradição devem ser recebidas « e veneradas com tanto affecto de piedade e reverencia como « as doutrinas e praticas ensinadas nas Sagradas Escripuras. « Esta doutrina não foi acceita na Igreja Romana até ao tempo « do Concilio de Trento em 1545. Em todos os concilios anteriores nunca se atreveram a adoptar principio tão fóra da « razão e que tanto desconceitua os escriptos inspirados. Foi, « pois, em 1545 que a tradição foi pela primeira vez introduzida na historia do Christianismo. E a razão da sua adopção « foi que, não podendo a Igreja Romana refutar os argumentos que os reformadores do seculo XVI tiravam da Escripura « Sagrada » [Ora essa é boa!!!] «e nada tendo para oppôr-lhes « além das opiniões antiquadas a que chamavam tradições, foram e adoptaram aquelle principio — aquelle novo ar-

« tigo de fé, inserindo-o em seu credo em 1545 com o objecto
« de poderem sancionar assim os seus dogmas anti-biblicos ».

Até aqui o autor. Cançar-me ainda mais e repetir outra vez o que já tantas vezes provei nesta obra, que a authoridade da Tradição se baseia na *propria Biblia* e que foi admit-tida geralmente na Igreja já desde os primeiros seculos — não quero mais. Citarei sómente os testemunhos, já citados om outro lugar, de dois protestantes, que mostrarão com a evidencia da luz do meio dia, que tudo quanto aqui diz o autor é mentira e falsificação da historia: « A ANTIGA IGREJA, escreve o Dr. « Kahnis em seu Manual de Theologia, nada sabe da Biblia « como unica fonte da Revelação. *No tempo dos Apostolos e nos « que a seguiram, a palavra transmittida de boca a boca fun- « dava e conservava as igrejas. A authoridade da Biblia ba- « seiava-se na authoridade da Igreja. Era a Igreja que entregava « ás igrejas particulares a Biblia como seu livro santo, a im- « portancia da Biblia como regra de fé presuppunha a fé da « Igreja, isto é, a Tradição ».*

E isto é confirmado pelo protestante Dr. Hagenbach, que na sua Theologia escreve: « Por maior que fosse a authoridade « da Biblia comparada com ella a *da Tradição não era menor.* « Pelo contrario, considerava-se a Biblia como insufficiente para « combater os herejes, porque *a Biblia só pela sua união com « a Tradição mantem sua verdadeira posição e acha sua verda- « deira interpretação ».*

A estes testemunhos não preciso accrescentar cousa alguma, são de por si só eloquentissimos. Só acho muito divertida a asserção que a Igreja Romana não podia refutar os argumentos que os reformadores do seculo XVI tiraram da Escriptura Sagrada!!! *Risum teneatis amici!*

Mas ainda não propuz por inteiro a difficuldade seymouriana. « O mesmo, continua o autor, se pôde dizer da adopção « dos livros chamados apocryphos como livros canonicos. A « igreja judaica nunca os reputou como inspirados, e antes pelo « contrario os rejeitou sempre, como o testifica Josepho. A « igreja primitiva nunca os admittiu no canon das Escripturas « Sagradas, sendo excluidos cathegoricamente dos antigos ca- « talogos dos livros recebidos como verdadeiramente inspirados. « Foi no Concilio de Trento em 1545, que estes livros foram « admittidos no canon da Escriptura Sagrada e isto com o fim « unico de dar força a uma ou outra pratica da Igreja Ro- « mana ».

Vejamos se tudo isto é verdade. Que os livros, chamados não « *apocryphos* », como diz o autor, mas *deutero-canonicos, do Antigo Testamento*, nunca foram considerados como inspirados mas sempre rejeitados *pela igreja judaica*, é simplesmente *falsificação da historia*. Muito pelo contrario; pois *é certo* que no

seculo II antes do nascimento de Jesus os judeos tinham no seu canon *como livros inspirados todos e os mesmos livros que agora estão no canon Tridentino*. A razão é porque todos elles estavam na versão *alexandrina* de que elles então usavam, a versão dos *setenta*.

E, como Jesus para provar sua divina missão *appellava para esta versão alexandrina* e os Apostolos *d'ella se serviam na sua pregação*, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, já desde o principio *acceitou como seu o canon da versão alexandrina*, como provam os Concilios de Roma em 374, o de Hippona em 393 e o de Carthago em 397. Por consequente, não foi, como diz o autor, o Concilio de Trente em 1545 que os admittiu pela primeira vez no canon dos livros santos.

E quanto ao testemunho de Josepho, este nada vale. Só prova que depois de surgirem entre os judeos varias seitas (Antiq. XVIII: 1), e desaparecendo o espirito de fé, *o espirito de racionalismo de alguns rejeitou como apocrypho alguns livros que a tradição sempre tinha reconhecido como santos e inspirados*. D'ahi um novo canon differente do dos antigos judeos e dos christãos, e sem authoridade alguma.

II. « O segundo artigo do credo romano, objecta em seguida o pastor evangelico, refere-se *á interpretação das Sagradas Escripturas*, e obriga os catholicos romanos a interpretar-as de accordo com o ensino da sua igreja e sempre segundo o consenso unanime dos padres. — E' evidente que este artigo é muito moderno. Foi composto muito depois do tempo dos padres, e, além d'isto, dá como corrente que elles eram unanimes na interpretação das Escripturas. E' porém, incontestavel que havia entre os padres tanta divergencia, como ha entre nós hoje em dia, a respeito de todos os pontos do sagrado volume sobre que existem actualmente interpretações diversas. Se, pois, os membros da Igreja Romana são obrigados a interpretar a Escriptura de accordo com o consenso unanime dos padres devem abandonar toda a interpretação, porque não houve unanimidade entre elles ». Em seguida o autor cita alguns exemplos e conclue: « Este artigo foi inventado para impedir a leitura das Escripturas que naquelle tempo se estavam vulgarisando em toda a Europa. Nunca se ouviu fallar na Igreja de Christo em semelhante doutrina antes de ser ella inventada pelo Concillio de Trente e inserida neste credo em 1564 ».

Respondo, que este segundo artigo quanto á sua primeira parte, isto é, que a interpretação da Biblia *deve ser feita em accordo com o ensino da Igreja*, já foi ensinada claramente pelo proprio Jesus Christo quando deu aos Apostolos e aos successores d'elles a *authoridade de pregar* e impoz aos fieis a *obrigação de admittir* todas as verdades pregadas por elles, *por*

consequinte tambem as verdades com respeito á interpretação da Biblia; e quando disse aos Apostolos e aos successores d'elles: quem *vos* ouve a *mim* ouve; quem *vos* despreza a *mim* despreza, elogiando com estas palavras nos fieis o espirito de sujeição á authoridade ecclesiastica e condemnando nelles o espirito privado. Esta doutrina por consequinte não é inventada pelo Concilio Tridentino em 1545 ou pelo credo de Pio IV em 1564, *data do tempo de Jesus Christo*.

E quanto á sua segunda parte, isto é, que a interpretação da Biblia *deve ser feita segundo o consenso unanime dos santos padres*, esta doutrina tambem não é nova e moderna. É a *consequencia natural e necessaria da doutrina Biblica sobre a TRADIÇÃO*, pois que o consenso unanime dos SS. Padres é uma prova certa da Tradição, e, por consequinte, *é tão velha como a propria Biblia*, e não é invenção do Concilio Tridentino ou do Papa Pio IV. Nem vale dizer com o autor que entre os padres nunca ha unanimidade de interpretação pois isto é simplesmente mentira. Ha unanimidade em muitos pontos, ha divergencia em alguns que dizem respeito a questões livres, as quaes os interpretes catholicos, pois, podem interpretar como lhes parecer mais segundo a verdade.

Passemos agora para o terceiro artigo inventado pela Igreja Catholica.

III. « *Os sete sacramentos*.

« As igrejas reformadas sustentam que só ha dois sacramentos instituidos por Christo, a saber: o Baptismo e a Eucharistia. A Igreja Romana, porém, sustenta haver sete, acrescentando aos dois já citados a Confirmação, a Penitencia, a Ordem, o Matrimonio e a Extrema Uncção.

« A *Confirmação* é pratica muito antiga na Igreja, nada tendo porem, do que é essencial a um sacramento. A *Penitencia* era um costume adoptado entre os pagãos, de modo que não é peculiar aos romanistas; em todo o caso falta-lhe a essencia d'um sacramento. O arrependimento é com effeito uma graça christã mas não é sacramento. A *Ordem* existe tambem entre nós, porém não tem o que é essencial a um sacramento. O *Matrimonio* foi instituido no Paraizo e não póde ser um sacramento do Evangelho, sendo de data muito anterior a este. A *Extrema Uncção* é um abuso, abuso superstitioso de um rito que havia na Igreja na epocha dos milagres e que se devia ter deixado de praticar desde que estes cessaram, rito de que se usou para curar milagrosamente os enfermos, segundo as palavras: « Ungiam com oleo a muitos enfermos e os curavam » (Marc. VI: 13, Thiag. V: 15-16). Quando depois do tempo dos milagres se viu que a essa uncção com oleo não se seguia o restabelecimento corporal do doente, concluiu-se supersticiosamente que elle tal-

« vez aproveitasse á alma, e por isso se fez d'elle um sacramento.

« Accrescentando estes cinco pretendidos sacramentos aos dois realmente instituidos por Jesus Christo, a Igreja Romana completou o numero de *sete*. Este numero, porém, parece infeliz, porque presta-se mais do que nenhum outro a tornar evidente o modernismo do artigo. Ambrosio, com muitos outros antigos, declara não haver senão *dois* sacramentos. Isto doro não erê senão *tres*; Alexandre pronuncia-se em favor de *quatro*; certo autor chamado Cypriano, diz que o verdadeiro numero é *cinco*, dos quaes um é o *de lavar os pés*; Durando pretende *seis*, e Pedro Lombardo no seculo XII foi o primeiro que começou a ensinar ser *sete* o numero de sacramentos. Tres seculos depois, em 1439, o Concilio de Florença sanccionou este dictame, que foi adoptado pelo Concilio de Trento e inserido no credo romano ».

Respondendo que este trecho do autor quasi contem tantas mentiras quantas palavras. Para desde já pulverisar a asserção que *Pedro Lombardo no seculo XII foi o primeiro* que começou a ensinar ser sete o numero dos sacramentos e nisto foi seguido tres seculos mais tarde pelo Concilio de Florença e ainda mais tarde pelo Concilio Tridentino e pelo credo romano — quero deixar ouvir uma voz do *Christianismo primitivo* e, sim, não da Igreja Occidental mas da Igreja *Oriental*.

Acaba de ser reeditada em Londres uma traducção, que o celebre orientalista, W. Wrigth fizera em 1869, das Homilias de Jacobo Aphraates, *escriptor persa da primeira metade do seculo quarto*, e cujo manuscripto descobriu outro sabio inglez William Cureton no mosteiro de Scet, no deserto nitrico.

Este Aphraates vivia no tempo do Concilio de Nicea, o QUAL NOS DEU O CREDO NICENO, tão recommendado pelo autor por sua pureza da fé primitiva.

Nessas 23 homilias elle trata dos sacramentos que todos lhe eram conhecidos como sacramentos. Darei alguns pormenores a este respeito: O *baptismo* é para elle um sacramento absolutamente necessario para a salvação; é o signal da vida e é chamado renascimento; perdoa todos os peccados e incorpora o baptisado ao povo do Deus, dando-lhe o direito de poder receber os outros sacramentos, especialmente a *Sagrada Eucharistia*, a qual — palavras textuaes — *é o verdadeiro Corpo e o verdadeiro Sangue de Jesus Christo* e deve ser recebida com um coração purificado; a Sagrada Eucharistia fôra prefigurada pelo manná do deserto (Diz ainda Aphraates que a *Santa Missa é o sacrificio de que falla o propheta Malaquias*).

A setima homilia explica toda a doutrina sobre o sacramento da *Penitencia*.

A Penitencia é, segundo elle, o remedio efficaz que os

medicos espirituaes — os sacerdotes — devem applicar ao peccador que cabiu ferido no combate da alma, porem o ferido não deve ter receio de descobrir sua chaga; pois para recuperar a saude perdida não ha outro meio senão dizer: *Padre eu pequei*; o peccador não deve ter vergonha de confessar o seu delicto. Depois Aphraates admoesta os confessores a serem misericordiosos e nunca faltarem ao sigillo da confissão. Do santo chrisma, o sacramento da *Confirmação*, diz o bispo, que era administrado logo depois do baptismo. Na vigesima terceira homilia ocorre uma passagem da qual se evidenciam os sacramentos da Confirmação e da *Extrema Uncção*. O santo oleo, diz, encerra o signal do sacramento da vida pelo qual são aperfeiçoados os christãos (Confirmação); com o oleo ungem-se os doentes (a Extrema Uncção), etc. etc...

D'estas poucas citações que contem uma condemnação tão terminante das palavras do autor, já podemos concluir de quanto valor serão suas outras asserções.

Ou é verdade que Jesus Christo só instituiu dois sacramentos? — Não; pois elle como já provamos nesta obra, *instituiu sete*. E' verdade que aos cinco mais sacramentos da Igreja, que o autor não quer reconhecer, falta o essencial para serem sacramentos? — Não; pois todos elles contêm um *signal visível instituido por Nosso Senhor Jesus Christo para significar e communica uma graça sobrenatural*. E' verdade que o Matrimonio, por ser instituido no Paraizo, não póde ser um Sacramento da Nova Lei? — Não; porque no Paraizo Deus instituiu o Matrimonio como *contracto*, e Jesus no Novo Testamento *elevou este contracto natural á dignidade de Sacramento*. E' verdade que a Extrema Uncção só foi um rito para curar milagrosamente os doentes e que não aproveitava a alma? — Não; pois S. Thiago attribue a este rito o *perdão dos peccados, o que diz respeito á alma*; além d'isto, se nos tempos dos Apostolos a Extrema Uncção, curava todos os doentes ninguem teria morrido; logo em Marc. VI: 13, *não ha parallelismo* com Thiago V: 15; emfim esta acção não era *charisma* e por isso só boa para o tempo de milagres mas um poder *inherente á acção sacerdotal*, por conseguinte um poder *durador*. — E quanto á discordancia, que o autor pretende ter havido entre os padres da Igreja, uns dos quaes admittem só dois sacramentos, outros 3, outros 4, outros 5, outros 6, digo: que esta discordancia é só *apparente e não real*. Pois, 1.^o Os SS. Padres não eram tão systematicos como os *theologos da escola*, cujo fundador S. Anselmo no seculo 11.^o, enumera um por um os sacramentos; 2.^o, a *noção* do sacramento antigamente não era tão *nitidamente expressa*, nem a *acceptação da palavra* «sacramento» tão *geralmente* admittida que com a *mesma crença* um não tivesse podido sustentar que havia 3, outro que havia 5, mais outro que havia

7 sacramentos; acresce 3.^o que nos primeiros seculos ainda estava em vigor a *disciplina do arcano* sobre tudo com respeito á doutrina dos Sacramentos; razão porque os SS. Padres não fallavam senão constrangidos sobre os sacramentos, quer para defenderem a doutrina da Igreja das calumnias, quer para instruir os que deviam recebê-los e que por isso muitas vezes só fallam de 3 sacramentos, a saber: do Baptismo, da Confirmação, da Eucharistia que foram administrados juntamente aos neophytos, e por consagrarem especialmente o homem a Deus foram chamados os ritos «*ton musteriou*». Depois dos sacramentos o autor trata:

IV. «*Das ceremonias sacramentaes.*»

«E' um facto bem estranho, escreve elle, o querer fazer « das ceremonias artigo de fé, e tanto mais estranho é, quanto « estas ceremonias são de invenção moderna, segundo confessam os mesmos romanistas. A cerimonia de ungir com oleo « na *confirmação* não formava parte do antigo rito» [vimos o contrario no celebre bispo persa Aphraates, cujo testemunho acabamos de citar]. «A confissão, a principio, fazia-se em publico, « e só no seculo V, em consequencia de uma confissão que affectava a reputação de um sacerdote, se supprimiu este costume com medo que semelhantes confissões dessem publicidade a escandalos» [A confissão, como diz a historia, era primeiro feito em *particular* e depois o padre confessor assignava o que o penitente podia confessar, se quizesse, publicamente]. «Foi então que se começou a introduzir a confissão particular, ou, como hoje se chama, a *confissão auricular*» [Respon-di agora mesmo]. «As penitencias particulares só começaram « a usar-se no seculo VII» [Em que seculo viveu S. Jeronymo, este penitente tão rigoroso na gruta de Palestina; em que seculo viveu St.^a Thais a peccadora penitente, os anachoretas no deserto? Todas essas penitencias eram particulares], «e a commutação d'ellas por esmolas principiou no seculo IX» [Ainda que fosse verdade, será por ventura uma cerimonia sacramental?]. «Quanto ás ceremonias usadas no rito da *Ordenação*, « eram inteiramente desconhecidas até o seculo VII e não se « encontram em nenhum dos rituaes antigos» [A esta asserção e ás que vão seguir agora, refere-se a resposta que darei no fim, depois de primeiro citar todo este trecho do autor]. «E' « inutil tratar das ceremonias do *Matrimonio* porque variam « em todos os paizes. As praticadas na Extrema Unção foram « inventadas no seculo XII e estabelecidas como regra no seculo XV. Todos admittem que muitas das ceremonias usadas « no Baptismo e na Eucharistia são de origem moderna. Sempre que taes ceremonias não sejam contrarias ás Escripturas, « podem tolerar-se, mas é coisa intoleravel constituil-as em ar-

« tigos de fé. Isto nunca se fez até a compilação d'este novo « credo em 1546 ».

Chegado ao fim d'esta citação, cujos erros mostrei, declaro que, o que diz o autor, é para mim uma verdadeira *novidade*, as ceremonias sacramentaes erigidas em artigos de fé! E isto porque no credo de Pio IV se lê: « Recebo e admitto tambem « as ceremonias adoptadas e approvadas pela Igreja Catholica « que se usam na solemne administração dos ditos sacramen- « tos! — Não; aqui não se exige do catholico, como parece entender o autor, crêr que estas ceremonias são invariaveis, que attentos os tempos, os logares, as pessoas, não podem ser mudadas por outras; não; o que aqui se exige é só approval-as e sujeitar-se-lhes, quer na recepção quer na administração dos sacramentos, reconhecendo sempre o direito da Igreja de mudal-as por outras se ella o julgar conveniente. — A quinta innovação da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, é:

V. « *O peccado original e a Justificação.*

« As doutrinas da Igreja Romana sobre estes pontos não « se podem dizer novas. Começaram a propagar-se desde o « principio e S. Paulo escreveu as epistolas aos romanos e aos « galatas com o fim de refutal-as. Estas doutrinas, no entanto, « não foram adoptadas por concilio algum antes do concilio « de Trento ».

Respondo, que não comprehendendo como *póde pretender* o autor, que S. Paulo, nas duas epistolas citadas condemnou a doutrina catholica, não tendo ella provas mais fortes para seu ensino *senão a doutrina do Apostolo S. Paulo. As heresias contra a doutrina catholica sobre o peccado original e a justificação, desde o principio da Igreja, foram combatidas pelos concilios e pelos SS. Padres, mormente por St.º Agostinho. Nem é verdade que foi só no Concilio de Trento que a Igreja adoptou sua doutrina; pois já o tinha feito no segundo concilio milevitano e no segundo concilio arausicano, nos primeiros seculos. — Chegou a vez:*

VI. « *Da Missa e Transsubstanciação.*

« A Missa. A pratica de dizer missas particulares foi des- « conhecida por muitos seculos, e, quando pela primeira vez « a introduziram, foi condemnada pelo concilio de Metz no se- « culo IX, e só no seculo XII se tornou geral; e a doutrina « de que a missa é um sacrificio verdadeiro, proprio e propi- « ciatorio pelo peccado foi adoptada *pela primeira vez* no Con- « cilio de Trento, em 1545.

« A Transsubstanciação. O primeiro livro em que se en- « contra a palavra «transsubstanciação» foi escripto no seculo « X, cabendo a um certo bispo de Antum a honra de o haver « inventado. Os catholicos romanos confessam este facto mas « sustentam que o dogma representado por aquella palavra é

« de origem muito mais remota. Também isto é exacto, mas
 « não o é menos que o primeiro tratado sobre este dogma foi
 « o que escreveu Pascacio Radberto no anno de 831. Todos os
 « escriptores mais habéis da Igreja Romana assim o admittem,
 « admittindo também que este dogma foi adoptado formalmente
 « e proclamado auctorisadamente pela primeira vez no concilio
 « de Latrão, em 1225 ».

Respondo, que é verdade que na antiga Igreja não houve Missas privadas como hoje em dia, isto é, *Missas celebradas por um só sacerdote com ajudante*. Naquelle tempo os sacerdotes juntamente com seu Bispo celebravam uma só Missa, como ainda se observa na ordenação dos sacerdotes; nessa occasião os neo-ordenados celebram juntamente com o Bispo uma só Missa. Este costume caiu pouco a pouco em desuso, introduzindo-se o costume de celebrarem-se Missas privadas; costume esse que *por nenhuma razão pôde ser reprovado*. Porém, o que não é verdade, é a asserção do autor que essas Missas *privadas*, quando pela primeira vez foram introduzidas, foram condemnadas pelo concilio de Metz, no seculo IX. Pois 1.^o não foi o concilio de Metz, que as condemnou, mas o concilio de Mainz em 813; 2.^o nem foram as Missas *privadas* sobre que cahiu a condemnação, mas as Missas *solitarias*, isto é, as Missas celebradas pelos sacerdotes *sem assistencia alguma*, mesmo *sem ajudante de Missa*. Enquanto á outra asserção que a doutrina de ser a Missa um verdadeiro e proprio sacrificio propiciatorio; esta doutrina *não foi pela primeira vez adoptada pelo Concilio de Trento em 1545*, pois, como provei claramente nesta obra, foi sempre crida na Igreja; o que fez o Concilio Tridentino foi *definir esta doutrina contra os protestantes*, que a negavam; porém, não inventou o dogma.

Com respeito á transsubstanciação digo, que, embora fosse verdade que certo Bispo de Antum tivesse inventado a palavra « transsubstanciação », ha outras palavras *synonymas* que *exprimiam perfeitamente a mesma idéa*, e que já desde o principio estavam em uso na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, para provar que esta admiravel conversão do pão e do vinho no Corpo e Sangue de N. S. Jesus Christo foi sempre crida pelos fieis. D'ahi não vem ao caso se Radberto sim ou não foi o primeiro que escreveu um *tratado sobre tal assumpto*, basta poder provar que desde o principio a Igreja aceitou a doutrina da transsubstanciação. Por isso também o Concilio de Latrão em 1225 não fez senão *definir o que sempre foi crido*. Da Missa vamos á:

VII. « A Meia Communhão.

« A pratica da Meia Communhão, diz o autor, ou a communhão em uma só especie, de que tratámos em um dos capitulos anteriores, é de origem muito moderna. Todos os es-

« criptores da Igreja Romana reconhecem que ella não foi
 « adoptada antes do seculo XII. « E' evidente, diz Delahogue,
 « auctor de um dos compendios de Theologia do seminario ca-
 « tholico de Maynvoth, na Irlanda, que desde o tempo dos Aposto-
 « los até o seculo XII. prevalecia o costume de commungarem
 « os leigos em ambas as especies, como ainda hoje se pratica
 « na igreja grega, mas depois do seculo XII começou o costu-
 « me de se administrar a Eucharistia aos fieis em uma só es-
 « pecie, o qual costume se foi estabelecendo pouco a pouco.

« D'este modo a pratica se foi tornando gradualmente ge-
 « ral, e, apesar da grande opposição que encontrou em alguns
 « paizes, foi tornada obrigatoria pelo Concilio de Constança,
 « em 1414 ».

Respondo, que tudo isto é verdade ; mas para que fim o
 autor allega este facto ? Será por ventura para provar que a
 chamada meia-communhão *não foi conhecida na Igreja primitiva* ?
 Ou que a Igreja primitiva *não approvava* a pratica de dar aos
 fieis a Sagrada Communhão sob uma só especie *quando para*
isto havia boas razões ? Se este é seu fim, elle se engana redon-
 damente. Pois, como já provei em mais d'um capitulo d'esta
 obra, mesmo na Igreja primitiva dava-se de vez em quando a
 Sagrada Communhão quer só sob a especie de pão, quer só sob
 a especie de vinho, e sempre por boas razões. Ora, este exem-
 plo da Igreja primitiva foi imitado nos seculos posteriores,
 quando *boas razões* aconselhavam a Sagrada Communhão só sob
 a especie de pão. Não houve pois innovação nenhuma. O que
 já no principio se fazia de vez em quando tornou-se ao depois
 costume geral.

VIII. « *O Purgatorio, a Invocação dos Santos, e a Veneração*
das Reliquias.

« Este artigo conste de 3 partes.

« Primeiro : o Purgatorio.

« Já tratamos, diz o autor, nas conversações anteriores,
 « da natureza e caracter da doutrina do Purgatorio : o nosso
 « fim actual é averiguar a sua origem. E' esta doutrina de data
 « muito antiga, visto que teve sua origem nas opiniões dos pa-
 « gãos gregos e romanos, antes da vinda de Christo ; e quando
 « os pagãos, no tempo de Constantino, faziam profissão de se-
 « rem christãos, não por terem sinceramente adoptado a reli-
 « gião de Christo, mas para grangearem o favor da côrte im-
 « perial, conservaram esta e muitas outras de suas noções
 « pagãs a respeito da religião. D'este modo, a crença do pur-
 « gatorio introduziu-se gradualmente na Igreja Christã no secu-
 « lo IV, manifestou-se abertamente no seculo V e parece que
 « pela primeira vez foi publicamente ensinada pelo Papa Gre-
 « gorio I, no anno de 600. Os monges e frades descobriram
 « logo que esta doutrina era para elles um abundantissimo

« manancial de riqueza, e muito naturalmente se tornaram ca-
 « lorosos partidarios d'ella.

« Fisher, bispo catholico romano, diz « que os latinos não
 « acceitaram immediatamente a verdade desta doutrina, e só
 « a foram admittindo pouco a pouco; e em verdade, a fé no
 « purgatorio e nas indulgencias não era tão necessaria na Igreja
 « primitiva como o é agora ».

« Esta sincera confissão é-nos sufficientissima. O facto é
 « que a doutrina do purgatorio não se adoptou auctorizada-
 « mente da Igreja Romana antes do Concilio de Florença em 1439. »

Respondo, que o autor não parece saber que a doutrina
 do purgatorio está claramente ensinada tanto *nos lieros do An-
 tigo como nos do Novo Testamento*, como já provamos, por con-
 sequente que *não vem do paganismo*. Quanto aos tempos de Con-
 stantino em que teria sido introduzida pelos pagãos, noto que
*os primeiros christãos nas catacumbas de Roma já deixaram mui-
 tas provas da sua fé no purgatorio; logo, não foi introduzida
 na Igreja nos tempos de Constantino, mas alli já foi crida desde
 os tempos dos Apostolos; e podemos fazer presente ao autor do
 que escreve a respeito dos seculos IV-V. Só não comprehendo
 como os monges e frades podiam vêr nesta doutrina um ma-
 nancial abundantissimo de riqueza porque, como o proprio autor
 acaba de sustentar, as Missas privadas, as quaes, segundo os
 protestantes, são o meio de se apoderar d'esta riqueza, se tor-
 naram geraes só no seculo XII. Esses monges e frades preci-
 savam pois d'um espaço de 7 seculos para comprehenderem as
 riquissimas vantagens d'esta doutrina!!!*

E pelo que diz respeito ao testemunho do bispo Fisher,
 não posso verificar se é fiel, só digo que, embora a citação
 fosse fiel, não obsta a doutrina da Igreja, sendo opinião pri-
 vada de Fisher. Segue-se d'isto que o Concilio de Florença,
 em 1439, não inventou o purgatorio mas só definiu e confirmou
 a fé da Igreja quatorze vezes secular.

« Segunda : A Invocação dos Santos.

« Ficou demonstrado nas conversações anteriores que a
 « origem d'esta pratica deve procurar-se na mythologia pagã.
 » Não é ella mais do que o paganismo baptizado, segundo a
 « opinião dos homens bons e doutos da Igreja primitiva, que
 « como tal a denunciaram » [Isto é demais !]. E' evidente pois,
 « que similhante pratica não pôde ter a sanctão da Igreja pri-
 « mitiva, segundo o confessam os homeus eruditos da Igreja
 « Romana » [E' uma novidade]. « O jesuita Salmeron, declara
 « « que teria sido muito difficil impor esta crença aos judeos,
 « e que elle podia ter dado logar a que os pagãos pensassem
 « que se lhes havia imposto uma multidão de deuses em troca
 « da multidão que tinham abandonado. »

« Fica, portanto, admittido o facto de que esta pratica não

« fazia parte do primitivo e puro christianismo. Foram os pagãos baptizados que a introduziram na Igreja, onde, em pouco tempo, se tornou geral, embora não tivesse recebido sanção positiva senão no Concilio de Trento, em 1545 ».

Respondo : que eu provei o *contrario*, isto é, que a origem d'esta pratica não se deve procurar na mythologia pagã, mas que é consequencia necessaria e natural do dogma da *communição dos Santos*; que nem os homens eruditos da Igreja primitiva nem os da Igreja Romana *denunciam como má esta pratica*; que, allegando-se ás palavras do jesuita Salmeron, *no contexto*, logo se verá que elle *nem nega a apostolicidade da invocação dos Santos nem a reprova*; e que por consequente, o Concilio de Trento em sua solemne definição, não vez senão confirmar uma doutrina universalmente recebida na Igreja desde o principio.

« Terceira : a Veneração das Reliquias.

« Os enganos que se fundam nesta grosseira superstição tem feito com que todos os homens bons se envergonhem d'ella, reputando-a um vituperio, ou escandalo para a christandade. A superstição foi a sua origem, as artemanhas sacerdotaes o seu apoio, e a avareza o seu objecto e fim ».

A esta bobagem não respondo, ella se refuta por si mesma. Só lembro ao autor os *preços fabulosos* por que protestantes fanaticos compraram cousas que tinham pertencido a Luther o ou aos mais reformadores, como por exemplo : um chapéo, uma bengala d'elles, etc. Chegamos :

IX. « Ao Culto das Imagens.

« O erudito Erasmo diz que : « ainda nos tempos de São Jeronymo, os que eram da religião verdadeira, não permitiam na igreja imagem alguma, fosse ella esculpida ou pintada, nem mesmo a imagem de Christo »; e Delahogne confessa, que não foi isso permittido durante 300 annos para que se não confundisse com o costume dos pagãos e parecesse que se lhes sanccionava o uso de imagens dos semi-deuses. Esta confissão basta para demonstrar que tal culto não fazia parte do chistianismo puro e primitivo. Cornelio Agrippa, escriptor catholico romano, faz esta ingenua confissão : A falsa religião dos pagãos infeccionou a nossa religião e introduziu na igreja as imagens e pinturas com muitas ceremonias do culto exterior que nunca existiram entre os primitivos e verdadeiros christãos.

« Succedeu desgraçadamente que, com o fim de multiplicar o numero dos convertidos, se permittiu aos christãos baptizados a conservação de suas imagens. Em muitos casos se baptizaram imagens de deuses pagãos em nome de santos christãos, e d'este modo foram ellas adoptadas na Igreja. Para pôr fim a este mal, o Concilio de Constantinopla, reu-

* nido no anno de 754, e ao qual assistiram 338 bispos, condemnou o uso das imagens, e mandou tirar-as das igrejas; mas logo depois, pela influencia da impia Irene, foi essa pratica formalmente sancionada e adoptada, no anno de 736, pelo Concilio de Nicea, a que assistiram 350 bispos. Ainda depois foi ella condemnada no Concilio de Francfort em 790 por 300 bispos, mas finalmente a Igreja Romana a adoptou no Concilio de Trento em 1545*.

Respondo, que o autor segue aqui seu conhecido costume de falsificar a historia.

Digam o que quizerem Erasmo, Delahogne e Cornelio Agrippa -- o culto das imagens não tardou 300 annos, mas *jd principiou nos tempos dos Apostolos*, como claramente se vê das imagens, esculturas, pinturas achadas *nas catacumbas*, muitas das quaes datam *do primeiro seculo, segundo os archeologos mais eruditos*.

Além d'isto, que homens são *Erasmo*, que ora era catholico ora protestante; *Delahogne* que é uma summidade theologica desconhecida no mundo catholico, e sobretudo o tal *Cornelio Agrippa* (1487-1535) para poderem depôr contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana? Este Cornelio Agrippa representado com emphase como escriptor catholico era tudo menos escriptor catholico, era, embora ficasse exteriormente catholico, um fautor do Lutheranismo, que atacava a Igreja quasi com a mesma vehemencia que o proprio Luthero, e este homem, rotulado como escriptor catholico, deve depôr contra a Igreja!!!

Passando em silencio as duas falsas asserções, que com o fim de multiplicar o numero dos convertidos se permittia aos pagãos conservarem as imagens de seus deuses e que essas imagens pagãs se baptizavam em santos christãos, só pergunto que Concilio foi este de Constantinopola em 754 o qual condemnou o uso das imagens? Foi concilio catholico ou foi heretico, mas se *foi heretico, como reza a historia*, para que então propol-o como catholico, e dizer sem mais commentarios que o Concilio de Constantinopola em 754 condemnou o uso das imagens, o qual uso depois foi approvado pelo *Concilio de Nicea*, isto é leal? E' sem duvida para o mesmo fim que Irene a qual era *muito piedosa*, é representada como a *impia Irene*, e o Concilio de Francfort como reprovando o de Nicea; sabendo cada um que estudou a historia que o concilio *não ecumenico* mas *nacional* de Francfort foi mal informado do conteúdo do Concilio Ecumenico de Nicea, julgando como lhe foi communicado que alli só tinham assistido bispos schismaticos como no Concilio de Constantinopola em 754. Ficou pois mais uma vez mostrado que o Concilio de Trento, em 1545 não inventou uma doutrina nova mas definiu a antiga.

X. « As indulgencias.

« Todos os escriptores da Igreja Romana reconhecem que
 « as indulgencias são uma invenção moderna que eram des-
 « conhecidas na igreja primitiva, que tiveram a sua origem no
 « seculo XII. O cardeal Caetano diz que se fosse possível des-
 « cobrir-se com certeza o tempo em que começaram as indul-
 « gencias, isso nos ajudaria muito a saber a verdade a respeito
 « d'ellas: mas que não ha authoridade alguma da Escripura
 « ou dos padres antigos quer gregos quer latinos que nos in-
 « forme de algum modo a tal respeito. E Affonso de Castro
 « confessava que nada ha na Escripura Sagrada menoz mani-
 « festa e nada sobre que os antigos padres tenham escripto
 « menos, do que acerca das indulgencias parecendo que o uso
 « d'ellas só muito recentemente começou na Igreja. Estas ci-
 « tações bastam para mostrar o modernismo do credo. Na ver-
 « dade, ainda que o uso das indulgencias se tenha generalizado
 « na Igreja Romana desde o seculo XII, e fosse o motivo para
 « o primeiro rompimento da reforma, comtudo nunca se tinha
 « determinado exactamente a sua natureza, nem tinha recebi-
 « do a sancção de concilio algum antes do de Trento em 1545 ».

Sem me occupar com os ditos de Caetano e do tal Af-
 fonso de Castro, outra summidade theologica pouco conhecida
 e talvez, por ser allegada pelo autor, muito suspeita como os
 tres autores anteriores, digo 1.º que a Escripura Sagrada, além
 de *assegurar á Igreja na pessoa de S. Pedro e seus successores o*
poder de dar indulgencias (Matth. XVI: 19), *nos offerece um exem-*
plo de indulgencia dado pelo Apostolo S. Paulo (I Cor. V: 3-4);
 2.º que longe de não encontrar na Igreja exemplo algum d'uma
 indulgencia até o anno 1200 depois de Christo, podemos
 mostrar *que até o seculo II a indulgencia sempre foi dada na*
Igreja ora sob esta ora sob aquella forma.

Por conseguinte, verifica-se mais uma vez que o Concilio
 Tridentino não innovou a doutrina das indulgencias, mas definiu
 o que já lhe ensinára a Biblia e a fé da Igreja.

XI. «A Supremacia da Igreja Romana.

« Este artigo, diz o autor, envolve uma falsidade confor-
 « me já demonstrei.

« Não é provavel que os bispos de Roma fossem tratados
 « com mais consideração do que os bispos de outras cidades,
 « mesmo nos seculos primitivos, e isto em razão de ser Roma
 « a capital do Imperio Occidental o que acontecia tambem com
 « o bispo de Constantinopola por ser esta a capital do Impe-
 « rio Oriental? Mas nem por isso se entendia que tivessem elles
 « auctoridade ou supremacia sobre os outros bispos da christan-
 « dade, pois que só nos fins do seculo VI é que appareceu esta
 « pretensão não em favor do bispo de Roma mas sim em fa-
 « vor do de Constantinopola! Foi este que pela primeira vez
 « reclamou tal supremacia; e tão pouco preparado estava o

« mundo christão, e ainda os mesmos bispos romanos, para
 « consentir em semelhante pretensão da parte de qualquer
 « bispo da Igreja, que Gregorio I, então bispo romano, decla-
 « rou que tal pretensão era um dos signaes do *Anti-Christo*.
 « Eis o que diz em uma das suas cartas: « O mesmo S. Pedro
 « não era chamado Apostolo Universal; e no entanto eis que
 « o meu co-presbytero João quer ser chamado Bispo Universal!
 « O tempora, o mores! A Europa acha-se neste momento ex-
 « posta a ser preza de barbaros. e, não obstante isso, os sacer-
 « dotes que se devem deitar no pó, chorar e revolver-se nas
 « cinzas. estão buscando com espirito de vaidade novos e pro-
 « fanos titulos, e fazendo alarde d'elles ». Depois cita o autor
 mais dois trechos da mesma carta, entre outros: — « Digo con-
 « fiadamente que quem quer que se chame sacerdote universal,
 « constitue-se no seu orgulho *precursor de Anti-Christo*; porque
 « exaltando-se, quer collocar-se acima dos outros », — e con-
 clúe: « Mal pensava Gregorio, o Grande, nas pretensões de seus
 « successores! Quando Phocas usurpou a coroa imperial, o suc-
 « cessor de Gregorio pretendeu este mesmo titulo de bispo
 « universal, e Phocas prestou-lhe todo o poder imperial para
 « tornar effectiva a sua pretensão ».

A esta penultima das chamadas invocações romanas, respondo:

1.^o que provei contra o autor que a supremacia da Igreja Romana não é uma falsidade mas uma *realidade*.

2.^o que não ha *igualdade em direito ao titulo de Bispo Universal* entre o Bispo de Constantinopola e o de Roma. Pois o Bispo de Roma não reivindicava para si este titulo por ser Roma a *capital do Imperio Occidental*, porque neste caso o bispo de Constantinopola por ser bispo da *capital do Imperio Oriental* tambem o poderia reivindicar; mas porque era o *successor de S. Pedro na sede episcopal de Roma*, a qual successão involvia a successão no Primado sobre toda a Igreja.

3.^o que o Primado sobre toda a Igreja *foi sempre exercido* pelos Bispos de Roma e *reconhecido por todas as Igrejas e todos os Bispos* mesmo da Igreja Oriental, desde o principio.

4.^o que a *arrogancia do patriarcha constantinopolitano João* contribuiu muito para mais realçar este primado, e dar aos Papas o titulo correspondente de Bispo Universal.

5.^o que as palavras de S. Gregorio Magno: « o mesmo S. Pedro não era chamado Apostolo Universal », *não negam o Primado de S. Pedro*, mas só servem para *elogiar a humildade do Apostolo e destacar a soberba do patriarcha João*; o qual por vaidade se arrogava um titulo que não merecia; ao passo que o Apostolo por humildade não fazia prevalecer o titulo ao qual tinha direito.

6.^o que é no sentido agora mesmo explicado que S. Gregorio

Magno chama precursor do Anti-Christo a quem *sem direito e só por orgulho* pretende a este titulo.

7.º que se *Phocas reconheceu os direitos do Papa Bonifacio III* contra os pretensos direitos do patriarcha de Constantino-pola, nisto *cumpriu seu dever de catholico*. Emfim a ultima innovação é segundo o autor

XII. «O Concilio de Trento.

«Este artigo do credo, escreve elle, refere-se ao Concilio «de Trento e por isso mesmo é artigo de fé romana, essencialmente novo».

Respondo que o *Concilio de Trento* não é artigo de fé, mas o que o dito *Concilio definiu*; e que as suas definições *não são innovações*, mas *confirmações* da doutrina sempre erida na Igreja desde o principio; *confirmações solemnes da sua fé* ás quaes foi obrigada pela heresia protestante.

«Taes são, conclue o autor, os doze novos artigos da fé «romana, artigos que não se acham em nenhum dos antigos «credos da Igreja de Christo, artigos que encerram em si todas as doutrinas distinctivas da Igreja Romana e toda a essencia da sua religião. E este credo, emphaticamente chamado «o credo da Igreja Romana, foi composto muitos annos depois «de se haver effectuado a Reforma».

Respondo que não farei commentario algum a esta conclusão, quem me seguiu reflectidamente e sem espirito prevenido póde avalial-a a seu justo valor.

Só quero ainda allegar dois testemunhos insuspeitos de protestantes sinceros, um mui recente do Rev. K. F. Dicher-mann, ministro protestante em Nevo-Haven, e outro do celebre historiador Macaulay.

Diz o primeiro: «A Religião Catholica é para mim um «verdadeiro milagre. A sua magestade, o seu brilho inegualavel, o seu espirito, os seus successos enchem-me de admiração para não dizer de assombro.

«A nossa vaidade induz-nos, os protestantes, a crermos que «formamos a maioria no mundo, que representamos o pensar «humano no que tem de mais poderoso e verdadeiro. Um momento vossa attenção!

«Estudae a historia imponente da Igreja Catholica Romana. «Durante 1500 annos tem ella sido a *unica instituição* que resistiu ao choque dos seculos e soube dominar os tumultos e «as contradições das paixões humanas. Nações, sociedades e «outras obras d'aquelles tempos passados representaram o seu «papel e desapareceram, só a Igreja Catholica Romana ficou «em pé.

«Sem attendermos á sua doutrina, e olhando sómente para «a sua *antiguidade* e a sua *vitalidade permanente*, não acharemos nada de irrazoavel em que tantas almas repousam no

« seu seio com o sentimento de perfeita paz e completa tranquillidade ».

E ha mais ou menos oitenta annos escreveu o bem conhecido litterato protestante Macaulay : « Fora da Igreja Catholica não ha outra instituição na Europa que nos lembre os tempos em que ainda se levantava, no Pantheon, a fumaça dos sacrificios pagãos... A Republica Veneziana que quanto á data remotissima da sua origem era a que mais se approximava á idade do Papado, entre todos os Estados pôde ser chamada moderna em comparação com elle. A Republica de Veneza não existe mais, o Papado continua... Os arabes têm uma lenda, segundo a qual a pyramide de Gizeh data dos tempos antidiluviaes, sendo ella a unica obra humana que resistiu á inundaçào destruidora. E' a figura do Papado. A grande inundaçào moderna (a revolução franceza) o encobriu ; porém, os seus alicerces não se abalaram ; e, quando as ondas decorreram, era só elle que entre as ruinas d'um mundo destruido, voltou a ver a luz do dia. A Republica Hollandeza desaparecera ; o Imperio Germanico não existe mais ; a Senoria de Veneza, a Casa Bourbon, os Parlamantos e a Nobreza franceza — tudo desaparecêra ; mas a immutavel Igreja Romana lá está ».

E assim será até o fim do mundo. Quando as Casas de Saboia, de Hohenzollern ou dos Romanoffs forem uma cousa do passado, o Papado ainda existirá, porque é indestruetivel — vencendo em idade todas as instituições religiosas que nasceram « depois d'elle.





APPENDICE (*)

A questão relativa ao bispado de S. Pedro em Roma, de que tratou o autor no artigo vigésimo primeiro « sobre a supremacia da Igreja », parece de tão momentosa importancia ao seu traductor, que quer tratar della mais extensamente n'um appendice, reeditando para este fim uns artigos já publicados em *El Tiempo*, periodico de Bogatá em Nova Granada nos annos de 1856 e 1857. — Esses artigos trazem por epigraphe: o primeiro: *Esteve S. Pedro alguma vez em Roma?* — o segundo: *S. Pedro em Roma.* — o terceiro: *Foi S. Pedro Papa?*

Escusado será dizer que nelles toda a doutrina Catholica é negada.

Tratemos, portanto, separadamente de cada um desses artigos e confundamos a heresia.

ARTIGO I

Esteve S. Pedro alguma vez em Roma?

« Para muitas pessoas, escreve o articulista, semelhante « duvida pôde parecer tão ousada como duvidar que Napoleão « esteve algumas vezes em Paris, ou Constantino em Roma.

(*) A questão de que se trata neste appendice já não é mais debatida em nossos dias. É antiquada. Todos os sabios tão protestantes como catholicos admittem que *S. Pedro tem estado em Roma como Bispo de Rome e nesta qualidade alli morreu.* A unica questão entre os sabios é a de determinar com toda a certeza onde foi que soffreu seu martyrio. Dos archeologos encarregados do estudo de todos os documentos e outros elementos respectivos para definir-se definitivamente sobre o lugar onde se effectuou a crucificação de S. Pedro, o primeiro que appareceu em publico com o resultado das suas longas e sérias pesquisas foi o Professor Marucchi. Sem equivoco e sem rodeio algum este sabio declara que *S. Pedro foi crucificado na collina raticana, no lugar onde se achava o hospicio allemão do camposanto.* Era crença popular que a igreja de *S. Pietro in Montorio* — santuario nacional hespanhol — indicava o lugar do martyrio do Principe dos Apostolos. — Segue-se disto que todo este appendice é também antiquado, e que o autor nelle se enganou muito sustentando que *S. Pedro nunca tinha estado em Roma, etc., etc.* Eu podia pois omitir a refutação que já está feita pela *Historia* e é admittida por todos. Porém como muitos leitores não saibam que a questão já é antiquada, vou refutar o dito appendice.

« A questão proposta offerece porém maiores difficuldades do
 « que julgam aquelles que costumam decidir de tudo levianamente. E' verdade que desde o tempo de Ireneo (nos fins
 « do seculo II) quasi todos os escriptores antigos teem referido,
 « como coisa geralmente admittida, que S. Pedro esteve na
 « dita cidade; porém não é menos certo que não ha escriptor
 « fidedigno, antes de aquella epocha, que parece estar bem
 « informado sobre o ponto em questão; pelo menos, se o estava,
 « não julgou opportuno ou importante communicar-nos coisa
 « alguma a tal respeito. Clemente, Barnabé, Hermas, Ignacio
 « e Polycarpo guardam completo silencio em seus escriptos
 « acerca desta interessante questão. Clemente é principal-
 « mente o mais culpado, visto ter sido, como se assevera bispo
 « de Roma e o segundo ou terceiro successor de S. Pedro (o
 « que não se sabe com certeza). Em sua Epistola aos Corin-
 « thios cita como modelos a S. Pedro e S. Paulo que tinham
 « padecido a morte por amor de Christo, afim de excital-os á
 « santidade da vida, e louva muito particularmente os traba-
 « lhos e exemplo de S. Paulo; parece, porém, desconhecer ab-
 « solutamente o facto de ser elle, (Clemente) o successor do
 « filho de Jona, e, portanto, o bispo do mundo inteiro, bem
 « como ignorar que houvesse S. Pedro estado, sequer, em
 « Roma. Só 120 ou 130 annos depois da morte de S. Pedro
 « é que o conto começou a tomar vulto, e chegou a consi-
 « gnar-se nos escriptos de Ireneo. Se a conversão de Cons-
 « tantino e o estabelecimento do Christianismo no imperio
 « romano fossem successos ignorados, não só pelos escriptores
 « d'aquelle tempo como tambem por seus successores, durante
 « o espaço de mais de cem annos depois da sua morte, quem
 « poderia ser taxado de incredulo por duvidar desses factos.»

Respondo: 1.^o, Supposto, mas não concedido, que a asserção do articulista fosse verdadeira: que nos faltassem testemunhos do primeiro e do segundo seculo acerca da estada de S. Pedro em Roma — esse silencio, essa falta de testemunhos nada provariam contra a dita estada. Discorrendo de tal modo poderíamos chegar á conclusão á qual chegaram muitos protestantes modernos e racionalistas que, considerando a Biblia como uma mytha ou como qualquer outro livro não inspirado, negam que Jesus Christo fosse o filho de Deus ou mesmo que Elle tenha existido, justamente porque *os authores pagãos e judeos e contemporaneos de Jesus d'Elle não fallam* e é só muito tempo depois da sua morte que a historia d'Elle faz menção,

2.^o, Além disto é falso, absolutamente falso sustentar que só 120 ou 130 annos depois da morte de S. Pedro o conto [da sua estada em Roma] principiou a tomar vulto e que S. Ireneo foi o primeiro que o consignou em seus escriptos.

Muito embora; a tradição romana reza que S. Pedro, depois da sua libertação do carcere de Herodes, chegou acompanhado de S. Marcos a Roma para alli pregar o Evangelho, provavelmente no segundo anno de Clandio, isto é, no anno 42 da era christã.

Esta tradição, nos conservada por Eusebio em sua historia Ecclesiastica, remonta aos tempos dos mesmos Apostolos. Uma confirmação, embora indirecta desta tradição nos dão Act. XII, 17, onde se lê que depois sua libertação do carcere de Herodes S. Pedro « saindo, partiu para outro lugar ». Este lugar dizem muitos interpretes catholicos era a cidade de Roma e alguns protestantes concordam com elles. Directamente, porém a attesta S. *Clemente Alexandrino* (apud. Euseb., l. II, 15, VI, 14-6) que apella para o testemunho de *Papias*, o qual teve como fontes desta tradição o presbytero *João*, contemporaneo do Apostolo do mesmo nome e *Ariston* tambem contemporaneo dos Apostolos. Aqui temos, por consequente, testemunhos do tempo dos Apostolos. (cfr. Belser. Einleitung in das Neue Testament, p. 489).

Nem é verdade que S. *Clemente Romano*, um dos successores de S. Pedro no Papado, guardasse completo silencio acerca d'esta interessante questão. Em sua Epistola aos Romanos falla amiudadas vezes dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, e quem o lêr attentamente virá que seu testemunho póde ser reduzido ao seguinte: Os dois Apostolos Pedro e Paulo estavam intimamente relacionados com as Igrejas de Corintho e de Roma. Paulo tinha relação especial com Corintho, Pedro com Roma. Na relação estreita entre esses dois Apostolos se manifesta a relação estreita entre essas duas Igrejas. S. Paulo fundou a Igreja de Corintho, S. Pedro a de Roma (Epist. ad Corinth. V: 44-47). O mesmo é applicavel a *St. Ignacio*. O que elle (ad Rom. IV) escreve acerca das ordenações dadas por S. Pedro á Igreja de Roma só acha sua explicação inteira na supposição que S. Pedro fundou aquella Igreja.

E', pois, absolutamente falso, dizer-se que só 120 ou 130 annos depois da morte de S. Pedro, o conto da estada de São Pedro em Roma principiou a tomar vulto e que só chegou a consignar-se nos escriptos de S. Ireneo. Muito pelo contrario! Esta tradição remonta até os tempos Apostolicos; e mesmo se os primeiros escriptores não a tivessem consignado em seus livros, *as proprias pedras e os proprios monumentos romanos*, supririam a falta dos livros, pois attestam irrefutavelmente a estada de S. Pedro em Roma. Quem d'isto se quizer convencer, consulte Krauss, Roma subterranea, p. 69, 336, etc. — Idem: Geschichte der Christl. Kunst. I 198. — Kuhn: Roma p. 167, e mormente De Waal: Katakombenbilder I: 2-3-109, etc.

Depois de ter encetado o seu primeiro artigo com esta

falsificação proposital da Historia, que acabamos de refutar, o articulista se esforça por provar que S. Pedro nunca esteve em Roma. Por isso sustenta que a tradição romana, (suppondo que S. Pedro foi sete annos bispo de Antiochia e 25 de Roma) refere como causa indubitavel, que S. Pedro residiu em Roma de 23 a 29, soffrendo a morte no mesmo dia que S. Paulo. — Depois procede ao exame d'este testemunho.

Pergunto: pôde-se estender mais longe a má fé e o espirito da mentira? A tradição romana *não refere como causa INDUBITAVEL que S. Pedro residiu em Roma de 23 a 29; REFERE MAS NÃO COMO COUSA INDUBITAVEL QUE S. PEDRO CHEGOU PELA PRIMEIRA VEZ A ROMA NO MEADO DO ANNO 42; DEPOIS DE TER SIDO DURANTE SETE ANNOS BISPO DE ANTIOCHIA, E QUE DURANTE UNS 25 ANNOS FICOU REGENDO A IGREJA DE ROMA, E ALLI SOFFREU O MARTYRIO NO MESMO DIA QUE S. PAULO.*

Ora, sendo a base de seu exame um erro tão monstruoso, *que antecipa a chegada de S. Pedro a Roma de 19 a 13 annos*, qual será o resultado de todo o exame? Erro e mais erro. Eu poderia, portanto, passar em silencio as 7 provas com que se esforça por contradizer a tradição romana; mas pôde ser util a alguns refutal-as. Por isso mãos à obra.

1.º « Jesus, escreve elle, não subiu ao céu antes do anno 33 « da era christã. Segundo os calculos dos chronologistas, a « morte de S. Paulo teve logar antes do fim do anno de 68, « e, no entanto, a tradição romana designa o dia 29 de Junho « do anno 66 ou 67 como o dia da morte dos dois grandes « Apostolos dando-nos assim o intervallo de 33 ou 34 annos « entre a morte d'estes e a de Jesus; este porém, é quasi o « tempo exacto segundo Jeronymo da jurisdicção episcopal « de S. Pedro em Antiochia e em Roma, sendo, portanto, con- « stituido bispo da Igreja de Antiochia, antes de ser ella « fundada ».

Respondo: 1.º que N. S. Jesus Christo subiu ao céu *antes do anno 33 da era christã*. A razão é, porque Jesus *morreu no anno 29 ou 30 da era christã*, e como Elle subiu ao céu 40 dias depois da sua Resurreição, foi no *mesmo anno* que subiu ao céu (cfr. Jungmann: Dissertationes I. 96).

2.º que, segundo os calculos da maior e mais sabia parte dos chronologistas, a morte de S. Paulo teve logar no meado de 67, como reza a tradição romana, e não de 68.

3.º que, medindo o espaço do tempo que decorreu entre a primeira chegada de S. Pedro a Roma no anno 42 até o anno de seu martyrio alli em 67, achar-se-hão 25 annos de Episcopado exercido na cidade de Roma, com outras palavras, achar-se-á a confirmação da tradição romana.

4.º que, tendo S. Pedro fundado a Igreja de Antiochia em

35 e tendo-a entregue em 42 a S. Evodio, resulta que elle alli ficou 7 annos como tambem reza a tradição romana.

5.º que, por consequente, S. Pedro não foi constituído bispo da Igreja de Antiochia, antes de se ter ella fandado ! E que os esforços do articulista para derrubar a tradição romana foram mallogrados.

Mas, ouçamos sua segunda objecção contra a estada de S. Pedro em Roma.

2.º «Reputa-se que a conversão de S. Paulo teve logar « dois annos, pelo menos, depois da Ascenção do Senhor, isto « é, no anno 35, ou, segundo outros, no anno 37. S. Paulo dá « nos a entender (veja-se Gal. I: 18, e II: 1), que, *dezesete* « annos depois da sua conversão, ou, contando segundo o modo « judaico *quinze* annos completos, foi a Jerusalém para confe- « renciar com os outros Apostolos, e que nesta conferencia « concordou-se que elle, a quem Deus havia encommendado o « Apostolado dos gentios, fosse aos gentios, e que S. Pedro e « os outros a quem coube o Apostolado dos judeos cuidassem « dos judeos. « Antes pelo contrario, tendo visto que me havia « sido encommendado o Evangelho do prepucio (ou dos gen- « tios), como tambem a Pedro o da circumcisão: porque o que « obrou em Pedro para o Apostolado da circumcisão (ou dos « judeos) tambem obrou em mim para com as gentes, e como « Thiago e Cefas (isto é, Pedro) e João, que pareciam ser as « columnas, conheceram a graça que se me havia dado, de- « ram as dextas a mim e a Barnabé, em signal de companhia, « para que nós fossemos aos gentios e elles á circumcisão » « (Gal. II: 7-9).

« Esta decisão, pois, fez-se no anno de 50, se não mais « tarde, isto é, apenas *dezeses* ou *dezesete* annos antes da epocha « da morte de S. Pedro e S. Paulo. S. Pedro estava então em « Jerusalém, não tendo alcançado ainda o bispado de Antio- « chia, onde o encontramos pouco tempo depois, não residindo « lá, mas de passagem (Gal. II: 11). A designação de S. Pedro « para o Apostolado dos judeos e de S. Paulo para o dos gen- « tios exclúe tambem a hypothese de que, embora ausente, o « primeiro tivesse naquella tempo o bispado da Igreja de Roma « que era gentia (Rom. XI: 13). Portanto, a declaração de que « S. Pedro residiu de 23 a 29 naquella cidade é provada falsa, « ao menos quanto ao decurso do tempo ».

Até aqui o articulista. A's suas palavras eu noto:

1.º Que o anno da conversão de S. Paulo, que elle reputa ter havido logar em 35 e outros em 37, mais provavelmente se realisou em 33 (cfr. Belser l. c.).

D'aquelle mesmo anno data a primeira viagem de S. Paulo a Jerusalém. Em 42 ou 43 elle visitou pela primeira vez a Igreja de Antiochia. Em 46 o Apostolo viajou outra vez a Je-

rusalém para levar um dinheiro da Igreja de Antiochia. D'ahi depois de vêr approvado pelos Apostolos seu methodo de prégar, dirigiu-se pela segunda vez a Antiochia. No inverno do anno 49-50 vemol-o pela terceira vez em Jerusalém para assistir ao primeiro concilio, do qual ainda foi para Antiochia. Ora, suppondo que a decisão (Gal. II: 7-9), de que falla o articulista, se deu no anno 50, isto é, dezeseis ou dezeseite annos antes da morte de S. Pedro e S. Paulo, succedida não em 68 mas mais provavelmente em 67 — não vejo nisto contradicção alguma com a estada de S. Pedro em Roma. S. Pedro naquella occasião *estava* em Jerusalém, mas isto será uma prova de que não era *residente* em Roma? Ou não pôde uma pessoa que reside num certo lugar deixar este lugar para visitar outro sem por isso perder a sua residência no lugar que deixou? O articulista será o ultimo a negal-o, pois elle mesmo, fallando da presença de S. Pedro em Antiochia, diz que não estava residindo lá mas só de passagem. Pois bem, eis o caso do Apostolo S. Pedro. Deixando a séde episcopal de Antiochia, que occupára desde o anno 35 até a Paschoa de 42, nas mãos de S. Evodio, S. Pedro chegou (cfr. Belser, l. c.) em 42 a Roma, alli ficou acompanhado de S. Marcos predicando o Evangelho de Jesus. Quanto tempo alli ficou é impossivel calcular por falta de datas certas; só sabemos que visitou algumas vezes Jerusalém e Antiochia, e que estava de novo de volta em 63, no anno do primeiro captiveiro de S. Paulo em Roma, e depois parece que alli ficou até sua gloriosa morte em união com a do Apostolo S. Paulo em 67. Esta simples exposição dos factos prova, que as palavras do articulista: «S. Pedro estava então em Jerusalém»; e aquellas outras: «não tinha ainda alcançado o bispado de Antiochia», são palavras ocas e vãs que nada adiantam. Pois respondo com a maior facilidade: sim; S. Pedro estava então em Jerusalém, *mas só de passagem, não residia alli, sua residencia desde o anno 42 era Roma*; e nem precisava alcançar ainda o bispado de Antiochia, pois já o tinha alcançado desde 35; — ha mais: resignou ao bispado de Antiochia em favor de S. Evodio, a quem depois d'um governo de 7 annos, entregou o governo d'aquella Igreja, com outras palavras: nova confirmação da tradição romana que o escriptor quiz negar.

2.º Nem adianta escrever com meu contendor «a designação de S. Pedro para o Apostolado dos judeos e de S. Paulo « para o dos gentios exclue tambem a hypothese de que em « bora ausente, o primeiro tivesse naquelle tempo o bispado « da Igreja de Roma que era gentia». Pois o titulo de Apostolo dos Judeos não prohibiu a S. Pedro de prégar tambem aos gentios, como tão pouco o de Apostolo dos gentios prohibiu a S. Paulo de prégar tambem aos Judeos. Muito embora o primeiro

que foi incumbido da prégação aos gentios e também lhes pré-gou não foi o Apostolo S. Paulo que naquella tempo ainda era o grande perseguidor dos christãos, mas o Apostolo S. Pedro, o Apostolo dos Judeos (Act. X: 1-48), que apesar d'esta e outras pregações aos gentios não perdeu seu caracter especial de Apostolo dos judeos. Do mesmo modo S. Paulo que era o Apostolo dos gentios não deixou de prégar logo depois de sua chegada a Roma aos judeos (Act. XXVIII: 17-28), e continuou a prégar, *tanto a elles como aos gentios* durante todo o tempo que alli morava, sem que por isso perdesse seu caracter especial de Apostolo dos gentios. Emfim, quem lêr o que diz a historia a respeito da prégação de S. Pedro em Roma, verá claramente que era sobretudo aos judeos que elle se dirigiu, se não fosse assim, S. Paulo á sua chegada a Roma, não se poderia ter dirigido *aos christãos d'entre os judeos*. — Fica, pois, provado o erro do articulista e inutilidade de seus esforços para derribar a tradição romana.

Mas eis uma terceira objecção.

3o. « Alguns annos depois, pouco antes de fazer a sua ultima viagem a Jerusalém (Rom. XV: 25-31), e cerca do « anno de 58, S. Paulo escreveu a sua carta aos Romanos, isto « é, nove annos antes de 67, epocha tradicional, segundo dis- « semos, da sua morte » [Desculpe o autor; a epocha tradicional que elle marcou era de 68, os catholicos fallam em 67]. « E' certo que S. Pedro não era bispo de Roma naquella tem- « po, nem tão pouco se achava naquella cidade segundo a « crença de S. Paulo. Se assim fosse, houvera sido uma con- « travenção da politica clerical, o escrever uma epistola com « auctoridade apostolica á igreja de que outro apostolo estava « especialmente encarregado, e reclamar, como fez S. Paulo, « maior liberdade, visto que eram elles « gentios » e elle o « apostolo dos gentios » (Rom. XI: 13). Esta ousadia houvera « sido tanto mais culpado quando S. Paulo lhes escreveu sem « guardar consideração alguma para com o seu bispo, sem re- « conhecer a sua auctoridade e os seus trabalhos e sem exhortar os « christãos de Roma, a que o reverenciassem e amassem, procedi- « mento pouco decoroso e menos christão da parte de S. Paulo — « o que é incrível, sendo então S. Pedro, como se pretende, « cabeça da Igreja Universal, e tendo a sua cadeira já esta- « belecida em Roma. Ao concluir a epistola, S. Paulo saúda por « seus nomes a mais de vinte e cinco christãos de Roma, e « collectivamente aos outros (veja-se Rom. XVI: 3-16); guar- « da, porém, tanto silencio acerca de S. Pedro como se elle « não existisse. Toda a Epistola aos Romanos é, pois, uma re- « futação terminante e irrecusavel da opinião de que S. Pedro « estivesse, sequer, *nove annos* em Roma ».

Respondo: que gostosamente podemos conceder que S.

Pedro no anno de 58, epocha em que S. Paulo escreveu sua carta aos romanos, talvez não estivesse em Roma. Pois, como já vimos, S. Pedro de vez em quando deixava a cidade de Roma para visitar outros logares, e nada obsta a admittir que naquella occasião S. Pedro fizesse uma viagem Apostolica fóra de Roma.

Porém, quanto á carta de S. Paulo aos romanos, *ella não pôde servir de argumento para impugnar a estada de S. Pedro em Roma*. Eis em que palavras, um protestante muito illustrado, Stosch (na sua vida de S. Paulo, o Apostolo, pag. 173 et seq.) refuta o argumento ex silencio. « Mas talvez alguém diga: « se S. Pedro tivesse fundado a Igreja de Roma, S. Paulo em « sua Epistola aos Romanos não o podia ter passado em silen- « cio. Este argumento tanto vale como o seguinte: se S. Pedro « tivesse fundado a Igreja Romana, S. Lucas o devia ter de- « clarado em seus Actos dos Apostolos com palavras expressas. « Lucas não o fez e não obstante o fez, como vimos, no ver- « seto 17, do seu decimo capitulo dos Actos dos Apostolos, do « mesmo modo que S. Paulo em sua Epistola aos Romanos. « Alli S. Paulo não menciona com expressas palavras a funda- « ção da Igreja Romana por S. Pedro, *porque cada membro da « Igreja Romana o sabia*; elle o nomea sem o nomear, o elogia « sem o elogiar (I, 8-11). Assim como S. Pedro mais tarde « (I Petr. V: 1), se chamará o co-presbytero dos presbyteros « paulinos, assim tambem S. Paulo em relação á Igreja de « S. Pedro quer ser considerado com um irmão que escreve « aos seus irmãos. Elle não pôde ser o Apostolo d'elles, não « quer edificar sobre o fundamento de outro (Rom. XV: 20; « II Cor. X: 15), e não quer colher o que oútro semearam ». — D'estas palavras se vê tambem qual deve ser a resposta ao articulista.

A' sua asserção — que seria uma contravenção de politica clerical o escrever uma epistola com auctoridade apostolica á Igreja de que outro estava especialmente encarregado, sobretudo se isto se fizesse sem guardar consideração alguma para com o seu bispo e reconhecer a sua auctoridade — podemos responder que S. Paulo não o fez. Pois em muitos logares (I, 8-13; XIII: 11; XV: 23), elle reconhece a fundação da Igreja Romana por *outra pessoa fóra d'elle* — e sim, por um *Apostolo*, por que repetidas vezes (VI: 17; XVI: 17), declara que elles foram instruidos na *verdadeira fé*, na verdadeira doutrina, doutrinação que, *segundo elle*, (Rom. X: 15; Eph. IV: 11-14; II Thess. II: 14) não compete a cada pessoa mas só ao *magisterio Ecclesiastico*, a um Apostolo ou homem apostolico. Que apezar d'isto elle tambem se dirige aos romanos e sobretudo aos *gentios* de Roma não é contravenção da politica clerical mas cumprimento da sua missão especial, doutrinação

que elle podia reclamar para si por direito divino e que S. Pedro devia respeitar, como de facto respeitou.

Emfim, que ao concluir sua epistola, S. Paulo não sauda a S. Pedro, não tem nada que extranhar, pois não era costume dos Apostolos saudarem-se mutuamente em suas epistolas; além d'isto, quem poderá provar que S. Paulo não saudasse a S. Pedro pela portadora da carta, ou que elle se abstivesse de saudal-o por prudencia, para não despertar a attenção do Imperador Romano, Summo Pontifice do paganismo romano, ou tambem por certa deferencia para com a cabeça da Igreja Universal?

Por consequente, *longe de depôr contra* a estada de S. Pedro em Roma, a epistola de S. Paulo a *confirma indirectamente*, reconhecendo a fundação da Igreja por um Apostolo, que não podia ser outro senão S. Pedro, visto como a nenhum outro se attribue esta honra.

Examinemos agora a quarta objecção contra a tradição romana.

4.º « Tres annos depois, continua o nosso interlocutor, (Act. XXIV: 27; XXVIII: 11) tendo S. Paulo estado mais de dois annos custodiado em Cesarea, chegou preso a Roma, e muitos dos christãos saíram á distancia de dez ou quinze legoas para o receber. Certamente que S. Pedro não se achava ainda em Roma, porque, de outro modo, houvera participado do mesmo interesse na vinda do seu grande coadjutor e teriamos tido alguma noticia do encontro d'estes dois nobres apostolos, ou na capital do mundo, ou no caminho. Teve isto lugar por cerca do anno 61, segundo a computação commum, quer dos romanistas, quer dos protestantes ».

A estas palavras respondo, que o argumento contido nellas é *puramente negativo e de por si nada prova contra a tradição romana*. Com effeito, a vida de S. Pedro não é tão conhecida como a de S. Paulo. Emquanto podemos acompanhar a este quasi passo a passo, perdemos *de vista a vida d'aquelle*. Sabemos que chegou a Roma, pela primeira vez, no anno 42 (Act. XII: 17), que estava tambem alli no anno 63 (I Petr. V: 13), e que alli morreu juntamente com S. Paulo no anno de 67. Quanto ao mais, sabemos que S. Pedro costumava sahir de Roma para suas viagens apostolicas. E', pois, provavel que S. Pedro naquella occasião não estivesse em Roma; em todo o caso não se pôde tirar da sua ausencia argumento algum contra a tradição romana. — O mesmo é applicavel á objecção que segue:

5. « S. Paulo, escreve o articulista, residiu em Roma na qualidade de preso, não encarcerado, mas sómente guardado por um soldado durante o espaço de dois annos inteiros, num aposento que alugára (Act. XXVIII: 30), quando devéra ter

« sido o hospede do bispo » [Muito bem ; mas a condição que o bispo de Roma naquelle tempo estivesse em Roma, e, se alli estivesse, pudesse hospedar a S. Paulo, pois, quem sabe como S. Pedro estava hospedado em Roma? Se S. Paulo alugasse um aposento, S. Pedro tambem o podia ter feito]. « Se S. Pedro se achava ausente no tempo da chegada de S. Paulo « devia ter voltado em dois annos » [Podia ter voltado — sim ; e de facto voltou, só não se sabe se foi antes ou depois da libertação de S. Paulo ; mas como o articulista prova que tambem *o devia* ?] « Durante este tempo, S. Paulo escreveu um consideravel numero de epistolas e em quasi todas ellas envia « as saudações de toda a igreja e de varios santos em particular, sem jámais fazer menção alguma de S. Pedro » [Não podia elle fazer menção de S. Pedro de outro modo? Por exemplo, de viva voz pelo portador da carta?]. « Em uma d'ellas — a « que dirigiu aos Colosseuses — dá-nos os proprios nomes de « seus collaboradores, designando especialmente os que eram « judeus, e accrescentando : « estes sós são os que me ajudam no « reino de Deus » (Col. IV : 7-11). Isto, pois, é uma exclusão « peremptoria e cathgorica de S. Pedro do numero dos collaboradores de S. Paulo em Roma » [Não é uma exclusão peremptoria e cathgorica de S. Pedro do numero dos collaboradores de S. Paulo em Roma. S. Pedro fundou a Igreja de Roma e continuou a governal-a até sua morte. Por conseguinte, S. Paulo não podia contar S. Pedro entre o numero de seus collaboradores, muito pelo contrario, antes o proprio S. Paulo era collaborador de S. Pedro].

Passemos agora á 6ª objecção.

6.ª « Findos estes dois annos, foi S. Paulo julgado por « Nero e posto em liberdade (II Timoth. IV : 17). Mas em tal « perigo se viu, porém, que elle mesmo diz : « Ninguem me assistiu na minha primeira defeza, mas todos me desamparam : « ram : permitta Deus, que isto não lhes seja imputado » « (II Tim. IV : 16). Temos muito boa opinião de S. Pedro para « crêr que *caisse outra vez*, e que elle fosse um dos delinquentes cujo perdão S. Paulo pede a Deus. Porém, para mostrar « a nossa boa vontade, supponhamos que estivesse ainda ausente de Roma. Isto nos faz chegar ao anno de 64 sem ter « noticia alguma da presença de S. Pedro em Roma, prohibindo-nos até a mesma caridade o crêr que então estivesse S. Pedro occupando a « Santa Sede ». Alguns referem esta desercção de S. Paulo a seu ultimo processo : porém isto em « nada affecta o argumento ».

Passando em silencio a irreverencia do articulista em sua indigna allusão á queda de S. Pedro, e sua mal disfarçada hypocrisia na caridade que diz ter para com o príncipe dos Apostolos, respondo : 1.º que se estas palavras dizem respeito ao

ultimo processo de S. Paulo, S. Pedro estava *de todo disculpado* de assistir a S. Paulo porque nesta supposição *elle tambem estava preso* por causa da sua fé e precisava de quem o amparasse; e que, por conseguinte, as palavras de S. Paulo «*ninguem me assistiu*» não podem servir de argumento contra a estada de S. Pedro em Roma naquella occasião.

2º, que se estas palavras dizem respeito á *primeira prisão de S. Paulo* tão pouco podem servir de argumento contra a tradição romana, visto como não é certo que S. Pedro estava em Roma desde o principio do anno 61 até o principio do anno 63 (duração da primeira prisão de S. Paulo). Estava alli no fim do anno 63 como se vê de I Petr. V: 13. Além d'isto, mesmo se estivesse naquella occasião em Roma S. Pedro *na qualidade de Chefe da Igreja Universal* podia ter razões especiaes, como por exemplo de prudencia para *não servir de testemunha a S. Paulo perante as auctoridades*, pois este é o sentido da palavra grega *sumparagignomai*, que é uma palavra technica nas causas judiciais.

Chegamos enfim á ultima objecção.

7.º «Por ultimo, no fim da sua vida, o Apostolo escreveu «a Timotheo, e fez o seu derradeiro legado á Igreja de Deus: «Estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha» (II Timot. IV: 6). Era de esperar que nessa hora extrema e solemne, escrevendo suas ultimas palavras para a posteridade, o Apostolo fallasse d'este ponto tão importante, isto é, do bispo universal, de S. Pedro, e de ter elle collocado a sua cadeira em Roma — ponto sobre o qual seus labios até então tinham permanecido sempre fechados» [como é que o articulista sabe isto, assistiu porventura a *todas as instrucções que S. Paulo durante a sua vida dera aos fieis?* pois não se deve esquecer que S. Paulo, assim como os mais Apostolos, pregavam mais *de viva voz* do que *por escripto*], «ou, o que é peor, só se haviam aberto para negar» [Pego provas d'estas palavras; quando e quantas vezes S. Paulo negou quer por escripto quer de viva voz estas verdades?]. «Porém, seus labios cerram-se na morte sem descobrir esse segredo, ou, ao menos reconhecer que S. Pedro houvesse estado alguma vez em Roma» [Não é de admirar, todos os fieis o sabiam, todos reconheciam a S. Pedro como Chefe visivel da Igreja e sabiam que morava então em Roma. Por isso *não era de esperar* que S. Paulo escrevendo suas ultimas palavras para a posteridade, fallasse antes do primado de S. Pedro do que de qualquer outra verdade importante]. «Envia a Thimotheo «saudações da parte de Eubulo, Prudente, Lino, Claudio e de todos os santos, porém nada diz de S. Pedro» [Ao articulista incumbe o dever de provar *com provas serias e irrefutaveis, que S. Paulo estava obrigado a mandar a Timotheo* saudações

de S. Pedro, caso este estivesse em Roma. Esta prova, porém, nunca chegará a dal-a]. «Estamos certos de que este silêncio « não foi devido a ciúmes» [que suposição divertida! S. Pedro com ciúmes de S. Paulo!], ocasionados pela severa reprehensão, que S. Paulo lhe tinha dado alguns annos antes (Gal. II: 11-13), porque S. Pedro, escrevendo aos christãos da Asia Menor, por aquelle mesmo tempo, estando tambem perto da morte (II Petr. I: 14), chama-o «nosso querido irmão Paulo» (II Petr. III: 15). Portanto, a razão porque S. Paulo nunca saúda a ninguém de nome de Pedro, deve forçosamente ser «a d'elle não estar em Roma» [Que triste logica! Ou não podia se haver para isto muitas outras razões, como por exemplo o costume geral dos Apostolos, ao qual só uma vez infringiu S. Pedro por razões especiaes (II Petr. III: 15) de não se saudarem mutuamente em suas epistolas — razões de prudencia — razões de deferencia ao Chefe da Igreja?].

Mas continuemos a citação do articulista: «A suppor-se « que S. Pedro, ainda que residente em Roma, estivesse ausente em todas as conjuncturas citadas, só diremos sem commentar coincidencia tão extranha, repetida e infeliz que « neste caso é ainda mais inexplicavel que, estando elle ausente tanto a miúdo, e por tão largo tempo, de seu cargo peculiar, não escrevesse aos christãos carta alguma que pudesse fortalecer seus corações e servir-lhes de testemunho e « prenda de seu amor para com elles em todo o tempo» [Respondendo, que S. Pedro escreveu duas epistolas que foram dirigidas a todos os fieis e por consequente tambem aos romanos. Porém, não precisamos de exigir epistolas de S. Pedro aos romanos: não sómente porque na sua ausencia outros estavam incumbidos do governo da Igreja de Roma, como tambem porque suas ausencias não eram tão frequentes como as suppõe o articulista, pois já provamos muitas vezes neste artigo que *do silencio de S. Paulo não se pode concluir á ausencia de S. Pedro de Roma*, o Apostolo S. Paulo tanto na sua epistola aos romanos como nas outras que escreveu em Roma podia omitir o nome de S. Pedro, sem com isto provar que S. Pedro não estava em Roma]. — «E' notavelmente estranho que ao descuido « de S. Pedro para com aquella Igreja só egualasse o affecto « que desde os tempos de Leão I (seculo V) ella tem professado ao Pescador, ou, para melhor dizer, ás suas chaves; « porque nem nos Actos dos Apostolos nem em suas proprias « epistolas, nem nas dos outros Apostolos nem em parte alguma do Novo Testamento, encontramos a mais ligeira insinuação, de que S. Pedro tivesse sequer conhecimento de que « havia uma igreja christã em Roma» [Uns instantes de paciencia e vamos responder]. «Sua primeira epistola escripta alguns annos antes da sua morte, aos christãos judeos da Asia

« Menor (a que ambas ellas foram dirigidas) foi enviada de
« Babylonia (I Petr. V : 13). Alguns escriptores romanistas, para
« sahir do apuro em que se acham, dizem que essa Babylonia
« é a propria Roma. Isto é uma má supposição da parte d'el-
« les, porque nada de bom se diz da tal Babylonia mystica no
« livro do Apocalypse (cap. XVII, XIX). Todas as difficulda-
« des acima expostas luctam contra a opinião d'esses escripto-
« res, que deveriam apresentar prova menos caprichosa para
« resistir á torrente das provas contrarias. Porém, se apezar
« d'isso, esta debil palha deve ser considerada como mais forte
« do que aquellas aguas impetuosas, e nos cumpre ceder-lhe,
« reclamamos ao menos, o direito de emitir uma triste queixa,
« isto é, que o proprio S. Pedro arrancou-nos o ultimo fio que
« poderia conduzir-nos a uma verdade tão enigmatica e de tão
« falsa apparencia, e que, quando era muito facil e racional
« escrever « Roma » em vez de « Babylonia », elle preferiu usar
« de uma ambiguidade tão intempestiva e indisciplpavel, afun-
« dando-nos outra vez no abysmo da incredulidade » [Interrom-
pamos aqui a verbosidade de nosso articulista. Toda a sua pa-
lavrada teve por fim mostrar que nem nos Actos dos Apostolos
nem na Epistola do proprio S. Pedro, nem nas dos mais Aposto-
los, nem em parte alguma do Novo Testamento ha *a mais li-
geira insinuação* de que S. Pedro tivesse conhecimento de que
havia uma igreja christã em Roma. Pois bem, abramos os
Actos dos Apostolos. Alli (cap. XII, vers. 17) lemos que S. Pedro
depois da sua libertação do carcere de Herodes, « *sahindo, parti-
tiu para outro lugar* ». Este outro lugar é um lugar fóra da Pa-
lestina. Porém qual é? A Escripura não o diz. Mas a tradição
que marca o anno 42 da éra christã como o da chegada de S.
Pedro a Roma, anno que coincide com o da libertação de S.
Pedro do carcere de Herodes, nos ensina que este outro lugar
não póde ser senão a cidade de Roma, e d'este modo insinua
que S. Pedro teve conhecimento da igreja que ia fundar em
Roma. A' mesma conclusão nos leva a Epistola de S. Paulo aos
romanos, onde o Apostolo, segundo o testemunho já citado do
protestante Stosch, sem fazer com expressas palavras menção
de S. Pedro, o nomeia sem o nomear, o elogia sem o elogiar
(I: 8-11) reconhece que elle, Paulo, não é o apostolo d'elles, e
declara que não quer edificar sobre o fundamento de outro,
nem colher o que outro semeou (XV: 20). Estas palavras in-
sinuam claramente que, se S. Paulo tivesse conhecimento d'uma
igreja christã em Roma, o proprio S. Pedro decerto devia
ter conhecimento d'uma igreja christã em Roma, visto como elle
mesmo a fundou. Tambem na carta de S. Pedro (I: V: 13) a
palavra *Babylonia*, por mais que aborreça ao articulista, deve
significar a *cidade de Roma* e por conseguinte insinuar que S.
Pedro teve conhecimento d'uma igreja christã em Roma. Pois,

1.º, todos os antigos interpretes da epistola de S. Pedro attestam unanimemente que a palavra *Babylonia* significa aqui a cidade de Roma. 2.º, não ha vestigio algum d'uma tradição conforme a qual S. Pedro teria visitado *Babylonia*, quer a *Babylonia* do Egypto quer a da Chaldea, quer a provincia de *Babylonia*, para alli escrever sua carta ou exercer o episcopado; muito pelo contrario, tanto nos escriptos dos padres syros e chaldeos como nas liturgias syras e chaldeas, o episcopado de S. Pedro em Roma e sua morte em Roma acham sua confirmação; 3.º, nem ha motivo para invectar contra a linguagem metaphorica de S. Pedro e dizer que era muito mais facil e racional escrever « Roma » em vez de « *Babylonia* ». Pois além de ser admittida esta linguagem não sómente pelos escriptores profanos mas tambem sagrados (como por exemplo II Timot., IV : 17, onde sob a figura d'um leão S. Paulo entende ao imperador Nero), serviu muito bem á prudencia de S. Pedro, que sabendo que seus leitores não podiam enganar-se a respeito da significação preferiu por prudencia escrever metaphoricamente *Babylonia*, designando a cidade de Roma, dando assim ao mesmo tempo a entender que Roma era tão corrupta como a cidade de *Babylonia*, tão conhecida aos judeos. Dito isto, continuemos a nossa citação.]

« Não negamos que S. Pedro tivesse morrido em Roma ; « a nossa argumentação não o exige ; podemos dal-o como grã-tuito embora não haja prova alguma historica de tal facto. « Sim, não ha, porque de tal modo a tradição se tem mostrado « falsa, relativamente ao seu bispado e ao numero de annos da sua residência em Roma, que, como no caso d'uma « testemunha perjura, temos a escolha, ou de rejeitar totalmente o seu depoimento, ou de pô-lo de accordo com o testemunho dos factos positivos, que não podem mentir. Pois, « quando se dá tanta falsidade e em ponto tão essencial, que « garantia temos de que tudo não seja igualmente falso ? » [Estas palavras, depois da refutação das objecções do articulista, não precisam de correcção da minha parte, quem me leu attentamente sabe quanto valem]. « Todavia, se S. Pedro houvesse sido « levado preso para Roma, afim de alli ser morto, como aconteceu a Ignacio, e tivesse chegado depois de ter S. Paulo « escripto a sua ultima epistola, durante os poucos mezes que « decorreram antes da sua morte (II Timot. IV : 21), seria isto « fundamento sufficiente para semelhante tradição (que na verdade não requer grandes fundamentos) e só esta supposição « satisfaria as justas exigencias das difficuldades, que se não « tem apresentado, de outro modo, repellimos absolutamente o « conto » [Respondo que esta supposição não satisfaz as justas exigencias das difficuldades que se têm apresentado ; pois todas as difficuldades apresentadas pelo articulista foram aplanadas

de sorte que em nada puderam enfraquecer a tradição romana da estada de S. Pedro em Roma. Quanto ao mais concedo que se Pedro SEM SER BISPO DE ROMA mas d'uma outra Igreja tivesse sido levado preso a Roma para alli morrer assim como Stº. Ignacio, a sua morte não estabeleceria a supremacia da Igreja Romana mas d'aquella Igreja da qual era bispº no momento da sua morte].

« A discussão precedente conclue o articulista, basta para « tornar patente os debeis fundamentos das orgulhosas preten- « ções de Roma, e quão pouca importancia davam os sagrados « escriptores, o mesmo S. Pedro e os padres da igreja primi- « tiva, que Roma usurpasse uma auctoridade que nunca teve, « e que constituiu como base essencial da existencia do chris- « tianismo. E, se esta discussão não prova que S. Pedro nunca « esteve em Roma, prova ao menos que os escriptores citados « julgavam que tão pouco importava á igreja que S. Pedro ti- « vesse morrido em Roma como que tivesse morrido em Ba- « bylonia, sem jamais haver visto Roma; e, por consequente, « que os culpados são só aquelles que adoptam a opinião con- « traria, em quanto que nós somos irreprehensíveis adoptando « a crença de pessoas em todos os sentidos tão respeitáveis ». [Esta conclusão passe sem commentarios, o seu pouco valor e grande atrevimento saltam aos olhos. Occupemo-nos antes do artigo segundo.

ARTIGO II

S. Pedro em Roma

Encetando seu segundo artigo, o articulista todo ufano e triumphante, se vâgloria de que « El Catholicismo », órgão catholico, o qual promettera refutar as palavras de « El Tiempo » e demonstrar os grandes erros de que formigam, deixou de cumprir sua promessa, e só produziu alguns pequenos paragrafos em defeza da tradição romana, assegurando que, algum dia, resumirá o assumpto. D'isto, em seguida, elle se aproveita para invectar contra os catholicos que dão credito ao dogma cardeal da sua Igreja sem exame.

Como no artigo anterior refutamos claramente todas as objecções do articulista, os leitores podem avaliar o valor dessa asserção. Tratemos pois agora do conteúdo de seu segundo artigo, ao qual com pleno jus se póde dar a epigraphie « de omni re scibili, et inscibili et aliis quibusdam », de tudo quanto é conhecido, desconhecido e de mais algumas cousas, pois trata de tudo.

Em primeiro logar o articulista se esforça por enfraque-

cer os testemunhos allegados pelo «El Catholicismo». «Toda-
 « via, escreve elle. «El Catholicismo» allega uns testemunhos;
 « mas quaes são elles? O de Ireneo e as concessões de alguns
 « escriptores protestantes. Ireneo, como já dissemos, escreveu
 « nos fins do seculo II: O seu testemunho, pois, é a *tradição*,
 « e não pode-se reputar como historia. Se 120 annos depois da
 « morte de Colombo dissesse qualquer escriptor, que em uma
 « das suas viagens fôra elle impellido por uma tempestade para
 « o norte, até as praias da Terra Nova, e que fôra elle o des-
 « cobridor d'esta ilha, ainda que tal successo fosse verdadeiro,
 « comtudo ninguem que não tivesse perdido o juizo o citaria
 « como *prova historica* de aquelle facto. Pôde alguem dar á
 « tradição o nome de historia, se isso lhe apraz, mas não
 « pôde censurar que outros queiram conservar uma distincção
 « tão justa e importante. Tornamos, pois, a assegurar que a
 « prova historica ou contemporanea, da residencia de S. Pedro
 « em Roma é semelhante á da prédica de S. Bartholomeu na
 « Nova Granada, como diz a gente commun».

Respondo: que a tal chamada prova historica ou contemporanea não falta. Pois, para não fallar das provas indirectas da *propria Biblia*, como sejam Act. XII: 17; Rom. I: 8-11, XV: 20; I Petr. V: 13, e das provas mudas e não obstante eloquentes que nos subministram *as pedras e monumentos romanos* (cfr. Krauss; Roma subterranea p. 69, 336 et seq. — Idem, Geschichte des Christl Kuns, I 198; — Kuhn: Roma p. 167 — e mormente de Waal: Katakombenbilder II, 2, 3, 109, etc.) temos em favor da estada de S. Pedro em Roma e de seu bispado romano *testemunhos directos de contemporaneos dos Apostolos*, como por exemplo do presbytero João, de Ariston e de pessoas que logo succederam aos contemporaneos dos Apostolos como de Papias, de S. Clemente Alexandrino (cfr. Eusebio. H. E. I. II, 15 — I. VI, 14).

O articulista continua: «Quanto ás concessões de alguns
 « escriptores protestantes, respondemos que nos seculos XVI e
 « XVII os doutores protestantes occuparam-se principalmente
 « de theologia, e, confiando na superioridade doutrinal que tinham sobre a Igreja de Roma, muitos d'elles concederam de
 « bom grado uma parte consideravel das tradições romanas,
 « sem notarem quão frequentemente taes tradições contrariavam factos incidentalmente expostos nas epistolas de S. Paulo.
 « N'esse tempo (sec. XVII), viveram Cave e Basnage, citados
 « por «El Catholicismo». Porém, no fim dos ultimos 100 annos
 « começou o estado critico dos factos historicos e da chronologia do Novo Testamento, a que se tem dado trabalhos immensos. Um dos resultados d'este estudo historico-critico foi
 « o descobrimento de contradições irreconciliaveis entre muitas
 « das epistolas de S. Paulo, a tradição romana e as concessões

« feitas com espirito de imparcialidade, por alguns dos antigos
 « escriptores protestantes. Apresentamos no artigo precedente
 « alguns d'esses resultados que são incontestaveis, e não po-
 « dem ter deixado de convencer todo o leitor desprevenido,
 « de que a tradição romana a este respeito, ou a maior parte
 « d'ella, é absolutamente insustentavel. As concessões, pois, de
 « Cave, Basnage e outros escriptores antigos, nada provam;
 « e as de alguns modernos não demonstram o facto, que con-
 « cedem como possível ou provavel; tudo o que provam é a
 « bondade da causa, que pôde conceder um ponto tão vital para
 « seus adversarios, ainda que haja absoluta falta de provas».

Respondo: que embora seja verdade que o racionalismo como *consequencia necessaria e natural do protestantismo* nos ultimos cem annos desenvolveu mais o estudo historico-critico, o resultado d'estes estudos não foi *o descobrimento de contradicções irreconciliaveis entre muitas das epistolas de S. Paulo, a tradição romana e as concessões feitas com imparcialidade por alguns dos antigos escriptores protestantes*. Decerto; não quero negar que esse espirito historico-critico tenha suscitado muitas contradicções *apparentes* contra o dogma ou a tradição catholica, porém a todas ellas a theologia historico-critica dos catholicos tem sempre respondido victoriosamente. Vimol-o no artigo precedente onde refutamos com a maior facilidade todas as contradicções apparentes tiradas pelo articulista, das epistolas de S. Paulo, contra a tradição romana. Por isso, ainda que admittissemos que os testemunhos favoraveis á tradição romana de Cave e Basnage nada provassem, com isso ainda não teriamos provado a força probativa dos testemunhos desfavoraveis á tradição romana dos protestantes modernos, como por exemplo de Bauer e da escola de Tubinga; pois estes testemunhos foram á sua vez *desmentidos cathegoricamente pelos estudos ainda mais modernos de protestantes de grande nomeada*. Assim, por exemplo, *Harnack*, que actualmente sem duvida é o leader do pensamento protestante na Allemanha, trata de *lenda, de conto*, a sentença que nega que S. Pedro tivesse estado em Roma e governando como bispo a Igreja Romana; e, confirmando a tradição romana, diz que *não ha actualmente quem negue isto*, e que a sentença negativa foi o resultado não do espirito historico-critico, mas do *espirito de partido do pre-conceito protestante*.

D'ahi se vê quão ocas são as palavras do articulista quando continua: « Nós, não negamos que S. Pedro tivesse
 « morrido em Roma. Concedemol-o como coisa possível, e nada
 « nos aproveita negal-o. O objecto que nos tinhamos proposto
 « era o de tornar patentes as grandes falsidades da tradição
 « e descobrir o alicerce de areia em que está assente o edifi-
 « cio orgulhoso do romanismo. O nosso argumento apoia-se não

« no facto de nunca ter estado S. Pedro em Roma, mas na incerteza e falta completa de provas authenticas de tal facto. Concedemos que seja forte o testemunho tradicional (tal qual existe) desde os fins do seculo II, mas «El Catholicismo» mesmo deve conceder, se tem candura para isso, que de PROVA HISTORICA *não existe vestigio algum* » [Tão incontestavel é a prova historica da estada de S. Pedro, de seu episcopado e de sua morte em Roma, que *só os ignorantes ainda podem duvidar d'isto*. A questão já é antiquada, hoje em dia *se trata só de definir o logar da morte*, se foi na collina vaticana ou no logar occupado pela igreja de S. Pietro in Montorio].

Depois d'este disparate, o articulista aproveitando-se d'uma occasião tão favoravel vae dizer cobras e lagartos contra os adeptos da Igreja Romana.

« Para os que acreditam na Igreja Romana, o testemunho da tradição basta, porque, apesar das suas falsidades palpaveis e por mais absurdas que seja tal pretensão, o concilio infallivel de Trento decidiu que *as tradições não escriptas* devem ser recebidas e veneradas com piedoso affecto e reverencia, iguaes aos que se deve aos escriptos dos apostolos e prophetas. De modo que, segundo aquelle concilio, a tradição que haja entre o apostolo e a tradição não pôde attribuir-se ao erro de um nem da outra » [Aconselho ao articulista que antes de deduzir alguma consequencia da doutrina catholica, primeiro procure estudar esta doutrina, sem isto não se preservará de escrever bobagens, como a que acaba de escrever].

« O argumento popular para taes individuos, e que lhes parece irrefutavel, pôde-se reduzir aos termos seguintes: Nosso Senhor entregou a S. Pedro, chefe dos Apostolos, as chaves da sua Igreja. Estas chaves depois de terem passado pelas mãos de 258 de seus successores, acham-se nas do actual bispo de Roma. Resulta, pois, evidentemente, que S. Pedro esteve em Roma, e que seria uma falta de senso negal-o. Assim, por meio d'este sophisma, a mesma Igreja Romana constituiu-se no monumento perpetuo do bispado romano de S. Pedro da mesma maneira que um magnifico templo demonstra que existe a pedra sobre que se edificou. Esqueceu, porém, que as construcções do mundo moral são differentes das do mundo physico porque estes caem infallivelmente com ruina estrepitosa, se não se assentam em fortes fundamentos, enquanto as primeiras, sendo compostas de materias mais subteis, levantam-se muitas vezes orgulhosamente sem terem outros fundamentos mais do que os que existem na astucia de alguns e na cega preocupação e ignorancia de outros ».

Congratulando-me com o articulista da boa descripção que, sem o querer neste ultimo periodo dá da igreja protestante,

respondo que o argumento popular do qual falla, não assenta no sophisma acima referido mas no mais *rigoroso syllogismo* e, é, que Nosso Senhor Jesus deu a S. Pedro o primado, com o poder de o legar a seus legítimos successores; que os legítimos successores de S. Pedro são os Bispos Romanos (ou Papas), que por consequente o primado de S. Pedro continua nos Bispos Romanos ou nos Papas.

Segue-se d'ahi que o fundamento da Igreja Catholica não existe na astucia de alguns e na cega preocupação e ignorancia de outros.

Mas o articulista não desanima, está convencido da falsidade da Igreja Romana e por isso pede licença de apresentar mais outro exemplo das falsidades da tradição romana. « Refere « ella, assim escreve, como coisa indubitavel, que pelo anno « de 66 ou 67 S. Pedro e S. Paulo voltaram a Roma, se não « juntos ao menos quasi ao mesmo tempo e que trabalharam « ambos naquella cidade, prégande o Evangelho; que pouco « depois ambos foram encarcerados, escrevendo então S. Paulo « a sua ultima epistola (a 2ª a Timotheo), até que por fim foram « ambos mortos no mesmo dia, a 29 de Junho. Succede, porém, « infelizmente para o credito da tradição, que naquella mesma « epistola, escripta, como o proprio S. Paulo diz, pouco tempo « antes da sua morte (II Timoth. IV: 6), o apostolo longe de « fazer menção de seu companheiro, diz especialmente: « *Só* « *Lucas está commigo* », e que seus outros cooperadores, Tito, « Crescente, Demal e Tychico, achavam-se fóra de Roma. Por « esta razão diz a Timotheo: Apressa-te em vir a mim e traze « contigo Marcos, porque me é util para o ministerio do Evan- « gelho (I Timoth. IV: 9-11). Aqui, pois, a tradição e o apos- « tolo estão em completa contradição. A tradição diz que S. « Pedro estava preso com elle; o apostolo diz: *Só Lucas está* « *commigo*. Deve-se-nos perdoar se acreditamos que o testemu- « nho do apostolo é mais digno de confiança. Vemos, pois, que « além de guardar absoluto silencio acerca da residencia de « S. Pedro em Roma, os sagrados escriptores refutam, inciden- « tal — mas claramente a tradição romana ».

O articulista, respondo eu, parece vel-o, *nós não o vemos*. Pois, supposto mas não concedido, que as palavras: « *Só Lucas está commigo* », incluíssem uma exclusão peremptoria e cathorica de S. Pedro do numero dos collaboradores de S. Paulo, bastava para explical-as admittir que S. Pedro, preso naquelle tempo assim como S. Paulo, estava num carcere differente do de S. Paulo. Porém, não é necessario ver nas citadas palavras tal exclusão, pois embora S. Pedro e S. Paulo trabalhassem juntamente e ao mesmo tempo na divulgação do Evangelho entre os romanos, cada um tinha seu campo especial de operação. S. Paulo dirigiu-se de preferencia aos christãos d'entre

os *gentios*, S. Pedro aos christãos d'entre os *judeos*, e d'este modo S. Paulo tendo em vista seu proprio campo de operação evangelica podia escrever sem depôr contra S. Pedro «Só Lucas está commigo». E esta explicação é tanto mais plausivel, quanto mais fortes são os testemunhos dos escriptores que attestam que S. Pedro estava em Roma e alli soffreu o martyrio assim como S. Paulo. Não ha, por conseguinte, contradição entre o Apostolo S. Paulo e a tradição romana.

Mas o articulista vae mais adiante. «Para negar a estada de S. Pedro em Roma, cita 4 epochas durante os vinte cinco annos de seu pretendido bispado em que era naturalmente impossivel que estivesse em Roma. Ellas: «A primeira no anno « 51, quando foi reconhecido apostolo dos judeos, e S. Paulo « apostolo dos gentios (Gal. II: 7-9). E' impossivel, escreve, « portanto, que tivesse sido então bispo de Roma, que era igreja « gentia (Rom. XI: 13).

Respondo: que da propria epistola aos romanos, que S. Paulo escreveu antes de alli chegar para prégear o Evangelho, já se vê que em Roma havia uma christandade florescente (Rom. I: 8-11); que o mesmo Apostolo (Rom. XV: 20) reconhece que esta christandade não foi sua obra mas obra do outro Apostolo, ou homem apostolico, a quem, segundo elle, só competia fundar Igrejas; que a missão de prégear aos gentios tambem competia a S. Pedro, o qual d'ella foi incumbido antes da conversão de S. Paulo (Act. X: 1-48); que já provamos pela historia e indirectamente pela propria Biblia (Act. XII: 17) a verdade da tradição romana, que resa que S. Pedro veio a Roma no anno 43 (isto é, no segundo anno do imperador romano Claudio) e alli fundou a Igreja Romana. — Por conseguinte, provou-se falsa a asserção do articulista.

«A segunda, continua elle, no anno 58, quando S. Paulo « escreveu a sua epistola aos romanos. Esta epistola, como manifestamos no nosso artigo anterior, exclue toda a idéa de « que S. Pedro até então tivesse alli estado».

Respondo: que para provar o erro do articulista basta ler a refutação que alli demos, e o que acabamos de dizer agora mesmo.

«A terceira, segundo elle, é durante o seu captiveiro de « dois annos em Roma (61-63) no qual tempo S. Paulo exclue « cathgoricamente a S. Pedro do numero de seus cooperadores (Col. III: 11)». D'esta exclusão cathgorica e peremptoria, como vimos na refutação do primeiro artigo, não ha vestigio. Só um espirito prevenido teima em vel-a.

«A quarta, diz elle, é nos ultimos tempos de sua vida, « quando o apostolo diz: Só Lucas está commigo». Tambem esta 4ª epocha, como ha pouco provamos, não impugna a estada simultanea de S. Pedro e S. Paulo em Roma. — Eis, pois, ao

que se reduzem estas contradições irreconciliaveis entre muitas das epistolas de S. Paulo e a tradição romana que foram o resultado dos estudos historico-critico durante os ultimos cem annos. Decerto a colheta não corresponde ao trabalho.

Continua o articulista: « A respeito de outras epochas temos uma presumpção, que é quasi prova positiva para o caso. E' *possivel* que elle estivesse em Roma no intervallo de algumas d'estas epochas, mas não é preciso supôr, que elle se conservava muito quieto, saindo da cidade sempre que esperava a chegada de S. Paulo; e que nestas saídas foi sempre tão feliz que S. Paulo ignora completamente que houvesse elle estado alli alguma vez. Tal supposição porém, é sobremodo improvavel e fôra um ultraje ao caracter do nobre apóstolo. A unica prova de que occorresse coisa tão improvavel, e indecorosa (opinião que alguns escriptores papistas adoptaram essencialmente), é o testemunho da tradição, e, posta que possa esta admittir-se como prova, é, contudo, tal que se não recommenda por sua veracidade, sendo que a parte principal da sua deposição no caso presente fica até com evidencia demonstrado ser completamente falsa».

Dito isto, o articulista faz uma digressão fora do assumpto, e vae representar umas difficuldades contra a doutrina da supremacia papal. Acompanhemol-o; porém, antes ainda algumas palavras sobre o que elle acaba de escrever. A supposição, de que falla, não é necessaria; do silencio de S. Paulo acerca de S. Pedro não se pôde desumir *argumento positivo* contra a estada de S. Pedro em Roma. — Não é preciso admitir-se que S. Pedro *ficasse mui quieto; que saísse de Roma cada vez que esperava a chegada de S. Paulo; ou que S. Paulo ignorasse completamente que S. Pedro houvesse alli estado algumas vezes* para explicar-se o silencio que S. Paulo guarda a respeito de S. Pedro; no primeiro artigo expliquei este silencio. E por conseguinte não é necessario recorrer-se á tradição, a qual, aliás, o quer que d'ella diga o articulista, se recommenda por sua veracidade.

Tratemos, pois, de algumas grandes difficuldades, com que, segundo elle, tem de luctar a doutrina da supremacia papal. « Ainda quando se concedesse que S. Pedro fosse a « rocha » sobre que se edificou a igreja de Christo, e que tivesse o primado official e de auctoridade entre os apóstolos (factos que não podem ser demonstrados), restaria ainda a impossibilidade de provar que este primado fosse transmissivel. Estamos certo de que o apostolado não podia ser transmittido. Nem um só dos pomposamente intitulados « successores dos apóstolos » poudo mostrar o que S. Paulo chama « os signaes de meu apostolado », quando seus detractores negaram que elle era apóstolo, a saber « milagres, prodigios e virtudes »

« (II Cor. XII: 12). Tão pouco teem elles para serem aposto-
 « los os necessários requisitos, dois dos quaes são: 1.^o ter visto
 « Nosso Senhor pessoalmente (I Cor. IX: 1; Act. I: 21-22);
 « 2.^o ter recebido a commissão apostolica immediatamente d'elle
 « (Gal. I: 1-11). O apostolado era um cargo pessoal e extraor-
 « dinario, peculiar à igreja primitiva, o qual cessou com a
 « morte do ultimo apostolo. Sendo, pois, intransmissivel o *aposto-*
 « *tolado*, como pôde transmittir-se o *primado apostolico*, mesmo
 « dado o caso de que houvesse alguma vez existido? Comtudo,
 « queremos conceder, a bem do argumento, que semelhante
 « coisa existisse. Onde, porém, está a prova de que esta pedra
 « fundamental da Igreja se collocou em *Roma*, e que o pri-
 « mado foi transmittido em linha de successão pelos seus bis-
 « pos? Com mais razão poder-se-hia dizer que foi transmittido
 « aos bispos de Jerusalém, ou aos de Antiochia, ou aos de Ba-
 « bylonia, onde sabemos com certeza, que S. Pedro esteve,
 « sendo notavel que Roma tivesse esta pretensão, quando é
 « impossivel produzir prova historica de que S. Pedro houvesse
 « alli estado um unico dia. Porém, haverá alguma prova de
 « que effectivamente assim se tem transmittido o primado?
 « Nenhuma absolutamente, excepto o asserto da tradição da
 « interessada Igreja Romana, a qual sempre se mostrou mais
 « favoravel ás tretas do engrandecimento papal do que aos in-
 « teresses da verdade ».

Deixando esta ultima amabilidade ao endereço da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, por conta do cavalheirismo do nosso articulista, respondo que de todo não é difficil provar que o primado é transmissivel. A sua transmissibilidade até é tão necessaria, que, por pouco que uma pessoa reflecta, immediatamente lhe salta aos olhos. Só para os que tendo olhos não querem abril-os á luz da evidencia fica impercebivel.

Com effeito, ninguém negará que, provando-se a perennidade do primado, ao mesmo tempo se prova a sua transmissibilidade. Pois, conceder que o primado de S. Pedro é perpetuo, que deve continuar a existir na Igreja até o fim dos seculos e sustentar ao mesmo tempo que apesar d'isto não é transmissivel, além de ser inconsequencia é blasphemia contra o Filho de Deus que fundou a Igreja — Ora bem, como é que se prova que o primado de S. Pedro deve continuar a existir na Igreja até o fim dos seculos? Entre as muitas provas que eu poderia allegar (cfr. cap. XXI. art. I), escolho só esta que se toma da propria natureza do primado.

Quando N. S. Jesus Christo fez, pela primeira vez menção de estabelecer em sua Igreja o primado, indicou, ao mesmo tempo, que entre outros fins tambem o estabeleceria *para dar á sua Igreja a necessaria firmeza*: «sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão.

contra ella». Segue-se claramente do proprio texto, quer consideremos as palavras «*contra ella*» como referindo-se á *pedra*, quer como referindo-se á *Igreja*. Pois se as referimos á *pedra*, isto é, se as portas do inferno não prevalecerão contra a *pedra*, declara-se *com palavras explicitas e formaes* que a Igreja será firme e inéxpugnável *por S. Pedro*. Se, porém, as referimos á *Igreja* assevera-se a mesma cousa *implicita e virtualmente*.

D'ahi formulo o seguinte argumento: S. Pedro, como *pedra*, isto é, em quanto revestido do primado torna firme e inéxpugnável a Igreja de Jesus Christo. Ora, a Igreja de Jesus Christo, segundo a promessa de seu Divino Fundador, conservará a sua firmeza e ficará inéxpugnável não sómente durante algum tempo mas sempre, até o fim dos seculos. — Logo, é preciso que S. Pedro fique sempre presente na Igreja de Jesus Christo para, na qualidade de *pedra*, isto é, revestido de seu primado, dar-lhe a sua firmeza e tornal-a inéxpugnável. S. Pedro, porém, *sendo homem mortal* não pôde depois da morte estar nella *corporalmente*. Logo, é preciso que depois da sua morte esteja nella *moralmente*, isto é, em seus legitimos successores, que com elle formam *uma e mesma pessoa moral*. Logo, o primado de S. Pedro é perpetuo e por conseguinte transmissível. E quando o articulista assevera que o apostolado (e por conseguinte o primado) é intransmissível, que cessou com a morte dos Apostolos e que nem um só dos pomposamente intitulados successores dos apostolos pôde mostrar o que S. Paulo chama os signaes de meu apostolado, etc. etc., respondo: que elle confunde os poderes e prerogativas *ordinarias* de S. Pedro e dos Apostolos com os seus poderes e prerogativas *extraordinarios*; como tambem o tempo em que *a Igreja ainda havia de ser fundada* com o em que *já estava fundada*. Sem duvida, N. S. Jesus Christo não prometteu a S. Pedro e aos Apostolos, pessoas que succedessem a elles em seus poderes e prerogativas *extraordinarios*, como sejam o poder de fazer milagres, de prophetizar, o dom das linguas, a jurisdicção pessoal e illimitada por todo o mundo, numa palavra: os charismas. Estes charismas eram necessarios a S. Pedro e os mais Apostolos para poderem *fundar a Igreja*. Depois da morte d'elles, e *estando já fundada a Igreja*, os Papas e os Bispos (isto é, os que succederam a S. Pedro e aos Apostolos no governo da Igreja), não precisavam mais d'estes charismas. E neste sentido pode-se dizer que o apostolado era um cargo especial e extraordinario, peculiar á igreja primitiva, o qual cessou com a morte do ultimo apostolo.

Porém, os poderes e prerogativas *ordinarios* do Apostolado, que em *todo o tempo* eram necessarios aos chefes da Igreja, de que elles precisavam *tanto no principio* para fundarem a Igreja *como ao depois* para conservarem a Igreja já fundada, por exemplo o poder de governar uma parte da Igreja, de pastorear

uma parte do rebanho, de administrar os sacramentos, e no successor de S. Pedro o de governar toda a Igreja, pastorear o rebanho todo, a infallibilidade etc. etc., elles foram promettidos para sempre por N. S. Jesus Christo aos que se succederiam a S. Pedro e aos Apostolos: «eis que eu sou convosco até o fim dos seculos» (Matth. XXVIII: 20). E neste sentido é que o Apostolado é transmissivel e que o Papa e os Bispos se chamam com pleno jus os successores de S. Pedro e dos Apostolos.

Pois embora não vissem pessoalmente N. S. Jesus Christo, embora não fossem chamados immediatamente por Elle á commissão apostolica, succederam pela vontade de Jesus Christo, e pela conducta do Espirito Santo (Act. XX: 28), ao Collegio dos Apostolos para, revestidos dos poderes e prerogativas ordinarios, communs ao Collegio dos Apostolos (II Timoth. IV: 5-6), conservarem a Igreja fundada por estes.

A doutrina da supremacia papal, portanto, não tem de luctar com grandes difficuldades, assim como pretende o articulista.

Nem vale a pena, exhibir aqui outra vez (para satisfazer á sua pergunta, — que deseja a prova de que esta pedra fundamental da Igreja se collocou em Roma —) toda a argumentação com que no capitulo XXI e no primeiro artigo d'este appendice provei claramente que S. Pedro (provavelmente no anno 42) veio a Roma para alli fundar uma Igreja e alli morreu (provavelmente no anno 67) como Bispo da mesma cidade, pois outro postulado seu, o de provar que o primado de S. Pedro foi transmittido *pelos successores de S. Pedro* NA SÉDE DE ROMA, e não *por seus successores* EM OUTROS LOGARES ONDE TEM ESTADO, como por exemplo em Jerusalém, em Antiochia (e, como diz erradamente, em *Babylonia*, onde S. Pedro nunca esteve); merece mais attenção. Saiba, pois, o articulista que *só os successores de S. Pedro na séde romana* são revestidos do primado de S. Pedro, porque S. Pedro, *morrendo como Bispo de Roma*, legou *só a esta séde e a nenhuma outra* os seus poderes e prerogativas. Sua morte em Roma elevou a séde romana acima de *todas as outras*, como a séde mais privilegiada do mundo, como a do Chefe visivel da Igreja, como a do principe dos Apostolos; sua morte em Roma resolveu para sempre a questão da successão. Sem duvida, S. Pedro podia ter transferido antes de morrer sua séde episcopal para outro lugar e, morrendo alli, *esse lugar* teria gozado dos privilegios de que agora goza a séde romana; podia ter morrido sem ser ligado a qualquer séde episcopal e antes de morrer ter nomeado seu successor, neste caso *o nomeado* teria sido S. Pedro redivivo, seu successor legitimo, revestido de seus poderes e prerogativas; agora, porém, que morreu como bispo de Roma sem nada determinar a respeito

de successores, sem transferir em outro seus poderes, suas prerogativas, sendo, como provei, o primado de S. Pedro perpetuo, aquelle que lhe succedesse legitimamente na séde romana devia forçosamente ser seu successor, entrar no gozo dos mesmos poderes e prerogativas de S. Pedro. — E' assim a lei geral da successão, que estabelece que aquelle que depois da morte d'uma pessoa lhe succede legitimamente no emprego publico, no officio, é seu successor gozando das mesmas vantagens de que gozava o fallecido. Assim morto o rei, o príncipe herdeiro lhe succede em tudo. Le roi est mort! Vive le roi!

E com estas palavras ajustei minha conta com o articu-
lista. Mas, elle pede a nossa attenção para outro facto. Ouça-
mol-o: «Segundo o systema papal, a residencia de S. Pedro
« em Roma e o estabelecimento do primado alli, transmissivel
« pela linha de seus bispos, é coisa de tanta importancia como
« qualquer verdade de revelação divina. O amor do Pae, a en-
« carnção e morte expiatoria do Filho, as influencias transfor-
« madoras do Espirito Santo, os ensinosa e trabalhos dos Aposto-
« los, que sellaram seu testemunho com seu sangue, tudo, tudo
« é inteiramente inutil e sem effeito para nós se não adheri-
« mos «à sede de S. Pedro». Por outras palavras: o schisma
« é uma impiedade tão mortal, como o é o atheismo; por mais
« virtuoso e santo que seja o homem em outros respeito, por
« mais devoto que seja para com Deus, e afeiçãoado à sua pa-
« lavra, à sua lei, ao seu culto e ao seu serviço, e, por mais
« bemfazejo que seja para com seus semelhantes, tudo isto de
« nada lhe servirá, porque a mera separação de Roma é um
« crime não menos atroz do que o de rebellião contra Deus
« mesmo. O dogma, em resumo é este: NÃO HA SALVAÇÃO FORA
« DA IGREJA ROMANA. A residencia, pois, de S. Pedro em
« Roma, e o estabelecimento alli de seu pretendido bispado
« universal, transmissivel pela successão dos bispos romanos,
« *occupa precisamente o mesmo logar e tem a mesma importancia*
« *no systema romano que a encarnção e a residencia de Jesus*
« *Christo na terra tem no sytema chrisião.* Um e outro são o
« fundamento e a pedra angular dos dois systemas respectivos.
« Pois bem, poder-se-ha crêr que os apostolos soubessem da
« importancia d'esse dogma, e, no entretanto, nada dissessem
« sobre a materia em todos os preceitos e doutrinas que deixa-
« ram para direcção e instrucção da Igreja. Pode conceber-se
« que Deus tenha ordenado a necessidade de sujeitarmos-nos à
« pretendida cadeira de S. Pedro, deixando no entretanto o
« facto da estada d'este apostolo em Roma, por um só dia que
« fosse, tão destituído de testemunho contemporaneo como o é
« a peregrinação piedosa de Carlos V a Mecca, ou a explora-
« ção por Colombo dos mares polares? Fôra isso o mesmo que
« alguém edificar uma casa e se esquecer fazer-lhe a entrada,

« ou o constructor de um navio fazel-o forte e bello na parte superior e deixando o fundo desguarnecido e exposto a entrar-lhe o mar. E pôde-se imaginar que Deus deixasse este artigo importantissimo do credo christão (sem o qual tudo se perde) tão destituido de provas historicas como o estão as illusões de um delirio ou o sonho de uma noite? Acaso vemos esta especie de loucura nas *outras* obras de Deus? E' coisa crível para homens de são juizo, que Elle erigisse a sua Igreja sobre a base d'um facto, que se alguma vez occorreu, os apóstolos, S. Pedro mesmo, e todos os escriptores contemporaneos não reputaram bastante importante para mencionarem em seus escriptos, ao passo que deram a perpetuidade a dez mil coisas de importancia comparativamente trivial? Não. Não ha homem algum, sob pena de attrahir sobre si o ludibrio de toda a sociedade illustrada, que possa dar a semelhante assumpto um só instante de reflexão e ainda « affirme um absurdo tão temerario.

« Que deve, pois, resultar d'estas considerações? Resulta « que o homem que abdica em favor de outros a funcção de « pensar por si merece ser enganado por semelhante forma; « que o que deposita sua confiança nos assertos da tradição « assimilha-se ao que confia sua bolsa nas mãos do salteador; « que as pretensões exclusivas de Roma são a criação de papas soberbos e dominadores, e de suas creaturas servís; e « que o dogma da « Santa, Santa Sé », e sua importancia para « a Igreja de Christo, deve ficar precisamente onde o deixaram « os apóstolos de Nosso Senhor. Taes são os resultados que « indefectivelmente se seguem do que fica exposto ».

Respondo que mais adiante veremos quaes são os resultados que indefectivelmente se seguem d'este ultimo disparate do articulista.

Por emquanto digo: 1. Que se o que elle se compraz a chamar o systema papal, a residencia de S. Pedro em Roma, o estabelecimento do primado alli transmissivel pela linha de seus bispos, — fosse *dogma catholico*, teria para os catholicos tanto valor como qualquer outra verdade da revelação divina. A razão é porque o catholico na sua fé não distingue assim como os protestantes em *artigos fundamentais* e artigos *não fundamentais*; não; tudo tem para elle igual importancia, tudo é crido por elle com o mesmo grau de fé sobrenatural por causa da authoridade divina de quem lh'o revelou; e, se fosse chamado a professar sua fé pelo derramamento de seu sangue, gastal-o-ia tão gostosamente pela defeza da menos importante das verdades reveladas como para a das mais importantes.

Mas *não tudo* quanto o articulista acaba de enumerar é dogma catholico. O dogma catholico está contido nestas tres proposições: 1.^a Que S. Pedro recebeu de Jesus Christo o pri-

mado de honra e jurisdicção sobre toda a Igreja. 2.^a Que elle em seu primado sobre toda a Igreja por instituição divina tem successores perpetuos. 3.^a Que os Bispos Romanos são os successores de S. Pedro, no primado sobre toda a Igreja. Andou, pois, errado quando escreveu que *a residencia de S. Pedro em Roma era cousa de tanta importancia como qualquer verdade da revelação divina*. Não; a residencia de S. Pedro em Roma não nos é proposta como dogma de nossa fé. Negando-a não nos tornamos herejes, assim como somos herejes quando negamos o primado de S. Pedro, ou o primado dos bispos Romanos. A residencia de S. Pedro em Roma é o que se chama um *facto dogmatico*, isto é, um facto de que estamos certos porque está na intima relação com o dogma catholico, um facto que não podemos negar sem grande temeridade e sem grande peccado, mas que não nos é proposto como dogma de fé.

2. Que embora o schisma seja grande peccado não é como pretende o articulista *impiedade tão mortal como o é o atheismo*. A razão é clara, negando o authoridade do Papa é crime menor do que negar a existencia do proprio Deus. O primeiro é negar a Deus indirectamente, em seu representante, o segundo, negal-o directamente em si mesmo.

3. Que excluso o caso em que alguém se separa de Roma de boa fé, por erro invencivel e por isso não culpavel, — caso que se pôde dar com os que nasceram e foram educados numa seita religiosa fora da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, — é impossivel que uma pessoa que *reconhece como unica verdadeira Igreja de Jesus Christo, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e se nega a entrar nella*, por mais devoto que pareça ser para com Deus, ou bemfazejo para com o proximo, se salve. A razão é porque não satisfaz as condições que Deus lhe poz para a salvação; pois elle quer que todos se salvem *pela Igreja que instituiu para este fim*. Este acto de scientemente não entrar naquella Igreja, o que quer que diga o articulista é acto de *rebellião contra Deus*.

4. Que sendo a doutrina do primado de S. Pedro perpetuando-se em seus legitimos successores dogma tão importante não é de suppor, que os Apostolos sabendo d'elle nada dissessem sobre a materia em todos os seus preceitos e doutrinas que deixaram para direcção e instrucção da Igreja. Porém, *que coube ao articulista provar que o não tenham feito*, pois, como sabemos que os Apostolos *prégavam mais de viva voz* do que por escripto, que o *meio ordinario de doutrinação era a pregação* e a doutrinação por escripto só se fazia *occasionalmente*, pertence ao articulista provar que os Apostolos nada tinham dito a respeito, e isto tanto mais porque *já desde os primeiros tempos vemos os Bispos de Roma universalmente reconhecidos por todos*

tanto por escriptos como por factos como successores de S. Pedro e revestidos do primado.

5. Que não podemos conceber que Deus querendo que entrassemos na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, na Igreja onde reside o Papa, o successor de S. Pedro, revestido de seu primado deixasse o facto da estada de S. Pedro em Roma des-tituído de testemunhos contemporaneos, que por isso nós deu d'este facto testemunhos *indirectos na Escriptura Sagrada* como por exemplo sejam Act. XII: 17; Rom. I: 8-11; XV: 20; I Petr. V: 13, que concordam admiravelmente com a tradição romana, e outros *directos* nos do presbytero *João* e de *Aristeon* que eram contemporaneos dos Apostolos, nos de *Papias*, *Clemente* etc., que viviam nos tempos immediatamente seguem aos dos Apostolos; como tambem nas pedras e monumentos romanos do tempo apostolico.

6. Que Deus por conseguinte *não fez* assim como fariam aquelle architecto e aquelle constructor transloucados imaginados pelo articulista, e por isso que não ha lugar para suas loucas perguntas: «Acaso vemos esta especie de loucura nas outras obras de Deus? E' crível para homens de juizo», etc. etc... Que deve pois resultar d'estas respostas as considerações do articulista? Que o homem que exalta a sua razão a não querer sujeital-a á revelação divina merece ser enganado por semelhante forma; que o que deposita sua confiança nos asser-tos d'uma sciencia excogitada para combater a religião revelada assimilha-se ao que confia sua bolsa ás mãos do salteador, que as objecções mil vezes respondidas contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, são a criação de cabeças orgulhosas e teimosas obcecadas pelo espirito de partido, que o dogma do primado e tudo quanto está com elle em relação ficará na Igreja sempre intacto, no estado em que o deixaram os Apostolos do Senhor. Taes são os resultados que indefectivelmente se seguem do que fica exposto.

ARTIGO III

Foi S. Pedro Papa?

«Antes de entrar no exame d'esta celebre questão, diz o articulista, faremos duas observações, afim de dar maior clareza á discussão e evitar equívocos. Deve notar-se, em primeiro lugar, que os termos familiares com que é de costume designar S. Pedro e seus chamados successores se não encontram no Novo Testamento. Os títulos «Chefe dos Apostolos», «Pastor principal», «Cabeça da Igreja», «Santo Padre», «Vigario de Jesus Christo», «Vice-gerente de Deus», são in-

« venções dos seculos posteriores. Muitos d'elles são titulos proprios do Senhor Jesus, de que seus pretendidos servos como creados atrevidos e insolentes, se apropriam. E' facto importantissimo, e que não se deve esquecer, que no Novo Testamento e nos escriptos dos primeiros padres, S. Pedro não tem titulo algum que o distingua dos mais apóstolos ».

Paremos aqui. Que S. Pedro na Escriptura Sagrada não é designado com os mesmos termos com que elle e os seus successores actualmente são designados pelos catholicos, não pôde ser motivo para culpar os catholicos, ou reprovar os termos de que usam: pois *toda esta terminologia se baseia na Escriptura Sagrada*. Com effeito, se na Escriptura Sagrada S. Pedro, embora não fosse o primeiro chamado nem o mais velho dos Apóstolos, é chamado « o primeiro » (Matth. X : 2), se allí, como já provamos, no capitulo XXI « sobre a supremacia da Igreja », *Jesus, os proprios escriptores sagrados e os fieis lhe attribuem sempre o primeira lugar*, se elle mesmo *se comporta como o Chefe da Igreja* não ha motivo algum para invectar contra o titulo de CHEFE DOS APOSTOLOS. Se da *Escriptura Sagrada* se evidencia que *S. Pedro e só elle foi incumbido da pastoreação de toda a Igreja*, se a elle só foi confiado o encargo de apascentar não sómente os cordeiros mas tambem as ovelhas (João XXI: 15-17), é muito natural que elle e os seus successores são chamados « PASTOR PRINCIPAL ». Se nessas mesmas paginas S. Pedro é intitulado *a pedra em que Jesus edificou sua Igreja*, se a elle são *entregues as chaves do reino dos céos* (Matth. XVI: 16-19), haverá motivos de estranhar o titulo de CABEÇA DA IGREJA? Se Jesus antes de conferir a S. Pedro o encargo de Pastor principal lhe pergunta: *se elle () ama mais do que os outros Apóstolos* (João XXI: 15), (devido um mais subido grau de amor ser o distinctivo de principe dos Apóstolos), ninguém se negará a chamar a S. Pedro e aos seus successores « SANTO PADRE ». Emfim, se, como se vê na Escriptura Sagrada, *Jesus em ponto da subir ao céu entregou a S. Pedro o governo de toda a Igreja* (João XXI: 15-17), deixando-o por consequente neste mundo como seu logar-tenente, não ha quem possa objectar contra o titulo de « VIGARIO DE JESUS CHRISTO », « VICE-GERENTE DE DEUS ». Embora, pois, os titulos com que costumamos designar a S. Pedro e seus successores não se achem na Escriptura Sagrada com outras tantas palavras: o que nella se lê é a *coisa a qual correspondem esses titulos*, e é quanto basta. E que muitos d'esses titulos são titulos proprios de Nosso Senhor Jesus Christo não impede applical-os tambem a S. Pedro e seus successores; nisto não ha atrevimento nem insolência: pois do mesmo modo applicamos a outros os titulos de « Pae », de « Mestre », de « Senhor », que segundo a Biblia são titulos proprios de Deus. Emfim, o facto importantissimo de que falla o

articulista, — que nem no Novo Testamento, nem nos escriptos dos primeiros padres não ha titulo algum que distinga S. Pedro dos mais Apostolos, — este facto quanto ao Novo Testamento não existe. Pois alli S. Pedro é chamado « o primeiro », é chamado « Kepha » « pedra », etc. etc.; e quanto aos primeiros padres da Igreja, se nelles (fallo aqui dos padres do primeiro e da primeira parte do segundo seculo) ainda não se lêem os titulos com os quaes nós já nos acostumamos, não é porque os rejeitassem, pois seus escriptos contêm a cousa á qual correspondem estes titulos, mas porque não pensavam nisso. Se tivessem previsto que ao correr dos seculos os inimigos do Papado d'elles se valeriam para combaterem o primado de S. Pedro e dos successores d'elle, decerto os teriam empregado, sendo esses titulos a consequencia necessaria da doutrina prégada em seus escriptos. Por conseguinte, *o silencio dos primeiror padres de todo não é facto IMPORTANTISSIMO.*

Da primeira, o articulista passa á segunda observação. Acompanhemol-o :

« A outra observação preliminar é que, para ser coherente
« o systema papal, cumpre que exista o mesmo grau e a mesma especie de subordinação entre os apóstolos, em suas relações com S. Pedro, e os que ora se observam na jerarchia Romana. E' claro que o ribeiro não pode subir mais alto do que a sua nascente, e que o herdeiro não póde herdar mais do que possui o proprietario original; por outras palavras, o successor de S. Pedro não póde herdar d'este uma preeminencia que elle não teve. Isto posto, succede que, enquanto os papas reclamam ser successores de S. Pedro, todos os bispos romanos » [se eu bem comprehendo ao articulista, elle quer dizer não os bispos da séde romana mas os da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, diffundidos por todo o mundo], « reclamam (e os papas reconhecem as suas pretensões) ser successores dos mais Apostolos.

« A natureza do caso exige que a segunda pretensão seja tão veridica como possa sel-o a primeira; de modo que, se o papa herda as prerogativas de S. Pedro, os bispos herdam igualmente as de S. Paulo, S. Thiago, S. João, etc.; porém se os bispos não herdam as dos mais apóstolos, tão pouco herda o papa as suppostas prerogativas de S. Pedro. E' indubitavel, pois, que, se ha alguma coisa da verdade das pretensões papaes, os apóstolos renderam a S. Pedro a mesma homenagem e a mesma obediencia que o bispo de Roma exige dos mais bispos da christandade papal. Portanto, se houver provas de que tal subordinação a S. Pedro não existiu entre os apóstolos, teremos plena razão para concluir que a supremacia do papa não é legitima e não passa de uma usurpação ultrajante.

« Não queremos entrar agora no labyrintho de interpreta-
 « ções contradictorias a respeito de aquella celebre passagem:
 « « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja »
 « (Matth. XVI: 16-19). E' a UNICA passagem que os mais ar-
 « dentes defensores da prerogativa papal podem citar como
 « prova directa em seu favor, pois que as outras que citam
 « são meramente corroborantes, e, portanto, nada valem, a me-
 « nos que o facto seja estabelecido por meio de prova directa.
 « Propomo-nos a fazer algumas indagações que provam em toda
 « a sua luz a insustentavel interpretação papal. Feito isto será
 « superflua uma refutação formal ».

Antes de nos occupar das indagações do articulista, me-
 seja permittido fazer umas observações sobre que escreveu,
 talvez estas observações tambem me dispensem d'uma refuta-
 ção formal de seus erros. 1ª observação: que o citado texto de
 S. Matth. XVI: 16-19 seja a UNICA passagem da Escriptura Sa-
 grada que os catholicos invocam em favor do primado e que
 as outras sejam só corroborantes é *simplesmente mentira*. No
 capitulo XXI sobre a supremacia da Igreja, citei muitos outros.
 Basta lembrar aqui o texto de S. João XXI: 15-17, que con-
 tem a prova mais peremptoria do primado de S. Pedro. Pois é
 o cumprimento da promessa de S. Matth. XVI: 16-19; o que
 promettêra Jesus em Matth. XVI: 16-19 cumpre-o em S. João
 XXI: 15-17; em S. Mattheus Jesus promete investir o Apostolo
 S. Pedro do primado, em S. João cumprindo sua promessa, de
 facto d'elle o investe.

2ª Observação: A asserção, que deve existir o mesmo
 grau e a mesma especie de subordinação entre os Apostolos
 em suas relações com S. Pedro e os que agora se observam
 na jerarchia romana não é *absolutamente verdadeira*. Pois, em-
 bora os Apostolos estivessem sujeitos a S. Pedro, seus poderes
 e suas prerogativas eram maiores do que os dos Bispos actuaes,
 e por conseguinte não eram tão sujeitos a S. Pedro como os
 Bispos actuaes ao Papa. A razão se acha na differença que ha
 entre a Igreja que estava para fundar-se, e a Igreja que já
 estava fundada. Para fundarem a Igreja precisavam os Aposto-
 los não sómente de graças extraordinarias como do dom dos
 milagres, da prophecia, das linguas, senão tambem de dons e
 prerogativas oextraordinarias como *da infallibilidade pessoal, de*
jurisdição pessoal e illimitada pelo mundo inteiro. Nestas cousas
 portanto, não dependiam de S. Pedro. Mas o que era absoluta-
 mente necessario para a *fundação* da Igreja não era tão neces-
 sario para a *conservação* da Igreja já fundada. Por isso, esses
 dons, esses poderes, essas prerogativas *extraordinarias* não pas-
 saram do collegio dos Apostolos em seus successores. D'ahi
 segue 1º que o que era em S. Pedro prerogativa *extraordina-*
ria não passou nos Papas, e o que era prerogativa *extraordi-*

naria nos Apostolos não passou nos Bispos. 2º que os Bispos em quem não passaram a infallibilidade pessoal de cada Apostolo nem sua jurisdicção pessoal e illimitada pelo mundo inteiro *são mais sujeitos ou subordinados ao Papa do que os Apostolos a S. Pedro*, e que por conseguinte, não podemos dizer com o articulista, o papa herda as prerogativas de S. Pedro, os bispos herdam igualmente as de S. Paulo, S. Thiago, S. João, etc., etc...

Dito isto, vejamos o que se nos objecta.

«I. Se, como dizem os escriptores romanos, as palavras: «Tu és Pedra», constituiram a S. Pedro como «chefe dos apostolos» e fundamento da igreja verdadeira, como é que «tres evangelistas as omittem? S. Marcos e S. Lucas (Marc., VIII: 29; Luc. IX: 20) referem a nobre confissão feita por S. Pedro da divindade do Senhor; a qual deu motivo ás palavras que Jesus lhe dirigiu; e, se estas palavras encerram, como se nos assegura, a propria vida do Christianismo, como se atreveram estes a omittil-as. Seria por inveja? Não por certo».

Responde: Logo que o articulista puder dar-me a razão terminante porque chove hoje e não choverá amanhã, também eu lhe darei a razão porque só S. Mattheus allega as palavras «Tu és Pedro», etc., ao passo que os outros Evangelistas as omittem. O que o articulista esquece aqui é que a Escripura Sagrada é um livro *inspirado*, que os escriptores sagrados só escreveram *o que o Espirito Santo lhes inspirou* e que por conseguinte ninguem póde explicar porque tal escriptor escreveu isto, e omittiu aquillo.

Além d'isto, é opinião hoje em dia, admittida por todos, que cada Evagelista escreveu com um *differente fim apologetico-dogmatico*. Por isso, cada um d'elles devia, da grande abundancia de tradições apostolicas e de narrações já existentes da vida de Jesus fazer uma escolha apropriada ao fim que proseguia. Ora, nesta escolha o *subjectivismo* sempre influe muito. Refere-se isto, deixa-se aquillo, commemora-se um factio, omittete-se outro. Porque? Não se sabe, é subjectivismo.

Emfim, embora os tres mais Evangelistas não narrem a *promessa* do Primado feita a S. Pedro, não deixam de *salientar a cada instante a preeminencia de S. Pedro* sobre os mais apostolos. Ha mais S. Lucas XX: 32 e S. João XXI: 15-17 reconhecem *terminantemente* este privilegio. — E com isto respondi á pergunta do articulista.

«II. Vem a caso perguntar se os apostolos entenderam «estas palavras, segundo a interpretação papal. Os catholicos romanos dizem que nada póde ser mais claro, mais concludente do que estas palavras, e que até um cego póde vêr que constituiram a S. Pedro, papa. Pois bem; como as entenderam aquelles a quem ellas foram dirigidas? Parece que, em lugar de terem sido concludentes para estes, foram antes

« causa de contendas mesquinhas a respeito da referida supremacia, que elles como historiadores fieis, referem para sua propria vergonha : e julgamos assim, porque, não se fazendo menção de taes contendas, antes de aquella epocha, referem-se muitas outras posteriores. E, com effeito, se estas palavras tivessem sido concludentes em favor de S. Pedro, como dariam logar a contendas frequentes sobre « qual d'elles seria o maior » (S. Marc. IX : 34, Matth. XVIII : 1 : XX : 28). Estas disputas ficaram sem decisão até a morte do Senhor, e e ainda vemos os discipulos no meio das tristes scenas da « ultima Ceia disputando « qual d'elles se devia reputar o maior » (Luc. : XIV : 24). E se aquelles a quem foram dirigidas estas palavras não as tiveram por concludentes em favor de S. Pedro como é possível que o sejam para nós ? »

Respondo : 1. De que os Apostolos talvez entendessem mal aquellas palavras de Jesus Christo (Matth. XVI : 16-19) *não se pode tomar argumento sério para negar a verdade contida nellas*. Pois, como sabemos pela Escriptura Sagrada, isto lhes acontecia a miudo, de sorte que Jesus, mais d'uma vez, devia entrevir para lhes esclarecer o entendimento. O verdadeiro ou pretendido mal entendido dos Apostolos, por consequente, em nada affecta a verdade contida nessas palavras, ellas ficam significando o que obvia e necessariamente enunciam. Ora, todo aquelle que lêr com espirito pacato e desprevenido Matth. XVI : 16-19, será convencido de que Jesus Christo promette alli a S. Pedro o primado, mormente se depois comparar as palavras de S. Mattheus com as de S. João XXI.

2. Que se os Apostolos talvez antes da morte de Jesus não entendessem bem a promessa do primado feita por Jesus a S. Pedro, *a comprehenderam muito bem depois da Resurreição de N. S. Jesus Christo, e depois de terem assistido á investidura de S. Pedro no primado* (João XXI : 25-17). A prova é que desde aquelle tempo não sómente cessaram todas as disputas sobre a preeminencia, mas que os escriptores sagrados desde então dão a Pedro o primeiro logar e o reconhecem como Chefe da Igreja, como claramente prova a viagem de S. Paulo a Jerusalém feita expressamente para honrar a S. Pedro.

O verdadeiro ou supposto mal entendido dos Apostolos, portanto, nada prova contra o primado de S. Pedro.

Eis a terceira indagação do articulista.

« III. Se o Senhor quíz investir S. Pedro d'este cobiçado « primado, nas palavras já bastantemente citadas, e se seus « apostolos, na cegueira de seu amor proprio não as entenderam assim, como é que o Salvador, que costumava repetir « muitas vezes as suas mais importantes doutrinas, perdeu « tantas opporrtunidades de emendar essa falta e salvar esta « doutrina vital ? Como é que não lhe disse, uma vez por to-

« das, que não havia motivos para contendas, por isso que Elle
 « lhes havia já imposto a S. Pedro como chefe e senhor? Co-
 « mo se explica que em vez de assim praticar, lhes admoes-
 « tas-e: « Um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos? »
 « (Matth. XXIII : 8). Qual é o homem de bom senso que possa
 « crêr que Nosso Senhor quiz estabelecer entre elles um prin-
 « cipado espiritual, parecido a reino terrestre, quando em to-
 « das as occasiões de contenda entre elles a respeito do pri-
 « mado lhes reprehende a ambição mundana e lhes diz : « ENTRE
 « VÓS NÃO DEVE SER ASSIM; mas todo o que quizer ser o maior
 « deve ser o que vos ministre, e todo o que entre vós quizer
 « ser o primeiro esse deve fazer-se o servo de todos » (Marc.
 « X : 43-44); e em outro lugar : « Se alguém quer ser o pri-
 « meiro será o ultimo de todos » (Marc. IX : 84); e ainda :
 « « PORQUE O QUE ENTRE VÓS É O MENOR ESSE É O MAIOR » (Luc.
 « IX : 48). Se isto não demonstra que o *único primado* que Jesus
 « reconheceu entre seus apóstolos era o de ser cada um o pri-
 « meiro na humildade, no zelo, nas boas obras e no serviço
 « dos mais, conforme o exemplo que Elle lhes deu, a repre-
 « prehensão e o preceito não têm absolutamente significação
 « alguma ».

A estas palavras eu poderia responder: quem sabe se
Jesus não fez o que nega o articulista que Elle fizesse. Pois
não tudo quanto Jesus fez está escripto, diz S. João. Muitas cou-
 sas que elle fez ficaram entregues ao esquecimento. Porém,
 isto seria uma victoria bem barata, nem satisfaria a todos. Por
 isto, sustento que *Jesus fez o que o articulista nega que Elle fi-
 zesse*. Fel-o na ultima Ceia, e temos a prova em Lucas XXII :
 24-27. « Excitou-se, narra o Evangelista, entre elles a contenda,
 « qual d'elles devia ser julgado o maior. Porém, Jesus lhes
 « disse: Os reis dos gentios são os que os dominam, e os que
 « teem poder sobre elles são chamados bemfeitores. Vós, po-
 « rêm, não haveis de ser assim, antes o QUE É O MAIOR ENTRE
 « VÓS FAÇA-SE COMO O MENOR, E O QUE MANDA SEJA COMO O
 « QUE SERVE. Porque qual é maior, o que está á mesa ou o que
 « serve? Não é, porventura, o que está á mesa? Eu, porém,
 « estou no meio de vós como aquelle que vos serve ».

D'este texto vemos que Jesus *não reprova a dignidade,
 a autoridade em seus Apóstolos*, mas a *dominação e o fasto*.
 Este texto suppõe claramente que entre os Apóstolos *ha quem
 seja maior que os outros, quem munde sobre elles*. A elle mór-
 mente Jesus propõe o seu exemplo de humildade. Assim como
 Elle que apesar de ser o mais elevado em dignidade se humi-
 lha até servir aos que lhe são incomparavelmente inferiores,
 assim também o *Apostolo que prima entre os outros* por sua di-
 gnidade e elevação ha de tornar-se o mais humilde de todos,
 o servo de seus inferiores.

Este texto, por conseguinte, refuta cabalmente todas as palavras do articulista.

Ha mais, os mesmos textos da Escriptura onde se falla de disputas dos Apostolos sobre a preeminencia, e estes textos são muitos, provam bastante claramente, contrario á asserção de nosso contendor, que Jesus fallava repetidas vezes sobre aquelle que entre elles seria o maior; com outras palavras, sobre o que seria o chefe do collegio dos Apostolos; pois se Jesus tivesse por costume de gravar-lhes no espirito que *todos seriam iguaes*, como então explicar, que elles sempre disputavam sobre qual d'elles seria o primado. E d'este modo a arma com que o articulista nos quiz ferir se torna contra elle. Passemos á outra indagação.

«IV. E' um facto bem expressivo que S. Pedro nem re-
« clama nem faz a mais remota insinuação de haver possuido
« a alta auctoridade que seus pretendidos successores reclamam
« tão ruidosamente em seu nome. Suas epistolas bem differen-
« tes das bullas e allocuções dos papas, principiam simples-
« mente assim: «Simão Pedro, servo e apostolo de Jesus
« Christo», etc.

«Do Senhor Jesus, na verdade, elle diz: «Esta é a Pedra
« que foi reprovada por vós, architectos, que foi posta pela
« primeira fundamental do angulo, e não ha salvação em ne-
« nhum outro. Porque do céu » etc. (Act. IV : 11-12) : e este parece
« ter sido um topico favorito para elle (veja-se I Petr. II : 4-6);
« porém, se o devemos julgar por suas predicas e por suas
« epistolas, elle não tinha idéa alguma de ser pedra de funda-
« mento e chefe de seus irmãos : — descoberta esta que estava
« reservada para alguns de seus mais felizes successores. Que
« razão, pois, pôde dar-se para este silencio tão profundo a
« respeito de seu primado, quando os mais apostolos e todos
« os christãos, deviam submeter-se a elle sob pena de perdi-
« ção? Os defensores de seu primado respondem que foi isso
« devido á sua modestia pessoal. Que desgraça que todos os
« seus successores não lhe tivessem herdado essa modestia!
« Porém, sabe-se que muitas vezes o silencio é a tradição; e
« S. Pedro não podia ignorar que a respeito d'uma doutrina
« tão vital (o primeiro dos artigos da fé, porque é o funda-
« mento de todos os mais), semelhante modestia teria sido cri-
« minosa no mais alto grau. Se Nosso Senhor, em razão d'uma
« falsa modestia, tivesse do mesmo modo occultado ser Filho
« Eterno de Deus, onde estaria hoje em dia o Christianismo?
« Seria por não haver motivo para que S. Pedro rompesse o
« seu silencio modesto (o que, na verdade, não o caracteriza),
« por isso que todos reconheciam o seu primado e publicavam
« o facto de bom grado? Vejamol-o».

Deixando sem commentarios as amabilidades dirigidas pelo

articulista aos Papas, e sua apreciação do dogma do primado de S. Pedro como o primeiro dos artigos de fé, respondendo: Que se S. Pedro em seus próprios escriptos não fallou de seu primado, não foi sómente por modestia que o fez, mas tambem porque este dogma era reconhecido por todos, e não houve logar para o defender contra os ataques dos herejes. Porém, se elle mesmo, a respeito de seu primado, nada deixou por escripto, e nem permittiu que seu discipulo S. Marcos (VIII: 29) o descrevesse, não deixou de se mostrar claramente como Chefe dos Apostolos, cada vez que a necessidade lh'o mandava. Elle ainda no cenaculo de Jerusalém é o primeiro a exhortar o collegio dos Apostolos, a eleger, em lugar de Judas o traidor, o Apostolo Mathias (Act. I: 15); elle no dia de Pentecostes em nome do collegio dos Apostolos prêga o primeiro sermão (Act. II: 14); elle recebe os primeiros fieis na Igreja (Act. II: 38); elle percorre todas as partes do mundo, quer para fundar Igrejas, quer para fiscalisar as Igrejas já fundadas (Act. IX: 32); elle é primeiro avisado da entrada dos gentios na Igreja de Christo e o primeiro que os recebe (Act. X); elle abre e fecha o primeiro concilio em Jerusalém (Act. XV: 7-12); etc., etc. Por conseguinte, o silencio bem explicavel de S. Pedro a respeito de seu primado em nada prejudicou a crença catholica, que já admittiu este dogma e na vida de S. Pedro viu sua confirmação, e por isso não ha logar para comparar o silencio de S. Pedro com o de Jesus, ou de forcejar d'elle uma arma contra o primado. O articulista, comtudo, não deixa tão facilmente seu argumento tomado d'este silencio, continúa:

« V. Se a modestia de S. Pedro sobrepujava a este respeito o seu costumado bom senso, por certo que os mais apostolos, seus humildes e fieis servidores teriam declarado, em logar d'elle, que o Senhor nomeara a S. Pedro e a seus successores de Roma como seus representantes acreditados na terra, contra quem a rebellião seria igual á rebellião contra o proprio Senhor. Se esta fosse a verdade, era incontestavel a sua importancia; e, no entanto, os mais apostolos guardam a este respeito o mesmo silencio que guarda S. Pedro. Temos 26 epistolas (incluindo as sete do Apocalypse e omitindo as duas de S. Pedro), escriptas pelos apostolos ás igrejas; ainda ali se não encontra o nome de S. Pedro senão em duas d'ellas, onde ella figura d'um modo pouco favoravel á causa de seu primado. E, apezar d'isso, atrevem-se elles a protestar que estavam « limpos do sangue de todos, porque não tinham deixado subterfugio para vos deixar de annunciar *toda a disposição de Deus* » (Act. XX: 26-27). Está claro que os papistas supprem este defeito de importancia vital, recorrendo á mina da commoda e inexgotavel exploração da tradição. Sem duvida os apostolos mostraram uma

« sabedoria e previsão extraordinarias, *escrevendo* tantas coisas triviaes e de pouca importancia, ao passo que deixaram á *tradição oral* o encargo de transmittir as doutrinas fundamentais, *unicas* que dão valor e vitalidade ás mais! »

Respondo ; nego : 1.º que os catholicos para defenderem o dogma do primado de S. Pedro *recorram primeiro que tudo á tradição*, pois a Escriptura Sagrada lhes proporciona provas de sobejo.

2.º, que *os mais Apostolos guardem a respeito do primado o mesmo silencio* que S. Pedro. Acaso S. Matheus, S. João e S. Lucas não são Apostolos ou Evangelistas ? Pois bem, todos em seus respectivos Evangelhos fallam do primado ; S. Matheus refere a *promessa do primado* ; S. João o *cumprimento da promessa*, S. Lucas a *obrigação de confirmar na fé os mais Apostolos*.

3.º, que o nome de S. Pedro figure em alguma das epistolas d'um modo pouco favoravel á causa do primado.

4.º, que houvesse necessidade de fallar do primado em alguma das epistolas dos Apostolos. A razão é porque as epistolas dos Apostolos não foram escriptas para serem manuaes completos de theologia dogmatica ou moral, mas sómente para providenciar *nas necessidades do momento*. Foram escriptas occasionalmente para consolidar aos a quem foram dirigidas na fé, restituir ou fortalecer entre elles o laço de amor fraternal, avisal-os de qualquer perigo, combater peccados e heresias ; e por isso o silencio que ellas guardam a respeito do primado não póde ser arma para combatel-o. Mas insta o articulista :

« VI. Se houvesse um papado na igreja apostolica, como é « que S. Paulo enumerando os officiaes permanentes e extra-ordinarios da Igreja de Deus, teve a ousadia de omittir a « supremacia de S. Pedro, allegando que Deus « puzera na « igreja em *primeiro logar os apostolos*? » (I Cor. XII : 28).

Respondo : que esta objecção pueril causa dó e offende a sã razão de quantos a lêrem. O Apostolo no citado texto nem pensa especialmente em S. Pedro mas *só no collegio dos Apostolos*, e por isso nada diz a respeito de seu primado. O intento do Apostolo é provar que a Igreja de Jesus Christo é um corpo mystico semelhante ao corpo humano que consta de muitos membros cada um dos quaes tem operações differentes e um logar que lhe é proprio. Desenvolvendo, pois, este pensamento, S. Paulo diz (XII : 27) : « Vós, pois, sois corpo de Christo e os « membros de um membro » (XII : 28). « Desta forma a uns cer-« tos poz Deus na Igreja, primeiramente apostolos, em segun-« do logar prophetas, em terceiro doutores, depois os que têm « virtude de obrar milagres », etc. etc. Ora, quem não vê que nesta enumeração não ha logar para nomear especialmente S. Pedro e fallar de seu primado ? S. Paulo quer simplesmente dizer que entre os fieis os que vêm no primeiro logar como pessoas a

quem Jesus confiou a prégacao e divulgação do Evangelho são os *doze Apostolos*, sem occupar-se da hierarchia que talvez entre elles haja. Por conseguinte, nem é ousadia em S. Paulo de omittir a supremacia de S. Pedro, é consequencia natural de seu intento. Temos mais duas indagações. Ell-as.

« VII. S. Paulo, pelo seu zelo em prégar a abolição do ritual mosaico, que os christãos judeos observavam escrupulosamente (Act. XXI: 20-21), teve muitos inimigos d'entre elles, e os denominava « falsos irmãos » (II Cor. XI: 26). Elles o menosprezavam, comparando-o invejosamente a S. Pedro, o grande apostolo dos judeos, negando que elle fosse apostolo, e assegurando que, pelo menos, era inferior aos primeiros apostolos e que recebera d'elles o seu apostolado, e era responsável a elles. Estes escarneos mesquinhos e profundamente penosos e prejudiciaes obrigavam-no a fazer repetidas defezas de seu apostolado. Porém, se estes « falsos irmãos » tiveram razão, se S. Pedro foi papa, e por isso teve auctoridade e dominio sobre S. Paulo e os outros apostolos, com que apparencia de verdade pôde S. Paulo protestar contra seus inimigos, dizendo que era « apostolo » não pelos homens nem por algum homem » (Gal. I: 1); « que o Evangelho que elle prégarava não o recebeu nem aprendeu de homem algum, mas sim pela revelação de Jesus Christo » (Gal. I: 12); que quando foi chamado por Deus para prégar o Evangelho entre os gentios, não se accommodou á carne nem ao sangue, nem foi a Jerusalém aos que eram Apostolos antes d'elle » (Gal. I: 16-17), que annos depois, quando estava com elles, « nada lhe communicaram? » (Gal. II: 6) E que insolencia « não é o seguinte protesto: « em nada fui inferior aos mais excellentes apostolos? » (II Cor. XII: 11).

Respondo: *que as defezas de S. Paulo não attestam pró nem depõem contra o primado de S. Pedro*; quer S. Pedro fosse quer não fosse Papa, S. Paulo sempre se deveria ter defendido d'este modo. Atacaram-no em sua dignidade de Apostolo negando-lhe este privilegio. Pois bem, que faz o Apostolo? Sustenta seu apostolado dizendo que embora não tivesse conversado durante tres annos com Jesus Christo, assim como os mais Apostolos, não deixou de ser Apostolo assim como elles, instruido em toda a religião por revelação divina; que sua vocação ao Apostolado veio tanto como a dos mais Apostolos não dos homens mas de Deus; que elle por isso logo que conhecesse sua vocação para prégar aos gentios o Evangelho, foi prégar sem pedir licença aos mais Apostolos visto que o proprio Deus lhe déra esta missão; que, quando annos depois esteve com os Apostolos, estes não lhe fizeram reparo algum, porque sua doutrina era inteiramente igual á d'elles; que por isso pôde

dizer que se os mais são Apostolos também o é elle, e que neste respeito em nada é inferior aos mais excellentes Apostolos. A consideração do primado de S. Pedro, portanto, de todo não entra na argumentação do Apostolo; *fallando de si na qualidade de Apostolo S. Paulo* SEM PREJUDICAR AO PRIMADO DE S. PEDRO, pudera até ter dito: em nada fui inferior aos mais excellentes Apostolos nem sequer a S. Pedro.

Mas, continua o articulista:

«VII. Se S. Pedro teve o primado apostolico, e por isso, auctoridade e dominio sobre toda a Igreja, como se atreveu S. Paulo a assegurar (Gal. II: 7-9), que Deus confiara a S. Pedro «o apostolado da circuncisão» (ou dos judeos) e a elle o dos gentios, tomando para si o titulo de «Apostolo dos gentios?» (Rom. XI: 13). Os romanistas dizem que isto era uma divisão subalterna de tarefas; mas porque não diz isso S. Paulo? Como não seria bello e submisso se o arcebispo de Paris, em uma de suas pastoraes dissesse: «Deus encomendou ao bispo de Roma as almas dos estados do Papa e a mim as da França; portanto elle deve cuidar das suas e eu das minhas. Não sou seu inferior, não sou bispo d'elle nem por elle, nem tão pouco lhe sou responsavel, mas unicamente ao Senhor».

«Sem duvida tal pastoral causaria grande celeuma no mundo papal; o successor de S. Pedro examinaria, inquieto, a estabilidade da sua cadeira, e o atrevido arcebispo ouviria immediatamente, ao longe, os trovões do Vaticano. Seria isso, por certo, grande novidade neste dia de obediencia passiva, posto que bem semelhante á resposta com que no século III, o aferrado Cypriano de Carthago repelliu as pretensões do arrogante Estevam, bispo de Roma. Porém, se, segundo o dogma papal da successão apostolica, elle fosse um descendente lineal de S. Paulo, herdando as suas prerogativas, não teria razão de responder assim ás pretensões do successor de S. Pedro? Se não, «o patrimonio de S. Pedro», graças á frugalidade e industria incansavel de seus herdeiros, deve ter-se augmentado assombrosamente, desde que elle fez seu testamento, enquanto que o de S. Paulo foi vergonhosamente esbanjado pelos prodigos que o herdaram. — A Christandade européa é de origem *gentilica*, e não seria sem exemplo na historia dos reinos d'este mundo, que algum atrevido, d'esses falsamente chamados «successores dos apostolos», traçasse a sua genealogia espirital até ao «apostolo dos gentios», e, declarando o papa um usurpador, mandasse o successor do «apostolo dos judeos» buscar os restos do seu gremio onde os podesse achar».

Respondo: que nem o titulo de Apostolo dos gentios que S. Paulo reivindica para si, nem os trabalhos correspondentes

a este titulo, em nada contrariam ao primado, isto é, a authoridade e dominio de S. Pedro sobre toda a Igreja. Pois, vemos que S. Pedro, apesar de S. Paulo ser o Apostolo dos gentios, trabalha, tanto antes da conversão de S. Paulo como depois d'ella, tambem á salvação dos gentios. Ora, se S. Pedro não tivesse tido authoridade e dominio tambem sobre os gentios, (isto é, sobre toda a Igreja composta de christãos judeos e christãos gentios), não o poderia ter feito, pois que teria sido usurpação dos direitos exclusivos e pessoas de S. Paulo. Nem o titulo de «Apostolo dos gentios» particular a S. Paulo, nem o de «Apostolo dos judeos» particular a S. Pedro, por conseguinte, *contrariam ao primado de S. Pedro*. Muito embora; *este ultimo titulo parece até favorecel-o*, porque mostra que a S. Pedro foi confiada a parte *mais distincta, mais nobre* do rebanho, isto é, *o povo dos judeos*, o qual era o povo privilegiado de Deus, o povo que Deus até então *tinha preferido ao dos gentios*.

Por isso não quero occupar-me d'esta divisão de tarefas entre os dois Apostolos de que falla o articulista, pois quer ella exista quer não, quer seja feita só por inspiração divina ou com approvação de S. Pedro, nada tem que ver com a propria objecção.

Só quero dizer uma palavra d'essa divertida supposição da pastoral do arcebispo de Paris. Mesmo no caso que elle fosse *descendente lineal de S. Paulo, não teria direito de fallar assim*. A razão é clara, já a demos. Os poderes e prerogativas *extraordinarios dos Apostolos não passaram em seus successores*. Ora, entre esses poderes e prerogativas extraordinarios conta-se tambem *a jurisdicção completa e pessoal que tinha cada Apostolo em TODOS OS FIEIS DO UNIVERSO*. Esta jurisdicção era necessaria no principio quando se tratava de fundar a Igreja, cessou porém de ser necessaria depois de fundada a Igreja. Actualmente os bispos não têm senão uma jurisdicção *limitada á Igreja que governam, e essa Igreja só a têm por missão do Papa*. Por conseguinte, nem o arcebispo de Paris, nem qualquer outro bispo da Christandade europea, que é de origem gentilica, teria o direito de «declarar o Papa usurpador e mandal-o buscar os restos do seu gremio onde os podesse achar». E quanto ao exemplo de Cypriano, bispo de Carthago, — todos os catholicos o reprovam. Dito isto, passemos á ultima indagação do autor.

«IX. Apresentamos sómente dois exemplos mais (ainda «que muitos sejam os que poderíamos citar) que nos parecem «prestar muito apoio ao papado de S. Pedro: o primeiro (Act. «VIII: 14), o *dos Apostolos e S. Pedro*, para pregar em Samaria (os bispos mandando o papa a uma missa de pregação!); «o segundo (Gal. II: 11-14), a da publica e ferina reprehensão «são com que S. Paulo reprovou a dissimulação de S. Pedro

« em Antiochia, indicando todas as circumstancias em que
 « existia a mais perfeita igualdade entre os dois. — Estes dois
 « exemplos são mais que sufficientes para demonstrar que de-
 « lira todo aquelle que crê achar entre os apóstolos alguma
 « coisa parecida com a supremacia papal. A falta do sol á meia
 « noite não é mais notavel do que o é a falta de um papado
 « na Igreja apostolica, e, seja qual for a interpretação das pa-
 « lavras « Tu és Pedro », confiamos que todo o leitor concor-
 « dará que a interpretação papal fica excluida sem remedio ».

Graças a Deus, respondo eu, que nós temos outra con-
 fiança. O judicioso leitor que leu attenta e desprevenidamente
 as refutações claras, simples e terminantes que fizemos das
 objecções do articulista, sabe que pelas palavras « Tu és Pedro »
 a interpretação protestante e methodista fica excluida sem re-
 medio. Examinemos agora os seus famosos dois exemplos. Em
 Act. VIII; lemos: « Mas quando os *Apostolos* que estavam em
 « Jerusalém ouviram que a Samaria havia recebido a *palavra*
 « *de Deus, enviaram* para lá a *Pedro e João* ». Eis pois o fa-
 moso texto « de os bispos mandando o papa a uma MISSA de
 prédica! » Valeria a pena exigir do articulista que nos expli-
 casse o que que é UMA MISSA DE PRÉDICA? Em todo o caso
 seria muito divertido vêr os seus esforços para explicar uma
 cousa que não existe senão talvez na imaginação dos mente-
 captos. Mas não quero divertir-me á sua custa. Voltemos pois
 á objecção e toda a força do argumento está nisto: que os
Apostolos enviaram a S. Pedro. — Ora, enviar uma pessoa para
 outro lugar é acto de jurisdicção. — Logo os Apostolos exer-
 ceram um acto de jurisdicção em S. Pedro. Como, porém, o que
 exerce jurisdicção em outra pessoa sob este respeito é superior
 áquelle em que exerce sua jurisdicção, segue-se que S. Pedro
 não podia ser superior aos por quem foi enviado; por conse-
 guinte, que não possuia o primado. Digo que d'este raciocinio
 segue-se mais outra cousa á qual o articulista não reparou e
 que de per si basta para provar que a explicação que dá ao
 texto não pôde ser o genuino. Pois segue-se que neste caso os
Apostolos eram superiores a S. Pedro, com outras palavras que
elles tinham o primado. Ora, nenhum protestante será capaz
 de sustentar esta enormidade, pois, se elle nega a S. Pedro o
 primado, não é para exaltar os mais Apóstolos acima de S.
 Pedro, mas sómente para asseverar que todos os Apostolos
 eram iguaes, que entre elles não houve quem mandasse. E'
 pois evidente que, quando a Escriptura Sagrada diz, que S. Pedro
 foi mandado pelos Apostolos a Samaria, não quer dizer com
 isso que os Apostolos *mandaram* a S. Pedro que fosse a Sama-
 ria, que partindo para Samaria S. Pedro *obedeceu a uma ordem*
 que lhe foi dada pelos Apostolos.

O texto quer simplesmente dizer, que apresentando-se a

questão, quem d'elles iria a Samaria, os Apostolos de commum combinação e com a approvação do proprio S. Pedro resolve-ram que seriam S. Pedro e S. João; e d'este modo desvanecese a primeira difficuldade. O primeiro exemplo nada provou contra o primado de S. Pedro. Vem o segundo, o da publica e *ferina* reprehensão de S. Pedro por S. Paulo. (O articulista, um habil pintor diz *ferina* para carregar mais o fundo do quadro). Nem este segundo exemplo depõe contra o primado de S. Pedro. Pois para não me valer da authoridade de alguns escriptores que querem que este Cephas não seja o Apostolo S. Pedro mas outra pessoa do mesmo nome; ou da opinião de muitos outros interpretes, que opinam que a dita reprehensão não foi séria mas só fingida, pergunto: será contrario ao respeito devido á authoridade, que um subdito reprehenda energeticamente mas com bons modos seu superior? Então o filho nunca poderá reprehender seu pai? Se a dissimulação de S. Pedro, praticada de certo com boas intenções, parecia a S. Paulo prejudicar a divulgação da Igreja de Jesus Christo, não podia elle então reprehender séria mas respeitosamente a S. Pedro, embora fosse seu superior? Tão longe tambem estão os santos padres da Igreja de vêr nesta reprehensão uma prova contra o primado de S. Pedro que não deixam de admirar o procedimento de S. Pedro que, embora *chefe de S. Paulo*, aceita silencioso a reprehensão de seu *inferior*, sem reagir, assim por exemplo fazem S. Cypriano (Epist. 71), S. Hilario (Tract. ad Gall. Episc. XXI), etc....

E eu cá para mim estou tão longe de vêr nesta reprehensão de S. Pedro por S. Paulo uma prova *contra* o primado de S. Pedro, que até vejo nella uma prova em *favor* do mesmo. Com effeito, porque é que S. Paulo reprehende tão fortemente a S. Pedro? Porque conhecia a *grande authoridade que S. Pedro* tinha na Igreja. Sabia que todos o consideravam *como o primeiro entre os Apostolos* e por isso comprehendia *o grande mal que devia causar um mau exemplo vindo de tão alto*. A dissimulação da cabeça da Igreja podia seriamente comprometter a sua doutrina, isto é, a de S. Paulo, e foi justamente por isso que resistiu com tanta força a S. Pedro.

Assim, a arma do articulista em lugar de ferir a S. Pedro feriu a elle mesmo!

Depois d'estes dois exemplos, continua o articulista: « Vem « talvez a proposito observar aqui que quasi todos os antigos « padres interpretaram as palavras «sobre esta pedra» (ou « melhor: «rocha»), edificarei a minha Igreja», como referin- « do-se. não a S. Pedro, mas á sua nobre confissão de fé sobre « a divindade do Senhor, e esta é evidentemente a verdadeira « interpretação. A insistir-se, porém, em que o mesmo Pedro « era a «pedra» ou «rocha», concedel-o-hemos de bom grado

« para não alterar sobre palavras ; porém, nesse caso digam :
 « nos de que modo se edificou a Igreja sobre S. Pedro ? Diffi-
 « cil será, por certo, para os romanistas explicar conveniente-
 « mente esse assumpto. Foi edificada sobre seu corpo ? sobre
 « sua alma ? sobre sua cabeça ? sobre sua pessoa, sobre que
 « parte foi edificada ? Ou seria edificada sobre sua prédica ?
 « Sobre seu corpo seria empreza muito difficil ; sobre sua alma
 « fôra fundamento escorregadio ; e por certo que não o seria
 « menos a sua pessoa. Sobre sua prédica — é idéa que se com-
 « prehende perfeitamente, e bem poderá ser verdade, estando
 « isso de accordo com as palavras de S. Paulo, quando diz :
 « Sois edificados sobre o fundamento (isto é, sobre a prédica
 « e doutrina) dos apóstolos e prophetas, sendo o mesmo Jesus
 « Christo a principal pedra angular, na qual todo o edificio que
 « se levantou cresce para ser um templo santo no Senhor »
 « (Eph. II : 20-21) ; e : « Segundo a graça de Deus, que me foi
 « dada, lancei o fundamento como sabio architecto, mas outro
 « edifica sobre elle. Porém, veja cada um como edifica sobre
 « elle. Porque ninguem pôde pôr outro fundamento senão o
 « que foi posto, que é a Jesus Christo » (I Cor. XXX : 10-11).

Interrompendo aqui para não cansar os leitores a citação, digo :

1. *Que não é verdade que quasi todos os antigos padres interpretaram as palavras «sobre esta pedra» não como referindo-se a S. Pedro mas á sua confissão de fé.* A maior parte, posso dizer quasi todos, as interpretaram como referindo-se a S. Pedro, e os que as consideram como referindo-se á confissão de S. Pedro, não negam o primado de S. Pedro, mas em muitos logares de seus escriptos o admittem primado. Podia provar-o com uma longa lista de citações, mas como o articulista não cita nenhum padre, nem eu o farei.

2. *Não é difficil para os catholicos indicar de que modo se edificou a Igreja sobre S. Pedro.* Foi pelo primado de que Jesus revestiu a pessoa de S. Pedro. Os protestantes não querem reconhecer este primado e d'ahi estas perguntas ridiculas, foi sobre seu corpo, foi sobre sua alma ? etc. — O primado de S. Pedro, pois, foi o fundamento em que Jesus edificou sua Igreja, e embora seja verdade que os Apostolos que por suas prédicas fundaram as varias secções da Igreja de Jesus Christo, podem dizer que lançaram os fundamentos, o *grande fundamento*, depois de Jesus Christo, a rocha fundamental em que basearam-se os mais Apostolos, ficará sempre S. Pedro por cujo primado a Igreja será até o fim dos seculos o que era desde o principio a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, a unica e verdadeira Igreja de Jesus Christo.

Voltemos agora outra vez ao articulista : « Os romanistas
 « referindo-se a Math. XVI : 18-19, fazem-nos a seguinte per-

«gunta: «Se Nosso Senhor, com estas palavras não queria
«constituir a S. Pedro como fundamento da Igreja e chefe
«d'ella, o que queria então fazer? Responderemos de modo a
«satisfazer todo o homem imparcial que busque a verdade»
[Portanto atenção!]

«E' evidente que, com aquellas palavras, Jesus queria
«conceder a S. Pedro algum privilegio pessoal, visto como foi
«este o motivo das disputas entre os apóstolos sobre a pri-
«mazia que acima referimos. Jesus negou a primazia sem re-
«novar por isso o privilegio concedido a S. Pedro, que consi-
«stia em dever ser elle o primeiro que puzesse o fundamento
«da Igreja no dia de Pentecostes, e em admittir nella de pre-
«ferencia a qualquer outro, tanto os gentios como os judeos.
««As chaves do reino dos céos» (expressão que o Senhor se
«serve muitas vezes para com a Igreja visível (Math. XIII:
«24, etc.), dão a entender simplesmente *o poder de abrir a*
«*Igreja para nella admittir os homens*. No dia de Pentecostes
«S. Pedro prégava, e Deus por meio da sua prédica, conver-
«teu 3.000 almas e as aggregou a seu povo: então começou
«a organizar-se a Igreja, que não tinha antes forma determi-
«nada. A S. Pedro, pois, se outorgou o privilegio de abrir a
«Igreja aos judeos, e, alguns annos depois, aos gentios tam-
«bem (Act. X). Esta é a unica distincção que o mesmo S.
«Pedro póde pretender haver alguma vez gozado, segundo
«consta das palavras seguintes: Varões e... etc. (Act. XV: 7):

«Jesus concedeu pois a S. Pedro a distincção e o privi-
«legio; por certo que importantes, de abrir as portas da Igreja
«tanto aos judeos como aos gentios (até então a ninguém era
«dado evangelisar os gentios (Math. X: 5, Act. XI: 19); eis
«tudo quanto querem dizer as palavras de Jesus em Math.
«XVI: 18-19, e nada mais. Cumpre, porém, advertir que, uma
«vez abertas as portas, não se deviam ellas fechar jámais; e,
«por isso, «as chaves» não tinham outro serviço a desempe-
«nhar. O que S. Pedro fez d'ellas depois não se nos diz. O
«mais provavel é que, tendo ellas servido ao seu fim, S. Pedro
«as entregou a Jesus, de quem as recebera e de quem se nos
«diz, que é «o que tem a chave de David, o que abre e nin-
«guem fecha; e fecha e ninguém abre», nem mesmo o pro-
«prio S. Pedro (Apoc. III: 7)».

Depois d'uma citação tão cumprida, façamos outra vez
ponto, tanto mais que temos muita cousa que dizer. — A res-
posta do articulista, que, segundo sua promessa, devia satisfa-
zer todo o homem imparcial que busca a verdade, de todo não
satisfaz. E' uma resposta atoa, ridícula, que talvez satisfaça os
bobos e ignorantes mas não homens sérios e ajuizados. Sem
dúvida, é evidente, que Jesus com aquellas palavras quer con-
ceder a S. Pedro algum privilegio pessoal, porém não para pôr

fim ás disputas entre os Apostolos sobre a primazia, mas porque *o destinára com exclusão dos mais Apostolos* para chefe visível da sua Igreja.

Este privilegio, porém, *não consistiu em que S. Pedro PUSSE o fundamento da Igreja* no dia de Pentecostes e em admittir nella de preferencia a qualquer outro, tanto os gentios como os judeos, como diz o articulista; mas em que *FOSSE o fundamento da Igreja até o fim dos seculos*, como claramente se prova pelas palavras de Jesus Christo: Tu és Kepha e sobre esta Kepha edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. — Ora, entre *pôr* o fundamento e *ser* o fundamento ha grande differença. O architecto *põe* o fundamento do edificio; porém *não é* o fundamento d'elle... Dizendo, pois, Jesus, que S. Pedro não *porá*, mas que elle *será* o fundamento da Igreja, com isto já de antemão refuta a interpretação ridicula e forçada do articulista. O mesmo diz respeito ás chaves do reino dos céos, que Jesus promette (Math. XVI: 16-19) a S. Pedro. Aquellas chaves *não eram chaves materiaes, pedaços de ferro*, como o articulista parece insinuar, dizendo que S. Pedro d'ellas se serviu para abrir a Igreja no dia de Pentecostês, e depois de se ter servido d'ellas, de novo as entregou a Jesus de quem as recebera. Pois onde estava aquella igreja, isto é, aquelle *edificio material*, cujas portas S. Pedro abriu no dia de Pentecostes com *suas chaves de ferro*? Não; as chaves que a S. Pedro promette Jesus são *chaves immateriaes, significam um poder*; e não *o poder de abrir as portas da Igreja no dia de Pentecostes aos judeos e mais tarde aos gentios*, mas *o de reger e governar até o fim dos seculos a Igreja de Jesus Christo*. Seria ridiculo, admittir-se, que depois d'uma profissão de fé tão esplendida feita por S. Pedro, Jesus, querendo recompensal-o de modo solemne, não lhe dêsse outro privilegio a não ser o de poder admittir primeiro que os mais Apostolos os judeos e gentios na verdadeira Igreja de Deus. Não; todo o contexto pede imperiosamente que pelas chaves entendamos (conforme a recepção geral entre todos os povos) a *plenitude da jurisdicção, o summo poder na Igreja*. Pois (como já expliquei no capitulo XXI), com estas palavras: «eu te darei as chaves do reino dos céos, e tudo o que ligares sobre a terra será ligado tambem nos céos, e tudo o que desatares na terra, será desatado tambem nos céos», Jesus, que fallando de S. Pedro como do fundamento da sua Igreja se a representára como um edificio, que ainda estava *para construir-se*, se representa a sua Igreja como um edificio *já construido* e promette a S. Pedro, promettendo-lhe as chaves d'este edificio, a authoridade suprema e universal sobre este edificio. Pois entregar a alguem as chaves d'uma casa, d'uma cidade, d'um reino, significou sempre no mundo todo e ainda sempre signi-

fica *reconhecer* esse tal como governador d'essa casa, cabeça d'essa cidade, chefe supremo d'esse reino. Nem é verdade o que assevera o articulista a respeito das palavras « tudo o que ligares sobre a terra será também ligado no céu » etc., que em Matheus XVIII: 18, e nos versículos anterior e seguintes se vê que Jesus, usando de identicas palavras concedeu igual auctoridade, não só a todos os apóstolos, como também a todo o seu povo crente; pois como já provamos claramente no capítulo sexto sobre a Confissão, estas palavras não foram dirigidas a todo o povo mas só *aos Apóstolos*; e que Jesus aqui concede a todos os Apóstolos o privilegio que concederá *primeiro só a S. Pedro*, não pôde senão *confirmar o primado de S. Pedro*, enquanto Jesus quiz conceder primeiro e *pessoalmente* a S. Pedro o que depois estendeu geralmente a todos os Apóstolos.

Já estamos chegando ao fim d'este terceiro artigo, e á conclusão geral d'este appendice; porém, antes de finalizar, o articulista quer ainda nos explicar um dos segredos da Biblia, a saber: o papel que n'ella desempenha S. Pedro.

« Concordaremos, escreve, de bom grado que entre os primeiros apóstolos S. Pedro desempenhasse sempre o papel « mais notavel, e que tivesse uma certa preeminencia entre « elles; e acontece sempre que, entre pessoas iguaes, a que « possui um talento superior, exerce sempre uma especie de « preeminencia sobre as outras. Deu-se isso com S. Pedro: elle « era o mais ardente, o mais capaz e o mais impetuoso dos « doze Apóstolos; succedendo que mais frequentemente fallava « elle em nome dos mais, como se fosse o representante de todos, « não porque tivesse maior auctoridade, mas porque era « mais vivo e fogoso. O ardor e impetuosidade de seu temperamento generoso deram-lhe muitos privilegios e conquistaram-lhe o primeiro logar nos elogios do Senhor, mas também « o primeiro logar em suas severas reprehensões. A distincção « que mereceu não foi official, mas tão sómente pessoal; foi a « preeminencia dos grandes talentos, mas não a da auctoridade. Quando, porém, a comparamos com o apóstolo S. Paulo, « essa distincção desaparece inteiramente. Este principio dos « apóstolos era muito superior a S. Pedro; igual em auctoridade, superior em prudência; igual em talento, superior em « illustração; igual em ardor, superior em firmeza; igual em « energia, porém superior em constancia; em maiores trabalhos e em mais abundantes e duraveis successos, desempenha no Novo Testamento um papel muito mais distincto e « brilhante do que elle ».

Reduzidas a uma forma mais breve estas palavras vem a dizer: 1.º que se S. Pedro gozava de alguma preeminencia entre os Apóstolos era só preeminencia de honra e não de jurisdicção.

2.^o que esta preeminencia era devida só a seu caracter especial não a seu primado.

3.^o que comparado com S. Paulo, que era igual a elle em autoridade, essa distincção desaparece completamente.

Quanto ao primeiro ponto não quero mais gastar palavras. Prôveí até cançar-me que S. Pedro recebeu não sómente o primado de honra senão também de jurisdicção. Só quero fazer algumas observações a respeito dos dois outros pontos. Que o caracter generoso e fogoso de S. Pedro não deixasse de exercer certa influencia nos doze Apostolos, concedo-o gostosamente, porém nego absolutamente que seu *caracter* só chegue para explicar o papel notavel que sempre desempenhou no meio d'elles. O fundo da sua preeminencia é o seu primado. D'este primado os Apostolos ouviram a promessa; d'este primado viram a investidura, d'este primado perceberam as consequências no procedimento de Jesus para com S. Pedro. E eis a razão porque depois da Ascensão do Senhor, *quadra em que aliás teriam mais motivos para isso*, não renovaram mais suas disputas repetidas da primazia, mas reconheceram o primado de S. Pedro, dando-lhe sempre e em toda a parte a honra e a sujeição devidas a tal dignidade. E esta dignidade de S. Pedro em nada diminue pela comparação que institue o articulista entre elle e S. Paulo. Sem duvida S. Paulo é em muitos respeitois uma figura mais brilhante que S. Pedro, mas *o brilho da sua apparição não o torna superior a S. Pedro em auctoridade*. Pois só a S. Pedro e não a S. Paulo foi dito «Tu és Kepha e sobre esta Kepha edificarei a minha Igreja»; só a elle e não a S. Paulo foi dada a missão de pastorear todo o rebanho de Christo, não sómente os cordeiros senão também as ovelhas; só elle devia confirmar os seus irmãos, isto é, os mais Apostolos. E, portanto, quaesquer que sejam as qualidades eminentes de S. Paulo, não têm poder de o subtrahir á superintendencia de S. Pedro. *S. Pedro fica o Chefe do collegio dos Apostolos inclusive S. Paulo.*

Ouçamos agora como o articulista resume seus tres artigos. Citei suas palavras, commentando-as no proprio contexto:

«Em resumo: quando notamos que aquelles a quem foram « dirigidas as celebres palavras tantas vezes citadas não as « entenderam no sentido papal, mas que as tomaram por occasião de contendas » [vimos isto o contrario]; « que Nosso « Senhor não as interpretou em sentido papal, reprovando as « referidas contendas, e antes estabeleceu a completa paz entre « todos » [Fello, mas interpretando as palavras no sentido papal (Luc. XXII: 24-27)]; « que S. Pedro não as reclamou em « sentido papal » [Reclamou-as, senão com seus escriptos ao menos com toda a sua apparição depois da Ascensão]; « que

« os outros não as admittiram neste sentido » [Admittiram-nas; acabo de proval-o]; « que S. Paulo repetidamente negou e protestou contra tal sentido » [Nunca o fez; refutámos os textos citados pelo articulista]; « quando juntamos a estas contraprovas os factos de nada se haver dito a respeito da transmissão são do supposto primado nem do modo e linha de tal transmissão » [A transmissão foi expressa na promessa de Jesus de ficar com os Apostolos até o fim dos seculos; do modo e da linha de transmissão não era preciso dizer-se alguma coisa; os factos também têm uma voz], « e que nem dos Apostolos nem dos escriptores contemporaneos existe uma só palavra a respeito de haver S. Pedro estabelecido sua pretendida cadeira em Roma, nem de haver estado alli uma vez sequer » [A Escripura attesta a estada e Bispado de S. Pedro em Roma indirectamente Act. XII: 17; Rom. I: 8-11; XV: 20; I Petr. V: 13, e entre os autores contemporaneos o presbytero *João, Aristion, Papias*], « parece-nos que fôra preciso abdicar o juizo e o bom senso para, pesando as considerações anteriores, atrever-se a repetir que pelas palavras «Tu és Pedro», o Senhor quiz estabelecer em sua Igreja a supremacia papal e transmittil-a aos seculos posteriores pela linha da successão dos bispos romanos » [Teria direito, se as considerações anteriores fossem verdadeiras; infelizmente não o são, muito embora são inverdades. — Logo.....]

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO TOMO



ERRATAS

Como soe acontecer escaparam alguns erros de typographia, que o leitor benevolo corrigirá por si.

Comtudo não me parece ocioso indicar os seguintes :

PAG. LIN.	ERRO	EMENDA
8 27	Deus	Deuses
» 40	trige	tigre
17 39	da presença real	da presença real e da transsubstanciação
64 8	juntou	juntou a
93 20	das Igrejas	da Igreja
100 18	morte S. Pedro	morte de S. Pedro
115 19	a quem attribuem	a quem a attribuem
121 45	depois se	depois de
133 33	E ambos	Em ambos
» 47	as cousas fé	as cousas da fé
136 34	que lhe	quem lhe
153 34	a papa	ao papa
159 14	grande	glande

INDICE

CAP.		PAG.
XV.	A Transsubstanciação, I.	1
XVI e XVII.	A Transsubstanciação, II.-III.	27
XVIII.	A Meia-Communhão	53
XIX e XX.	O Purgatorio	75
XXI.	A Supremacia da Igreja Romana	93
XXII.	A Infallibilidade da Igreja	129
XXIII.	A Antiguidade da Igreja Romana	154
Appendice.	178





